USS IGUAÇU

LAERTES VINICIUS BRIGNONI JOCOSKI

JORNADA NAS ESTRELAS: IGUAÇU
Missão Cão Maior

Laertes Vinicius Brignoni Jocoski

Mangueirinha, 2020

Sumário

Episódio 1

Canis Major, parte I

A chegada de uma nave estelar à doca de atracação zero chamou a atenção de todos que estavam no átrio principal da Estação Espacial Catadupa. Não era um dos maiores modelos da Frota disponíveis na década de 2440, mas certamente era o mais belo, com seu alinhamento clássico e linhas suavizadas. Muitos se aproximaram das janelas para observar os detalhes mais de perto, alguns apenas admirando em silêncio, outros conversando sobre seus pontos favoritos do design e alguns até mesmo especulando sobre as possíveis especificações técnicas da novíssima classe Void, à qual a nave ancorada pertencia.

Ela media quatrocentos e três metros de comprimento e cento e trinta e seis de largura, sendo operada por uma tripulação de duzentos e onze pessoas. A seção principal, onde ficava a maior parte dos alojamentos, áreas de uso comum e laboratórios, além da ponte de comando, era chamada de seção disco, em função de seu formato semelhante ao de um frisbee. Os motores e a engenharia ficavam na parte inferior central do disco, em um imenso cilindro que partia da popa e estendia-se horizontalmente, representando mais da metade do comprimento da nave. Na parte superior do disco, também partindo da popa, havia dois outros componentes cilíndricos, quase tão grandes

quanto a engenharia, um a bombordo e outro a estibordo, chamados de naceles.

Equipada com recursos impressionantes, a nave contava com escudos de energia, sistemas repulsores de sondagens e camuflagem modulável, além de um casco composto por uma liga de oricalco-tritânio, capaz de resistir a danos físicos extremos, uma grande variedade de radiações e até mesmo algumas anomalias espaciais. Havia, também o raio trator, com alcance e potência maximizados, e quatro naves auxiliares, úteis em inúmeras situações que a nave poderia encontrar em espaço profundo. No caso de um encontro pouco amistoso com uma raça hostil, ou diante da necessidade de atravessar um campo gravitacional oscilante cheio de meteoritos, por exemplo, a nave dispunha de seis bancos fêiseres, torpedos fotônicos e ogivas de tricobalto, suficientes para superar a maioria dos desafios e desafiantes.

A propulsão ficava a cargo de um poderoso reator de dobra que, por meio da fusão de matéria e antimatéria, produzia energia suficiente para mover a nave centenas de vezes mais rápido do que a luz. Quando a velocidade exigida era sub-luz, o trabalho era feito pelos motores de fusão simples, chamados de motores de impulso. Ainda, haviam os manobradores, utilizados para deslocamentos discretos, como atracações em docas espaciais e navegação por nuvens superdensas de partículas. Na parte frontal da seção disco, que estava encostada na face principal da estação espacial, havia a inscrição: USS Iguaçu NCC-90D02, indicando o nome da nave e seu número de registro.

Entre os que observavam em silêncio, do centro da grande janela panorâmica, havia uma mulher vestindo um uniforme da Frota Estelar e segurando uma caneca de café já vazia. Seu nome era Giulia Naggi, Oficial de Comunicações. Ao contrário dos demais, que se levantaram e deixaram as mesas gradativamente após uma criança malcoriana anunciar a chegada da novíssima nave estelar, ela estava lá, esperando ansiosamente, há pelo menos meia hora.

Dois homens se aproximaram dela, ambos de uma espécie que ela desconhecia, de pele pálida e sardenta, cabelos alaranjados e espessos bigodes. Um deles era alto, esguio e levemente curvado, e o outro não tinha mais do que um metro e vinte de altura, com o tipo físico de um humano portador de nanismo. Eles conversaram entre si por alguns instantes e então o mais alto perguntou:

– Porquê todos estão tão alvoroçados com a chegada desta nave? – Sua voz era surpreendentemente aguda para o seu tamanho.

– Esta é a USS Iguaçu. – Respondeu Giulia, educadamente. – A irmã menor da nave capitânia da Frota. Hoje ela partirá em uma missão muito importante.

– Qual seria essa missão? – Perguntou o alienígena, forçando um sorriso.

Pelo tom de sua voz, Giulia suspeitou que ele não buscava descobrir uma informação nova, mas sim apenas confirmar o que já sabia de antemão. Contudo, percebendo que a conversa chamara atenção de outras pessoas e de um grupo de jovens, decidiu que faria uma explicação adequada, elevando levemente o tom da voz ao responder:

– Há quase cinquenta anos um grupo de cientistas teorizou sobre uma força cósmica de proporções incomensuráveis que, em homenagem ao líder dessa pesquisa, foi nomeada como Pêndulo de Xavier-Rose. A referência ao pêndulo se dá porque essa força se move entre nossa galáxia e a galáxia anã do cão Maior com velocidades que variam de maneira semelhante ao movimento pendular, embora absurdamente mais rápidas do que a velocidade de dobra convencional. Uma vez que foram coletadas evidências suficientes para provar a existência dessa força, e desde que foi possível mapear seu trajeto, o corpo científico da Frota trabalhou para encontrar um meio de utilizá-la como uma espécie de estrada para nossa galáxia vizinha, já que, embora ela esteja "encostada" na Via Láctea, torna-se impossível atravessar os campos gravitacionais extremos utilizando naves estelares. É claro, pegar carona em uma onda de energia cósmica parcialmente desconhecida e que se move a velocidades inimagináveis não é uma tarefa fácil, mas a solução encontrada foi muito criativa. – Giulia fez uma pequena pausa, para criar um pouco de expectativa nos jovens que a estavam ouvindo. – O ponto mais lento conhecido do movimento pendular passa por este setor e, por cerca de quinze minutos a cada dois anos, entre ida e volta, atinge a velocidade equivalente a dobra 9,98135. – Continuou ela. – Eu sei que pode parecer bastante rápido, afinal temos aqui a nave mais rápida da Frota, com capacidade de atingir dobra 9,982. Mas acreditem, mesmo nossa nave mais veloz ainda não chega nem perto do movimento pendular quando reinicia a aceleração em direção à Cão Maior. E é aí que entra a solução criativa. A USS Iguaçu vai

atingir dobra máxima quando o movimento pendular estiver para atingir seu ponto mais lento e, em seguida, vai desacelerar apenas o suficiente para se igualar a velocidade do Pêndulo, iniciando uma audaciosa manobra em espirais para unir seu campo de dobra à corrente cósmica dele, pegando um atalho até a galáxia anã e abrindo um novo e riquíssimo campo de pesquisa e exploração científica. A previsão de retorno é daqui há dois anos, quando o Pêndulo voltar para nossa galáxia. – Concluiu Giulia, satisfeita com o resumo que fizera.

– E qual a chance de sucesso? – Perguntou o alienígena de voz fina.

– As pessoas mais qualificadas da Federação trabalharam por anos no projeto desta nave e desta missão, e a tripulação foi escolhida a dedo. – Respondeu Giulia, que não esperava uma pergunta tão fria. – Confiamos que as chances de sucesso estão próximas de 100%.

– Aposto que eles não conseguem unir-se ao pêndulo. – Disse o alienígena mais baixo, com uma voz grave e rouca.

– Aposto que sim. – Retrucou seu companheiro mais alto e, sem nem mesmo olharem para Giulia, deram as costas e saíram em direção ao bar.

Giulia ficou um pouco confusa com essa atitude, mas ela já havia conhecido tantas espécies com comportamentos sociais curiosos que logo esqueceu os dois alienígenas e voltou a admirar a nave. Ficou ali, absorta em pensamentos, por mais alguns minutos, até que ouviu uma voz feminina dizer:

– É fantástica, não é?

Por um momento, diante do grande número de pessoas conversando ao seu redor, ela pensou que o comentário tivesse sido feito por algum dos jovens que ouviram sua explicação. Mas olhando rapidamente para o lado, notou que havia outra pessoa ali, com uniforme idêntico ao seu e olhando fascinada para a USS Iguaçu. Era uma miresita, com seus olhos completamente negros, seu cabelo bege semelhante à lã de carneiro e pele morena, com a presença de pequenos riscos horizontais em seu rosto, como se fossem sardas.

– Sim – Sorriu Giulia. – Giulia Naggi, Oficial de Comunicações, prazer em conhecê-la.

– Kwa, Piloto. – Respondeu a mulher, com um sorriso muito animado. – E o prazer é todo meu.

Giulia levantou as sobrancelhas.

– Você quer dizer "a" piloto? A pessoa que vai controlar o leme no momento que a nave entrar no pêndulo?

– Isso mesmo. – Respondeu Kwa, orgulhosa.

– Deve estar ansiosa, alferes. – Comentou Giulia. – Não há registros de ninguém que tenha feito algo semelhante, e alguns poucos ainda acreditam que é um feito impossível.

– Ansiosa? – Kwa desviou o olhar para a nave e então se voltou novamente para Giulia. – É claro, mal posso esperar para pôr as mãos no leme e mostrar que é possível. Afinal, foi para isso que me candidatei para a missão.

– Você é muito confiante. – Disse Giulia. – Não me admira que tenha sido selecionada.

– E você, o que a fez se candidatar para esta missão, subtenente? – Perguntou Kwa.

– Eu tenho servido com o capitão Vernon a bordo da Ganímedes desde que me formei na academia. – Respondeu Giulia. – Na verdade, posso dizer que ele é como um pai para mim, eu o respeito e admiro muito. Quando ele pediu que eu me inscrevesse, não pensei duas vezes em aceitar.

– Compreendo – Disse Kwa, juntando as mãos nas costas. – Ainda não tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas sua reputação é notável.

– E é merecida. – Concordou Giulia, levantando as sobrancelhas. – Bom, o que acha de irmos ao auditório? Creio que esteja quase na hora da recepção oficial.

– De acordo. – Disse Kwa, e ambas deixaram o átrio principal, mas não sem antes dar uma última olhada na nave ancorada do lado de fora da estação.

Em meio ao grande fluxo de pessoas que se dirigiam para o auditório, as duas encontraram vários futuros colegas da tripulação, todos vestindo o uniforme padrão da Frota Estelar, composto de calça e sapatos pretos, camisa na cor da respectiva divisão (vermelho, azul ou amarelo), com a gola, onde ficavam as insígnias que indicavam a patente do tripulante, e parte da manga, entre o pulso e mais da metade do antebraço, também na cor preta. Giulia, cuja camisa era vermelha representando a divisão de comando, acenou para um enfermeiro de uniforme azul, que também servira na USS Ganímedes, e que certa vez havia cuidado dela após ter sofrido uma grave lesão no tornozelo durante uma missão avançada em um planetoide classe D. A maioria das pessoas estavam seguindo o mesmo caminho, entusiasmados por poder presenciar aquele momento histórico

para a Federação, e muitos cumprimentavam os tripulantes, desejando boa sorte e sucesso.

O auditório, com capacidade para mais de duas mil pessoas, estava sendo rapidamente preenchido por pessoas de inúmeras espécies e planetas, que disputavam, amistosamente, os melhores lugares. Nas primeiras fileiras, logo atrás das personalidades da Federação e convidados ilustres, ficavam os lugares reservados para a tripulação, aos quais Kwa e Giulia se dirigiram, sentando-se imediatamente ao lado do corredor central. Nos lugares à frente delas estavam dois alferes, um tellarita e um humano, que conversavam:

– Você viu o capitão? – Perguntou o tellarita.

– Qual deles? – Perguntou o humano levantando uma sobrancelha. – Ainda não me acostumei inteiramente com a ideia de ter dois capitães em uma só nave.

Correção, alferes. – Disse uma voz tranquila ao lado de Giulia, dirigindo-se ao humano. – Só haverá um capitão na USS Iguaçu.

Em pé ao lado delas estava uma mulher andoriana, de pele azul, com o cabelo quase branco arrumado em uma pequena trança, e duas antenas no alto da cabeça. Ela vestia um uniforme de gala vermelho com divisas de comandante e carregava uma expressão séria no rosto, embora não parecesse zangada. Os dois alferes se viraram assustados, como quem é pego no flagra cometendo um erro que poderia custar a carreira.

– Perdão, comandante, eu... – Gaguejou o humano.

– Já basta. – Interrompeu a andoriana, sorrindo para um almirante que acenava para ela do palco. – Teremos

tempo suficiente a bordo para estabelecer quem é quem dentro da estrutura hierárquica da nave. – E, sem dizer mais nada, foi em direção ao almirante, deixando os dois alferes afundados nas cadeiras, envergonhados.

Giulia e Kwa sabiam quem era aquela oficial andoriana e, assim como a grande maioria dos que estavam ali, estavam a par de suas polêmicas escolhas. Seu nome era Kan Shion, e há aproximadamente dois anos ficara conhecida por ser a mulher mais jovem a assumir a cadeira de capitão em uma nave da Frota Estelar, a USS Voroth. Determinada e competente, ela rapidamente conquistou uma reputação invejável e participou de importantes missões por todo o quadrante, inspirando uma geração de novos cadetes da academia. Quando foram abertas as inscrições para formar a tripulação da USS Iguaçu, cerca de seis meses antes do lançamento da missão, ela prontamente se candidatou ao posto de capitão, criando grande expectativa entre aqueles que admiravam seu trabalho. Contudo, quando ficou claro que o comando da Frota optaria por alguém com mais experiência para liderar a expedição, ela tomou a ousada e surpreendente decisão de pedir rebaixamento a patente de comandante, para que assim pudesse se candidatar ao posto de primeiro oficial. Logo, sendo indiscutivelmente a pessoa mais qualificada entre os concorrentes e carregando o respeito e a confiança de muitos almirantes, a decisão de escolhê-la foi unânime.

O auditório transbordava em excitação enquanto os oficiais superiores subiam ao palco um a um, posicionando-se ao lado do almirante que acenara para a comandante Shion. Por fim, vindo pelo lado esquerdo, acompanhado

por outro almirante, subiu ao palco o capitão Víbio Vernon, recebendo uma calorosa salva de palmas. Então, educadamente, a plateia fez silêncio.

– Saudações a todos. – Disse o almirante que estava inicialmente no palco, abrindo os braços. Sua voz ecoou por todo o auditório enquanto as luzes diminuíam e uma projeção da USS Iguaçu se formava acima da plateia, deslizando lentamente. – Eu sou o almirante Helius, e é com imenso prazer que, em nome do Comando da Frota Estelar e da Federação dos Planetas Unidos, saúdo todos os presentes, em especial os corajosos e exemplares oficiais da Frota Estelar que hoje embarcarão na missão mais intrépida deste século, audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve! – A plateia vibrou mais uma vez, aplaudindo as palavras do almirante, que continuou. – Capitão Vernon, acredito que todos querem ouvir algumas palavras suas.

– Saudações a todos. – Disse o capitão Vernon, dando um passo à frente. Antes de continuar, ele fez uma breve pausa, enquanto percorria o auditório com o olhar. – Seria egoísmo de minha parte apenas dizer que estar ao lado de oficiais tão renomados e capazes, diante de uma plateia vibrante e prestes a dar o maior passo da minha carreira, é a realização de um sonho. Dizendo isto, estaria me apropriando deste sonho, quando na verdade ele não é apenas meu. Ele pertence também aos cientistas que descobriram sobre o Pêndulo de Xavier-Rose, aos que dedicaram suas carreiras e suas vidas no estudo da viabilidade da utilização dessa singularidade intrigante e complexa. Ele pertence a todos que trabalharam incansavelmente no planejamento desta missão, desde o desenho da primeira planta da

nave até a seleção da tripulação que está aqui ao meu lado e diante de mim, com os quais terei honra em servir. E, acima de tudo, ele pertence à cada cidadão da Federação dos Planetas Unidos, pois este sonho simboliza a essência do que uniu incontáveis espécies e mundos: o desejo de explorar o universo em busca de conhecimento e compreensão.

Novamente, o capitão recebeu uma calorosa salva de palmas.

– Há não muito tempo atrás, muitos de nós poderiam pensar que a exploração de pontos além da nossa galáxia estaria reservada para um futuro distante. – Continuou o capitão. – De fato, com nossa atual tecnologia, até mesmo viagens a outros quadrantes estão longe de serem fáceis. No entanto, assim como uma vez foi teorizada e então descoberta uma fenda espacial estável que leva ao quadrante delta, foi também teorizado sobre o Pêndulo de Xavier-Rose, que une nossa galáxia à galáxia anã do cão Maior. Desde então, foram exaustivamente estudadas as possibilidades, e inúmeras pessoas trabalharam numa forma de utilizar essa singularidade a nosso favor e permitir uma exploração que talvez caberia apenas aos nossos netos. – Ele inclinou a cabeça para os assentos onde estava a tripulação, e por um instante seu olhar encontrou o de Giulia – Sei que existem riscos. Sei, também, que há uma probabilidade de que não consigamos aderir ao movimento pendular e que tenhamos que voltar aos cálculos até uma nova oportunidade surgir, o que não aconteceria antes de pelo menos dois anos. Mas eu acredito com todo meu coração e com toda minha racionalidade que, ainda hoje, esta

tripulação estará em Cão Maior e que, quando retornarmos, traremos conosco material suficiente para manter os pesquisadores da Federação ocupados por décadas.

O capitão Vernon então passou a palavra ao outro almirante, que o acompanhara até o palco, o qual fez uma breve explicação sobre as especificações técnicas da USS Iguaçu e de como ela seria capaz de atingir o feito de se unir ao movimento pendular, pegando carona até algum ponto ainda desconhecido da galáxia anã do cão Maior. Em seguida, após mais algumas palavras de agradecimento, foram apresentados os oficias comandantes: Kan Shion, a primeiro oficial andoriana, Emilian Hashimoto, o engenheiro-chefe e Chelaar, a oficial de ciências tellarita.

A cerimônia durou cerca de uma hora e meia, sendo finalizada com um brinde e uma belíssima apresentação de um violoncelista vulcano. A seguir, todos foram convidados a se dirigirem ao átrio principal, bares panorâmicos e demais lugares com janelas que permitissem acompanhar a partida da USS Iguaçu, que ocorreria em instantes. A tripulação foi orientada a seguir pelos corredores de acesso à doca de atracação principal, previamente isolados para impedir o trânsito de pessoal não autorizado e, após as verificações de segurança, todos embarcaram na nave e tomaram seus postos. Giulia, Kwa e uma alferes de uniforme amarelo, auxiliar de instrumentos, foram os últimos a entrar na ponte, sendo cumprimentados pelo capitão e demais colegas com um aceno de cabeça.

A ponte tinha um tamanho mediano, mas a disposição estações de trabalho a fazia parecer mais ampla do que realmente era. O design unia primorosamente o melhor do

estilo clássico com as nuances mais modernas da nave capitânia da Frota, causando uma impressão de elegância tecnológica ímpar. O carpete não continha um único grão de poeira, os assentos de couro sintético não tinham ranhuras ou imperfeições, os detalhes em madeira reluziam como se tivessem sido encerados há poucos minutos e o contraste das luzes nos painéis realçava a resolução altíssima das telas.

Como de costume nas naves estelares, a grande janela dianteira também servia como tela, com a diferença que neste modelo ela se estendia em cada lateral cerca de quinze por cento a mais do que o convencional. Logo à frente dela ficava o leme, tendo à sua esquerda e sua direita, respectivamente, as estações do oficial tático e do auxiliar tático, ambas levemente recuadas e inclinadas, de modo de que os ocupantes ficavam num ângulo de quarenta e cinco graus do piloto. Centralizada atrás do leme ficava a cadeira do capitão, tendo ao seu lado direito, ligeiramente à frente, a cadeira do primeiro oficial e ao seu lado esquerdo, também ligeiramente à frente, a cadeira do conselheiro. Ainda na parte mais baixa da ponte, à direita do primeiro oficial, ficava a estação do auxiliar de instrumentos e, à esquerda do conselheiro, ficava a estação do oficial de comunicações, as duas viradas de costas para o centro da ponte. Logo atrás da cadeira do capitão havia uma leve rampa que dava acesso à parte mais alta da ponte, na qual estavam situadas as estações do chefe de segurança e do oficial de ciências, à direita e à esquerda, respectivamente. Ao fundo dessa parte elevada estava o acesso para a sala de reuniões e para o turboelevador principal, o qual também podia ser acessado

por qualquer uma das duas rampas que suavemente se inclinavam a partir do centro da ponte, circulando as estações de segurança e ciências e dando acesso à outras partes da nave.

Presentes todos os tripulantes da ponte, o capitão Vernon subiu a rampa atrás de sua cadeira e virou-se na direção deles. Era um homem de quarenta e cinco anos e, apesar do olhar sereno, seu rosto ovalado trazia uma expressão rígida, emoldurada por seu volumoso cabelo, já com alguns fios brancos. Seu porte ereto e constituição física denunciavam que ele era um atleta, e que não abandonara as atividades físicas mesmo com as grandes responsabilidades inerentes ao comando.

– Esta nave possui uma pequena, porém extraordinariamente qualificada tripulação. – Disse o capitão, depois de olhar brevemente nos olhos de cada um. – Eu diria que é a melhor da Frota, não apenas pela formação acadêmica ou experiência de alguns, mas pela coragem e pelo desejo de explorar a fronteira final em busca de conhecimento e grandes realizações, afinal, este é o cerne da Frota Estelar. Tenho orgulho em dizer que conheço muito bem o trabalho da subtenente Naggi e da comandante Chelaar, que estão ao meu lado já faz algum tempo. – E acenou para as duas com a cabeça. – Mas também estudei as fichas de cada um dos senhores e demais membros de minha tripulação e, vendo-os aqui diante de mim, enxergo refletidos os ideais da Federação. Será uma honra servir ao lado dos senhores. Aos seus postos.

Os dez membros da ponte tomaram seus lugares, com Giulia ao lado esquerdo do conselheiro e Kwa à frente

de todos, no leme. O capitão então falou novamente, desta vez para a nave toda:

– Saudações a todos, aqui quem fala é o capitão Vernon. Bem-vindos á USS Iguaçu, a primeira nave de exploração intergaláctica da Frota Estelar. Dentro de instantes partiremos em direção ao ponto de convergência da força cósmica conhecida como Pêndulo de Xavier-Rose. Nos próximos dois anos, estaremos completamente isolados da Federação, viajando por algum ponto ainda ignorado na galáxia anã e Cão Maior, há milhares de anos luz daqui. Mas isso não me assusta, pois estaremos juntos e eu acredito inteiramente na capacidade de cada um dos senhores. É uma honra estar no comando desta missão e dou minha palavra que farei o possível e o impossível para conduzi-los em segurança e, é claro, trazê-los de volta. Capitão desliga. – Ele olhou para Giulia e continuou. – Subtenente Naggi, temos autorização para partir?

– Sim, senhor. – Respondeu Giulia, que já havia antecipado a situação, mantendo canal aberto com o comando da estação. – O almirante Helius autorizou a desatracação e nos deseja boa viagem.

– Ótimo. – Disse o capitão. – Vamos dar uma boa recordação para quem está nos assistindo. Srta. Kwa, iniciar procedimento de desatracação, afaste-se lentamente usando apenas os manobradores.

– Garras de atração liberadas, acionando manobradores de ré. – Disse Kwa, movendo os dedos rapidamente pelos comandos do leme.

– Ponte para engenharia. – Chamou o capitão. – Já temos nossos fogos preparados?

– *Engenharia falando, senhor*. – Ouviu-se a voz do engenheiro-chefe nos alto-falantes da ponte. – *Preparados e prontos para o show*.

– Perfeito. – Sorriu o capitão. – Acionar.

Das muitas janelas da estação, centenas de pessoas assistiram admiradas as magníficas explosões multiespectrais lançadas pela USS Iguaçu, como um grande show de fogos de artifício, e aquele dia ficou marcado em seus corações para sempre.

Após uma viagem de menos de meia hora, em dobra 6, a USS Iguaçu chegou às coordenadas marcadas para início da jornada, encontrando a USS Jannar, cuja missão era acompanhar o desenrolar da operação e com isso registrar os dados necessários para o Comando da Frota. O capitão Vernon saudou os colegas e, após conversas técnicas, despediu-se e recebeu os votos de sucesso em nome da tripulação.

– Sondagens de longa distância captam a aproximação de uma onda de jórions. – Disse Chelaar, a oficial de ciências. Embora tivesse a altura média para uma tellarita, com a pele grossa e o rosto marcado por profundas linhas de expressão ao redor dos seus profundos olhos, ela era relativamente magra para alguém de sua espécie, e mantinha seu cabelo firmemente preso em um coque. Diferentemente dos seus colegas da ponte, ela tinha o hábito de usar saia ao invés de calças.

– Tempo para interceptação? – Perguntou Shion, a primeiro oficial andoriana.

– Dois minutos e trinta e seis segundos. – Respondeu Chelaar.

– Alerta azul. Todos aos seus postos. – Ordenou o capitão, levantando-se da cadeira. – Alferes Kwa, estamos em suas mãos. – E, fazendo um gesto com a mão esquerda, disse. – Dobra máxima, acionar.

– Certo, capitão. – Respondeu Kwa, tranquila, acionando os motores da nave, que disparou em grande velocidade, no mesmo sentido do movimento pendular.

Nesse momento, dois indivíduos surgiram entre o leme e a tela principal da ponte, um alto e levemente encurvado e outro baixo, com braços e pernas curtas. Todos ficaram momentaneamente perplexos com a situação, exceto Giulia, que os reconheceu como sendo os dois alienígenas que haviam conversado com ela na estação, perguntando detalhes sobre a missão da USS Iguaçu.

– Alerta de Intruso. – Disse Shion, levantando-se.

O oficial e o auxiliar tático levantaram-se e, juntamente com o chefe de segurança, posicionado em sua estação no lugar mais elevado da ponte, apontaram os fêiseres para os alienígenas.

– Identifiquem-se e declarem suas intenções. – Falou o capitão, em tom enérgico.

O alienígena mais baixo fez um muxoxo e tirou do bolso pequenos objetos redondos de metal, semelhantes a fichas, com furos no centro, e entregou ao seu companheiro, que disse satisfeito:

– Eu sabia que a fêmea andoriana iria dar o alerta.

Ambos pareciam alheios ao clima de tensão que surgira entre os tripulantes da ponte.

– Eu repito. – Disse o capitão, alteando a voz. – Identifiquem-se e declarem suas intenções.

– Senhor, a onda vai nos interceptar em 30 segundos. – Alertou Chelaar.

O capitão então ordenou ao chefe de segurança:

– Crie um campo de segurança nível 10 ao redor dos intrusos. – E virou-se para Kwa. – Alferes, nós precisamos continuar com a operação a todo custo, desacelere até dobra 9,98135 e iguale o campo de dobra ao movimento pendular.

– Sim, senhor. – Disse Kwa.

– Tenente Rose e alferes Ribb, mantenham os fêiseres apontados para os intrusos. – Continuou o capitão. – Se eles tentarem qualquer coisa, têm permissão para disparar.

Apesar da cautela adotada pelo capitão, os alienígenas pouco pareciam se importar com a situação, observando curiosamente os tripulantes da ponte.

– Interceptação em cinco segundos. – Informou Chelaar, em tom de urgência.

– Alferes Kwa, iniciar manobras elípticas ao meu comando. – Disse o capitão, olhando para o monitor. – Agora!

Vários tripulantes prenderam a respiração, mas Kwa conduziu o leme habilmente, corrigindo instintivamente os cálculos para que a nave pudesse, em uma rota espiral precisa, atingir o ponto ideal teorizado para que fosse possível "pegar carona" no Pêndulo. Após alguns instantes de forte vibração, a nave se estabilizou alguns deles voltaram a respirar aliviados, incluindo Giulia, que respirou fundo e afastou uma mecha de seu cabelo loiro do rosto, com seu coração ainda batendo acelerado.

– Conseguimos! – Disse Chelaar, eufórica. – O campo de dobra foi absorvido pelo pêndulo, que passou a funcionar como se fosse nosso motor.

– Velocidade aumentando. – Disse Kwa que, com uma gota de suor escorrendo do lado do rosto. – Isso é incrível, senhor, nunca viajei a uma velocidade tão alta.

– Nenhum de nós, alferes. – Disse o capitão. – Eu havia planejado uma salva de palmas para a Srta., mas devido às circunstancias teremos que adiar. – E aproximou-se dos alienígenas, seguido pela comandante Shion. – Temos dois tripulantes indesejados e eu ainda não decidi o que faremos com eles.

Então, para surpresa de todos, os alienígenas desapareceram e reapareceram no espaço que havia entre Giulia e o conselheiro, que se levantou, afastando-se deles. Rose, Ribb e o chefe de segurança dispararam imediatamente, com os fêiseres em modo tonteio, mas nada aconteceu. O alienígena menor balançou a cabeça e entregou uma grande quantidade daquelas fichas ao seu companheiro, que as recebeu com um largo sorriso no rosto. Eles continuavam a ignorar os tripulantes e o que estava acontecendo na ponte, absortos em sua própria interação.

– Capitão. – Manifestou-se Giulia. – Eu já os vi antes, na Estação Espacial Catadupa, logo que a USS Iguaçu atracou. Faziam perguntas sobre nossa nave e missão, mas não tenho ideia de quem sejam ou porque tenham vindo a bordo.

– Pela última vez. – Disse o capitão, assentindo para Giulia e aproximando-se dos dois alienígenas. – Insisto que se identifiquem e declarem suas intenções. Nossos fêiseres

e campos de força não tiveram efeito, mas juro que se não esclarecerem a razão de estarem aqui, encontrarei um modo de confina-los em uma cela até que cheguemos a Cão Maior. Não vou aceitar clandestinos em minha nave, nem mesmo se forem Q.

– Q? – Disse o alienígena alto, com sua voz fina. – Não somos Q!

– Criatura ignorante. – Disse o alienígena baixo, suspirando.

– Escute, humano. – Continuou o alienígena alto, de maneira quase impaciente, mas em tom de quem está falando com uma criança. – O universo não está dividido apenas entre bípedes de cérebro pequeno como vocês e entidades de poder imensurável como os Q. Por exemplo, enquanto eles são imortais e viajam pelo espaço-tempo a bel prazer com um simples estalar de dedos, nós vivemos apenas algumas dezenas de milhares de anos e temos a capacidade de nos transportar para qualquer lugar, desde que esteja em nosso campo de visão. Foi assim que, há muito tempo, nos transportamos para aquela nave que veio de Cão Maior para a sua galáxia utilizando uma propulsão semelhante à sua, e foi assim que nos transportamos da estação Catadupa para a sua nave e então para este centro de comando grosseiro. Se isso o deixa tranquilo, pense em nós como passageiros pegando uma carona de volta a Cão Maior.

– Vocês alegam ter vindo de Cão Maior. – Disse Shion, intrigada. – Podem provar?

– É inútil. – Disse o alienígena baixo para seu companheiro, parecendo visivelmente entediado com a situação.

– Aposto que consigo fazer com que cessem as hostilidades contra nós. – Retrucou o alienígena de voz fina.

– Feito. – Concordou o outro, fazendo um gesto com a mão esquerda.

Após respirar fundo, o alienígena de voz fina continuou:

– Vocês não são os únicos a terem descoberto este movimento cósmico que chamam de Pêndulo. Ao longo das eras, há registros de mais de uma espécie que desenvolveu tecnologia semelhante, uma delas há aproximadamente seis mil anos. Era uma nave gigantesca, feita para abrigar toda uma espécie que fugia da iminente aniquilação por parte de uma raça hostil. Eu e meu amigo estávamos fazendo algumas apostas do outro lado e acabamos apostando sobre o sucesso da missão deles. É claro, a única forma de descobrir o ganhador seria viajando com eles, e foi assim que acabamos em sua galáxia. – Ele parou, olhando para cima como quem busca uma lembrança quase perdida. – Eles se estabeleceram no primeiro planeta habitável que encontraram, aquele ao lado da sua estação espacial Catadupa. Foi tedioso por séculos.

– O planeta Catadupa III não é habitável. – Comentou Shion, ainda duvidando da explicação – E não há registros de que exista ou tenha existido uma civilização lá.

– Você deve procurar mais fundo se pretende encontrar vestígios de uma civilização que vive quilômetros abaixo da superfície, utilizando-se da energia geotérmica

do planeta. – Explicou o alienígena de voz fina, como se fosse algo óbvio. – Embora eles já estejam extintos há séculos. Perdi essa aposta, poderia jurar que eles superariam a escassez de recursos após a guerra civil.

– Morreram todos de fome. – Completou o outro alienígena, satisfeito, batendo no bolso de seu casaco, aparentemente cheio de fichas.

– Então apostas são as únicas coisas importantes para vocês? – Perguntou Chelaar, enrugando a testa. – Confesso que é uma forma muito criativa de desperdiçar dezenas de milhares de anos de vida.

– Apostas... Exploração... qual a diferença? – Retrucou o alienígena, dando de ombros. – Aos nossos olhos, vocês é que estão desperdiçando suas vidas.

– Considero que isto basta como identificação. – Interrompeu o capitão Vernon. – Mas ainda preciso que esclareça melhor suas intenções para esta nave e esta missão.

– Estamos apenas voltando para o lugar de onde viemos e, uma vez lá, tomaremos nosso próprio rumo e vocês estarão livres para jogar fora suas curtas vidas com essas explorações que tanto amam. – Falou o alienígena, com um sorriso irônico.

O capitão trocou olhares com Shion, o chefe de segurança Da'Far e o conselheiro, ponderando em silêncio por alguns segundos. Por fim, falou em tom firme:

– Não temos meios para confirmar a veracidade do que dizem, mas não creio que sejam uma ameaça para esta nave. Sendo assim, permitirei que continuem conosco até que saiamos do movimento pendular, o que pode acontecer dentro de dois dias ou dois meses, ainda não sabemos. Até

lá, ficarão em aposentos isolados do resto da tripulação, com monitoração constante, fui claro?

– Não será necessário, capitão. – Disse o alienígena, em um tom surpreendentemente educado. – Nós apreciamos mais a vista do lado de fora. – E, recebendo novamente as fichas entregues de mal gosto pelo seu companheiro, continuou. – A propósito, vocês sairão do pêndulo dentro de cinco dias.

– Aposto que Mmaauuyyhhaa estará nos esperando do outro lado. – Sugeriu o alienígena de voz grave.

– Feito. – Concordou o outro, fazendo um gesto com a mão esquerda.

Em seguida, os dois olharam pela tela principal e desapareceram, reaparecendo instantaneamente do lado de fora da ponte, onde seguiram caminhando pelo casco externo da nave até sumir de vista.

– Mal deixamos o quadrante alfa e já temos uma boa história para contar. – Sorriu o capitão. – Sr. Da'Far, mantenha um conjunto de sensores focados em nossos passageiros e programe um alerta amarelo para o caso deles se transportarem para o interior da nave. Quero saber imediatamente se isso acontecer. Não obstante, manteremos alerta azul até deixarmos o pêndulo.

– O que segundo eles será daqui há cinco dias. – Comentou Shion. – E algo me diz que eles estão corretos.

– Veremos. – Disse o conselheiro.

Episódio 2

Canis Major, parte II

Giulia e Kwa, que haviam passado boa parte da manhã caminhando pela USS Iguaçu e conversando sobre as naves em que serviram anteriormente, agora estavam no refeitório, almoçando na companhia da oficial de ciências Chelaar e do chefe da segurança Da'Far, pouco antes de iniciarem seu turno na ponte. Era o quinto dia desde a partida, mas apesar do que os alienígenas tinham dito, o pêndulo não dava sinais de que estava desacelerando.

– Eu ainda não acredito que eles estivessem mentindo. – Disse Kwa, que estava comendo uma espécie de sopa de legumes muito densa e aromática. – Talvez o movimento pendular tenha se alterado desde que eles navegaram nele pela primeira vez, pois eles afiram que foi há vários milênios.

– Ou então o caminho inverso é mais rápido. – Sugeriu Giulia.

– Não sei. – Disse Chelaar, desconfiada. – Confio mais em meus instrumentos de sondagem e no material científico da Federação sobre o pêndulo do que naqueles dois. – Ela virou-se pra Kwa e disse. – Talvez, para você, seis mil anos represente muito tempo, mas para o universo é como um piscar de olhos. Forças cósmicas dessa magnitude não costumam apresentar oscilações assim nem em milhões de anos.

Giulia olhou para a tellarita com uma leve censura. Apesar da patente superior de Chelaar, elas eram amigas, e a oficial de comunicações tinha alguma liberdade, especialmente quando a amiga não controlava o comportamento rude marcante de sua espécie.

– Entendo. – Concordou Kwa, sorrindo. – Eu acho que sou apressada demais, e por isso acabo encarando o tempo dessa forma também.

Giulia sorriu diante da simpatia e da inocência de Kwa, que não se ressentira pelas palavras de Chelaar. Sua espécie, que tinha uma expectativa de vida muito curta para um humanoide (entre vinte e oito e trinta anos), era conhecida por dificilmente se sentir ofendida e raramente guardar mágoa. A piloto, embora tivesse certa experiência de vida, era considerada jovem para os padrões de seu povo, pois tinha apenas treze anos, e os miresitas atingiam a idade adulta aos seis e a velhice aos vinte e cinco.

Chelaar, notando o olhar de Giulia, mudou de assunto:

– Subcomandante Da'Far, como tem sido a movimentação dos nossos passageiros?

– Os apostadores permanecem no casco externo da nave. – Respondeu Da'Far. Eles haviam decidido se referir àquela espécie como "apostadores". O capitão Vernon até havia tentado um novo contato com eles, no intuito de aprender mais sobre quem eram e quais eram seus costumes, mas fora completamente ignorado. – Eles têm se movimentado pouco, geralmente trocam de posição de duas a três vezes por dia. Neste momento eles estão na nacele de

bombordo, jogando alguma espécie de jogo de tabuleiro que um deles trazia consigo.

Enquanto falava, Sinel Da'Far Sinel degustava uma espécie de crustáceo arroxeado, uma iguaria tradicional de seu planeta natal, Me'Chi. Ele era um chimarrita de menos de um metro e setenta de altura, mas de constituição física robusta e resistente. Sua pele era grossa como o couro de um búfalo e seus ossos tinham uma densidade superior à da maioria dos humanoides conhecidos. Algumas veias com sangue preto podiam ser vistas sob a pele de seu antebraço bastante avantajado, que era de um tom levemente mais claro do que o roxo do crustáceo que estava em seu prato. Seu rosto era plano, com dois pares de narinas laterais e sem protuberância nasal, além de um par de serenos olhos castanho-azulados.

Após a refeição, os oficiais tomaram o turboelevador principal até a ponte, assumindo os postos deixados pelos seus colegas do primeiro turno. Não havia muito o que fazer, já que a nave viajava em piloto automático pela singularidade, então os tripulantes aproveitavam o tempo para interagir e conhecer uns aos outros, com exceção do conselheiro Nhefé, que solicitara permissão para permanecer em seus aposentos estudando, até que sua colaboração fosse necessária.

– Bem-vindos ao tão esperado quinto dia. – Disse a comandante Shion quando os quatro adentraram na ponte. – Eu estava contando ao capitão Vernon que por muito pouco não tive Kwa como piloto na Voroth. Na época em que recebi o comando da nave e estava solicitando alguns membros para minha tripulação, ouvi falar de um jovem

timoneiro miresita que cruzara a Nebulosa de Zhota'Kahaar em meio a uma tempestade termoaxiônica. Eu simplesmente não pude deixar de solicitar sua transferência, mas é claro, o capitão Sarah não quis abrir mão de você. Mas veja como as coisas são, aqui estamos nós, enfim a bordo da mesma nave estelar.

– Tive que insistir muito até que o capitão Sarah permitisse minha candidatura à missão Cão Maior, ele negou meu pedido três vezes antes de aceitar. – Comentou Kwa, sem um pingo de arrogância. – Ele realmente não queria que eu deixasse o leme da Autentica.

– Capitão! – Chamou a alferes Harman, auxiliar de instrumentos, operando a estação à direita de Shion. – Há uma leitura de variação na velocidade pendular.

– Comandante Chelaar, identifique a causa. – Disse o capitão, assumindo uma postura mais séria.

A oficial de ciências foi rapidamente até o painel e disse:

– Senhor, é a desaceleração! – E fez uma expressão de perplexidade enquanto avaliava os dados disponíveis. – Mas está acontecendo muito mais depressa do que quando entramos do outro lado. Nesse ritmo o pêndulo atingirá a velocidade mínima em doze minutos.

– As manobras espirais serão muito mais difíceis se a desaceleração acontecer nesse ritmo – Disse o capitão.

Todos olharam para Kwa, apreensivos, mas ela não parecia demonstrar hesitação ou medo. Na verdade, parecia apenas alguém que está concentrado e focado diante de um desafio difícil, mas longe de ser impossível.

– Eu consigo. – Disse ela, e sua autoconfiança tranquilizou Giulia.

– Tenho certeza que sim, alferes. – Disse o capitão, e passou a distribuir ordens para a tripulação. – Capitão chamando conselheiro Nhefé: preciso de todos na ponte, a hora chegou. Ponte para engenharia: preparar reator para propulsão de dobra padrão. Capitão para todos: dentro de dez minutos iniciaremos as manobras de desaceleração e, se tudo correr bem, em breve estaremos em algum lugar de Cão Maior, portanto segurem-se e estejam preparados.

– Os apostadores estavam certos, afinal de contas. – Comentou o tenente Rose.

Giulia olhou de canto para Chelaar, que virou os olhos.

– Da'Far, quero escudos ao máximo e camuflagem quando a manobra começar. – Continuou o capitão. – Rose, mantenha os fêiseres carregados, não sabemos o que encontraremos do outro lado.

– Aposto que os eles serão interceptados por batedores Verdevos logo que chegarem. – Disse o alienígena de voz grave, materializando-se, juntamente com seu amigo, ao lado do capitão.

– Aposto que a civilização Verdeva não existe mais. – Disse o segundo alienígena, apertando a mão do primeiro.

O alerta amarelo automático foi acionado, mas o capitão ordenou a Da'Far:

– Cancele o alerta. Estou curioso para saber a que devo a honra dessa visita.

– Ora, capitão. – Explicou o alienígena de voz fina, em tom polido. – Apreciaremos melhor sua chegada triunfal daqui. – Ele fez uma pausa, olhando para o teto da ponte. – E, é claro, fizemos algumas apostas sobre as formas com que vocês reagirão à chegada.

Nesse momento, o conselheiro Nhefé entrou na ponte, admirando-se com a situação.

– Curioso. – Disse ele, e sentou-se em sua cadeira, tranquilo.

– Cinquenta segundos, capitão. – Alertou Chelaar.

– Estamos em suas mãos, alferes. – Disse o capitão para Kwa, enquanto os batimentos dos corações de quase todos na nave aceleravam.

A miresita não respondeu, pois estava muito concentrada iniciando as complicadas manobras elípticas. Desta vez, com o intuito de se soltar do movimento pendular, as manobras deveriam acontecer em uma tangente perfeita, aliadas ao reestabelecimento dos motores da nave como força principal de propulsão, em velocidade equivalente ao ponto mais lento do pêndulo.

A nave vibrava mais do que da primeira vez, e algumas luzes se apagavam momentaneamente e em seguida voltavam a funcionar. Por toda a nave a tripulação se segurava como podia, sem deixar de observar pelas janelas o espetáculo de cores e luzes que se formava do lado de fora. Grandes linhas brancas e amarelas se entrelaçavam como se estivessem em uma dança suave e elegante, cercadas por milhões de pequenos pontos brilhantes e círculos translúcidos que se moviam na direção oposta.

Contudo, apesar das turbulências, as manobras foram executadas com precisão e, com um forte soco, a nave enfim se libertou do Pêndulo de Xavier-Rose e irrompeu na galáxia anã do cão Maior.

– Parada Total! – Ordenou o capitão Vernon, eufórico. – Chelaar, informe.

– Saímos senhor! – Respondeu ela, sem esconder a empolgação. – Os sensores astrométricos ainda estão se ajustando, mas é certo que estamos em Cão Maior.

– Senhor Da'Far, estamos sozinhos? – Perguntou o capitão, abrandando o tom de voz.

– Aparentemente sim, Senhor. – Respondeu Da'Far, atento ao painel de sua estação. – Sem leituras de naves ou formas de vida nas proximidades.

– Meus parabéns, alferes, você conseguiu. – Disse o capitão à Kwa. – Este foi um feito realmente incrível, digno de uma comenda por excelência. – Em seguida, dirigiu-se a todos na nave. – Bem-vindos à galáxia anã do cão Maior. Os senhores são testemunhas vivas do início da exploração espacial que marcará profundamente a história da Federação e de todos os povos que a compõe. Aguardem novas instruções e, é claro, estão todos convidados para brindar o sucesso da missão conosco hoje á noite, no bar panorâmico. Capitão desliga.

– E nossos visitantes? – Perguntou o conselheiro Nhefé.

O alienígena baixo, com muita má vontade, entregava uma grande quantidade de fichas ao seu companheiro, que exibia um largo sorriso no rosto.

– Não se preocupe conosco. – Disse ele, com sua voz mais aguda do que o habitual. – Agora que retornamos para casa, deixaremos vocês e partiremos para reencontrar alguns velhos conhecidos, bem longe daqui.

– Aposto que seu irmão está morto. – Desafiou o alienígena mais baixo.

– Aposto que ele está vivo e ainda não saiu da lua de Enertia. – Retrucou o outro, fazendo um gesto com a mão esquerda.

– A questão, cavalheiros. – Interrompeu a comandante Shion – É como vocês farão isso. Pois, e se o que nos disseram é verdade, os senhores não têm condições de se mover livremente pelo vácuo do espaço.

– E nem pretendemos. – Disse, surpreso, o alienígena de voz fina. – Adeus, pessoas da Via Láctea. Aposto que nos encontraremos de novo.

– Aposto que não. – Disse o outro, com sua voz entediada, sacando uma espécie de cubo emborrachado de um dos bolsos e apertando-o com a mão direita. No instante seguinte os dois desapareceram, mas de uma maneira diferente dos desaparecimentos anteriores, desta vez com uma fina fumaça rosa anuviando o ar ao redor deles.

– Alguma ideia do que foi isso? – Suspirou o capitão Vernon.

– Nada foi captado nos sensores, senhor. – Informou Da'Far. – Também não há sinal dos apostadores nem dentro nem fora da nave.

– Suponho que tenha sido algum tipo de tecnologia de transporte. – Conjecturou Chelaar. – Talvez estivessem

longe demais para acioná-la de nossa galáxia, mas uma vez aqui, puderam utilizá-la normalmente.

– Ou então apenas apostaram que não utilizariam ela até voltar para Cão Maior, ou algo assim. – Sugeriu o conselheiro Nhefé. – Podemos perguntar a eles em nosso próximo encontro.

– Como pode estar tão certo de que os encontraremos de novo? – Perguntou o capitão Vernon, curioso.

– Não vimos o alienígena mais baixo ganhar nenhuma aposta. – Respondeu o conselheiro. – E ele apostou que não nos encontraríamos novamente. Logo, suponho que, se vamos apostar, apostemos no mais alto. Ainda nos veremos de novo.

– Acho que você está certo. – Riu o capitão e, em seguida, sentou-se em sua cadeira. – Aos seus postos, quero os resultados de todas as sondagens preliminares e os relatórios astrométricos em duas horas. Declaro esta exploração oficialmente iniciada!

O clima de comemoração perdurou por todo aquele dia, inclusive durante os turnos de trabalho, já que os tripulantes de todas as divisões e turnos trabalhavam empenhados em obter o máximo de informações possíveis sobre a galáxia anã, mas, por questões de segurança, a camuflagem foi mantida e a nave permaneceu em parada total. Contudo, à medida em que os relatórios não traziam qualquer indício de naves ou ameaças, o capitão decidiu que partiriam logo após a comemoração, que aconteceria mais tarde, no bar panorâmico. O que mais surpreendeu a todos, no entanto, foi o fato de que os relatórios e sondagens não

apontavam apenas a ausência de naves, mas também a ausência de sistemas, nebulosas, asteroides ou qualquer coisa que pudesse ser estudada. Ao que tudo indicava, o Pêndulo havia deixado a nave em um ponto completamente isolado e externo do aro galáctico. Segundo o mapeamento feito pela astrometria, o objeto mais próximo era uma estrela amarela classe G, a qual ficava há oito dias de viagem da posição atual, em dobra máxima.

Embora parecessem frustrantes, essas informações não abalaram, a princípio, o entusiasmo da tripulação, que, em sua maioria, optou por encarar a ideia positivamente. Afinal, considerando que havia a possibilidade de que saíssem do pendulo diretamente para uma situação de extremo perigo como uma nebulosa classe E, um poço gravitacional, uma distorção subespacial ou, ainda, uma frota de naves hostis, o cenário estava incontestavelmente a favor deles, propiciando tranquilidade para que pudessem dar os primeiros passos seguros em território desconhecido.

A comemoração da chegada em Cão Maior se iniciou às 20h, logo após o término do turno principal, e os tripulantes da ponte foram diretamente ao bar panorâmico, com exceção do conselheiro Nhefé, que optara por voltar aos seus aposentos. Os tripulantes que operavam a ponte no turno da noite foram autorizados a revezar para que também pudessem comparecer e festejar.

O bar panorâmico era um recinto muito agradável, localizado na proa superior da nave, e ocupando parte dos deques 13 e 14, onde haviam três espaços distintos. No deque 13 ficava o principal ambiente, com um longo balcão, várias mesas e um pequeno palco para apresentações,

sendo bem iluminado e com grandes janelas, que proporcionavam uma vista espetacular. No deque 14, podendo ser acessado por uma escada ou pelo turboelevador, haviam outros dois ambientes, um deles mais reservado e com poucas mesas, e o outro uma espécie de camarote, conjugado com o ambiente principal. O bar funcionava em contra turno com o refeitório, com o qual compartilhava a mesma estrutura geral de cozinha. Excepcionalmente nesta ocasião, ambos estavam abertos, possibilitando a presença de um número maior de pessoas.

As conversas eram animadas e esperançosas, girando principalmente em torno das expectativas sobre as pesquisas a serem desenvolvidas em Cão Maior. No campo profissional, especialistas e estudiosos das mais diversas áreas trocavam conhecimentos e se aproveitavam da ocasião para apresentar seus mais recentes trabalhos. No campo pessoal, buscavam conhecer um pouco mais dos colegas com quem conviveriam nos próximos dois anos, plantando numerosas sementes de amizade. Alguns, é claro, conversavam com aqueles com quem já haviam servido anteriormente, relembrando episódios marcantes do passado. Outros, como Giulia e Chelaar, mantinham-se junto daqueles com quem estavam servindo na mesma nave antes da transferência para a USS Iguaçu, mas incluíam, com prazer, novos colegas, como Kwa.

Foi uma noite muito agradável, com o barman fazendo questão de mostrar sua habilidade ao preparar uma grande variedade de drinques, desde os clássicos e conhecidos da grande maioria até os mais exóticos, trazidos de

todos os cantos da Federação. A pedido do capitão, ele preparou uma rodada de champanhe eminiano e, após um brinde, os motores foram acionados e a nave partiu rumo ao sistema estelar mais próximo.

– O capitão aprovou o curso preliminar sugerido pela astrometria. – Disse Chelaar, apontando para a vulcana que solicitava uma bebida ao barman. – Seguiremos em sentido anti-horário, desenhando um círculo que nos trará de volta ao ponto de partida a tempo de embarcarmos novamente no pêndulo.

– Espero que ela tenha calculado com uma boa margem de erro. – Comentou Da'Far. – Nós estamos em uma autêntica missão de exploração em território desconhecido, e é impossível determinar com exatidão quais serão nossa rota e velocidade.

– Eu examinei o curso apresentado. – Disse Chelaar. – Devo admitir que é muito sensato e leva em conta a base estatística das missões de espaço profundo. – Ela bebeu um gole do champanhe. – Mas nunca se sabe, podemos encontrar tantas formas de vida e fenômenos cósmicos desconhecidos, que nem mesmo chegaremos à metade desse curso e teremos que dar meia volta.

Eles riram e brindaram, conversando demoradamente sobre suas expectativas para a missão, verdadeiramente satisfeitos por serem os primeiros exploradores da Via Láctea a porem os pés em Cão Maior. Quando a comemoração já estava chegando ao fim, o capitão se juntou a eles, seguido por Shion, que surpreendeu Giulia com seu bom-humor e profissionalismo. No fundo, a oficial de co-

municações tinha a impressão de que, pelo fato da andoriana já ter sido capitão, haveria algum orgulho, ressentimento ou até mesmo vergonha de estar em uma posição inferior, especialmente diante dos vários tripulantes que anteriormente serviam sob seu comando na USS Voroth. Entretanto, ela parecia tão feliz quanto qualquer outro, e demonstrava o devido respeito ao capitão Vernon, fazendo jus às qualidades que a levaram a ser a mais jovem capitã da história da Frota.

A realidade da missão, no entanto, foi se mostrando muito diferente da qual eles haviam imaginado. Após oito dias de viagem, tudo que encontraram foi a estrela amarela, sem planetas em sua órbita, tão comum quanto outras milhares da mesma classe no quadrante alfa. Aquela parte da galáxia era um ermo, onde cada sistema era distante do outro no mínimo o dobro do que costumava ser na Via Láctea. Como se isso não bastasse, após cada viagem, que as vezes levava dias, encontravam outro sistema comum, sem o menor sinal de formas de vida ou descobertas científicas significantes.

Por mais que a tripulação tivesse ciência da possibilidade de que Cão Maior pudesse ser uma galáxia vazia e sem vida, era inegável que todos esperavam abundância e diversidade. Mesmo dispondo de vários laboratórios e pessoal qualificado, apenas alguns poucos setores, como a astrometria e as equipes de pesquisa geológica, trabalhavam em ritmo acelerado, coletando dados e catalogando informações obtidas nos estudos dos raros planetoides encontrados. Grupos de pesquisa arqueológica até tentaram iden-

tificar possíveis civilizações extintas, e os exobiólogos buscaram indícios de vida, mas sem sucesso. Após duas semanas nessa rotina, a empolgação se reduziu drasticamente e a busca por horários de holodeck cresceu vertiginosamente. O capitão chegou a convocar uma reunião para estudar uma mudança no curso, mas a conclusão foi de que isso seria inútil, pois essa parte da galáxia tinha a característica incomum de ser vazia e desabitada, e não havia nada a ser feito.

– O que eu não daria para encontrar um pulsar. – Disse Chelaar para Giulia, enquanto as duas se dirigiam para seu turno na ponte. – Eu poderia até dar seu nome para ele.

– Eu ficaria feliz com um simples gigante gasoso. – Respondeu Giulia. – Dá para acreditar que todos os planetas que encontramos até agora eram rochosos?

– Bom, pelo menos não fazemos parte da equipe de segurança. – Disse Chelaar abaixando o tom de voz. – Da'Far comentou comigo ontem à noite que, a partir de hoje, os treinamentos serão intensos e diários. Ele acredita que esse momento é perfeito para afiar as garras e aperfeiçoar os sentidos da tripulação.

– "Entrosamento é a chave para uma equipe eficiente". – Disse Giulia, imitando a voz rouca de Da'Far. – Eu ouvi ele dizer isso pelo menos umas cinco vezes.

Chelaar deixou escapar um riso anasalado no exato momento em que o turboelevador se abriu, revelando a comandante Shion.

– Boas notícias. – Disse ela, cumprimentando-as com um movimento da cabeça. – Pela manhã, a astrometria detectou um planeta classe M há apenas dois anos luz daqui. Estamos a caminho.

– Como um planeta tão próximo não foi captado pelos sensores de longo alcance? – Indagou Chelaar, levantando as sobrancelhas.

– As leituras estavam estranhamente repetitivas, com um forte eco, então foi iniciada uma remodulação completa dos sensores, o que possibilitou identificar que se tratava de uma nebulosa fantasma, se estendendo ao longo de grande parte deste setor. – Explicou Shion enquanto elas saíam do turboelevador e entravam na ponte.

– Entendo. – Disse Chelaar, dirigindo-se para sua estação de trabalho. – É um fenômeno incomum.

– Segundo a base de dados, há registro de apenas uma no quadrante alfa. – Completou o capitão Vernon, levantando-se de sua cadeira. – E seu tamanho não chega a um décimo desta aqui.

– Permissão para deixar a ponte. – Pediu Chelaar. – Sei que acabei de chegar, mas eu gostaria de formar uma equipe e iniciar as pesquisas preliminares sobre a nebulosa.

– Concedido. – Respondeu o capitão. – Ponte para engenharia. Qual é a previsão para a conclusão da remodulação dos sensores?

– *Hashimoto falando, Senhor.* – Ouviu-se a voz do engenheiro-chefe. – *O conjunto de sensores deve estar operacional dentro de quarenta minutos.*

– Certo. Prossiga, comandante. – Disse o capitão. – Subtenente Naggi, temos alguma coisa?

– Nenhum sinal de comunicações, senhor. – Respondeu Giulia. – Aparentemente estamos sozinhos.

– Então se houver alguém naquele planeta classe M, ainda não desenvolveu tecnologia de comunicação subespacial. – Disse a comandante Shion.

– Devemos considerar a possibilidade de que a nebulosa também esteja bloqueando sinais de comunicação. – Disse Da'Far. – Então, até que possamos confirmar uma posição segura, sugiro levantarmos a camuflagem.

Presente em praticamente todas as naves estelares da Frota, a tecnologia de camuflagem, que até o final do século XXIV representara uma grande vantagem militar para algumas espécies, sendo envolta em segredos e profundamente temida, e tendo seu uso restrito e protegido por tratados entre as principais potências da galáxia, tornara-se um equipamento banal e de pouca utilização. Depois que foram descobertos meios para identificar facilmente a presença de naves camufladas, essa tecnologia se tornara obsoleta e caíra em desuso, tanto por ser dispendiosa, energeticamente falando, quanto, e especialmente, por comprometer algumas funções importantes das naves, como os sensores, as armas e os transportes. Sua utilidade, em meados do século XXV, restringia-se ao estudo científico, principalmente de espécies que davam seus primeiros passos na exploração espacial, ainda sem ter desenvolvido tecnologia de dobra

– Capitão. – Disse o conselheiro Nhefé. – Acredito que, se aquele planeta possuísse uma civilização tecnologicamente avançada ao ponto de a considerarmos uma ameaça potencial, eles possivelmente também teriam condições

de atravessar a nebulosa fantasma e explorar o espaço onde nos encontramos agora. Contudo, mesmo fora da nebulosa não detectamos nenhum sinal residual de dobra ou mesmo boias de comunicação.

O conselheiro da nave, Kómóg Nhefé, era um veniano de sessenta e oito anos de idade, detentor de uma vasta experiência e uma carreira notável na esfera política e diplomática da Federação dos Planetas Unidos. Como era muito comum entre os membros de sua espécie, ele tinha a pele muito manchada, sem a presença de pelos ou cabelos, seu porte físico era bastante esguio e seu rosto, ossudo e pouco expressivo, tinha tonalidades que variavam do dourado ao azinhavre. Em sua cabeça, além de orelhas invertidas verticalmente em relação às humanas, havia uma reentrância, com cerca de um centímetro de profundidade e três de largura, estendendo-se de têmpora a têmpora, dando a volta por trás de seu crânio cinzelado.

– De acordo. – Disse o capitão Vernon. – Não sinto que estejamos em uma situação de ameaça potencial, e o uso da camuflagem diminui consideravelmente a eficiência dos sensores. Além do mais, não sabemos o que encontraremos pela frente, então prefiro poupar energia sempre que possível. Srta. Kwa, mantenha-nos a uma distância de cinco milhões de quilômetros da nebulosa, um oitavo de impulso. Acionar.

– Sim, capitão. – Disse a piloto.

O estudo da nebulosa ocupou a tripulação por quase dois dias, pois se tratava de fenômeno raríssimo e bastante complexo. A equipe da comandante Chelaar concluiu que,

apesar de algumas características semelhantes às da nebulosa fantasma encontrada no quadrante alfa, haviam diferenças fundamentais que exigiam até mesmo uma nova classificação.

– Eu acho que o nome mais adequado para este fenômeno seria "nebulosa espelho". – Disse Chelaar, à mesa da sala de reuniões da ponte. – Mesmo tendo vários anos luz de extensão, ela é relativamente fina, com uma espessura média de vinte milhões de quilômetros, quase invisível a olho nu e com uma fortíssima radiação sigma, que praticamente devolve todas as sondagens convencionais, possivelmente de ambos os lados.

– Fascinante. – Disse Shion, observando o modelo 3D apresentado na tela principal da sala de reuniões. – A travessia é segura?

– Sim, senhor. – Respondeu Chelaar, apontando para uma linha vermelha que cortava a imagem nebulosa. – Estabelecemos um ponto e velocidade ideal para a travessia, que não deve durar mais do que alguns minutos. Mesmo assim, sugiro que levantemos os escudos por causa da radiação sigma.

– De acordo, ordenarei a Srta. Kwa que trace o curso imediatamente. – Disse o capitão Vernon. – Depois que atravessarmos, finalmente poderemos catalogar nosso primeiro planeta classe M em Cão Maior.

Eles deixaram a sala de reuniões com os ânimos renovados e adentraram na ponte, dando início à travessia da nebulosa espelho. Como Chelaar havia previsto, a passagem foi segura e, dentro de poucos minutos, eles haviam emergido às margens do sistema que continha o primeiro

planeta com condições de suportar vida humanoide a ser estudado.

Episódio 3

Um inverno além do frio

A USS Iguaçu chegou em segurança ao sistema solar Tertius Gama XI, uma designação que fora dada em conformidade com o trabalho de cartografia estelar feito pela astrometria. O sistema era composto por uma estrela amarela, de massa aproximadamente duas vezes maior do que a do sol terrestre, com quatro planetas em sua órbita, três deles gigantes gasosos e um deles, o mais próximo da estrela, era da classe Minshara, com quatro vezes o tamanho da Terra, temperaturas amenas e um céu levemente esverdeado.

– Estamos recebendo as primeiras leituras do planeta, senhor. – Informou Chelaar. – A superfície é formada essencialmente por uma vasta planície, sem sinal de elevações ou montanhas, com apenas uma massa de água doce cobrindo aproximadamente um oitavo do hemisfério sul, próximo ao equador.

– Formas de vida? – Perguntou o capitão Vernon.

– Sim, senhor. – Respondeu Chelaar. – Há sinais de vida vegetal, animal e... humanoide.

– Inteligente? – Perguntou Nhefé.

– Se for inteligente, não é tecnologicamente avançada. – Disse Chelaar. – Não captamos nenhum tipo de comunicação, nem mesmo ondas de rádio.

– Estamos em alcance visual, senhor. – Informou a alferes Harman.

– Na tela. – Ordenou o capitão.

A imagem do planeta apareceu na tela principal. Haviam muitas nuvens, mas era possível identificar as tonalidades verdes e marrons que compunham a maior parte da superfície, bem como as diminutas calotas polares e parte do oceano de água doce.

– É belíssimo. – Disse Shion, admirada.

– Estabelecer uma órbita alta, srta. Kwa. – Ordenou o capitão. – Vamos dar uma boa olhada neste novo mundo.

A nave passou a orbitar o planeta, permanecendo por várias horas a efetuar sondagens, as quais eram minuciosamente estudadas e analisadas pela tripulação. Com isso, descobriram a composição das várias camadas da atmosfera, dos desertos e planícies rochosas, da água pura do oceano e até mesmo do núcleo ferroso. Além disso, puderam iniciar o estudo das formas de vida que povoavam a superfície, constatando que, embora a variedade de espécies fosse pequena em comparação a outros planetas semelhantes, haviam elementos únicos em suas fisiologias que ainda necessitariam de mais tempo para serem explicados. Um exemplo eram as próprias florestas, dividas entre espécies achatadas, com troncos extremamente rígidos, e grandes plantas folhosas de caule leitoso. Para discutir as informações obtidas e estabelecer um novo curso para a exploração científica daquele mundo, inclusive em relação à espécie humanoide nativa, o capitão reuniu os oficiais superiores e pediu que a comandante Chelaar expusesse o progresso até aquele momento.

– Com os dados que pudemos obter até agora, descobrimos que esta espécie está em um período pré-vapor,

com uma economia essencialmente agrícola e algumas cidades minimamente desenvolvidas. – Disse Chelaar. – Estão divididos em pequenas nações, ocupando as áreas ao redor do grande oceano de água doce, onde a flora e fauna também são abundantes. Ainda não temos informações detalhadas sobre sua fisiologia interna, mas aqui estão algumas imagens de sua aparência, gravadas com as câmeras de estudo orbital.

Ela abriu um arquivo na tela da sala de reuniões, revelando uma gravação bastante nítida de alguns trabalhadores, que carregavam grandes folhas de uma espécie vegetal nativa, levando-as em direção a uma vila interiorana. Eles vestiam túnicas cinzentas, amarradas na cintura com cordas de cores bastante vivas. Seus rostos se assemelhavam a rostos humanos, sem cristas ou escamas, mas com cabelos pretos muito volumosos e pele azul clara.

– Fascinante. – Comentou o capitão Vernon. – Não importa quantas vezes eu observe uma civilização pré-dobra, sempre me perco em pensamentos sobre o quão curioso é estarmos estudando cada detalhe de seu mundo, sem que eles nem mesmo imaginem a nossa existência, muito menos percebam nossa presença. – Ele ajeitou-se na cadeira. – O fato de termos vindo de uma galáxia há milhares de anos luz daqui, que nos orgulha e motiva tanto, é algo que eles sequer seriam capazes de compreender.

– Gosto de pensar que, talvez neste exato momento, estejamos sendo estudados da mesma forma por alguma espécie tão diferente ou avançada quanto somos em relação aos humanoides deste planeta. – Disse o conselheiro Nhefé,

recostado confortavelmente na cadeira à esquerda do capitão.

– Pensamentos intrigantes, de fato. – Disse Shion. – Mas devo admitir que estou feliz pelo simples fato de que a primeira espécie catalogada nesta galáxia seja azul. – E, após um sorriso, acenou para que Chelaar continuasse sua exposição.

– Como é uma civilização primitiva, tecnologicamente falando, sugiro que sejam lançadas algumas sondas planetárias para captar informações das áreas não habitadas. – Disse Chelaar. – Também sugiro que sejam enviados grupos avançados para o estudo da geologia, da biologia e, é claro, da espécie humanoide e sua sociedade.

– De acordo. – Disse o capitão Vernon. – Forme as equipes de geologia e biologia, elas serão imediatamente transportadas à superfície para locais afastados das regiões povoadas. O grupo avançado que estudará os nativos deverá comparecer à enfermaria antes de descer, para os procedimentos padrão de caracterização mimética.

– Permissão para liderar o grupo avançado, senhor. – Pediu Shion. – Gostaria de levar o subcomandante Da'Far e o doutor Horvat comigo.

– Permissão concedida. – Disse o capitão. – Dispensados.

Shion e Da'Far deixaram a ponte e rumaram para a enfermaria, enquanto Chelaar convocava as equipes que seriam enviadas para estudar os aspectos geológicos e ambientais. No caminho até a enfermaria, a primeiro oficial iniciou a organização da missão de reconhecimento, tocando em seu comunicador para contatar os responsáveis pelos

estudos preliminares sobre o povo nativo daquele planeta. O uniforme de cada tripulante da USS Iguaçu possuía um pequeno delta metálico, como se fosse um broche, fixado na altura do peito, e que servia, entre outras funções, como comunicador e localizador de sinal para transporte.

– Quantos habitantes tem a cidade mais populosa do planeta? – Perguntou Shion ao tripulante.

– *Cerca de cento e cinquenta mil, senhor.* – Respondeu um dos pesquisadores. – *Se trata da capital de uma das nações à noroeste do oceano.*

– Muito grande, quero algo menor. – Disse Shion. – Qual a média populacional dessas capitais?

– *Menos de quarenta mil.* – Respondeu o tripulante.

– Algum sinal de conflito armado entre essas nações?

– *Detectamos algumas cidades parcialmente incendiadas e vestígios do que parece ter sido um conflito recente entre duas nações à leste do oceano.* – Explicou o tripulante. – *Mas ou a questão já foi resolvida ou houve uma trégua temporária, já que não há mobilização de tropas ou recursos de suporte à guerra. Se essa hipótese estiver correta, talvez a trégua se deva ao fato de que está se iniciando uma espécie de período festivo para os baomates, pois em todos os países há sinais de preparação para um evento de grande importância.*

– Baomates? – Perguntou Shion, curiosa. – Não sabia que já tínhamos um nome para eles.

– *A subtenente Lworx está estudando os idiomas do planeta e, segundo ela, embora não haja uma unidade linguística, a maioria dos dialetos parece ter a mesma origem. Portanto, a designação que dão a si mesmos varia pouco de língua para língua,*

sendo que o nome "baomate" é o mais amplamente utilizado. – Informou o pesquisador.

– Ótimo. – Continuou a comandante. – Por favor, selecione uma das capitais menores, se possível ao sul do oceano, e prepare vestimentas apropriadas para o doutor Horvat, para o subcomandante Da'Far e para mim. Opte por uma cidade que não esteja envolvida em conflitos bélicos, que não tenha sinais de criminalidade urbana e que esteja bastante engajada na preparação desse suposto evento festivo. Encaminhe-as para a enfermaria, juntamente com os dados relevantes sobre a cidade escolhida e a cultura local.

– *Sim senhor.* – Respondeu ele.

– Dispensado. – Disse Shion encerrando a comunicação com o tripulante. – Eis a minha parte favorita da exploração de um mundo novo, subcomandante: o estudo do que não é mostrado na leitura de uma telemetria. – Continuou ela, dirigindo-se a Da'Far. – Afinal, nossas sondagens nos fornecem dados completos sobre a natureza do planeta, seus minerais, composição da atmosfera e características dos biomas, e nossos tricorders possibilitam um estudo eficiente da anatomia de qualquer ser vivo, incluindo os baomates. Sei que tudo isso facilita muito a compreensão objetiva de um planeta e dos seres que o habitam, mas não há um equipamento sequer que nos dê as respostas prontas sobre questões subjetivas, como as questões culturais, ao menos não com o mesmo nível de detalhamento. Se quisermos entender melhor como funciona uma sociedade como esta, temos que estudar as informações que obtemos com as

sondagens, mas, acima de tudo, devemos observar, interagir e imaginar. Esse é o verdadeiro desconhecido a ser descoberto em cada missão.

– É um ponto de vista interessante, senhor. – Concordou Da'Far, no momento em que eles adentravam na enfermaria. – A propósito, agradeço por ter me escolhido para fazer parte do grupo avançado. Para mim, nada tem mais valor em uma exploração do que estar frente a frente com aquilo que se está estudando.

– Soube que também fui escolhido para esta missão. – Disse o doutor Rohit Aris Horvat, oficial médico chefe da USS Iguaçu, aproximando-se e cumprimentando os dois.

– Sim, doutor. – Disse Shion, sorrindo. – Creio que a presença de um médico é sempre importante neste tipo de missão, ainda mais quando a ficha dele diz que essa é sua principal linha de pesquisa e interesse.

O médico retribuiu o sorriso, embora não parecesse tão empolgado com a oportunidade de descer ao planeta para estudar os baomates.

– Desenhei os implantes faciais com base nas imagens que temos dos alienígenas. – Explicou o doutor, conduzindo-os até uma sala na lateral da enfermaria, onde uma enfermeira denobulana programava um modulador cutâneo. – Não será necessário fazer nenhuma alteração complexa, especialmente para a senhora, que já possui a pele na tonalidade comum à maioria dos habitantes. Para o subcomandante Da'Far, no entanto, projetei uma prótese em formato de nariz e grandes quantidades de pelos faciais para ocultar as fendas nasais na lateral do seu rosto.

– Alguma característica física incomum que devamos conhecer? – Perguntou Shion.

– Externamente, não. – Respondeu o doutor. – Também possuem cinco dedos, orelhas, cabelo e pelos faciais, pele majoritariamente lisa, sem manchas, cristas ósseas, antenas ou coisas do tipo. – Ele passou a examinar Shion e Da'Far, esquadrinhando seus rostos. – Para saber mais sobre a estrutura interna deles, terei que efetuar leituras de curta distância com o tricorder médico.

– Certo, doutor. – Disse a andoriana olhando para as imagens que apareciam na tela principal da sala. – Mas, pelo que posso perceber, terei que usar uma peruca bastante volumosa.

– De fato. – Assentiu o médico. – Não foi registrado o uso de chapéus ou adornos de cabeça em nenhuma das culturas presentes no planeta. Assim, para ocultar suas antenas, optamos por um belo cabelo negro.

– É justo. – Disse Shion. – Podemos iniciar?

– Imediatamente. – Disse o doutor. – Eu mesmo realizarei o procedimento de caracterização mimética nos senhores e, em seguida, a alferes Yasna fará o mesmo em mim.

Horvat era um homem de meia idade, alto e esguio. Seu cabelo curto apresentava fios castanhos, brancos e cinzentos, e ele mantinha um bigode fino, cuidadosamente aparado e penteado. Apesar de sua visível competência, demonstrada enquanto fazia a caracterização mimética em Shion e Da'Far, seu sorriso amarelo e suas profundas olheiras denunciavam que ele não estava em um de seus melhores dias.

– Você fica bem de pele azul e costeletas. – Disse Shion, sorrindo para o então irreconhecível tenente comandante Da'Far.

– A senhora também ficou bem com o cabelo preto. – Respondeu ele, acenando.

Antes mesmo da enfermeira denobulana terminar de fazer a caracterização no doutor Horvat, um tripulante trouxe as roupas e adereços que os três iriam utilizar durante a missão. Eram túnicas acinzentadas, com mangas largas e coloridas, sapatos de couro marrom escuro e cintas de couro preto. Além disso, cada um também levaria uma pequena bolsa de tecido bege, na qual poderiam guardar os fêiseres e tricorders.

– Os comunicadores terão que ficar ocultos. – Explicou o tripulante. – Não identificamos, até o momento, o uso de joias de nenhum tipo, então tememos que possa ser algo proibido ou considerado socialmente ofensivo.

– Tomaremos cuidado. – Disse Da'Far. – Colocando seu comunicador na parte interna do cinto.

– *Vernon para comandante Shion.* – Ouviu-se a voz do capitão Vernon através do comunicador de Shion.

– Shion falando, senhor. – Respondeu ela prontamente.

– *Detectamos o surgimento de uma singularidade gravitacional oscilante há meio ano luz daqui, nos limites do sistema vizinho.* – Explicou o capitão. – *Segundo a comandante Chelaar, esse fenômeno não deve permanecer ativo por mais do que um ou dois dias, e por isto decidi traçar um curso para estuda-lo antes que seja tarde demais. Decidi também que, nesse meio tempo, os grupos avançados no planeta deverão continuar com os*

trabalhos. Quanto a senhora, sinta-se livre para delegar a função a outra pessoa e nos acompanhar, se assim desejar.

– Agradeço, senhor, mas opto por continuar o estudo dos baomates. – Respondeu Shion. – Sinto-me envolvida na missão e, além do mais, já estou devidamente caracterizada.

– *Entendido.* – Disse o capitão. – *Estaremos longe do alcance dos comunicadores durante pelo menos trinta e seis horas, então tenham o máximo de cuidado. Todos os tripulantes no planeta serão informados de que deverão se reportar diretamente à senhora. Boa sorte, imediato.*

– Obrigado, senhor. – Disse Shion. – Igualmente.

– *Capitão desliga.* – Disse Vernon.

Àquela altura, o doutor Horvat e Da'Far já haviam se trocado, e agora estavam reunindo os equipamentos e examinando os dados sobre os nativos. Também foram sintetizadas moedas locais, pois diante da necessidade de passar pelo menos uma noite no planeta, precisariam de dinheiro para pagar uma hospedaria ou hotel.

Depois de uma checagem final nos itens que seriam levados ao planeta, os três deixaram a enfermaria e se dirigiram à sala de transportes 1, que ficava na parte superior da nave, um deque acima da enfermaria. Haviam duas pessoas de serviço no turno principal, a oficial de transportes e um segurança.

– Transporte pronto e aguardando, comandante. – Disse a oficial de transportes, após cumprimenta-los com um aceno de cabeça.

– Obrigado, tenente Alfredsson. – Disse Shion, posicionando-se em um dos seis círculos demarcados no chão

da plataforma de transporte. Da'Far e o doutor Horvat se posicionaram à esquerda e à direita da primeiro oficial, respectivamente.

– Os senhores serão transportados para uma estrada secundária que dá acesso à cidade. – Disse a oficial de transportes. – Não há sinais de nativos num raio de quinhentos metros.

Shion assentiu com a cabeça e disse:

– Acionar.

A tenente Alfredsson empurrou suavemente as duas alavancas no painel em sua frente, iniciando a sequência de transporte. A matéria dos três foi convertida em energia e transportada quase que instantaneamente para a superfície do planeta, onde foi reorganizada como matéria novamente.

– Aqui estamos. – Disse Shion, olhando ao redor.

Eles haviam se materializado em uma estreita estrada coberta por um cascalho cor de areia, que se estendia sinuosamente até a cidade capital daquela pequena nação. A estrada era cercada pela peculiar vegetação local, composta principalmente por árvores de diâmetro superior a dez metros, porém estranhamente achatadas, alcançando no máximo de três a quatro metros de altura.

– Se elas não estivessem tão visivelmente vivas, eu diria que não eram nada além de troncos abandonados após o corte de uma árvore gigantesca. – Disse Da'Far, tocando uma das folhas redondas da árvore mais próxima.

– Essa também foi a primeira impressão que eu tive. – Disse o doutor Horvat, examinando seu tricorder. – Mas o que estamos vendo parece ser a estrutura natural destas

plantas, e as leituras dizem que seu tronco é dezenas de vezes mais denso do que o de uma imbuia ou de um monjoleiro. Eu diria até que alguns exemplares são mais densos do que várias rochas conhecidas.

– Alguma teoria? – Perguntou Shion.

– Não é minha especialidade. – Respondeu o doutor. – Mas me parece que essas plantas se desenvolveram para aguentar pesos extremos.

– Não há nada desse tipo no planeta, segundo nossos estudos preliminares. – Comentou Shion. – Mas talvez possamos obter algumas informações úteis na cidade.

– *Iguaçu para grupo avançado líder.* – Ouviu-se a voz da subtenente Giulia Naggi, através do comunicador de Shion. – *Deixaremos a órbita do planeta em quinze minutos.*

– Entendido. – Disse a primeiro oficial. – Shion desliga.

Os três seguiram pela estrada, observando atentamente a natureza ao seu redor. Era uma visão muito interessante, pois a superfície do planeta era incomumente plana, e não haviam montanhas ou elevações de qualquer tipo. No campo de visão deles, as únicas coisas que se destacavam acima do solo eram as árvores de tronco achatado e, mais à frente, as construções que formavam a cidade.

– Guardem seus tricorders. – Ordenou Shion. – Há um nativo vindo em nossa direção, cinquenta metros à frente daquela curva.

O médico olhou intrigado para seu tricorder, demorando alguns segundos a mais para guardá-lo na bolsa que carregava à tiracolo. Logo em seguida, o nativo veio cami-

nhando tranquilamente pela estrada, aproximando-se deles. Era um homem jovem, de feições suaves e pele azul clara, com um vasto cabelo preto cobrindo suas orelhas e sua testa. Vestia um traje semelhante ao do grupo avançado, mas visivelmente mais velho e surrado. O cinto em sua cintura era uma corda branca, amarrada com um nó tosco no lado esquerdo de seu quadril. Quando ele bateu os olhos nos três tripulantes disfarçados, não pôde imaginar que se tratavam de alienígenas de outra galáxia, mas assim que notou o cinto de Da'Far, arregalou os olhos e fez uma cara mista de surpresa e aversão.

– Boa tarde. – Disse Shion, tentando interagir.

O nativo, embora tivesse entendido o que Shion dissera, graças ao tradutor universal, aparentemente preferiu não responder, virando o rosto e apressando o passo.

– Não foi o primeiro contato que eu imaginava. – Disse Shion, quando o nativo se distanciou o suficiente. – Parece que há algo de errado com nosso figurino.

– Ele parecia escandalizado. – Comentou o doutor. – Talvez estejamos vestidos de maneira imprópria.

– O problema está em meu cinto. – Disse Da'Far. – O nativo não pareceu incomodado até olhar para ele.

– Não entendo. – Disse Shion. – Nossos cintos são todos iguais. Eles foram baseados em um modelo muito comum nesta região.

– Talvez pertença a uma classe social específica? – Perguntou o doutor. – Alguma que não seja bem vista por todos.

– Não creio que seja isso. – Respondeu Shion. – Ao menos não deveria ser, pois segundo o relatório, esse traje

é utilizado por pessoas das mais diversas profissões e classes sociais.

– Podemos não compreender totalmente o significado da moda para este povo. – Disse Horvat, retirando o seu tricorder da bolsa. – Mas há algo ainda mais difícil de compreender sobre eles.

– O que seria, doutor? – Perguntou Da'Far.

– A fisiologia deles não faz sentido. – Respondeu o médico, mostrando o resultado da sondagem que havia feito do indivíduo que passara por eles. – Nem sei por onde começar, a própria estrutura óssea deles parece inadequada para as condições desse planeta. A densidade dos ossos, dos músculos e de praticamente todos os sistemas, varia imensamente com a altura onde estão localizados. Eu não estranharia se metade da massa corporal deles se concentrasse do joelho para baixo.

– Essas características podem ter alguma relação com as da vegetação do planeta. – Sugeriu Da'Far.

– Sim, mas a questão é: por quê? – Continuou o médico, guardando novamente o tricorder na bolsa, à medida em que se aproximavam da cidade e já podiam ouvir vozes de pessoas negociando e rindo. – Eles parecem utilizar somente metade do sistema cardiorrespiratório, e possuem um sistema de cartilagens que mais parecem amortecedores de veículos de superfície.

– Esse planeta parece ter muitos segredos intrigantes, doutor. – Sorriu Shion, admirando a cidade a sua frente. – Me sinto honrada em poder desvendá-los com os senhores.

Eles haviam chegado ao ponto em que a estrada secundária se misturava à rua principal da periferia da cidade, ladeada por casas e tendas de comércio. Todas as construções, embora tivessem detalhes diferentes, seguiam o mesmo padrão, sendo basicamente conjuntos compostos por três partes cilíndricas verticais, aparentemente de alvenaria, pintadas de cores diversas. Cada conjunto possuía um cilindro pequeno, com não mais do que um metro e setenta centímetros de altura, um médio, com cerca de três metros e um grande, com mais de quatro metros e meio. Haviam portas e janelas em cada um dos cilindros, proporcionais aos seus tamanhos, assim como tendas, debaixo das quais havia comércio de alimentos e utensílios.

– A arquitetura deles é enigmática. – Disse Da'Far.

– Concordo. – Disse o doutor Horvat. – Qual é o sentido de construir casas triplas sendo que você só é capaz de habitar um terço dela?

– Segundo as pesquisas feitas da órbita, esse é um costume comum no planeta todo. – Explicou Shion. – Eles parecem residir na parte da casa compatível com sua altura, mas também foram registrados inúmeros casos de pessoas que estão fazendo faxinas e preparando as casas menores. Foi levantada a hipótese que talvez essas divisões menores fossem feitas para as crianças, mas como as crianças parecem residir com seus pais no cômodo médio, essa explicação não me pareceu plausível.

– E temos a questão das partes altas. – Disse Da'Far. – Elas parecem estar todas fechadas, como se estivessem abandonadas.

– Diversas teorias foram levantadas a respeito. – Continuou Shion. – Como a possibilidade de serem locais para os animais de estimação, para cerimônias religiosas ou templos aos entes falecidos, ou até mesmo moradia de outras espécies que já viveram aqui ou que visitam este planeta de tempos em tempos.

– Hipóteses interessantes. – Disse o doutor. – Se este planeta recebe visitas regulares de outras espécies tecnologicamente superiores, existe a possibilidade de que o evento festivo misterioso que está por vir seja, na verdade, a chegada desses visitantes. Isso também explicaria o porquê de muitos deles estarem preparando as divisões menores das casas, pois poderia ser uma espécie de baixa estatura.

– É possível. – Disse Shion. – Mas nossas sondagens em órbita não detectaram nenhum tipo de radiação ou rastro deixado por naves, nem mesmo vestígios de comunicações.

Os moradores da cidade caminhavam de um lado para o outro, conversando animadamente e comprando alimentos e roupas nas tendas ao longo do mercado. A maioria deles, ao ver os três exploradores, cumprimentava normalmente com a cabeça, mas em seguida olhava para a cintura de Da'Far e assumia a mesma expressão de aversão que o caminhante havia assumido anteriormente na estrada.

– Estou ficando preocupada. – Disse Shion. – Estamos atraindo muita atenção, e isso não é bom. Vamos seguir por uma rua menos movimentada até entendermos melhor a situação.

– Você não é bem-vindo! – Esbravejou um vendedor, apontando o polegar para Da'Far.

– Por aqui, acho que finalmente entendi o que está acontecendo. – Disse Shion, apontando uma rua estreita e sem movimento, à direita. Após andarem alguns metros, ela fez um sinal para que parassem e virou-se de frente para o tenente comandante Da'Far. – Seu cinto está afivelado do lado errado. – Continuou ela, ajudando-o a inverter a orientação do cinto para que ficasse igual aos demais. – É a única diferença que eu pude perceber, e talvez ela seja muito significativa para essa espécie, mesmo que para nós seja irrelevante.

– Ainda que seja isso, sugiro que nos afastemos desta parte da cidade. – Disse Da'Far.

– De acordo. – Disse Shion.

A primeiro oficial estava correta, pois dali em diante ninguém mais agiu com agressividade em relação à Da'Far. Assim, eles puderam observar melhor o comportamento dos nativos, caminhando em meio aos mercados e ouvindo conversas sobre os mais diversos assuntos. Em certo momento, separaram-se e seguiram por ruas diferentes, reencontrando-se duas horas depois, em uma pequena praça pouco movimentada no centro da cidade, onde sentaram-se ao lado de uma fonte de água.

– Parece cansado, doutor. – Comentou Shion.

– Embora seja muito interessante observar o comportamento de uma espécie desconhecida, estou ansioso para poder utilizar o tricorder e analisar sua fisiologia mais detalhadamente. – Disse Horvat.

– Tive a impressão que algumas pessoas ainda olhavam desconfiadas para mim. – Comentou Da'Far. – Embora ninguém tenha se manifestado verbalmente.

– Encontrei uma hospedaria há poucas quadras naquela direção. – Disse Shion, indicando uma rua a frente deles. – De lá poderemos fazer sondagens mais completas com nossos tricorders, além de examinar melhor o que pode estar chamando atenção em Da'Far.

– De acordo. – Disse Horvat, levantando-se. – Espero que essas pessoas tenham o costume de ter banheiras em suas hospedarias, sejam elas pequenas, médias ou grandes.

– A propósito. – Disse Shion, enquanto rumavam para a hospedaria. – Ouvi algumas conversas enquanto visitava uma feira de temperos e descobri que todos estão se preparando para a mudança de estação, que ocorrerá entre hoje e amanhã.

– Também ouvi algumas pessoas comentando sobre suas expectativas para o inverno que está por vir. – Acrescentou Da'Far.

– É estranho, pois conversei com o grupo de pesquisa ambiental e não há indícios de mudanças sazonais de temperatura. – Disse Shion. – E todos os habitantes que eu ouvi mencionaram que vão se mudar para as porções mais baixas das suas casas amanhã de manhã.

– E possível que esta seja uma espécie que hiberne. – Arriscou o médico. – Assim, estão se preparando com antecedência para a mudança climática, e as divisões mais baixas das casas podem ser projetadas para permitir maior conforto durante o período de hibernação.

– Não sei, tenho o pressentimento que está faltando uma informação importante. – Disse Da'Far. – Se eles realmente hibernam, por que então as casas possuem janelas, pequenas varandas e portas com batentes, por exemplo? Ainda, essa teoria não explica as partes altas das casas e nem o fato de que todas as roupas que eu vi a venda eram estranhamente curtas, incompatíveis com o clima frio.

– Ali está a hospedaria. – Apontou Shion.

Era uma construção tripla e cilíndrica, como todas as outras da cidade, tendo apenas o andar térreo em três alturas diferentes. A parede era recoberta por uma textura levemente áspera, de cor verde-acinzentada, com tapetes estendidos nas janelas e na frente da porta principal. Era possível ver que havia algumas pessoas hospedadas na porção de tamanho médio, mas também havia movimento na porção mais baixa, onde duas mulheres, desconfortavelmente curvadas, faziam uma faxina completa.

O homem no balcão notou os três tripulantes observando sua hospedaria e sorriu, cumprimentando-os e acenando para que entrassem. Ele era uma das pessoas mais velhas que o grupo já havia encontrado na cidade, e seu volumoso cabelo tinha um tom grisalho, tal qual o par de costeletas semelhantes às que Da'Far estava usando em seu disfarce.

– Boa tarde. – Cumprimentou Shion. – Gostaríamos de um quarto para duas noites.

– Boa tarde, viajantes. – Disse o velho, sorrindo amigavelmente. – Temos o costume de nos apresentar aqui em Lebomomo. Eu me chamo Ganobe, ao seu dispor.

– É claro, perdoe-me pela falta de educação, estamos cansados da viagem. – Disse Shion. – Eu me chamo Cebomo, e estes são meus irmãos Dafaro e Rorate. – A andoriana utilizou os nomes que haviam sido escolhidos pela linguista da nave por serem bastante comuns naquela região do planeta.

– Sejam bem-vindos à minha confortável e bem localizada hospedaria. – Disse Ganobe, fazendo uma curta reverência com a cabeça. – Nós não costumamos ter vagas de última hora, mas a maioria pessoas vai passar a virada com suas famílias, então aqui está. – Ele pegou uma chave arredondada na prateleira à sua esquerda, entregando-a para Shion. – Amanhã bem cedo podem me procurar na casa de inverno e eu lhes entregarei a chave para o outro quarto.

– Outro quarto? – Perguntou Horvat.

– Não pretendem ficar aqui na casa média, não é? – Perguntou Ganobe. – Ela será fechada assim que a estação mudar.

– Foi apenas uma brincadeira do meu irmão. – Disse Shion, ponto o braço sobre o ombro de Horvat. – É claro que nós vamos para o outro quarto amanhã.

O velho sorriu novamente e estendeu a mão, com a palma virada para cima, o que Shion interpretou corretamente como sendo um pedido de pagamento. Após dar as moedas, ela e os colegas seguiram para o quarto, localizado no final do único corredor da hospedaria. Uma vez lá dentro, Shion e Horvat sentaram-se nas camas e tiraram os sapatos de couro, descansando da caminhada. Da'Far, entretanto, permaneceu em pé junto à porta.

– Comandante. – Disse ele. – Peço permissão para avaliar o perímetro antes de nos acomodarmos. Tenho a impressão de que vi algumas pessoas fora da hospedaria olhando torto para nós, especialmente para mim.

– Permissão concedida. – Disse Shion. – Não custa termos um pouco de precaução, mas procure ser discreto e leve apenas o comunicador e o fêiser.

– Sim, senhor. – Falou Da'Far, saindo do quarto.

– Acha que Da'Far está correto em suas suspeitas? – Perguntou o doutor, tocando uma pequena lamparina de metal fixada na parede.

– Uma coisa que aprendi em meus anos como primeiro oficial e capitão: sempre leve a sério o instinto do seu oficial chefe da segurança. – Respondeu Shion.

– É justo, mas seria igualmente aconselhável que os oficiais comandantes levassem a sério as recomendações de seus oficiais médicos, algo que infelizmente não acontece com frequência. – Disse Horvat, examinando o quarto. – O banheiro parece pequeno, é improvável que tenha uma banheira.

– O banho não danificará nossa caracterização? – Perguntou Shion.

– Os implantes e a tinta não devem sair a menos que fiquemos várias horas sob forte chuva ou então passemos a tarde em uma piscina. – Explicou o médico. – Mas recomendo que retire a peruca, deve estar sufocando suas antenas.

– De fato. – Concordou Shion. – Se me permite, tomarei banho primeiro.

– É claro. – Disse Horvat, mexendo em sua bolsa e retirando o tricorder. – Vou aproveitar para fazer umas sondagens mais detalhadas nessa espécie.

Shion, sendo uma pessoa bastante prática e não estando totalmente à vontade antes do retorno de Da'Far, tomou seu banho em menos de cinco minutos e, quando saiu do banheiro, encontrou o doutor Horvat com uma expressão pensativa no rosto.

– Tenho más notícias. – Disse ele.

A andoriana nem teve tempo de perguntar quais eram as más notícias, pois naquele instante os dois ouviram vozes alteradas vindas da recepção da hospedaria.

– É ele! – Dizia uma voz enfurecida. – O assassino condenado! Eu o vi na entrada da cidade pela manhã, ele deve ter invertido o cinto para esconder sua identidade!

Shion e Horvat se entreolharam, apreensivos.

– Precisamos levá-lo aos policiais agora mesmo! – Disse outra voz, também alterada pela raiva. – Se ele foi capaz de fugir do mosteiro punitivo e adulterar sua identidade de maneira tão desprezível, deve ser um criminoso da pior espécie!

– Ele não estava sozinho! – Exclamou uma voz feminina. – Nós o vimos no mercado com outras duas pessoas, talvez eles também sejam assassinos condenados! Na certa são cúmplices de seus crimes!

Percebendo a situação que se iniciara, Shion examinou rapidamente o quarto e fez um gesto para que o médico a ajudasse a empurrar um armário para bloquear a porta. Em seguida, ela apontou para a janela e disse baixinho:

– Vamos correr pela rua lateral até encontrarmos um local para nos esconder. Então poderemos decidir nosso próximo passo.

– Segurem ele firme, rapazes! – Disse um dos homens, na recepção. – Nós vamos pegar os outros! Qual é o quarto deles, senhor Ganobe?

Enquanto Shion e Horvat pulavam a janela, puderam ouvir os passos de pelo menos quatro pessoas vindo em direção ao quarto, mas quando ouviram o baque do arrombamento da porta e do armário caindo, já estavam virando a esquina. Eles correram por quase cinco minutos, procurando um caminho que os levasse para longe do som dos perseguidores, preferindo as ruas escuras e pouco movimentadas, até que encontraram uma janela aberta em uma das partes altas das casas triplas. Assegurando-se que ninguém os observava e ajudando um ao outro, pularam para dentro da casa através da janela, que estava há quase dois metros do chão, fechando-a logo em seguida.

– Acho que já é hora de me contar a má notícia, doutor. – Disse Shion, em voz baixa. – Se vou elaborar um plano, quero ter todos os problemas em mãos.

– Só há um plano possível: contatar a Iguaçu e torcer para que nos resgatem. – Respondeu Horvat. – Do contrário, estaremos todos mortos até o amanhecer.

A andoriana, ainda com a respiração acelerada, arregalou os olhos diante do que Horvat disse.

– A Iguaçu estará fora do alcance para comunicações até depois de amanhã. – Disse Shion. – Teremos de encontrar outro meio de resolver essa questão.

– Creio que fui mal interpretado, pois não me referia à captura do nosso oficial chefe de segurança. – Disse o doutor, em tom grave. – E sim ao fato de que todos nós, incluindo Da'Far e os outros dois grupos avançados, seremos esmagados até a morte dentro de algumas horas.

– Explique. – Ordenou Shion.

– Creio que finalmente desvendei o mistério deste planeta. – Disse o médico. – Enquanto a senhora tomava banho, as rápidas análises que fiz da fisiologia dos nativos me fizeram perceber o que nos passou batido todo esse tempo. – Ele respirou fundo. – Comandante, as estações neste planeta não são como as que normalmente existem em planetas classe M. O inverno ao qual eles se referem não diz respeito a uma queda nas temperaturas, mas sim a uma mudança na própria gravidade do planeta. Percebi que os corpos deles, assim como das plantas e demais seres vivos desse planeta, é adaptado para suportar pelo menos duas variações significativas de gravidade, uma para mais e outra para menos. – Ele pegou o tricorder e mostrou alguns dados à Shion. – Inicialmente eu não entendi a razão para muitas coisas em sua estrutura física interna, mas agora vejo que elas são essenciais para a sobrevivência deles nos períodos onde a gravidade é alterada.

– Por isso as casas triplas. – Disse Shion, entendendo o raciocínio de Horvat.

– Exatamente. – Continuou o médico. – No momento estamos na estação onde a gravidade segue os mesmos padrões da maioria dos planetas habitados por humanoides, então eles vivem na parte da casa cuja altura é compatível com a nossa. No entanto, quando a gravidade passa a ser

menor, o corpo deles se adapta às mudanças e suponho que passem a morar nestas partes onde a altura excede os quatro metros.

– Eles estão preparando as casas menores. – Disse Shion, examinando a casa onde estavam, e seus móveis quase duas vezes altos do que o normal. – Significa que a adaptação deles ao inverno acarreta uma redução nas dimensões de seus próprios corpos, ou seja, a estação que está por vir representa um aumento considerável na gravidade, o que seria letal para nós.

– Sem o sistema de cartilagens, músculos e ossos dessas pessoas, seremos esmagados em questão de minutos. – Complementou o doutor.

– Confesso que não sei a origem dessa variação gravitacional. – Disse Horvat. – Mas o meu tricorder registrou uma leve variação durante o tempo que estivemos aqui, o que reforça minha teoria.

– Enquanto nos preparávamos para vir, o capitão disse que haviam detectado uma singularidade gravitacional oscilante. – Disse Shion. – Ela certamente é a responsável pelas mudanças sazonais na gravidade deste sistema.

– Existe alguma chance de nos comunicarmos com a Iguaçu a tempo? – Perguntou o médico.

– Talvez. – Disse Shion. – Deixe-me pensar um pouco, enquanto isso, sonde pelos sinais do subcomandante Da'Far. Precisamos descobrir onde ele está.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos, durante os quais Shion adotou uma postura meditativa e Horvat utilizou o tricorder para rastrear a posição exata de

Da'Far, que estava em algum ponto dois quilômetros a leste do esconderijo deles.

– Não me sobraram muitas opções, então minhas ordens não serão agradáveis. – Disse Shion, levantando-se e tocando em seu comunicador. – Atenção grupos avançados 1 e 2, aqui fala a comandante Shion.

– *Grupo 1 na escuta, senhor.* – Ouviu-se uma voz pelo comunicador.

– *Grupo 2 também na escuta.* – Disse outra voz.

– Não entrei em contato para solicitar seus relatórios preliminares, mas sim para lhes dar uma notícia delicada e ordens que preferia não ter que dar. – Disse Shion, em tom solene. – O doutor descobriu que este planeta é afetado pela singularidade gravitacional oscilante que nossos colegas partiram para estudar. Para nós, isso infelizmente significa que a gravidade aumentará nas próximas horas a ponto de nos levar a morte. Diante disso, ordeno que cada grupo inicie imediatamente a montagem de um amplificador de sinal, utilizando o que quer que tenham em mãos, para que possamos tentar enviar um pedido de socorro à Iguaçu. – Ela respirou e continuou. – Além disso, cada grupo deverá programar a sobrecarga de um fêiser para 12h a partir de agora. Se não conseguirmos um resgate a tempo, é nosso dever cumprir a Primeira Diretriz e apagar qualquer evidência de nossa presença no planeta, incluindo nossos próprios corpos.

Após um instante de silêncio, os tripulantes dos grupos avançados responderam:

– *Sim, senhor.* – Disse um deles.

– *Sim, senhor.* – Disse o outro.

– Se precisarem nos contatar, chamem pelo doutor Horvat. – Disse Shion. – Eu estarei ocupada nas próximas duas horas e não poderei utilizar o comunicador. Shion desliga.

– E agora? – Perguntou o médico.

– Fique aqui e mantenha um canal aberto com os outros grupos avançados. Enquanto isso, irei até onde Da'Far está e o resgatarei. – Respondeu Shion. – Também preciso que o senhor deixe seu fêiser programado para uma sobrecarga.

– Compreendo. – Disse Horvat, sem demonstrar tristeza ou medo. – Boa sorte.

Shion deixou sorrateiramente a casa, esgueirando-se pelas ruas escuras até o local onde o tricorder indicava a posição do comunicador de Da'Far. A andoriana levou menos de quinze minutos para alcançar o que parecia ser uma construção fortificada da polícia local, com muros de mais de dez metros de altura, possivelmente projetados para conter os nativos até mesmo na estação em que a gravidade era reduzida. Além do sinal vital do tenente comandante, Shion registrou pelo menos noventa nativos dentro da construção, a grande maioria delas aglomerada nas proximidades do portão principal.

Ela se agachou atrás de uma grande caixa de lixo, na sombra do beco que ficava em frente ao portal de entrada da construção fortificada, ponderando a melhor forma de executar o resgate. Contudo, suas opções eram poucas, e a grande maioria envolveria confronto com os nativos, algo que ela queria evitar a todo custo, pois caso eles fossem seguidos por uma multidão de perseguidores, não

haveria como permanecerem ocultos na casa onde Horvat estava.

Foi então que seu tricorder captou um disparo contínuo de fêiser, oriundo do cômodo onde Da'Far estava. Em seguida, o sinal do comunicador dele passou a registrar movimentos, incialmente horizontais e depois verticais, indicando que, de algum modo, o tenente comandante havia conseguido escapar e estava buscando uma saída pelo telhado. Shion se levantou, com intenção de antecipar seus movimentos e se encontrar com ele no ponto em que deixaria a construção fortificada, mas, poucos segundos depois, constatou a movimentação dos nativos, podendo ouvir seus gritos de "ele escapou". Então ela pensou rápido, certificou-se de que não havia ninguém observando, e disparou com seu fêiser na tranca metálica do portão principal, o suficiente apenas para aquecê-la a ponto de dificultar a saída dos baomates. Com isso, ela ganhou algum tempo e foi capaz de seguir o sinal de Da'Far, interceptando-o na face norte da muralha, onde, habilmente, ele descia por uma corda.

– É uma satisfação vê-lo, subcomandante. – Disse Shion, auxiliando-o no final da descida. – Mas é imperativo que deixemos este lugar imediatamente.

– De acordo, senhor. – Assentiu Da'Far, e os dois começaram a correr, constantemente monitorando o tricorder para garantir que estavam se distanciando dos perseguidores e dos curiosos que estavam acordando e espiando a movimentação de suas janelas. Assim, levaram mais tempo para retornar ao ponto onde o médico estava, tendo

que percorrer um caminho consideravelmente maior do que o que Shion percorrera inicialmente.

– Devo admitir que os senhores me surpreenderam. – Falou Horvat aos colegas, quando eles entraram na casa. – Acreditei que essa operação de resgate seria um desafio muito maior, e que a esta altura possivelmente estaríamos cercados de baomates enfurecidos.

– Todo crédito ao senhor Da'Far. – Disse Shion, apontando para o chimarrita. – Ele empreendeu fuga completamente sozinho. Tudo o que eu fiz foi bloquear o portão principal para atrasar a saída do grupo de perseguidores.

– A prisão deles era ineficiente, não foi difícil escapar. – Explicou Da'Far. – Eles me puseram em uma pequena cela provisória, onde havia um penico, uma pequena cama de madeira, um copo e uma colher. Eles nem sequer me tomaram o cinto! Isso foi suficiente para que eu conseguisse arrombar a tranca da cela, tão logo o carcereiro deixou a sala para se juntar aos seus compatriotas inflamados. Depois, neutralizei dois guardas para ter acesso a outra sala, na qual obtive uma corda e recuperei meu comunicador e meu fêiser, que logo em seguida utilizei para cortar o gradil de uma janela, possibilitando uma fuga pelo parapeito.

Horvat e Shion se entreolharam espantados, mas logo a euforia gerada pela adrenalina do resgate e pelo relato de Da'Far diminuiu, tornando-se minúscula diante do imenso problema que permanecia sem solução. Ao ser informado da iminente mudança de estação gravitacional que o planeta sofreria dentro das próximas horas, culminando na morte de todos, o chefe de segurança apenas respirou fundo e disse:

– Se nossa única esperança é o resgate, sugiro que concentremos nossos esforços em auxiliar o grupo avançado que está no hemisfério norte. Eles carregam mais instrumentos com componentes úteis para construção de um emissor de sinal de socorro de longo alcance, além e estarem numa posição que aumentaria a eficiência do sinal.

– De acordo. – Disse Shion. – Execute.

Utilizando os comunicadores, os três, além e todos os demais tripulantes que estavam no planeta, mantiveram contato com o grupo avançado no hemisfério norte, cada qual contribuindo com conhecimento e ideias para improvisar um emissor de emergência que fosse potente o suficiente para contatar a USS Iguaçu. No entanto, a tarefa parecia mais difícil a cada minuto, pois definitivamente não haviam todas as peças e nem mesmo as ferramentas necessárias para concretizar o feito.

– Minha cabeça está doendo. – Disse Shion, recostando-se em um armário.

– A minha também, e infelizmente não é apenas pelo estresse de tentar realizar uma tarefa impossível. – Disse Horvat, com uma expressão de dor e cansaço. – De fato, já estamos sentindo os primeiros sinais da alteração gravitacional. Acredito que não levará mais do que uma hora, talvez uma hora e meia, até que este planeta se torne fatal para nós.

– Shion para grupos avançados. – Chamou Shion, tocando em seu comunicador. – Não temos muito tempo, mas peço que continuem tentando até o fim. Enquanto este planeta não esmagar meus pulmões, não desistirei e nem farei discurso de despedida.

– Isso não será necessário, comandante! – Disse Da'Far, que estava utilizando um tricorder para monitorar as variações na atmosfera do planeta. – Uma nave acaba de sair de dobra na órbita do planeta. É a Iguaçu.

Horvat e Shion sorriram aliviados.

– *Vernon para comandante Shion.* – Ouviu-se a voz do capitão pelo comunicador da primeiro oficial. – *Como vocês estão?*

– Vivos e bem, senhor, por enquanto. – Respondeu ela. – Mas por favor, nos tire daqui!

Mais tarde, na segurança da sala de reuniões da USS Iguaçu, Shion e os demais oficiais graduados observaram atentamente a alteração gravitacional que ocorria no planeta, bem como as impressionantes adaptações das formas de vida nativas ao fenômeno. Foi esclarecido que a nave retornou mais cedo do estudo da singularidade gravitacional em decorrência de uma recomendação da comandante Chelaar, que identificou possíveis desdobramentos do fenômeno nos sistemas estelares vizinhos, assumindo que eles poderiam acarretar consequências severas para os grupos avançados presentes no planeta. Não imaginavam, no entanto, que tal evento fosse periódico e parte importante do ecossistema nativo e da sociedade baomate, fato este que proporcionou mais dois dias de estudos excitantes e sem precedentes, antes que a nave partisse novamente em sua rota pela galáxia de Cão Maior.

Episódio 4

Incursão cruzada

Após a breve estadia em órbita do curioso planeta dos baomates, a USS Iguaçu deixou aquele sistema e seguiu seu curso em direção a uma nuvem molecular classe LL. Boa parte da divisão de ciências e alguns tripulantes de outras áreas se manteriam ocupados por toda a viagem, mas alguns poderiam se dar ao luxo de um breve descanso. O capitão Vernon, no intuito de aprofundar a relação com seus colegas, convidou a comandante Shion e o conselheiro Nhefé para um jantar em seus aposentos, preparando-lhes um prato tradicional feito com frango e abóbora. O conselheiro, embora evitasse aglomerações e comemorações, parecia sentir-se à vontade em ambientes mais reservados.

– Sempre apreciei a culinária terráquea. A mistura de sabores é muito rica, diferente de qualquer prato típico de meu planeta natal. – Comentou Nhefé, adicionando molho agridoce à sobrecoxa de frango. – Em Veniáth Cyrnóa, cada refeição tem apenas um sabor, incluindo as bebidas.

– Então se a comida é salgada, a bebida também o é? – Perguntou Shion.

– Exato. – Respondeu Nhefé. – E esta é uma tradição levada a sério, principalmente pelos mais velhos. Lembrome que dois dias após meu aniversário de quinze anos, mi-

nha avó me encontrou bebendo uma bebida amarga enquanto comia a refeição doce, exigindo que meu pai me punisse severamente.

– Se me permite a pergunta, conselheiro, qual era a roupa que sua avó vestia nesse dia? – Perguntou o capitão Vernon.

– Ela vestia uma blusa de entreconto marrom, com ombreiras esverdeadas, uma calça larga dourada e sandálias parómã extremamente bregas. – Respondeu Nhefé, sorrindo.

– A memória dos venianos é impressionante. – Disse Vernon, servindo suco de maçã em sua taça. – Quando soube que o conselheiro do ex-presidente Kim havia se candidatado à vaga na Iguaçu, tive certeza de que o escolheriam sem hesitar. Afinal, poucos na Frota Estelar tem tanta bagagem, e a maioria deles não consegue lembrar dela de maneira tão precisa quanto o senhor.

– Se conhece a fama de nossa memória, deve conhecer também a fama, merecida, de nosso "pessimismo". – Sorriu Kómóg Nhefé. – Dezesseis espécies do quadrante alfa utilizam a expressão "conselho de veniano" com o significado de mau agouro.

– Não os humanos. – Retrucou o capitão Vernon, levantando o garfo. – E certamente não nesta nave.

– Os andorianos, tampouco. – Acrescentou Shion. – Na verdade, admiramos sua forma de lógica, pois lhes permite ver mais possibilidades do que a maioria de nós.

– Acreditem, eu vejo inúmeros desdobramentos desfavoráveis para quase tudo que é feito ao meu redor. – Continuou Nhefé. – Mas, com o tempo, aprendi a compartilhar apenas o necessário.

– Eu aceitaria se compartilhasse a travessa de abóboras comigo, conselheiro. – Sorriu Shion.

– Aqui está, comandante. – Disse Nhefé, alcançando a travessa à Shion. – Vejo que aprecia a culinária humana tanto quanto eu.

– Ela é uma legítima terráquea. – Disse Vernon. – Nascida na Antártida, se bem me lembro. Ainda é a maior colônia andoriana fora do sistema de Andoria, certo?

– Sim, senhor. – Respondeu Shion, assentindo com a cabeça.

– Eu nasci e cresci a bordo da USS Hisaishi, na fronteira do espaço cardassiano. – Disse o capitão Vernon. – Meu pai me levou à Terra pela primeira vez quando eu tinha seis anos de idade.

– Uma andoriana terráquea. – Disse Nhefé, sorrindo para Shion. – A união de duas das culturas mais tenazes e determinadas que já conheci. Não me surpreende que a senhora tenha feito o que fez para estar presente nesta missão.

O capitão Vernon olhou para Shion, mas ela não pareceu aborrecida com o comentário.

– Desde que eu era uma garotinha eu sempre quis deixar minha marca na história. – Disse ela, com uma expressão nostálgica. – Mas como a Federação é composta de inúmeros mundos e culturas, é natural que existam milhões de pessoas proeminentes, gênios, conquistadores, líderes

etc. Logo, é impossível que conheçamos a todos, sendo também natural que apenas aqueles com feitos realmente grandiosos ou inéditos sejam conhecidos e lembrados pela grande maioria das pessoas.

– Pessoas como Archer e Pstntkf. – Acrescentou Nhefé.

– Exatamente. – Continuou Shion. – É claro, nós, oficiais superiores da Frota Estelar, conhecemos inúmeros capitães inspiradores, assim como tenho certeza que o doutor Horvat conhece dezenas de grandes médicos. Mas duvido que um cidadão comum de Andoria saiba quem foi o capitão Maicá, mesmo ele tendo sido a terceira pessoa que mais fez primeiros contatos na história da Frota.

– Entendo seu ponto, comandante. – Disse Vernon. – Mas a senhora já conseguiu um feito impressionante ao se tornar a mulher mais jovem a comandar uma nave estelar. Suponho que isso seja o suficiente para colocá-la em um patamar de destaque, mesmo entre os grandes capitães que fizeram história na Frota Estelar.

– Sim, e me orgulho muito disso. – Disse Shion. – Mas este é um recorde que poderá ser quebrado indefinidamente. Todavia, estar presente na primeira missão intergaláctica da Frota é uma oportunidade que só aparece uma vez, e eu estaria nela mesmo que precisasse pedir rebaixamento a alferes. – Ela falava com muita convicção e sinceridade. – De fato, embora eu preferisse a posição de capitão, com todo respeito senhor, vejo a minha escolha pelo rebaixamento como um acréscimo interessante à minha biografia.

– Admiro sua determinação em seguir seus sonhos, comandante. – Disse o capitão. – Mas admiro ainda mais a forma ética e irrepreensível com que tem servido como meu imediato, mesmo não sendo exatamente o seu desejo inicial.

– Obrigada, senhor. – Disse ela. – Saiba que não é de meu feitio guardar mágoas ou ressentimentos de nenhum tipo. Se estou aqui, na posição em que estou, eu estou feliz e a honrarei, cumprindo com minhas obrigações da melhor maneira que eu puder.

Vernon ergueu a taça, cumprimentando Shion.

– Estou impressionado, comandante. – Disse Nhefé, também levantando a taça. – Mas esta conversa também me deixou curioso para saber quais foram as motivações do nosso digníssimo capitão.

Vernon fez silêncio, encarando o prato por alguns instantes.

– Eu cresci a bordo de uma nave estelar, viajando em velocidades incríveis, visitando mundos e conhecendo centenas de espécies e culturas, estudando sobre tecnologia, fenômenos cósmicos, política interestelar e história. – Começou Vernon, brincando com sua taça. – Mas sempre tive grande curiosidade e admiração pelos antigos desbravadores, de todas as épocas, que se lançavam ao completo desconhecido, indo aonde ninguém jamais havia ido. A medida que eu amadurecia, passei a perceber que nós vivíamos em uma época onde praticamente tudo ao nosso alcance já fora descoberto. – Ele virou o olhar para um quadro de uma nave muito antiga, pendurado na parede atrás de

Nhefé. – Temos fronteiras definidas, fenômenos catalogados e uma sociedade estável. Nós conseguimos deixar a galáxia pequena, de certa forma, e agora as oportunidades de explorar o desconhecido se limitam a viagens absurdamente longas aos outros quadrantes da galáxia ou então à invasão de territórios hostis, como os da Assembleia Tholiana. Assim sendo, quando soube da missão Cão Maior e da possibilidade de me tornar um verdadeiro desbravador do desconhecido, minha alma aventureira despertou novamente e eu não pude resistir.

– Um brinde aos descobridores. – Disse Nhefé, levantado a taça. – Que nossas biografias sejam tema de estudo por séculos!

Vernon e Shion levantaram as taças, rindo.

No dia seguinte, os sensores da nave detectaram uma singularidade de aproximadamente seiscentos milhões de quilômetros de diâmetro, emitindo diversas partículas intrigantes e uma radiação desconhecida. Para estudar o fenômeno, o capitão Vernon ordenou que a nave se aproximasse a uma distância segura e lançasse uma série de sondas, as quais ora desapareciam, atraídas pela gravidade, ora voltavam com as mesmas informações já captadas pelos sensores principais.

– Se queremos respostas satisfatórias sobre essa singularidade, nossa única alternativa é a aproximação. – Disse Chelaar, examinando os monitores em sua estação.

– Qual é a chance de sermos puxados para dentro? – Perguntou Shion.

– É bastante alta. – Respondeu Chelaar. – Mas, com os escudos levantados, poderemos nos aproximar um milhão de quilômetros a mais do que as sondas, multiplicando a eficiência dos nossos sensores.

– Não sabemos nada sobre essa radiação. – Disse Nhefé ao capitão. – Pode ser perigoso se nos aproximarmos demais.

– Alferes Kwa, nos leve para quinhentos mil quilômetros além da posição da última sonda que retornou intacta, um quarto de impulso. – Disse o capitão. – Quero descobrir o máximo sobre essa singularidade, mas não pretendo empreender uma aproximação maior até que tenhamos certeza dos riscos. – Ele se ajeitou em sua cadeira. – Subcomandante Da'Far, escudos ao máximo. Acionar.

A USS Iguaçu se aproximou cada vez mais da singularidade, sem obter quaisquer leituras conclusivas sobre sua natureza. Os resultados das sondagens indicavam apenas que a radiação emitida por ela era inofensiva, e que as partículas não alteravam o subespaço o suficiente para oferecer perigo. Assim, levando em conta também que a atração gravitacional era estável, o capitão autorizou uma série de aproximações com intervalos de meia hora, seguindo os protocolos para estudos desse tipo de fenômeno.

Por fim, tendo reunido informações suficientes, e percebendo que não haveria como continuar sem arriscar demasiadamente a segurança da nave e da tripulação, Vernon ordenou que se afastassem da singularidade, em força de impulso.

– Sem efeito, capitão. – Disse Kwa, após acionar os motores de impulso. – Não nos movemos nem mesmo um centímetro.

– Comandante Chelaar, explique. – Disse o capitão.

– Não posso, senhor. – Respondeu a tellarita, ligeiramente tensa. – Embora nossos motores estejam funcionando perfeitamente, não produzimos deslocamento algum. É como se nossa propulsão estivesse tendo o efeito contrário, nos fixando ainda mais à esta camada da singularidade. – Ela hesitou. – Estamos encalhados.

– Seria seguro nos afastarmos em dobra? – Perguntou Shion

– Teoricamente sim, não há nenhum elemento impeditivo para a criação de um cambo de dobra estável. – Respondeu Chelaar.

– Neste caso, tire-nos daqui em dobra 2, alferes. – Disse o capitão, olhando para a tela. – Acionar.

A nave toda sofreu um violento solavanco, faíscas saíram de vários consoles e um barulho metálico ecoou pela ponte.

– Alerta vermelho. – Ordenou o capitão, segurando-se em sua cadeira. – Relatório de danos, quero saber o que aconteceu!

– Nenhum ferido, senhor. – Informou Da'Far. – Os escudos aguentaram, mas caíram a 93%.

– Estamos sendo puxados para a singularidade, senhor, colisão com o centro de massa em vinte segundos! – Disse Chelaar, exaltada. – Nosso campo de dobra está sendo atraído como um ímã!

– Parada total! – Ordenou a comandante Shion.

– Sem efeito, senhor! – Disse Kwa.

– Ponte para engenharia! – Chamou o capitão, com urgência. – Precisamos de uma parada total agora!

– Cinco segundos, senhor! – Disse Chelaar, aflita.

Então, sem explicação, a nave parou. A tela principal não mostrava nenhuma singularidade, mas sim o espaço aberto, com estrelas visíveis ao longe. Os tripulantes se entreolharam, confusos e aliviados, mas a tranquilidade durou apenas alguns instantes e logo a nave chacoalhou novamente.

– Estamos sob ataque, senhor! – Exclamou o tenente Rose, do posto tático.

– Impacto direto nos escudos traseiros. – Informou Da'Far. – Escudos a 80%.

– Na tela! – Ordenou o capitão.

Uma dúzia de naves amareladas, com formato alongado e naceles de dobra arredondadas e horizontais, atirava incessantemente na direção da USS Iguaçu.

– Força auxiliar para os escudos. – Disse Vernon. – Subtenente Naggi, abra um canal para a nave líder e pergunte por que nos atacam. Não pretendo abrir fogo contra eles a menos que seja inevitável.

– Apenas ruído, senhor. – Disse a Giulia.

– Escudos a 65%. – Alertou Da'Far.

O capitão balançou a cabeça negativamente.

– Tenente Rose, disparar fêiseres. Mire nos sistemas de armas. – Disse o capitão, levantando-se de sua cadeira.

Nesse instante, porém, as naves hostis cessaram seu ataque e entraram em dobra, sumindo de vista.

– Alguém, por favor, tem alguma ideia do que acabou de acontecer? – Perguntou o capitão, sentando-se.

Após alguns segundos de silencio, durante os quais a tripulação da ponte absorvia o ocorrido, Kwa disse:

– Senhor, estamos perdidos.

– Perdidos? – Disse o capitão.

– Não há sinais da singularidade, de nenhuma estrela ou ponto conhecido em nosso sistema de navegação. – Explicou ela. – É impossível determinar em que ponto do universo estamos.

– Ponte para astrometria. – Chamou o capitão. – Qual é a nossa posição?

– *Desconhecida, senhor.* – Respondeu Solek, a vulcana chefe da astrometria. – *Este espaço não corresponde a nenhum dos mapas estelares que possuímos, tampouco condiz com o mapeamento que temos feito de Cão Maior.*

– Obrigado, tenente. Shion, Chelaar e Nhefé, me acompanhem. – Disse o capitão, indo em direção à porta da sala de reuniões. – Da'Far, a ponte é sua.

Sem dizer nenhuma palavra, o chefe de segurança deixou seu posto e assumiu a cadeira do capitão. Logo em seguida, na sala de reuniões da ponte, os oficiais convocados pelo capitão ocuparam seus lugares e passaram a avaliar a situação em que se encontravam.

– Fomos atacados por uma frota desconhecida e não temos a menor ideia de onde estamos. – Disse Vernon, tamborilando os dedos na mesa. – Francamente, nada disso me agrada.

– Talvez a singularidade fosse uma espécie de fenda espacial instável, nos transportando para algum ponto desconhecido de Cão Maior ou até mesmo de outra galáxia. – Especulou Shion.

– Ou talvez ainda estejamos dentro da singularidade. – Disse Chelaar. – Existem diversas teorias sobre microespaços contidos em singularidades blindadas hipermassivas.

– São teorias interessantes, mas ainda assim não ajudam a esclarecer por que fomos atacados de maneira tão repentina e estranha. – Disse o capitão. – Nem como faremos para encontrar a singularidade novamente, se é que ela seria capaz de nos levar de volta ao nosso ponto de partida em Cão Maior.

– Embora haja uma possibilidade altíssima de fracasso, creio que nossa única opção é tentar contato com a espécie que nos atacou. – Disse Nhefé, sério. – No improvável caso de nos derem ouvidos, teríamos mais respostas do que se passássemos um ano deliberando entre nós mesmos.

– De acordo. – Disse Vernon. – Partiremos assim que os reparos estiverem concluídos.

A nave havia sofrido poucos danos durante o ataque e o mergulho na singularidade e, em menos de uma hora, os escudos foram levantados e eles iniciaram a busca pelas naves alienígenas. No início, o rastro de todas seguia a mesma direção, mas, a partir de certo ponto, uma a uma, elas pareciam ter tomado outros rumos.

– Qual rastro seguiremos, senhor? – Perguntou Kwa.

– O que me diz, imediato? – Perguntou Vernon a Shion.

– Sugiro extrapolarmos a direção original da frota. – Respondeu ela.

– Senhor, captei uma assinatura de energia no rumo 132 marco 54. – Disse Chelaar. – Parece ser originária de uma ruptura de um reator de dobra.

– Neste caso, sugiro que investiguemos. – Disse Shion, movendo as antenas. – Se houver sobreviventes, mesmo que em módulos de fuga, nossa ajuda poderá ser de grande valia para o estabelecimento de uma relação amigável com esta espécie.

– De acordo. Srta. Kwa, marque um curso, dobra 9. – Disse o capitão. –Acionar.

Eles seguiram em direção à assinatura de energia por mais de uma hora, período no qual ela foi se tornando gradualmente mais fraca até que, inesperadamente, desapareceu.

– Como é possível que a assinatura da explosão de um reator de dobra desapareça à medida que nos aproximamos de sua fonte? – Perguntou Shion.

– Não sei explicar, senhor. – Disse Chelaar. – Mas isso permitiu que notássemos a presença de uma nave nas mesmas coordenadas da explosão. Já está em alcance visual.

– Na tela. – Disse Vernon.

A nave era semelhante as naves que os haviam atacado, amarelada e alongada, com as naceles de dobra horizontais e arredondadas, embora fosse um pouco menor.

– A nave alienígena está seriamente danificada, senhor. – Disse Da'Far. – O reator de dobra deles apresenta

sinais de degradação causada por choque inercial de antimatéria.

– Subtenente Naggi, abra um canal. – Disse o capitão.

– Canal aberto, senhor. – Disse Giulia.

– Aqui é o capitão Víbio Vernon, da Nave Estelar da Federação Iguaçu. – Disse ele. – Notamos que sua nave está correndo perigo iminente e oferecemos ajuda.

– Sem resposta, senhor. – Disse Giulia.

– A nave deles abriu fogo. – Alertou Da'Far. – Mas suas armas são incapazes de atravessar nossos escudos.

Assim que o tenente comandante falou isso, os escudos caíram.

– Senhor! – Disse a alferes Harman. – Houve um transporte não autorizado na engenharia.

– Intrusos? – Perguntou Vernon.

– Não, senhor. – Continuou ela. – O comandante Hashimoto foi transportado para a nave alienígena.

– Eles levantaram os escudos, capitão. – Informou Da'Far. – Mas estão mantendo posição.

– Alerta vermelho. – Disse Vernon. – Quero saber por que nossos escudos caíram e quero eles de volta agora mesmo! Alferes Kwa, esteja pronta para iniciar uma perseguição caso eles entrem em dobra, ou manobras evasivas caso eles nos ataquem. Tenente Rose, trave os fêiseres e os torpedos fotônicos. O senhor está autorizado a disparar nos motores e sistemas de armas ao meu comando. Subtenente Naggi, mantenha um canal aberto e transmita uma saudação contínua, exigindo explicações pelo ataque e a liberação imediata do comandante Hashimoto.

– Sim, senhor. – Responderam os triupulantes.

O comandante Emilian Hashimoto estava em seu posto, na engenharia, iniciando um diagnóstico para descobrir a razão pela qual os escudos haviam caído, quando foi transportado, de súbito, diretamente para a ponte da nave alienígena. Ela tinha um formato perfeitamente cúbico, com o acabamento inteiramente cromado, incluindo não mais do que cinco estações de trabalho e igual número de pessoas, de duas espécies diferentes, utilizando uma espécie de camisola negra.

Uma delas era mais baixa, com rosto quadrados e pele escamosa, apenas três dedos em cada mão e um tufo de cabelo marrom no topo da cabeça. A outra era careca, incrivelmente gorda, com mãos e braços compridos e várias camadas de bochechas. Um deles apontava uma arma estranhamente pontiaguda na direção da testa do engenheiro. Todos os tripulantes da ponte pareciam furiosas, gritando coisas como "você condenou a todos nós", "você explodirá juntamente com sua nave". Um dos alienígenas, que parecia ser o capitão, aproximou-se dele e disse "vá e diga ao seu capitão que logo ele terá que enfrentar uma frota inteira e vocês sofrerão torturas terríveis pelo que fizeram à minha tripulação".

Em seguida, dois dos alienígenas escamosos pegaram Hashimoto com brutalidade e o arrastaram para fora da ponte. O humano tentava dialogar, explicando que haviam entrado naquela parte do espaço por engano, e que não haviam feito mal algum ao seu povo. Contudo, nada do que ele dizia parecia fazer algum sentido para os alienígenas, assim como nada do que eles diziam fazia sentido

para ele. Logo os seguranças o deixaram na engenharia da nave, diante de um reator de dobra nitidamente comprometido, com vários tripulantes horrorizados ao seu redor.

Na ponte da USS Iguaçu, os tripulantes discutiam sobre o que havia acontecido e procuravam uma forma de resgatar o comandante Emilian Hashimoto.

– Qual é a situação, subtenente Naggi? – Perguntou o capitão Vernon, inquieto.

– Nada, senhor. – Disse Giulia. – Há algo que impede um contato eficiente, mesmo com o canal aberto. Algum tipo de ruído subespacial.

– Não é apenas isso, capitão. Estamos obtendo leituras anômalas da nave e também do espaço e do subespaço. – Disse Chelaar. – Desde que passamos pela singularidade, constatei o que pareciam ser inúmeros defeitos em todos os conjuntos de sensores. No princípio, achei que tinham sido afetados pela radiação, mas temo que eles estejam fazendo leituras corretamente.

– Se os sensores não estão com defeito, então o próprio espaço é que está? – Perguntou Shion, levantando uma sobrancelha.

– Eu não diria “com defeito”. – Disse Chelaar. – Mas sim “diferente”.

– Capitão, o reator deles se estabilizou. – Disse Da’Far. – A nave não corre mais risco imediato de explosão em caso de impactos diretos.

– E, consequentemente, o comandante Hashimoto também não. – Disse Shion para o capitão.

– Tenente Rose, dispare os fêiseres contra o gerador de escudos deles. – Disse Vernon. – Ponte para sala de transportes 1. Tenente Alfredsson, assim que conseguir uma trava, transporte o comandante Hashimoto para a ponte. Não vou abrir mão de meu engenheiro-chefe.

Na engenharia da nave alienígena, o engenheiro-chefe da USS Iguaçu tentava se comunicar com seus raptores da melhor forma que podia.

– Quer que eu conserte isso? – Perguntou Hashimoto, após levar um soco nas costas. – É claro que eu ajudo, mas não precisam me bater, eu não sou mais o jovem forte e resistente de outrora.

O engenheiro começou a mexer no console e, embora não compreendesse a linguagem daquelas espécies, sua experiência o guiava quase sem falhas.

– Identifiquei o problema: houve um rompimento físico entre os controles de reação e o injetor de antimatéria. – Explicou ele. – A solução é muito simples, basta redirecionarmos um controle secundário e diminuirmos a intensidade da reação. Terei que utilizar o que eu chamo de soldagem de improviso, mas aviso que não é algo que vocês possam reverter com muita facilidade, embora garanta que vocês permaneçam seguros até que a ajuda chegue.

Ele abaixou-se, abrindo um anteparo e iniciando a o conserto. Para sua surpresa, os dois seguranças saíram apressados da sala, deixando apenas ele e os demais tripulantes alienígenas, todos com expressões bastante amedrontadas.

– Não há o que temer. – Disse ele, levantando-se e alterando a intensidade da reação do núcleo pelo console. – Eu já consertei coisas muito mais difíceis em situações bem piores. Certa vez, na Estação Espacial Signor AM, fomos atingidos por uma nuvem de energia flutuante, durante um ataque nausicano. Todos nós estávamos com metade do corpo paralisado, e eu precisava recuperar os controles ambientais antes que um gás venenoso se espalhasse por metade da estação. Tive menos de um minuto, mas se não fosse minha perspicácia em descobrir que a origem da nuvem de energia flutuante era o próprio cruzador inimigo, jamais teríamos enviado aquele feixe de quáions e mais de mil e quinhentas pessoas teriam morrido. – Ele limpou a testa suada com a manga da camisa. – Pronto, seu reator está operacional novamente.

Uma alienígena escamosa, à esquerda de Hashimoto, levantou rapidamente a mão e apertou um botão quadrado na parede cromada ao seu lado. A sirene de alerta que estava ecoando pela nave cessou imediatamente, mas todos permaneciam com expressões bastante assustadas.

– Meu nome é Emilian Hashimoto. – Disse ele, numa última tentativa. – Garanto a vocês que minhas intenções são as melhores possíveis. Sou engenheiro-chefe da nave estelar da Federação Iguaçu, e nossa missão é explorar novos mundos e fazer contato pacífico com novas civilizações, como a sua.

Nesse instante, enquanto todos arregalavam os olhos e viravam seus rostos, o comandante foi transportado de volta à USS Iguaçu, diretamente para a ponte.

– O que aconteceu? – Perguntou o engenheiro, aliviado por estar de volta à nave certa.

– Tentamos contato exaustivamente e sem sucesso. – Respondeu o capitão Vernon. – Então, disparamos nos geradores de escudos da nave alienígena e conseguimos transportá-lo durante a fração de segundo que os escudos deles caíssem.

– Poderia nos contar o que aconteceu a bordo da nave alienígena? – Perguntou Shion.

– É claro, comandante. – Respondeu Hashimoto e, em seguida, descreveu os alienígenas e seu comportamento incompreensível, bem como os eventos ocorridos na ponte e na engenharia de sua nave.

– Senhor, a nave alienígena está dando meia volta. – Alertou Rose.

– Alferes Kwa, iguale velocidade e curso, ainda não desisti deste primeiro contato. – Disse o capitão. – O comandante Hashimoto pode ter deixado uma boa impressão e nós vamos nos aproveitar disso.

– Improvável... – Comentou Nhefé, parecendo absorto em pensamentos.

– Conselheiro? – Falou o capitão, estranhando o comentário.

– Perdão capitão, eu estava apenas pensando em voz alta. – Explicou-se Nhefé. – Não foi minha intenção criticar o comandante Hashimoto. Contudo, estou examinando a situação e, se eu estiver correto, esses alienígenas jamais farão contato novamente conosco e em breve nos depararemos com uma nova singularidade idêntica à que nos trouxe aqui.

O capitão Vernon ergueu as sobrancelhas.

– Gostaria de entender melhor seu raciocínio, conselheiro. – Disse ele.

– Em breve, capitão. – Disse Nhefé.

– Capitão, a nave alienígena mudou de direção abruptamente. – Informou Kwa.

– Senhor. – Chamou Chelaar, soando muito surpresa. – Os sensores captam uma singularidade à nossa frente, idêntica à que estudávamos antes de entrar nesta região do espaço.

Todos olharam para o conselheiro Nhefé, que sorria satisfeito.

– Acredito que o senhor está um passo nossa frente, conselheiro. – Disse o capitão. – Tem alguma sugestão? Devemos seguir a nave ou a singularidade?

– A singularidade, é claro. – Respondeu ele. – Seguramente ela nos tirará desta região do espaço ou do que quer que isto seja. De fato, creio que não temos escolha.

– Concordo com o conselheiro, senhor. – Disse Shion. – Não sabemos quando a singularidade voltará a aparecer e, se isso for uma espécie de fenda espacial, podemos estar há milhões de anos-luz de casa.

– De acordo. – Disse o capitão. – Manter curso de interceptação com a singularidade, escudos ao máximo.

O mergulho na singularidade aconteceu da mesma forma que na primeira vez, porém, com exceção do conselheiro Nhefé, todos estavam apreensivos.

– Alferes Kwa, informe. – Disse o capitão assim que eles completaram a travessia.

– Estamos em Cão Maior, senhor. – Respondeu ela. – Exatamente onde estávamos antes da colisão com a singularidade.

– Ela sumiu. – Comentou Chelaar. – Não há sinais de radiação ou de partículas ionizadas. Se não fossem nossos registros, eu nem mesmo poderia dizer que ela havia estado aqui.

– Talvez Nhefé possa nos esclarecer. – Disse Shion, olhando para o conselheiro.

– Certamente, comandante. – Começou ele. – Falando francamente, eu não tenho conhecimento científico suficiente para entender o que era essa singularidade. Todavia, à medida que os eventos aconteciam, uma teoria me veio à mente. De alguma forma, talvez se tratasse de uma fenda espacial, como disse a comandante Shion, ou então de uma microespaço contido dentro da própria singularidade. Fato é que fomos transportados para um lugar completamente diferente de onde estávamos, onde os eventos ocorriam de maneira inexplicável e nossos sensores captavam leituras totalmente anômalas, levando-me a concluir que além de um deslocamento no espaço, também estávamos deslocados no tempo.

– Sugere que era uma fenda temporal? – Perguntou Chelaar, incrédula. – Não captamos nenhuma distorção de táquions ou crônitons.

– Não exatamente. – Continuou Nhefé. – Vou explicar de outra maneira. Imaginem uma nave, a qual chamarei de USS Kómóg, que mergulhou em uma singularidade, emergindo em um espaço desconhecido. Essa nave

chama a atenção uma nave alienígena, nativa daquele espaço, que muda seu curso para intercepta-la. A USS Kómóg então faz uma parada total, dispara contra a nave alienígena, derrubando seus escudos o tempo suficiente para transportar um tripulante diretamente para a engenharia. Esse tripulante rapidamente sabota o reator de dobra da nave alienígena, causando um efeito cascata irreversível que fatalmente levará à explosão da mesma. Os seguranças da nave alienígena capturam o tripulante e o levam ao seu capitão que, mesmo furioso, poupa o tripulante e o transporta de volta à USS Kómóg, com o intuito de que ele transmita a mensagem de que uma frota em breve os encontrará e os torturará como forma de vingança pelo que fizeram. A USS Kómóg então parte, deixando para trás a nave alienígena, que logo explode, mas seus sensores captam a aproximação de várias naves alienígenas, as quais se unem em uma frota de perseguidores. Por fim, a USS Kómóg é interceptada diante de uma singularidade idêntica à primeira, mas a frota alienígena tem tempo apenas de efetuar alguns disparos, pois a nave mergulha na singularidade, desaparecendo para sempre.

– Está dizendo que o tempo para eles corria ao contrário? – Perguntou Rose, surpreso. – Eu jamais teria pensado nisso.

– Isso não faz sentido. – Disse Chelaar. – Como o tempo poderia se comportar de maneira diferente para eles, enquanto para nós ele continuava linear.

– Não creio que o tempo em si tenha se alterado, comandante. – Explicou Nhefé. – E sim que, naquele lugar,

os eventos aconteciam de maneira inversa. Imagine uma estrada que leva do ponto A ao ponto B: enquanto nós seguíamos de A para B, eles seguiam de B para A, e coincidentemente nos encontramos na metade desse caminho.

– Isso quer dizer que eu fui responsável pela sabotagem de uma nave e consequentemente a morte de sua tripulação? – Perguntou Hashimoto, perplexo.

– Se adotarmos a teoria do conselheiro Nhefé, devemos assumir que, na forma de ver deles, infelizmente sim. – Disse Shion. – Pelo que o senhor nos contou, é condizente com os fatos que ocorreram a bordo da nave alienígena.

– É bizarro, mas faz sentido. – Assentiu Hashimoto, ainda perplexo. – Se analisarmos os fatos pela ordem cronológica inversa, eu fui transportado da nossa ponte para a engenharia deles, e uma das tripulantes apertou um botão na parede, acionando um alarme de intruso. Em seguida eu sabotei o reator de dobra deles antes que a segurança pudesse me impedir. Então, quando chegaram até mim, me deram um soco e me arrastaram até o capitão deles, que ordenou que me transportassem de volta para a Iguaçu.

– É difícil de acreditar. – Disse Chelaar, ainda cética. – Mesmo sem levar em conta tudo que entendemos de mecânica temporal, as implicações são muitas. Por que eles não se moviam “em marcha ré”, ou mesmo andavam para trás como em uma gravação exibida em modo reverso? Como Hashimoto conseguiu entender algumas frases do que eles diziam?

– Acredito que nosso tradutor universal é capaz de entender uma língua, mesmo quando falada ao contrário. – Sugeriu Giulia. – De fato, a língua nativa em Bêtsêm XIII tem exatamente essa característica.

– Concordo com Chelaar, isso é muito confuso. – Disse Vernon. – Mas, de outra forma, como Nhefé seria capaz de prever o reaparecimento da singularidade?

– Não há registros de nenhuma nave da Frota Estelar que já tenha passado por uma situação semelhante a essa. – Disse Shion, mexendo as antenas. – Parece que estamos cumprindo rigorosamente nossa missão de explorar o desconhecido.

– Comandante Chelaar, forme equipes para estudar tudo o que registramos durante nossa incursão pelo espaço desconhecido. – Sorriu o capitão. – Estou certo de que não vamos querer deixar as melhores descobertas para o corpo de ciências da Frota Estelar.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar, também sorrindo.

– Srta. Kwa, retome nosso curso original, dobra 9. – Disse o capitão, ajeitando-se em sua cadeira. – Acionar.

Episódio 5

Manme

Havia duas salas de transportes na USS Iguaçu, ambas com capacidade ideal para seis tripulantes por vez, embora pudessem transportar até vinte indivíduos ou o equivalente a esse volume em objetos. A principal delas, chamada de sala de transportes 1, situava-se na parte superior da nave, na popa do deque 15, dois deques abaixo da ponte. A outra, chamada de sala de transportes 2, situava-se na proa, deque 9, próxima aos laboratórios. Em cada uma, por turno, trabalhava uma dupla formada pelo operador do transporte e por um segurança, de prontidão para qualquer emergência ou necessidade. A sala número 1 era mais utilizada pelos grupos avançados formados, sobretudo, pelos oficiais superiores e tripulantes da ponte, além de ser o caminho principal para convidados. A sala número 2, por sua vez, era utilizada principalmente pelos grupos avançados de estudo científico e para transporte de cargas. Além de transportar pessoas e coisas de dentro da nave para fora e vice-versa, elas também eram responsáveis em transportar algum tripulante diretamente para a enfermaria, por exemplo, em caso de emergência médica, entre outros transportes internos, quando necessário.

Na sala de transportes 1, um grupo avançado composto por Da'Far, Hashimoto, dois membros da divisão de operações e um da engenharia, liderados pela comandante

Shion, aguardava autorização da ponte para ser transportado. O destino era uma nave abandonada na órbita de um maciço planeta rochoso, localizado em um sistema de apenas dois planetas e uma estrela supergigante vermelha. Ela não emanava nenhum tipo de ruído de deslocamento subespacial ou energia residual, e fora descoberta em meio às inúmeras luas fragmentadas do planeta, após uma série de sondagens padrão. Além de estar inerte do ponto de vista mecânico e energético, não havia sinais de vida biológica a bordo, e havia uma moderada radiação multicisurânica, tornando o ambiente impróprio para a maioria dos humanoides conhecidos.

– *Um minuto restante para o final da varredura de antipólarons.* – Ouviu-se a voz de Chelaar, transmitida da estação de ciências da ponte. – *Os níveis de radiação multicisurânica já estão em parâmetros aceitáveis, mas vamos dar uma margem de segurança.*

– Entendido. – Disse Shion.

A nave alienígena tinha um aspecto obtuso, com uma inclinação diagonal incomum e dezoito protuberâncias cônicas á estibordo, tendo cerca de um sexto do tamanho total a Iguaçu. As sondagens indicavam que a tecnologia de propulsão era absurdamente ultrapassada para os padrões da Frota Estelar, podendo, aparentemente, atingir velocidade máxima de dobra 1,5. Os sistemas de escudos e armamentos eram igualmente arcaicos, compostos de polarizadores variáveis e canhões de plasma.

– *Varredura completa.* – Informou Chelaar.

– Obrigada, comandante Chelaar. Vamos nos transportar agora. – Disse Shion. – Sra. Alfredsson, energizar.

Um instante depois o grupo avançado estava na ponte da nave alienígena, a qual era pequena e apertada, com o teto baixo se comparado ao da USS Iguaçu, e apenas quatro estações de trabalho, alinhadas lado a lado. Todos os painéis eram negros, feitos de uma liga metálica pouco resistente, contendo inúmeros botões quadrados e alavancas, além de telas ovaladas, as quais estavam desligadas devido à ausência de energia.

– Não há sinais de que essa nave tenha passado por um combate ou um acidente. – Disse Hashimoto, examinando o painel central desligado. – Apesar do evidente abandono, se a engenharia estiver em tão bom estado quanto a ponte, eu não me surpreenderia se o reator pudesse ser ligado com alguns reparos simples.

– Vá até a engenharia, comandante. – Disse Shion à Hashimoto. – Veja o que consegue. Alferes Lobo e subtenente De León, acompanhem-no. Nós ficaremos aqui e tentaremos obter alguma informação dos painéis principais.

– Sim, senhor. – Disse Hashimoto, e os três deixaram a ponte pelo corredor da lateral esquerda, em direção à engenharia, que ficava no meio da nave.

– Curioso. – Disse Shion. – Não há sinais de formas de vida ou cadáveres, mas os módulos de fuga permanecem atracados.

– Talvez eles tenham sido sequestrados por adversários de superior tecnologia. – Sugeriu Da'Far. – Com os escudos primitivos desta nave, nós, por exemplo, conseguiríamos transportar facilmente toda a tripulação para nossa área de carga antes que eles pudessem se dar conta de que estavam sob ataque.

– Ou então ela passou por sérios problemas técnicos e a tripulação foi transferida para uma outra nave antes que a energia acabasse totalmente e ela ficasse à deriva. – Arriscou o tripulante Slane.

– Improvável, tripulante. – Disse Da'Far. – Esta nave está em ótimas condições, não haveria razões para não a terem rebocado e consertado, ou até mesmo a desmontado e utilizado seus componentes em outras naves.

– Talvez desconhecessem os meios para neutralizar a radiação multicisurânica. – Insistiu Slane. – Poderia ser fatal para a espécie deles.

Shion mexeu as antenas, ponderando as hipóteses.

– Eu adoro um bom mistério. – Disse ela, examinando os painéis escuros.

Enquanto o grupo avançado iniciava o reconhecimento da nave abandonada, a oficial de ciências Chelaar se dirigiu ao laboratório 2, onde passou a examinar alguns dados com o auxílio do doutor Horvat.

– Inicialmente eu pensei que a radiação tivesse sido fruto de um defeito ou colapso das bobinas de transferência de plasma. – Explicou a tellarita. –Todavia, ao rever o mapa de dissipação percebi que o foco não estava na engenharia, mas sim no controle de suporte de vida, ao lado dos geradores atmosféricos. – Ela apontou um ponto na planta virtual da nave, exibida na tela do monitor. – Possivelmente ela era emitida a partir desses reatores, se é que posso chamá-los assim.

– Entendo. – Disse o médico. – Você supõe que a radiação multicisurânica era um componente natural para a espécie que estava a bordo daquela nave.

– Exatamente. – Assentiu Chelaar. – Mas não sei se existem precedentes de espécies que sobrevivam à uma exposição prolongada desse tipo de radiação, muito menos que necessitem dela para viver. Por isso presumi que o senhor gostaria de dar uma olhada, pois soube que é um especialista em funções biológicas exóticas.

– Está correta. De fato, eu nunca ouvi falar de nada desse tipo. – Concordou Horvat, embora não parecesse genuinamente empolgado com a possível descoberta. – Não consigo imaginar como seria a fisiologia de um indivíduo capaz de tal resistência à radiação, e muito menos qual seria a função biológica dela.

– Contatei o grupo avançado e pedi que examinassem a central de suporte de vida assim que possível. – Disse Chelaar, um pouco frustrada com a reação fria do médico. – Com as sondagens detalhadas, poderemos entender melhor o seu funcionamento e, com sorte, descobriremos uma espécie única.

Horvat apenas assentiu com a cabeça, olhando fixamente para o monitor.

– Algo errado, doutor? – Perguntou Chelaar, contendo o impulso de insultar sua falta de ânimo.

– Não é nada, comandante. – Respondeu ele. – Apenas estava pensando que este seria o tipo de descoberta que minha esposa daria tudo para ter feito.

– Bom, o senhor pode compartilhar com ela quando retornarmos à Via Láctea. – Disse Chelaar, embaraçada com

a saudade exagerada que Horvat demonstrava sentir pela esposa. – Se nossas suspeitas estiverem corretas, poderemos até mesmo nomear essa relação bio-radioativa em sua homenagem, tenho certeza que ela ficaria lisonjeada.

– A senhora é muito gentil, comandante, mas isso é impossível. – Disse Horvat, pesaroso. – Ela está morta.

– Perdão, doutor. – Desculpou-se Chelaar, corando. – Eu não sabia, imaginei que...

– Tudo bem, comandante. – Interrompeu Horvat, amigavelmente. – Felizmente nem todas as pessoas são inclinadas às fofocas sobre o passado dos seus novos colegas, principalmente dentro da Frota Estelar. Por outro lado, não é nem de longe um segredo que eu guarde ou tenha intenção de guardar.

O doutor Horvat se sentou em uma das cadeiras brancas do laboratório, e Chelaar sentou-se ao seu lado, prestando atenção ao que ele dizia.

– Ao contrário da maioria das pessoas aqui, eu nunca quis participar dessa missão. – Continuou ele. – Eu estava satisfeito com meu posto a bordo da Chabouté que, sem falsa modéstia, é uma das melhores naves médicas da Frota, com uma tripulação muito competente e criativa. – Ele sorriu de modo saudosista. – Ivana e eu servíamos juntos há quase oito anos, catalogando as doenças existentes em planetas pré-dobra e utilizando as descobertas para desenvolver nossa própria base de dados sobre curas e tratamentos. Nossa missão secundária era, inclusive, desenvolver curas para as doenças exclusivas das espécies estudadas e arquivá-las até que fosse possível compartilhá-las sem que houvesse quebra da Primeira Diretriz. – Horvat franziu

o cenho. – Minha esposa, no entanto, ficou fascinada quando soube da Missão Cão Maior e, a despeito de nossa situação estável, inscreveu-se para o cargo de oficial médico. Eu resisti no início, mas por fim a apoiei, pois sabia que a exploração médica de fronteira e a exobiologia eram suas antigas paixões, responsáveis pelo seu alistamento na Frota Estelar. Ela foi selecionada, é claro, pois era uma excelente pesquisadora e profissional médico. – Ele sorriu, orgulhoso, mas logo seu semblante entristeceu novamente. – Porém, menos de dois meses antes da partida da USS Iguaçu, o transporte que ela pegou para se apresentar ao comando do corpo médico foi atingido e destruído por uma violenta tempestade tetriônica. Eu sofri um duro golpe, fiquei arrasado por vários dias, mas, em respeito à sua memória, tomei a decisão de me candidatar como seu substituto e assim viver o sonho que ela gostaria de ter vivido.

– Entendo como o senhor se sente. – Disse Chelaar. – Nós, tellaritas, temos um lento processo de superação do luto. Quando meu avô paterno faleceu, minha avó ficou reclusa em sua choupana por quase dez meses, sem contato com ninguém da nossa família. Poucos da minha espécie teriam a determinação que o senhor teve em assumir para si o sonho de outro, e eu o admiro por isso

Horvat sorriu e inclinou levemente a cabeça para o lado, e os dois deram continuidade à discussão sobre uma possível relação entre a radiação e o suporte de vida da nave alienígena.

O engenheiro-chefe, auxiliado pelos membros do grupo avançado presentes na engenharia da nave abandonada,

trabalhava para encontrar a razão dela estar à deriva no espaço.

– Este reator é incrivelmente compacto. – Disse Hashimoto aos colegas, enquanto tentava abrir um anteparo. – Quando nós utilizávamos reatores desse tipo, séculos atrás, eles tinham pelo menos quatro vezes esse tamanho.

O engenheiro fez um gesto para que a alferes Lobo lhe entregasse uma das ferramentas disponíveis.

– Certa vez, a nave em que eu servia foi capturada por uma espécie hostil, quando eu ainda era tenente júnior, durante uma expedição ao quadrante gama. – Disse Hashimoto, examinando um emaranhado de componentes atrás do anteparo que ele havia retirado. – Após um engenhoso plano do nosso oficial tático, a maioria de nós conseguiu escapar e retomar à nave, mas eu e outros oito tripulantes permanecemos prisioneiros na gélida lua de Sidom II. Após o combate que se seguiu, os alienígenas bateram em retirada, nos levando para uma de suas colônias, e nossa nave estava avariada demais para segui-los. Após três meses de trabalho forçado e condições de vida sub-humanas em um campo de prisioneiros, consegui encontrar uma velha nave de dobra 3 e restaurei o motor e os principais sistemas, empreendendo fuga juntamente com meus colegas sobreviventes.

– Impressionante, senhor. – Disse o subtenente De León, que também examinava alguns componentes em outro canto da sala.

– Ah, se você visse o estado daquela nave. – Continuou Hashimoto. – Eu não tinha nada com o que trabalhar e a maioria das peças estava completamente danificada.

– O senhor acha que esta nave está em condições de uso, comandante? – Perguntou a alferes Lobo.

– Está brincando, alferes? – Riu ele. – Preciso apenas de uma célula de energia portátil para botar os sistemas em ordem e alguns cristais de dilítio para coloca-la de volta à ativa.

Dentro de alguns minutos, com a chegada da célula de energia, Hashimoto iniciou o procedimento de religação dos sistemas principais da engenharia e da ponte. O suporte de vida também foi acionado, para melhorar a qualidade do ar ambiente, mas, a pedido da comandante Chelaar, os geradores de radiação multicisurânica foram retirados e levados à USS Iguaçu para uma análise mais detalhada.

– Qual é a situação? – Perguntou Shion, reunindo-se novamente com Hashimoto e os demais tripulantes do grupo avançado.

– É como um animal acordando após a hibernação, comandante. – Disse Hashimoto, sem desviar o olhar dos monitores principais da engenharia.

– E este animal está saudável? – Perguntou Shion, aproximando-se.

– Saudável e pronto para voar um voo bastante lento. – Falou o engenheiro, acionando o reator, que passou a emitir uma fraca luz amarelada e um zunido baixo. – Descobriram alguma coisa lá em cima?

– Nada de relevante. – Respondeu a primeiro oficial. – Aparentemente eles não tinham o costume de gravar diários de bordo, ou então os apagaram antes do que quer que tenha acontecido aqui. Nosso pessoal está examinando a pequena base de dados que baixamos do computador principal, mas já me adiantaram que não há nada além de especificações técnicas da nave e alguns mapas estelares. Nada que já não tenhamos obtido com nossas sondagens astrométricas.

– Era de se imaginar, considerando o estágio de desenvolvimento tecnológico deles. – Disse Hashimoto. – No entanto, é uma pena que não haja maiores informações sobre sua espécie e civilização.

Shion assentiu e, após algumas horas, tendo o grupo obtido toda a informação possível, decidiram que era hora de partir. Logo, eles desativaram a célula de energia e removeram os cristais de dilítio, fazendo com que a nave retornasse ao estado inicial inerte, deixando-a à deriva e levando consigo apenas os resultados das sondagens, uma cópia da base de dados e o gerador de radiação multicisurânica.

Na manhã seguinte, Hashimoto colocou seu uniforme e, como de costume, dirigiu-se ao sintetizador localizado em seus aposentos para pedir o seu café da manhã.

– Tanuki udon e chá verde bem doce. – Disse ele, em voz alta e clara.

O sintetizador instantaneamente fez surgir um tanuki feito com macarrão udon e legumes, mas em alguns

pontos havia uma espuma semelhante à espuma de sabão, assim como no chá verde.

– Hashimoto para Dorvahàl. – Disse o engenheiro, tocando em seu comunicador. – Tem algo errado com meu sintetizador, pedi meu café de manhã de costume e ele me serviu como acompanhamento um molho de bolhas.

– *Bom dia, senhor.* – Respondeu a voz do efrosiano, encarregado dos sistemas de suporte de vida. – *O mesmo defeito foi registrado incialmente nos aposentos entre a área de carga 1 e a enfermaria, há pelo menos três horas, espalhando-se rapidamente por toda a nave. Estou trabalhando para solucionar o problema. Enquanto isso, recomendo que o senhor tome o café da manhã no refeitório, a cheff Abrams está preparando refeições com comidas não-sintetizadas do estoque.*

– Obrigado, subtenente. Vou examinar seu relatório assim que eu assumir meu posto. – Disse Hashimoto e, deixando seus aposentos, dirigiu-se ao refeitório, onde encontrou Chelaar e Giulia.

– Parece que ninguém gosta de bolhas de sabão. – Disse o engenheiro, sentando-se à mesa com elas.

– Apenas quando estou na banheira. – Disse Giulia, passando manteiga em uma torrada.

– Eu sempre tomo meu desjejum no restaurante. – Disse Chelaar. – O ensopado de raiz de grumulag da cheff Abrams é melhor que o da minha mãe.

– Alguma ideia do que pode ser esse defeito? – Perguntou Giulia, observando um tripulante da engenharia que examinava os circuitos de um dos sintetizadores do refeitório.

– Nada ainda. – Respondeu Hashimoto. –Isso me lembra uma vez em que os sintetizadores da Estação Espacial Carina começaram a produzir um cheiro de ovo podre por toda a estação. Levamos menos de quinze minutos para consertar o defeito, mas o cheiro permaneceu empesteando o ar por dias.

O sintetizador em que o tripulante da engenharia trabalhava emitiu um ronco baixo, produzindo uma grande quantidade de espuma, desta vez mais esbranquiçada. Durante o restante da manhã, a situação piorou consideravelmente, e a maioria dos sintetizadores passou a produzir a espuma mesmo sem ativação direta, o que levou Hashimoto a assumir a investigação, auxiliado por Chelaar.

– Isolei a rede de energia desta seção, mas o sintetizador continua a produzir espuma, alimentando-se dos sistemas adjacentes. – Disse o engenheiro-chefe.

– O diagnóstico indica que o sistema de controle está operando de forma autônoma, processando as ações independentemente do comando recebido. – Disse Chelaar. – Mas não consigo encontrar a causa para isso, tudo parece estar funcionando corretamente.

– *Horvat para Chelaar.* – Ouviu-se a voz do médico, vinda do comunicador da tellarita. – *Comandante, terminei de examinar a amostra da espuma. Acho que a senhora gostará de ver o resultado pessoalmente.*

Chelaar fez um gesto com a cabeça, convidando Hashimoto para que a acompanhasse, e ambos foram até o laboratório anexo à enfermaria, onde o doutor Horvat e a enfermeira Yasna examinavam uma grande quantidade de espuma dentro de uma espécie de incubadora.

– Ontem a senhora teve a bondade de me convidar para participar da descoberta de uma possível espécie capaz de sobreviver em uma atmosfera impregnada por radiação multicisurânica, então decidi retribuir a gentileza – Disse Horvat, cumprimentando-os. – Esta "espuma" é, na verdade, composta por trilhões de seres vivos microscópicos em estágio inicial de desenvolvimento, como se fossem larvas císticas.

– Se bem me lembro, quando sondamos com os tricorders, não captamos sinais de vida. – Disse Chelaar.

– E é por isso que esta é uma descoberta única. – Continuou o médico. – Nenhuma das minhas análises preliminares trouxe resultados, e a espuma parecia ser apenas uma série de elementos químicos inertes. Então, tive a ideia de bombardear a incubadora com radiação multicisurânica, causando uma agitação incomum na espuma. Mas, só após examina-la com um scanner biométrico, regulado para medição espectrométrica, pude identificar padrões compatíveis com um ser vivo microscópico.

– Fascinante. – Disse Chelaar. – Mas como isso pode ter sido produzido a partir dos nossos sintetizadores?

– Não tenho essa resposta. – Admitiu Horvat. – No entanto, devido à reação produzida pela exposição à radiação multicisurânica, tenho o palpite que existe alguma relação com a nave abandonada que encontramos ontem.

– O senhor acredita que essa espuma represente uma ameaça à nave ou a tripulação? – Perguntou Hashimoto.

– No estágio em que ela se encontra atualmente, creio que não. – Respondeu o médico. – Mas o fato de nossos sintetizadores estarem desabilitados já é um sinal de

alerta, e ainda sabemos muito pouco sobre desenvolvimento desses micro-organismos.

– Vou alertar o capitão e sugerir que tracemos um curso de volta à nave abandonada. – Disse Chelaar. – Enquanto isso, sugiro que nós façamos alguns testes para tentar determinar a relação entre a espuma e os sintetizadores.

– De acordo. – Disseram Hashimoto e Horvat, juntos.

A investigação do fenômeno logo se tornou prioridade entre a tripulação, pois a situação piorava em uma escala assustadora. Ao longo da tarde, a espuma passou a ser produzida incessantemente, e já formava uma volumosa camada no chão dos ambientes equipados com sintetizadores, dificultando consideravelmente o trabalho na maioria das estações. Todo o pessoal não essencial, ou que não estivesse trabalhando diretamente no caso, foi direcionado para o hangar e para o holodeck, dois dos ambientes menos afetados.

Às 18h, o capitão Vernon, o conselheiro Nhefé e os oficiais superiores Shion, Da'Far, Chelaar, Hashimoto e Horvat, se reuniram para discutir os resultados obtidos, utilizando para isso uma sala de reuniões improvisada em um corredor no deque 15, já que a sala de reuniões oficial estava tomada de espuma. Entretanto, mesmo que o corredor estivesse relativamente longe de qualquer sintetizador, havia um pouco de espuma no chão e nas paredes.

– Inicialmente, tendo em vista se tratar de uma nova forma de vida ainda misteriosa para nós, optei por não tomar nenhuma ação agressiva. – Disse o capitão. – Mas, se não encontrarmos uma solução em breve, serei obrigado a

eliminar o máximo dessa espuma que conseguir até que saibamos o que fazer com ela.

– O que vocês descobriram? – Perguntou Shion.

Chelaar indicou Hashimoto, que assentiu e disse:

– Após várias análises e teorias descartadas, o doutor Horvat e eu chegamos à conclusão que essa forma de vida em formato de espuma é, na verdade, apenas um estágio, possivelmente reprodutivo, no desenvolvimento de uma forma de vida baseada em energia.

– Impressionante. – Comentou o capitão, espantado.

– Nós confirmamos essa teoria quando terminamos as varreduras do padrão de expansão da espuma pela nave, ainda há pouco. – Explicou Chelaar. – Primeiramente, um sintetizador drena uma grande quantidade de energia, produzindo espuma, e posteriormente diminuindo esse consumo a próximo de zero, enquanto a espuma passa a se multiplicar por conta própria. Por fim, a expansão da espuma passa a diminuir de intensidade e o sintetizador volta a consumir maior energia, retomando o mesmo ciclo.

– Entendemos que a vida adulta dessa criatura é puramente energética, com a reprodução se dando com a utilização de matéria. – Concluiu Horvat. – Remodulamos uma série de sensores para procurar variações no fluxo energético entre os microconduítes e demais sistemas, encontrando padrões de deslocamento incomuns, os quais atribuímos aos micro-organismos de energia. Também refinamos a análise da espuma em si, percebendo diversos estágios de desenvolvimento, incluindo um estágio final, onde uma parte infinitesimal das partículas se auto converte em energia, unindo-se novamente aos sistemas da

nave. Logo, grande parte da espuma não passa de resíduo, como um casulo de borboleta, deixado para trás quando o indivíduo atinge a maturidade.

– Espantoso. – Comentou Shion. – Levamos séculos para dominar a conversão de matéria em energia e vice-versa, e temos em nossa nave um micro-organismo capaz de fazer isso por conta própria!

– Existe a possibilidade de eliminarmos esses “casulos”, mantendo o volume da espuma estável? – Perguntou o capitão.

– Infelizmente não, senhor. – Respondeu o doutor Horvat, coçando a testa. – Fomos incapazes de encontrar um meio para transportar ou eliminar os casulos sem destruir os seres vivos.

– Bom, de qualquer forma, não podemos levar essa espécie, por mais impressionante que seja, durante toda nossa viagem. – Disse o capitão.

– E seria altamente desaconselhável. – Concordou Hashimoto. – O sistema de reprodução deles parece ter se adaptado muito bem aos nossos sintetizadores, o que leva a um consumo energético de crescimento exponencial. Demoraria anos, mas eles seriam capazes de drenar toda nossa energia.

– Estaríamos mortos muito antes disso. – Comentou Nhefé, suavemente. – Sufocados pela espuma.

– Acreditam que isso aconteceu à tripulação da nave que encontramos ontem? – Perguntou Vernon.

– Creio que não, senhor. – Respondeu Da’Far. – Examinei o banco de dados das operações efetuadas por eles e discuti as possibilidades com o conselheiro e com o tenente

Rose. A explicação mais compatível com os registros é que eles optaram pelo esgotamento energético total da nave, como forma de retardar ou interromper a propagação da espuma, sendo resgatados por outra nave.

– É uma forma de explicar os módulos de fuga intactos e a ausência de corpos. – Disse Nhefé. – Mas, segundo o resultado do decaimento da atmosfera no interior da nave, o que quer que tenha acontecido, aconteceu há mais de cento e cinquenta anos.

– E como os micro-organismos permaneceram vivos sem energia, durante todo esse tempo? – Perguntou Shion.

– E como vieram parar na minha nave? – Perguntou o capitão, levantando as sobrancelhas.

– Acreditamos que eles permaneceram inertes durante esse período, numa espécie de estase. – Explicou Da'Far. – Quando o comandante Hashimoto instalou a célula de energia portátil, buscando recuperar os sistemas e a propulsão da nave, parte dos seres despertou e se alojou na célula, sendo posteriormente transportada conosco, estabelecendo-se nos sintetizadores.

– É irônico que uma espécie tão extraordinária seja também um parasita tão difícil de se lidar. – Disse o capitão, tamborilando os dedos na mesa. – Por outro lado, não pretendo condenar minha tripulação à morte por sufocamento em espuma ou ao frio e à fome em caso de esgotamento energético proposital.

– Há outra opção, senhor. – Disse Da'Far, inclinando a cabeça. – Diante da natureza dessa forma de vida, consideramos que um pulso de antipólarons, combinado com

uma vibração precisa do campo de dobra, seria o suficiente para eliminá-la sem causar danos à nave ou à tripulação.

– Não viajei milhares de anos-luz para eliminar uma espécie potencialmente única. – Disse o capitão. – Preferia não ter que tomar essa decisão, se possível.

– Talvez haja um meio, capitão. – Disse Chelaar, levantando a mão esquerda. – Verificamos que essa espécie reage instintivamente à radiação multicisurânica, alterando seu comportamento de modo a sempre migrar para locais onde ela emana mais intensamente.

– Não seria sensato bombardear a nave com uma radiação desse tipo. – Comentou Nhefé.

– E não proponho que o façamos. – Disse Chelaar, franzindo a testa. – Minha ideia é instalar um gerador de radiação em uma das naves auxiliares, atraindo nossos caroneiros para ela e, em seguida, acionar o piloto automático para que ela trace um curso para fora Iguaçu.

– Eu poderia iniciar um procedimento de drenagem energética, apenas para que a nave auxiliar, repleta de radiação, se tornasse ainda mais chamativa. – Acrescentou Hashimoto.

– Ainda nos restaria um problema. – Disse o capitão. – Estaríamos deixando essa espécie à deriva e sem "alimento" suficiente para que mantenham seu ciclo de vida e reprodução.

– Pelo que sabemos, elas permanecerão vivas, embora inertes, assim como estavam na nave abandonada. – Disse Da'Far.

– E se nós restaurássemos os sistemas de energia da nave abandona, criando um ciclo de desligamento programado, com o intuito de fornecer a elas um meio ambiente sustentável? – Questionou Shion.

– É possível? – Perguntou Nhefé.

– Acredito que sim. – Respondeu Hashimoto. – Os sistemas daquela nave são bastante simples, podemos criar um ciclo redundante na matriz energética e programar os níveis de abastecimento do reator.

– Eu posso reinstalar os emissores de radiação multicisurânica, fazendo com que eles trabalhem em sincronia com as variações de energia. – Sugeriu Chelaar. – Assim, sempre que um ciclo for se encerrar, os micro-organismos serão atraídos para o ponto com níveis maiores de radiação, aumentando a eficiência do sistema.

– Ótimo, faremos isso. – Disse o capitão Vernon. – Preparem as modificações na nave auxiliar Camauro, quero que o lançamento seja feito assim que estivermos em alcance visual.

Os oficiais assentiram e se dirigiram aos seus respectivos postos, trabalhando da melhor maneira que podiam em meio ao crescente volume de espuma. Durante as duas horas que se seguiram, a energia foi cortada gradualmente dos setores que ficavam mais distantes do hangar, onde a nave auxiliar estava sendo preparada por Chelaar e cinco outros tripulantes. Eles instalaram, além dos emissores de radiação multicisurânica, um conjunto extensor de volume, que fora desenvolvido para situações onde o transporte de carga ou passageiros exigisse maior capacidade. Assim,

com o volume de carga multiplicado, a pequena nave auxiliar conseguiria transportar toda a espuma que restasse após a redução máxima de energia. Enquanto isso, Hashimoto e Da'Far examinavam os esquemas da nave alienígena e planejavam as modificações para criação do ciclo energético.

– Ponte para hangar. – Chamou o capitão, quando a USS Iguaçu saiu de dobra. – Já estamos em alcance visual, qual é a situação da nave auxiliar?

– *A Camauro está pronta, capitão*. – Respondeu a comandante Chelaar, do lado de fora do hangar. – *Emissões de radiação multicisurânica ao máximo, com contensão radial de cinquenta metros.*

– E nossos caroneiros? – Perguntou Shion.

– *Estimamos, baseado na última sondagem dos fluxos de energia, que 99,96% dos micro-organismos já estejam nos circuitos da nave auxiliar.* – Explicou Hashimoto, que estava ao lado de Chelaar. – *Os únicos indivíduos que ainda permanecem em estágio de matéria estão dentro do conjunto extensor, e o restante da espuma na nave é apenas resíduo.*

– Entendido. – Disse o capitão Vernon. – Pode iniciar a sequência de lançamento, contagem em cinco minutos.

Com a autorização do capitão, Hashimoto iniciou o desligamento progressivo da energia nos locais em que ela ainda estava normal ou reduzida, como a ponte de comando, com o intuito de levar o restante dos seres energéticos para a nave auxiliar. Em menos de quatro minutos, sendo ela o único ponto em que a energia fluía normalmente dentro da USS Iguaçu, a Camauro passou a ser tam-

bém um grande chamariz, atraindo todos os micro-organismos que ainda vagavam pelos conduítes e circuitos. Como a radiação multicisurânica forçava o amadurecimento da espuma, os poucos indivíduos nesse estágio que ainda preenchiam o hangar atingiram a fase adulta, unindo-se aos demais dentro dos sistemas da Camauro. Enfim, passados os cinco minutos programados, a nave auxiliar, operada remotamente por Da'Far, deixou o hangar e se afastou cinquenta quilômetros da USS Iguaçu, ficando entre ela e a nave abandonada.

O engenheiro-chefe aguardou mais cinco minutos antes de religar a energia, e o fez gradativamente, isolando os setores um a um, para que pudesse ter certeza de que não haviam micro-organismos nos sistemas e nos sintetizadores. Hashimoto era minucioso em seu trabalho, sondando cada conjunto de circuitos antes de ativar o seguinte. Levou mais de uma hora até que a energia fosse restaurada em todos os deques, mas o resultado foi o esperado, e a única coisa restante era o resíduo espumoso, que agora poderia ser eliminado tranquilamente.

O passo seguinte foi transportar um grupo avançado para a nave abandonada, a fim de implementar as modificações necessárias para a sobrevivência sustentável dos seres de vida mista, que receberam o nome de Manme, abreviação de Micro-organismo Anfíbio de Matéria-Energia. As alterações levaram mais de três horas para serem concluídas e, assim que o grupo retornou à USS Iguaçu, a nave auxiliar foi acoplada a uma das comportas da nave alienígena, sendo completamente desligada, para que o procedimento

inverso pudesse acontecer e os Manmes migrassem para seu local de origem.

Por fim, foi feita uma varredura controlada de antipólarons, com o intuito de eliminar a radiação multicisurânica e tornar a nave auxiliar ainda menos atrativa para os seres energéticos. Ainda assim, prevenindo que o religamento da Camauro pudesse atrair alguns Manmes, o capitão optou por rebocar a nave auxiliar com o raio trator, restaurando sua energia apenas quando ela estava a uma distância segura da nave alienígena, e então pudesse ser manobrada novamente até o hangar.

"Diário do capitão, data estelar 118058.49. Após um dia de trabalho árduo e notável esforço criativo da tripulação, conseguimos devolver os formidáveis micro-organismos anfíbios de matéria-energia para o que nos pareceu seu habitat ideal. Segundo o comandante Hashimoto, com os ciclos programados de desligamento e religamento, a nave alienígena poderá permanecer em atividade por tempo indeterminado, já que obterá energia de reposição suficiente por meio dos painéis solares que ela possui. Assim, pudemos, ao mesmo tempo, manter a nave e a tripulação seguras e preservar essa que é uma das formas de vida mais intrigantes e singulares que já vimos".

Episódio 6

Um incidente de transporte

O bar panorâmico estava bastante movimentado no dia seguinte ao incidente com os Manmes, pois muitos tripulantes ansiavam por um momento de lazer após o trabalho árduo que tiveram ao remover toda a espuma e revisar os sistemas da nave. Para animar a noite, um concurso de karaokê foi organizado pelo pessoal de operações e, felizmente, havia muitos talentos a bordo, incluindo a oficial de comunicações da nave. Sob os olhares atentos dos colegas, Giulia interpretava, com sua voz doce e melódica, uma canção clássica de Nyorratchc, intitulada ”Quando as dores se vão”. No espaço superior do bar, Shion e Da’Far dividiam uma garrafa de refrigerante chimarrita.

– Fica gostoso após o segundo copo, devo admitir. – Disse Shion, sorvendo o líquido azul escuro. – Mas o cheiro de peixe é muito desagradável.

– Este é um dos mais suaves. – Disse Da’Far, cheirando seu copo. – Deveria experimentar o sabor pepino-do-mar. Ele é conhecido por deixar os vizinhos com água na boca toda a vez que uma garrafa é aberta.

– Lembre-me de avisar ao barman para criar um campo de força nível 5 ao redor da mesa de alguém que pedir uma dessas. – Riu Shion, olhando para baixo por cima da proteção que delimitava a varanda interna do bar. Sentados em frente ao balcão principal estavam Hashimoto e

Kwa, que parecia extremamente interessada no que o engenheiro dizia.

– No meu planeta chamamos isso de "caranguejo que faz o ninho na rede". – Comentou Da'Far, acompanhando o olhar de Shion.

– Se isso significa que o interesse dela em ouvir as histórias dele é proporcional à vontade de Hashimoto em contá-las, seu ditado é válido. – Disse Shion.

A andoriana estava correta em sua interpretação e, para a piloto, ouvir as histórias contadas por Emilian Hashimoto era uma forma muito prazerosa de passar o tempo. Como a espécie de Kwa tinha uma vida muito breve, da perspectiva dela era como se o engenheiro tivesse vivido séculos de grandes aventuras, as quais ele, sem embaraço, contava de maneira quase teatral.

– ... e quando enfim eu vi aquele homem todo deformado pela explosão de plasma catalítico, tive apenas um instante para decidir se era ou não uma duplicata biocinética do tenente Andreoni. – Dizia Hashimoto, levantando as sobrancelhas e agitando a mão esquerda. – Todavia, como eu havia calculado o tempo de oxigênio restante no módulo de fuga, olhei rapidamente para o monitor e vi que os níveis tinham baixado proporcionalmente ao consumo de apenas uma pessoa. Logo, tive um segundo de vantagem e, antes que ele pudesse recuperar a consciência, transportei-o diretamente para o espaço e impedi que continuasse com seu plano de tomar a nossa nave.

– Impressionante! – Disse Kwa, com um largo sorriso. – Eu jamais teria pensado em monitorar o suporte de vida.

– Isso não foi nada. – Disse Hashimoto, claramente satisfeito em ter conquistado uma ouvinte tão interessada. – Foi apenas meu primeiro encontro com uma duplicata biocinética durante as incursões de 2432.

– Mais sidra, comandante? – Perguntou o barman, aproximando-se. Tratava-se de um homem muito alto, seguramente com mais de dois metros, cuja cor de pele era muito branca. Seus olhos eram vermelhos e seu cabelo de um preto profundo, como as unhas de sua mão esquerda. No lugar da mão direita, havia uma garra arredondada, semelhante a uma concha e, em seu queixo, havia três pontas ósseas, uma delas ostentando um anel de brilhantes ricamente trabalhado.

– Obrigado, Pepe, mas por hoje chega. – Disse Hashimoto.

O barman fez uma leve reverência com a cabeça e olhou para Kwa, como forma de encorajá-la a fazer um pedido, caso desejasse.

– Eu gostaria de outro café gelado. – Disse ela. – Com muito açúcar.

– Como desejar. – Disse o Barman, com sua voz melosa, e se afastou lentamente, quase como se deslizasse.

– Gente interessante, os arexemonianos, não acha? – Comentou Hashimoto.

– Pepe é o primeiro que eu conheço. – Respondeu Kwa, enquanto observava o barman terminando de preparar seu café gelado. – Não sei muita coisa sobre seu povo.

– Levou quase duzentos anos para que eles aderissem à Federação. – Explicou Hashimoto. – A sociedade deles possui uma das culturas mais sistemáticas e complexas do quadrante alfa.

O barman voltou com a taça de café e a colocou diante de Kwa, com um leve sorriso.

– Um momento, Pepe. – Disse Hashimoto, antes que o barman os deixasse. – A alferes Kwa não conhece muita coisa sobre seu povo, poderia dizer seu nome completo e o nome de seu planeta? Tenho certeza que ela achará interessante.

– Como quiser, comandante. – Disse o barman, com a sua habitual reverência. – Me chamo Pepecimariksalsuparmanemenon, vigésimo terceiro primo da quarta família do povo da terra da areia vermelha, do planeta Arexemoniatilktamarivasalrativimanitsaklsabathraportanikselaniferatucaniepremoviamlatrioparamtirudodraksolmeuteria.

Enquanto o barman recitava solenemente o nome de seu planeta natal, Kwa arregalou os olhos. Seu povo, os miresitas, acreditava que nomes com sete letras ou mais, além de serem considerados enfadonhos, traziam má sorte.

– Eu não disse? – Riu Hashimoto. – Muito obrigado, amigo.

– Disponha. – Falou Pepe, e se afastou.

– A esposa e filha dele também trabalham aqui. – Disse Hashimoto para Kwa. – Ambas têm nomes tão grandes quanto o dele e eu soube que cada um tem um significado muito específico, mas confesso que não sei qual é.

– Sorte a minha que posso chama-lo apenas de Pepe. – Disse Kwa, tomando um gole do café exageradamente doce que ela tanto gostava.

A USS Iguaçu passou uma semana estudado um aglomerado de estrelas anãs azuis, pois novamente não havia sinal de algum planeta Classe M nas proximidades. Contudo, assim que deixaram o aglomerado e marcaram um curso para um sistema binário, captaram um sinal de socorro vindo de uma nave alienígena. Giulia transmitiu a tradução, mas a mensagem estava cortada, contendo apenas um pedido desesperado por ajuda e a informação de que a nave havia sofrido um ataque e estava irreversivelmente danificada.

– Srta. Kwa, marque um curso. Dobra 9. – Ordenou o capitão Vernon.

– Sim, senhor. – Disse Kwa.

Em poucos minutos a USS Iguaçu chegou ao ponto de origem do sinal de socorro, encontrando um campo de destroços e uma grande nave seriamente avariada. Ela era de um azul profundo, com formato semelhante ao de uma concha, tendo também duas naceles cilíndricas na parte inferior traseira do casco.

– Qual é a situação? – Perguntou Shion.

– O reator de dobra deles está colapsado. – Informou Sinel Da'Far Sinel. – Sistemas de suporte de vida em nível crítico, restritos à uma seção à estibordo da proa.

– Biosinais? – Perguntou o capitão.

– Oito, cinco deles irregulares. – Informou a alferes Harman.

– Faça contato. – Disse o capitão.

– Temos apenas áudio. – Disse Giulia.

– Eu sou o capitão Víbio Vernon, da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse o capitão, levantando-se. – Recebemos seu sinal de socorro e estamos dispostos a ajudar.

– *Sou o comissário Aeauomi.* – Ouviu-se uma voz aflita, grave e rouca, como se fosse alguém muito velho. – *Nossa nave foi atacada por duas naves wrtomlke. Tivemos sorte de conseguir sobreviver, mas nosso reator está comprometido e vai explodir a qualquer momento! Redirecionamos tudo o que restou do suporte de vida para o hangar de atracação, por favor mande uma nave auxiliar para nos resgatar antes que seja tarde demais, é vital que os embaixadores sobrevivam!*

– Não há tempo para enviar uma nave auxiliar, nossas leituras indicam que seu reator vai explodir em menos de dois minutos. – Disse o capitão. – Vamos transportá-los a bordo.

– *Transportar?* –Falou o comissário, confuso.

– Vernon para sala de transportes 1. – Chamou o capitão. – Tenente Alfredsson, trave nos alienígenas e os transporte imediatamente.

– *Sim, senhor.* – Ouviu-se a voz da oficial de transportes.

Houve um momento de silêncio, seguido pela explosão da nave alienígena, cujos destroços se juntaram aos restos das naves que a haviam atacado.

– Tenente Alfredsson, reporte. – Chamou Shion.

– *Eu os transportei, senhor.* – Disse ela, com um tom de perplexidade e surpresa na voz. – *Mas estão todos mortos.*

Os tripulantes da ponte se entreolharam, e o capitão disse:

– Chelaar, Da’Far, comigo. Shion, a ponte é sua.

Os três deixaram a ponte e, no caminho, o capitão requisitou a presença do doutor Horvat, que os encontrou pouco antes de entrarem na sala de transportes 1.

– O que houve, tenente? – Perguntou o capitão, assim que pôs os pés na sala, deparando-se com um amontoado de corpos na plataforma de transporte.

– Não sei explicar, senhor. – Respondeu ela, perturbada. – O transporte aconteceu normalmente. Eu os trouxe antes da explosão.

– Algo em nosso ar que fosse tóxico para eles? – Perguntou o capitão.

– Nossas leituras indicavam que a atmosfera da nave deles era semelhante à nossa. – Respondeu Chelaar, balançando a cabeça.

– Eles estavam vivos quanto vieram a bordo? – Perguntou Horvat, examinando os corpos com um tricorder.

– Por um instante eu poderia jurar que sim. – Respondeu Melissa Alfredsson. – Mas eles caíram logo em seguida, como se tivessem sido desligados.

– Qual é a causa da morte? – Perguntou o capitão ao doutor Horvat.

– Aparentemente, morreram por uma falência múltipla dos sistemas, desde o renal ao nervoso. – Respondeu o médico, intrigado. – Contudo, não posso explicar a causa até fazer o exame de necropsia.

– Certo, leve-os à enfermaria e descubra o que puder. – Disse o capitão, acenando também para Da’Far, indicando que este deveria convocar ajudantes para o transporte ma-

nual dos corpos. Em seguida, virou-se para a tenente Alfredsson. – Execute um diagnóstico nível 5 nos sistemas de transporte, quero saber se houve alguma falha. Peça ajuda ao comandante Hashimoto, se precisar. Até segunda ordem, qualquer transporte sem minha autorização direta está proibido.

– Sim, senhor. – Disse a tenente Alfredsson, pesarosa.

– E, tenente. – Disse o capitão, abrandando a voz. – Estou certo de que nada disso é sua culpa.

– Obrigado, senhor. – Disse ela, embora ainda estivesse visivelmente abalada pelo ocorrido.

Durante as quatro horas seguintes a USS Iguaçu permaneceu parada em meio ao campo de destroços, buscando entender o que havia acontecido na batalha que destruíra as três naves, e como os alienígenas, cujos corpos jaziam na enfermaria, teriam morrido. Eram seis homens e duas mulheres, todos da mesma espécie, de pele grossa e sem pelos, com cristas nas laterais da cabeça e pele craquelada, em diferentes tonalidades de marrom claro e amarelo queimado. Diversos pedaços de metal retorcido foram trazidos a bordo para análise mais aprofundada, assim como os poucos componentes eletrônicos que ainda estavam parcialmente intactos. Nenhum deles, no entanto, ofereceu respostas ou continha informações sobre quem eram seus tripulantes e quais eram seus objetivos.

– Pelos materiais que compõe os cascos das naves destruídas e pelas assinaturas de energia residuais, suponho que ambos os combatentes possuíam o mesmo nível tecnológico. – Explicou Hashimoto à Shion, quando ela foi

à engenharia acompanhar o andamento das análises. – E ambos estão pelo menos dois séculos, talvez três, defasados em relação à nossa tecnologia. Duvido que essas naves alcançassem dobra 5.

Shion assentiu, examinando um pedaço de metal que estava sendo submetido a um escaneamento quântico.

– Alguma ideia se as outras naves eram tripuladas por indivíduos da mesma espécie que trouxemos a bordo? – Perguntou Shion. – Não encontramos resíduos orgânicos nos destroços.

– Acho improvável. – Disse o engenheiro-chefe. – Embora fossem semelhantes, as ligas metálicas utilizadas e o formato de alguns anteparos indicam que as naves foram fabricadas por duas culturas diferentes.

– *Sala de transportes 1 para engenharia.* – Ouviu-se a voz da tenente Alfredsson.

– Prossiga, tenente. – Disse Hashimoto, abaixando a cabeça.

– *Repeti o diagnóstico duas vezes e não encontrei nenhuma falha.* – Disse a oficial de transportes. – *O armazenador de padrão consolidou 100% da matéria transportada, os biofiltros funcionaram normalmente e não foram registradas variações de campo ou interferências durante a realização do procedimento.*

– Examine os registros captados até o momento da explosão e veja se encontra qualquer leitura que explique uma interferência potencial originária da nave alienígena. – Disse Hashimoto. – Faça também uma sondagem em banda horizontal nos biofiltros. É pouco provável que encontremos algo de errado, mas não podemos descartar nenhuma hipótese.

– *Sim, senhor.* – Respondeu a tenente Alfredsson.

Hashimoto virou-se para Shion.

– O doutor Horvat conseguiu descobrir alguma coisa? – Perguntou ele.

– Nada. – Disse Shion, mexendo as antenas. – Segundo ele, é quase como se tivessem morrido de morte natural.

– Muito estranho. – Comentou Hashimoto. – É como quando estávamos transportando os colonos em Nova Titã, e uma nuvem de gás ionizado irrompeu da exosfera, provocando um...

– *Vernon para comandante Shion.* – Ouviu-se a voz do capitão.

– Shion falando. – Respondeu a andoriana.

– *Retorne à ponte, imediato. Adaptamos duas naves alienígenas se aproximando em dobra.* – Continuou o capitão. – *Elas possuem as mesmas características da nave concha, e possivelmente vieram seguindo o sinal de socorro.*

– Estou indo, capitão. – Disse ela, despedindo-se de Hashimoto com um aceno de cabeça.

Na ponte, os tripulantes aguardavam a iminente chegada das duas naves alienígenas, e Chelaar e Shion foram as últimas a assumir seus postos.

– Não é assim que eu gostaria de fazer o primeiro contato, mas poderemos obter algumas respostas. – Disse o capitão.

– Existe a possibilidade de eles pensarem que nós fomos os responsáveis pela destruição das naves. – Disse o

conselheiro Nhefé, calmamente. – Ou então, que nos culpem pela morte de seus embaixadores, vítimas do transporte malsucedido.

– Também tenho essa impressão. – Concordou Shion. – Para nossa sorte, segundo o comandante Hashimoto, eles não devem ter poder de fogo suficiente para nos ameaçar.

– De qualquer forma, se eles carregarem as armas, quero nossos escudos levantados no mesmo instante. – Disse o capitão.

– Naves saindo de dobra, senhor. – Informou a alferes Harman.

– Frequências de saudação. – Disse Vernon. – Não vou dar tempo para que tirem conclusões equivocadas.

– Canal aberto. – Disse Giulia.

– Aqui é o capitão Víbio Vernon da nave estelar da Federação Iguaçu. – Anunciou ele. – Viemos em resposta ao sinal de socorro de uma de suas naves.

Na tela principal apareceu a imagem de um alienígena com as mesmas características dos que haviam perecido durante o transporte: pele grossa e craquelada, de tonalidade marrom e com cristas nas laterais da cabeça.

– Sou o comandante Oaefuai, da nave Iaoei, da República Estelar Eioiotai. – Disse ele, com uma voz grave e rouca, incompatível com a idade que ele aparentava ter. – Nunca ouvi falar de nenhuma Federação.

– Nós somos da Via Láctea, estamos aqui em uma missão de exploração científica. – Explicou o capitão.

– Via Láctea?! – Exclamou o alienígena, assombrado. – Isso é impossível!

– Eu garanto que é possível, comandante, mas creio que esta não seja nossa principal questão no momento. – Disse o capitão Vernon. – Lamento informar que a nave de seu povo responsável por enviar o sinal de socorro foi destruída.

– Nós já percebemos isso. – Disse Oaefuai. – Esperávamos chegar a tempo de salvar nossos compatriotas da explosão, mas nossas naves não foram rápidas o suficiente.

– Há uma coisa que preciso dizer. – Disse Vernon, consternado. – Nós chegamos poucos minutos antes da explosão, mas como não havia tempo para resgatá-los por meio de uma nave auxiliar, decidimos transportá-los a bordo.

– Transportá-los? – Perguntou o comandante Oaefuai, confuso.

– Nós possuímos uma tecnologia que converte matéria em energia vice-versa, permitindo o transporte instantâneo de pessoas e objetos. – Explicou o capitão.

– Então os embaixadores estão vivos? – Perguntou Oaefuai, esboçando um sorriso.

– Infelizmente não. – Disse o capitão. – As oito pessoas que transportamos acabaram falecendo no instante em que foram rematerializadas em nossa sala de transportes, por alguma razão que ainda nos é desconhecida.

O alienígena estreitou o olhar, demonstrando um princípio de desconfiança.

– O senhor é bem-vindo a bordo para examinar nossos registros. – Disse o capitão, buscando evitar um possível desentendimento. – Meu oficial médico chefe está tentando encontrar a causa da morte de seus embaixadores,

mas, com sua ajuda, certamente essa tarefa será resolvida rapidamente.

– Meus sensores indicam que há destroços de uma nave wrtomlke. – Disse o comandante Oaefuai, parecendo ainda mais desconfiado. – Poderia explicar isso, capitão Vernon?

– Na verdade, as evidências apontam duas naves. – Explicou Vernon. – Supomos que houve uma batalha entre elas, que resultou em danos irreparáveis à nave de seus embaixadores.

– Nós estamos em guerra com os wrtomlke há mais de 90 anos. – Disse Oaefuai, com uma voz ainda mais grave e rouca. – Os embaixadores estavam viajando até o planeta natal inimigo para negociar uma trégua. Não havia razões para que eles fossem atacados. Além disso, tudo o que vejo aqui são destroços ao redor de uma única nave com grande poder de fogo: a sua! – E fechou o canal.

– Estão carregando as armas. – Informou o tenente Rose.

– Escudos ao máximo, senhor. – Disse Da'Far.

– Manter posição. – Ordenou o capitão. – Não vamos devolver fogo.

As duas naves dos Eioiotai iniciaram uma série de manobras ofensivas, disparando seus canhões de fase e lançando algumas ogivas nucleares contra a USS Iguaçu, que resistiu sem maiores problemas.

– Escudos a 96%. – Informou Da'Far.

– Subtenente Naggi, abra um canal. – Disse o capitão.

– Aberto, senhor. – Disse Giulia.

– Não fomos os responsáveis pela destruição de nenhuma dessas naves. – Disse o capitão. – Cancele o ataque e venha a bordo, poderemos esclarecer a situação juntos.

– Sem resposta. – Disse Giulia.

– Senhor, duas outras naves estão se aproximando em dobra. – Informou a alferes Harman. – Suas configurações coincidem com as outras que já estavam destruídas quando chegamos.

– Parece que a turma toda está aqui. – Disse Shion.

– Vamos continuar onde estamos, eles não têm escolha a não ser dialogar conosco. – Disse o capitão.

Aparentemente os eioiotai também haviam detectado a aproximação das outras naves, pois pararam de atirar e se posicionaram perpendicularmente à USS Iguaçu, mantendo as armas e os escudos carregados. Dentro de alguns minutos as outras naves saíram de dobra, deslizando por entre os destroços, certamente fazendo sua própria leitura da situação. Elas eram menores que as naves dos eioiotai, inteiramente negras e com formato de prisma triangular, possuindo três naceles paralelas na popa.

– Estão chamando, senhor. – Disse Giulia.

– Na tela. – Disse o capitão.

A imagem que apareceu era quase indistinguível, pois a iluminação da ponte de comando da nave alienígena era mínima, e tudo que podia se ver era o vulto de um humanoide usando uma roupa roxa que cobria o corpo todo exceto seu rosto redondo, com grandes olhos e uma boca diminuta.

– Sou o capitão Drtoplnov, da nave Kbxlawrt, do grande Reino Caliginoso de Wrtomlke. – Disse o alienígena

em um chiado agudo. – Exigimos explicações sobre quem são vocês e o que fazem na zona fronteiriça em meio aos destroços de duas de nossas naves.

– Sou o capitão Víbio Vernon, da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse novamente o capitão. – Viemos para atender o sinal de socorro de...

O alienígena fez um gesto com a mão e a transmissão foi encerrada.

– Eles também estão carregando as armas, senhor. – Informou Rose. – Parece que decidiram que nossos somos o inimigo em comum.

– Tenente Rose, acionar bancos fêiseres. – Disse o capitão, respirando fundo. – Mire nos sistemas de propulsão, armas e geradores de escudos das quatro naves. Quero danos mínimos, apenas o suficiente para mantê-los incapacitados por algumas horas. Talvez assim eles se sintam mais propensos a escutar o que temos a dizer.

Como o poder de fogo da USS Iguaçu era muitas vezes superior ao das naves alienígenas, bastaram alguns tiros para que elas ficassem à deriva, sem armas ou sistemas de propulsão.

– Estão nos chamando senhor. – Disse Giulia. – Todos eles.

A comandante Shion sorriu.

– Transmita uma mensagem pedindo para que enviem representantes em naves auxiliares e passe as coordenadas do hangar. – Disse Vernon. – Diga que vamos discutir os acontecimentos recentes na sala de conferências da Iguaçu. – O capitão fez um gesto com a cabeça para Shion,

que se levantou e, juntamente com Da'Far, deixou a ponte em direção ao hangar.

Não demorou muito para que os alienígenas chegassem em duas pequenas naves auxiliares, sendo recepcionados por Shion e uma equipe de segurança fortemente armada. A nave que trouxe os representantes do povo eioiotai era azul e arredondada, exceto pela parte de baixo, e dela saíram quatro alienígenas, todos usando o mesmo macacão alaranjado. A nave que trouxe os representantes do povo wrtomlke tinha um formato semelhante ao das utilizadas pela Frota Estelar, era preta com detalhes cor de chumbo, e dela saiu apenas um alienígena, cujas vestes roxas o cobriam dos pés à cabeça. Seu rosto estava oculto por uma espécie de máscara negra, refletindo a luz ambiente.

– Sou a comandante Kan Shion, primeiro oficial da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse a andoriana, aproximando-se dos alienígenas, seguida de perto por Da'Far. – Espero que não se incomodem com nossos protocolos de segurança, eles se tornam bastante rígidos quando recebemos convidados que demonstraram hostilidade recente.

– Percebi que, diante de sua superioridade bélica, nossa opinião se torna irrelevante. – Disse o eioiotai mais baixo da comitiva, com voz lenta e rouca. – Sou o senador Ueocoiei, e serei o representante do meu povo neste impasse.

– E eu sou o capitão Drtoplnov, da nave Kbxlawrt, do grande Reino Caliginoso de Wrtomlke. – Disse o outro alienígena, com a voz aguda abafada pela máscara. – E, a

menos que o objetivo deste encontro seja nos torturar, peço que diminua a intensidade de suas luzes.

Shion assentiu com a cabeça e disse:

– Sigam-me, o capitão Vernon os aguarda.

A equipe de segurança escoltou os alienígenas até o deque 15, onde se encontraram com o capitão Vernon, o conselheiro Nhefé e o doutor Horvat, na sala de conferências que ficava abaixo da infraponte. Todos se cumprimentaram e ocuparam lugares ao redor da mesa oval, sendo que os representantes eioiotai e wrtomlke se sentaram em lados opostos, demonstrando visível antipatia. A luz foi reduzida a um terço do normal, para que o capitão Drtoplnov pudesse tirar sua máscara e revelar seu rosto redondo e seus olhos enormes.

– Sei que os senhores estão aqui a contragosto, mas espero sinceramente que entendam os meus motivos para tê-los "convocado". – Começou o capitão. – Nós somos parte de uma federação composta por milhares de espécies e planetas, situada na Via Láctea, que tem como objetivo a exploração científica e o contato pacífico com novas civilizações.

– Atacar nossas naves não é o que eu compreendo como "contato pacífico". – Disse Drtoplnov.

– Eu lhes garanto que nossas intenções são, unicamente, esclarecer a situação e estabelecer boas relações com seus povos. – Continuou o capitão Vernon, cruzando os dedos.

– Assassinando nossos embaixadores? – Disse o senador Ueocoiei irritado. – Eles representavam a esperança

de uma trégua nesta guerra detestável que dizimou milhões de vidas ao longo do último século.

– Acreditem em mim quando digo que tudo isso não passou de um lamentável infortúnio. – Disse o conselheiro Nhefé, com voz firme. – Nossas intenções foram as melhores possíveis desde o princípio.

– Decidimos responder ao chamado de socorro que sua nave transmitiu, mas quando chegamos, ela estava prestes a explodir e não havia nada que pudéssemos fazer para impedir. – Continuou o capitão Vernon. – Fizemos contato com os oito tripulantes que ainda estavam vivos, que pediram para serem resgatados com uma nave auxiliar. Mas, como não havia tempo para isso, tomei a decisão de transportá-los a bordo.

– Transportá-los? – Perguntou Drtoplnov, estreitando a sua pequena boca.

– Eles alegam possuir uma tecnologia capaz de converter matéria em energia e depois novamente em matéria, permitindo o transporte instantâneo de pessoas. – Explicou o senador Ueocoiei, sem olhar diretamente para o capitão Drtoplnov. – Mas ao que me parece é um meio de transporte pouco seguro, pois custou a vida de oito pessoas do meu povo.

– Nós utilizamos os transportes há séculos e eles se mostraram confiáveis e seguros. – Disse Shion, mexendo as antenas.

– A ocorrência dessa fatalidade foi uma surpresa para nós e, por várias horas e sem sucesso, buscamos uma explicação para o fato. – Disse o capitão Vernon. – Contudo, esse mistério foi resolvido assim que os senhores vieram a

bordo, e é por isso que meu oficial médico chefe, o doutor Rohit Horvat, foi convidado a se juntar a nós. Doutor, se puder explicar aos nossos convidados o que descobriu.

– Claro, senhor. – Disse Horvat. – Tudo começou quando desabilitamos seus escudos e pudemos efetuar algumas sondagens mais detalhadas da sua espécie. Eu buscava algo que não pude encontrar enquanto fazia o exame de necropsia, algo que explicasse a razão da morte aparentemente natural sofrida por eles após o transporte.

Os representantes do povo eioiotai ouviam atentamente, embora seus rostos expressassem desconfiança, e Drtoplnov apenas observava, sem demonstrar qualquer interesse especial.

– Inicialmente as leituras indicavam que todos os tripulantes das suas naves estavam infectados com algum tipo de patógeno contagioso, no entanto, curiosamente, todos pareciam em perfeita saúde. – Continuou o médico. – O que me levou a cogitar a hipótese de que este patógeno fosse, na verdade, um componente essencial para sua sobrevivência, o que pude confirmar quando os senhores vieram a bordo e eu repeti o estudo utilizando o conjunto interno de sensores.

– Os patógenos foram eliminados pelos biofiltros. – Disse Shion, entendendo o que havia acontecido.

– Precisamente, comandante. – Assentiu Horvat. – Nossos transportes são equipados com uma tecnologia de filtragem, responsável por eliminar qualquer ameaça biológica que possa ter sido transportada acidentalmente ou que tenha contaminado algum membro da tripulação. Infelizmente, embora seja essencial para o funcionamento de seus

sistemas vitais e seja contagioso apenas para sua própria espécie, o patógeno em questão tem uma composição idêntica à de inúmeros micro-organismos nocivos em nossa galáxia. De fato, não há precedentes dessa forma de simbiose, e nossos transportes não são programados para reconhecê-la.

– Quer que eu acredite que nossos compatriotas morreram porque tiveram suas caoeai arrancadas acidentalmente? – Disse um dos representantes eioiotai.

– O que o doutor diz é a verdade, e eu peço que aceitem nossas desculpas pela fatalidade. – Disse o capitão Vernon, abrandando a voz. – Neste momento os corpos deles estão sendo levados ao hangar, para que vocês possam tratar deles como é o costume de seu povo. Além disto, meu engenheiro-chefe está atualizando nosso sistema de transportes enquanto conversamos, para que seja viável transportar indivíduos da sua espécie.

– Não sei se eu aceitaria ser desmaterializado pelo seu equipamento de transporte, capitão, mesmo que seu engenheiro-chefe diga que é seguro. – Disse o senador Ueocoiei. – E ainda que eu aceite sua versão dos fatos, resta pendente de explicação a destruição das três naves.

– Este é um mistério mais fácil de solucionar. – Disse Shion, com tranquilidade. – O sinal de socorro foi claro em dizer que sua nave estava sob ataque e, diante do cenário que encontramos e das assinaturas de energia, tudo leva a crer que as duas naves wrtomlke foram responsáveis pelo ataque. Ambas foram destruídas durante a batalha, é claro, mas não antes de provocar danos suficientes para condenar também a sua nave.

– Inaceitável! Não ouvirei acusações mentirosas contra meu povo. – Bradou o capitão Drtoplnov. – Também era de nosso interesse que os embaixadores chegassem ao grande Reino Caliginoso de Wrtomlke, pois muitos de nós anseiam pela trégua e até mesmo por um acordo de paz que dê fim à guerra.

– Um mal-entendido, talvez? – Sugeriu Nhefé. – Não é raro que informações desencontradas acabem levando a tragédias. Em situações de guerra é comum avistar uma nave inimiga e abrir fogo sem antes discutir quais eram suas reais intenções.

– Esta rota era a única, dentro de toda nossa grade fronteiriça de vigilância, que permitia passagem livre para naves da República Eioiotai, e unicamente para este fim. – Explicou Drtoplnov, com sua voz ainda mais aguda. – Acusar-nos de termos intencionalmente atacado a nave que nós mesmo convidamos é ofensivo e intolerável!

Enquanto o alienígena falava, Nhefé observou a reação dos representantes eioiotai e percebeu que o conflito entre aquelas duas espécies era tão profundo, que a desconfiança que tinham pelo seu inimigo era maior do que a que tinham pelos tripulantes da USS Iguaçu.

– Capitão, se me permite. – Disse Nhefé. – Eu tenho uma proposta a fazer.

– A vontade, conselheiro. – Falou o capitão.

– Pois bem. – Disse ele, em tom polido. – Posto que temos nesta mesa representantes de ambos os lados do conflito, inclusive um embaixador da República Eioiotai, o senador Ueocoiei, e que os senhores demonstraram genuíno

interesse nos diálogos pela paz, proponho que nós escoltemos a comitiva do embaixador até o planeta natal do grande Reino Caliginoso de Wrtomlke, como demonstração de nossa boa vontade e como forma de prevenir que este incidente frustre as negociações de uma trégua entre seus dois povos.

Houve um longo silêncio na sala de conferencias, e o capitão teve que conter um sorriso que nascia no canto de sua boca. Por fim, o senador Ueocoiei falou:

– É uma oferta razoável.

– Razoável? – Retrucou o capitão Drtoplnov, irritado. – É evidente que estas pessoas ocultam suas intenções verdadeiras. Embaixador Ueocoiei, insisto que o senhor não deve confiar em nada do que dizem.

– Em momento algum ocultamos nossas intenções. – Disse o capitão Vernon, com firmeza. – Estamos aqui em uma missão de fazer contato amigável com outras espécies, e não vejo melhor maneira de cumprir essa missão do que contribuindo para o fim de uma guerra violenta. Eu aprovo inteiramente a proposta do conselheiro Nhefé e gostaria que a considerassem.

– E se não aceitarmos? – Perguntou Ueocoiei, embora fosse claro estava inclinado a aceita-la. – Atirarão em nossas naves e nos levarão à força?

– Se este for o caso, tem minha palavra que partiremos e os deixaremos em paz. – Disse o capitão Vernon.

– Não posso acreditar que esteja dando ouvidos a este alienígena! – Exasperou-se Drtoplnov.

– Se o interesse de seu povo pela paz for real, capitão Drtoplnov, então o senhor entenderia que não há mais motivos para hostilidades nesta sala, e que a proposta deste homem é perfeitamente válida – Retrucou Ueocoiei, com a voz ainda mais grave e rouca. – Pois, se estiverem mentindo, apenas minha vida e a de meus assessores estarão em perigo e, ao meu ver, nossas vidas são um preço baixo a se pagar na luta pela paz. Estou disposto a correr o risco se isso nos permitir manter a data das negociações como se nada tivesse acontecido. Nós sabemos que qualquer atraso levaria o senado de Wrtomlke a adiar o encontro por outros dois anos, o que custaria inúmeras vidas de ambos os lados.

Drtoplnov contraía sua boca diminuta freneticamente, visivelmente contrariado.

– Está bem, – Disse ele, por fim. – Mas esta nave deverá ser escoltada por uma frota assim que alcançar nosso sistema, pois, com o poderio que possuem, é vital para a segurança do grande Reino Caliginoso de Wrtomlke que eles sejam mantidos sob vigilância constante.

O senador Ueocoiei olhou para o capitão Vernon, esperando uma resposta.

– De acordo. – Disse o capitão, com um pequeno sorriso. – Agora que tudo foi acertado, ofereço minha equipe de engenharia para auxiliar no conserto dos danos que provocamos em suas naves, se assim desejarem.

– Não será necessário, capitão. – Disse Drtoplnov, ríspido.

– Agradeço, mas prefiro deixar os reparos à cargo dos meus próprios engenheiros. – Disse Ueocoiei, educadamente.

A reunião foi encerrada e assim que os reparos nas naves alienígenas foram finalizados, a USS Iguaçu partiu em direção ao planeta natal wrtomlke, carregando as comitivas dos dois povos.

Episódio 7

Um incidente diplomático

"Diário da primeiro oficial, data estelar 118082.72. Após um primeiro contato conturbado com as espécies eioiotai e wrtomlke, estamos transportando o senador Ueocoiei para participar de uma reunião, marcada há mais de dois anos, que tem como objetivo a negociação de uma trégua que representaria um passo vital para estabelecer diálogos que levariam ao fim definitivo da guerra. Segundo o senador Ueocoiei, agora na condição de embaixador, o povo wrtomlke é muito sistemático e burocrático para tomar decisões, algo que vem prolongando o conflito entre eles, e um atraso na realização da reunião custaria anos de diplomacia e centenas de milhares de vidas. Felizmente, com nossa velocidade, seremos capazes de chegar ao sistema wrtomlke em menos de 12h, vários dias antes da data marcada, o que dará ao embaixador Ueocoiei tempo para se preparar. Enquanto isso, o capitão ordenou que nossas equipes de pesquisa, dentro do possível, aprendessem sobre essas espécies e suas culturas, algo que eu mesma também farei".

– Este é o nosso holodeck. – Explicou Shion ao embaixador Ueocoiei, durante o passeio pela nave, oferecido como cortesia. – Com projeções fotônicas e campos de energia, podemos criar praticamente qualquer ambiente com grau de realismo inigualável. Ainda, com as ferramentas de

programação intuitiva e com o vasto banco de dados, é possível criar simulações com personalidade e funções específicas dentro de um contexto narrativo.

– Impressionante, nunca vi nada igual. – Admirou-se o embaixador. – Nossa tecnologia holográfica se resume a projeções em ambientes escuros, e mal temos resolução suficiente nos campos de força para criar barreiras retangulares.

– Permita-me fazer uma demonstração. – Disse Shion. – Computador, abrir programa Panorama KS11.

No mesmo instante, o ambiente que era apenas um grande local vazio, com alguns anteparos cromados e projetores, transformou-se em um vilarejo do interior da Polônia do começo do século XIX. O embaixador boquiabriu-se ao ver as casas de madeira e pedra, a tenda onde o ferreiro batia ferozmente em uma bigorna e duas crianças brigando por um brinquedo bem na sua frente.

– Venha comigo, embaixador. – Convidou Shion, gentilmente conduzindo-o a uma estalagem que ficava à direita deles, toda feita de madeira e com um telhado alto.

– Bem-vindos, viajantes. – Disse a mulher loira que limpava uma das mesas. – Hoje meu irmão conseguiu um śledź fresco de boa qualidade. Se estiverem com fome, por favor escolham uma mesa e eu logo os atenderei.

– Computador, reduzir a simpatia da garçonete e alterar a cor do cabelo para preto. – Disse Shion. – Alterar horário para 21h e adicionar mais pessoas, músicos e fumaça de cachimbo.

A cena mudou conforme as especificações dadas pela andoriana, deixando o senador Ueocoiei ainda mais

admirado. A garçonete perdeu o sorriso e o cabelo loiro, o ambiente, agora com bastante fumaça de cachimbo, passou a ser iluminado por velas presas às vigas de madeira, e mais oito pessoas surgiram entre as mesas, além de dois homens tocando acordeão e violino.

– O que vão querer? – Disse a moça, agora mal-humorada.

– Nós viajamos o dia todo e estamos famintos. – Disse Shion.

– Acho que ainda tem alguns śledź na salmoura, mas já adianto que vai demorar, estou muito ocupada e meu irmão está doente. – Disse ela.

– Ela não percebe que somos de outra espécie? – Perguntou o embaixador.

– Personagens padrão são programados para não reconhecerem coisas ou diálogos incompatíveis com sua própria narrativa. – Explicou Shion. – Computador, fechar programa.

Da mesma forma que surgiram, a estalagem e o vilarejo desapareceram, deixando os dois novamente com a visão dos anteparos cromados.

– O holodeck é um componente muito importante das naves estelares. – Continuou a primeiro oficial. – Não apenas como forma de recreação, mas como local para testes e treinamentos, visto que é possível simular voos, batalhas, experimentos de engenharia etc.

– Imagino que, assim como seus armamentos e sistemas de propulsão, essa tecnologia não será compartilhada com meu povo. – Disse Ueocoiei.

– Correto. – Assentiu Shion, enquanto deixavam o holodeck. – Como eu lhe disse anteriormente, partilhar tecnologia demasiadamente superior à qual uma espécie possua é uma violação de nossas diretrizes mais fundamentais. Por exemplo, é evidente que isso traria consequências substanciais para o conflito em que vocês estão envolvidos, e talvez seu povo ainda não esteja pronto para utilizar com sabedoria essas tecnologias.

– Infelizmente tenho que concordar. – Disse Ueocoiei. – Há muitos entre meus compatriotas que não hesitariam em exterminar os wrtomlke, caso possuíssem os meios para tal.

– Assim como, suponho, haveriam muitos wrtomlke igualmente dispostos a exterminá-los, se pudessem. – Disse Shion.

– Sem dúvidas, eles são uma espécie territorialista e xenofóbica. – Concordou o embaixador. – É extremamente difícil dialogar com eles, e o mínimo deslize de nossa parte acarreta hostilidades desproporcionais. Nossos mundos estão em conflito desde a primeira vez que pusemos os olhos uns nos outros, mas a situação piorou muito no último século, conforme nossas viagens passaram a durar dias ao invés de meses e anos. O que antes não passava de escaramuças ocasionais, tornou-se uma guerra aberta e sanguinolenta.

– Eu sinto muito. – Disse Shion. – Infelizmente a guerra parece ser uma constante do universo.

– Infelizmente. – Concordou Ueocoiei, com sua voz grave e rouca. – Mas estou determinado a contribuir para o

fim desta guerra, já que me foi dada a oportunidade de fazê-lo.

– Não cabe a mim julgar os wrtomlke com o pouco conhecimento que temos deles, mas se todos forem como o capitão Drtoplnov e os dois representantes que ele designou para nos acompanhar, sua tarefa não será fácil. – Disse Shion. – Eles se recusaram a conhecer nossa nave e permanecem fechados em seus aposentos, sem nem mesmo aceitar o jantar oferecido pela nossa cheff.

– Existe um ditado entre meu povo, comandante. – Disse o embaixador. – "Não existe rochedo que não perca a aspereza diante de um vento paciente".

Shion sorriu e, sendo muito atenciosa e paciente com os questionamentos do ilustre convidado, conduziu-o pelos principais pontos da nave.

Assim que a USS Iguaçu entrou no sistema wrtomlke, composto por oito planetas (sendo um deles classe M e todos os demais gigantes gasosos) em torno de uma estrela anã amarela, captaram a frota mencionada por Drtoplnov, constituída de dezessete naves, que os escoltaria até o planeta natal wrtomlke.

– Estão nos saudando. – Informou Giulia.

– Na tela. – Disse o capitão Vernon.

A imagem de um alienígena, parcialmente oculto nas sombras, apareceu na tela principal. Ele utilizava uma vestimenta roxa semelhante à de Drtoplnov, mas a cor de sua pele era consideravelmente menos pálida, possuindo um tom quase alaranjado.

– Sou o marechal Trntomdt, da nave baluarte Drfblirtdt, do Reino Caliginoso de Wrtomlke – Disse ele, movendo a boca diminuta. – Nós os escoltaremos e ao embaixador eioiotai, conforme estabelecido, mas devem manter suas armas desativadas e os escudos abaixados durante toda a viagem. Da mesma forma, a utilização da tecnologia conhecida como "transporte" está terminantemente proibida, e estamos autorizados a abrir fogo imediatamente caso um de nossos tripulantes seja desmaterializado.

– Estou ciente das condições. – Respondeu o capitão Vernon, levantando as sobrancelhas. – Seus representantes as transmitiram assim que vieram a bordo.

– Espero que as siga à risca. – Chiou o marechal Trntomdt. – Ou então verá que nem mesmo com seu avançado conjunto de armas é capaz de derrotar uma frota wrtomlke.

– Asseguro que não temos intenção de promover nenhum conflito com sua espécie ou qualquer outra. – Disse o capitão Vernon, firmemente. – Mas, da mesma forma, é bom que esteja ciente de que não reagimos bem a ameaças. – O alienígena empertigou-se em sua cadeira e encerrou a transmissão, sem nem ao menos responder.

– Estou recebendo as diretrizes para a aproximação em arquivo, senhor. – Informou Giulia. – Devemos manter dobra 4 e seguir rumo 121 marco 318.

– Você ouviu a subtenente Naggi, dobra 4. – Disse o capitão para Kwa. – Acionar.

A nave seguiu a frota wrtomlke até seu planeta natal, o terceiro em órbita da estrela. Seu tamanho era sete vezes maior do que a Terra e sua atmosfera era muito densa, indicando que a luz solar era débil abaixo da espessa camada

de nuvens. Além disso, a rotação do planeta era muito lenta, com um dia durando mais de setenta horas.

– É um planeta bastante incomum, quase não se enquadra na classe M. – Comentou Chelaar, analisando os dados que chegavam das sondagens preliminares. – Quase não há luz solar, a atmosfera é carregada e a vida vegetal é minguante. Além disso, as temperaturas variam de -33 graus durante a noite a 12 graus durante o dia.

– Não me admira que sejam pessoas difíceis de lidar. – Comentou Nhefé. – É comum que as intempéries de um planeta influenciem na personalidade da espécie que se desenvolve nele.

– A nave líder está chamando, senhor. – Informou Giulia.

– Na tela. – Disse o capitão, e a imagem do alienígena oculto nas sombras apareceu.

– Interrompam suas sondagens imediatamente! – Bradou o marechal Trntomdt, com sua voz aguda. – Não toleraremos espionagens!

– Não estávamos espionando, marechal. É nosso procedimento padrão quando estamos diante de um mundo novo. – Disse o capitão Vernon, fazendo um sinal aos tripulantes para que as sondagens fossem interrompidas. – Mas, como forma de demonstrar nossa boa vontade, vamos desativar temporariamente nossos sensores.

– Sua presença aqui é permitida pela magnanimidade de nosso Rei. – Disse Trntomdt. – Mas temos centenas de naves e uma grade de defesa orbital a postos para nos defender de qualquer inimigo, inclusive da sua nave.

– Repito, marechal, não somos seus inimigos e tampouco temos intenção de sê-lo. – Respondeu o capitão Vernon, mantendo a paciência.

– Não tenho tanta certeza disso, se quer saber. – Insistiu Trntomdt. – Mas minhas ordens são para lhe informar que uma nave de traslado aguarda autorização para entrar em seu hangar e transportar o embaixador eioiotai.

– A nossa nave auxiliar Mozeta foi preparada para a missão, senhor. – Informou Da'Far ao capitão.

– Tínhamos planos diferentes, marechal. – Disse o capitão.

– Esses planos mudaram. – Disse o marechal, ríspido. – Para nossa segurança plena, decidimos que o transporte deverá ser feito em uma de nossas naves ao invés da sua. No entanto, é desejo do Rei que você esteja presente. – Ele parecia contrariado com essa decisão. – Sua majestade espera conhecê-lo pessoalmente e com isso estabelecer relações com seu povo.

– Vamos pensar no assunto. – Disse o capitão, fazendo sinal para que Giulia interrompesse a transmissão.

– É desaconselhável que o senhor desça sozinho ao planeta, capitão. – Disse Nhefé. – Esta espécie é visivelmente xenofóbica e territorialista, duvido que estejam interessados em estabelecer relação amigável com quem quer que seja.

– Concordo com o conselheiro Nhefé – Disse Shion. – E francamente, a missão do embaixador Ueocoiei me parece desanimadora. Os wrtomlke parecem ser exatamente o que ele descreveu, se não pior.

– A nave do marechal Trntomdt continua chamando, capitão. – Informou Giulia.

– Essas espécies ainda estão dando seus primeiros passos na exploração espacial. – Disse o capitão Vernon, levantando-se. – Há quatro séculos, muitos acreditavam ser impossível conciliar andorianos e vulcanos. Mas aqui estamos nós, provando que a paz e o entendimento podem ser cultivados mesmo nos solos mais áridos, desde que haja dedicação e comprometimento. – Ele ergueu a mão para Giulia, pedindo para que segurasse a transmissão por um momento. – Concordo que existe a possibilidade de que os wrtomlke desperdicem esta oportunidade de dar um fim à guerra, mas ao mesmo tempo penso que o embaixador que estamos transportando pode ser a figura que transformará a história destas duas civilizações, assim como Jonathan Archer fez em sua época. Sendo assim, cabe a mim a decisão de me ausentar dos acontecimentos ou contribuir para que eles ocorram da melhor maneira possível, ajudando com nossa experiência e imparcialidade.

– O maior ensinamento é o exemplo. – Disse Shion, mexendo as antenas. – Devo concordar que ter contato com os valores da Federação poderia ser de grande valor para essa gente, mas ao mesmo tempo temo pela sua segurança.

– Minha segurança reside em saber que me dando cobertura está a melhor tripulação de toda a Frota Estelar – Sorriu o capitão. – Além do mais, é para esse tipo de situação que eu me alistei. Subtenente Naggi, abra o canal.

– Aberto, senhor. – Disse Giulia, transmitindo a imagem de Trntomdt na tela principal, visivelmente irritado.

– Ponderei sua solicitação e decidi aceita-la. – Disse o capitão, tranquilamente. – O hangar será aberto dentro de quinze minutos e o embaixador Ueocoiei, nossos demais convidados e eu, estaremos prontos para embarcar. Levarei comigo um de meus homens, pois é parte do nosso regulamento que o capitão jamais deixe a nave desacompanhado.

– Inadmissível! – Chiou o marechal Trntomdt. – A autorização se estende apenas...

– Não foi um pedido, marechal. – Interrompeu o capitão, sentando-se novamente. – Aguardaremos sua nave de traslado conforme combinado. Vernon desliga.

Após passar algumas recomendações para os oficiais superiores, o capitão desceu para o hangar, onde encontrou os quatro eioiotai e os dois wrtomlke esperando ao lado da nave de traslado. Ela era feita com algum tipo de metal profundamente negro e primorosamente polido, tendo um formato trapezoidal e cerca de seis vezes o tamanho das naves auxiliares da USS Iguaçu.

– Boa sorte, capitão. – Disse Da'Far, que o havia acompanhado até o hangar, juntamente com três outros seguranças.

Vernon assentiu e, acompanhado pelo subtenente Jebone Jaja, entrou na nave de traslado. Embora o oficial de operações daquele turno fosse o subtenente De León, o capitão optou pelo gauriano para a missão pois, além de sua experiência de anos servindo com Da'Far na USS Araucária, sua espécie era bem adaptada para ambientes com luminosidade baixa, pelo motivo de viverem em túneis nas montanhas e no subsolo de seu planeta natal.

Como esperado, a iluminação interna era muito fraca e tudo o que se podia ver era o vulto de um wrtomlke segurando uma espécie de rifle de energia. A nave era dividida entre a cabine de comando, na parte traseira, e a área de passageiros, onde havia dezesseis assentos de cada lado, todos equipados com cintos de segurança cruzados. Cada um dos passageiros tomou um lugar de sua escolha, com exceção dos dois wrtomlke, que foram conduzidos pelo tripulante armado até os assentos mais próximos da proa, onde ele também se sentou.

A descida ao planeta foi tranquila, embora marcada por alguns solavancos e vibrações, já que a nave não possuía estabilizadores e amortecedores muito sofisticados. Jaja percebeu que, exceto pelo embaixador Ueocoiei, os eioiotai estavam muito nervosos, cerrando os punhos a cada sacolejo. Além disso, não haviam quaisquer janelas ou telas, o que impedia a visão da atmosfera e da superfície, algo que talvez nem fosse possível, visto que eles se dirigiam ao hemisfério onde a noite estava em seu auge. Ninguém disse absolutamente nada durante o percurso e, ao seu término, um último solavanco foi sentido pelos tripulantes, indicando que a nave havia pousado. Depois disso, ainda tiveram que esperar por exatos vinte e cinco minutos até que permitissem a saída de todos, de forma a respeitar os rígidos protocolos de segurança wrtomlke.

Um vento congelante entrou pela porta principal assim que ela foi aberta e, quando o capitão Vernon a cruzou, percebeu que estava em um hangar posicionado entre duas gigantescas construções cúbicas, cada uma com mais de

cem metros de altura. Toda a iluminação externa era constituída de lâmpadas amareladas, que mal permitiam ver as linhas pintadas na calçada pela qual seguiam em direção à um dos cubos negros.

– Somos os primeiros eioiotai a pisar neste planeta em cinquenta anos, capitão. – Informou o embaixador Ueocoiei, tremendo de frio. – Mas vejo que meus compatriotas foram muito fiéis em seus relatos feitos à época.

– Desconheço os relatos feitos pelos últimos de seu povo que estiveram aqui, embaixador, mas a primeira coisa que colocarei em meu próprio relatório é que ar daqui é muito pesado. – Comentou Vernon. – Parece que eu estou respirando debaixo d'água.

– Há centenas de pessoas ao nosso redor, em uma espécie de praça. – Sussurrou Jaja, observando discretamente a escuridão que os cercava. – Todos usam o mesmo estilo de roupa, que deixa apenas o rosto visível, e alguns estão armados com rifles.

– Nós estamos no coração do Reino Caliginoso de Wrtomlke. – Explicou Ueocoiei, rouco. – Esta deve ser a Praça da Simetria, localizada entre o palácio real e o parlamento.

– E para qual dos dois estamos indo? – Perguntou um dos eioiotai, tiritando. – Não consigo distinguir qual é qual.

– Vocês estão diante do Portão Régio. – Disse um dos wrtomlke que os acompanhava, levantando a voz. – Sintam-se honrados, pois logo verão sua majestade, o Rei Mtu Krmiplndt, em pessoa.

Na ponte da USS Iguaçu, os tripulantes aguardavam a confirmação da chegada da comitiva à superfície do planeta natal wrtomlke.

– Sou o único aqui que acha esta situação tensa? – Perguntou o tenente Rose, virando-se para Shion e Nhefé. – Dezenas de naves de guerra ao nosso redor e nossos escudos estão abaixados, isso sem contar as armas e os sensores desativados.

– Com certeza não. – Disse Chelaar, sacudindo a cabeça.

– Calculo em torno de 75% de chance de nos envolvermos em um confronto com os wrtomlke. – Disse Nhefé.

– É uma projeção pouco otimista, mas devemos estar preparados para ela. – Disse Shion. – A Iguaçu é mais rápida do que qualquer uma dessas naves, então nossa vantagem está em reagir imediatamente, portanto, fiquem alertas.

– Sim, senhor. – Disse Rose.

– A nave de traslado pousou no planeta, comandante. – Informou Da'Far.

– Contate-os. – Disse Shion para Giulia.

– O sinal está péssimo. – Disse a oficial de comunicações. – Além da atmosfera carregada, o local onde pousaram fica num vale cercado por inibidores iônicos.

– Iguaçu para capitão Vernon. – Chamou Shion.

Ouviu-se apenas chiado e estática

– Estou tentando normalizar. – Disse Giulia.

– *Acabamos de entrar no saguão do palácio real, imediato.* – Ouviu-se a voz do capitão, em meio a um forte ruído. – *Seremos recebidos pelo monarca dentro de alguns minutos. Seus*

assessores demonstraram ser mais receptivos do que o marechal Trntomdt e seus amigos aí em órbita.

– Aguardaremos instruções, senhor. – Disse Shion. – Mais uma coisa, a engenharia pediu para informa-lo que encontrou o problema no sintetizador de seus aposentos e está trabalhando para repará-lo.

– *Entendido.* – Disse o capitão. – *Vernon desliga.*

Com essa frase, a primeiro oficial informava ao capitão, de maneira codificada, que haviam tentado manter uma trava de transporte no sinal de seu comunicador, mas que alguma coisa impedia o funcionamento adequado dos equipamentos, bem como que estavam trabalhando para contornar o problema. Assim, caso houvesse algum revés ou situação de risco, o capitão estaria ciente de que teria que agir sem a salvaguarda de um transporte de emergência.

– Comandante, a nave líder está chamando. – Informou Giulia.

– Na tela. – Disse Shion, e imediatamente o rosto do marechal Trntomdt apareceu, parcialmente oculto pelas sombras.

– Doravante, todas as comunicações com o planeta precisarão de minha autorização direta. – Disse ele, ríspido, e encerrou a transmissão.

Shion mexeu as antenas e olhou para o conselheiro, que deu os ombros.

O imenso saguão principal tinha o formato de um cubo perfeito, na proporção exata de 1:23 do palácio, e era bastante iluminado para os padrões wrtomlke, com diversas luzes circulares dispostas em ziguezague pelas paredes. Apesar

disso, para Vernon, o ambiente ainda era incômodo, pois o negro profundo das paredes, teto e chão, refletia as fracas luzes e causava impressão semelhante à de se estar em uma sala de espelhos, com a diferença que seu reflexo era apenas um vulto na penumbra. O incômodo nos eioiotai também era visível, e eles andavam praticamente colados uns nos outros, olhando para os lados, ora com os olhos semicerrados, buscando alguma coisa nas paredes escuras, ora com os olhos arregalados, temerosos.

Dois assessores wrtomlke orientavam a comitiva de visitantes, ambos usando o mesmo tipo de vestes típicas, porém de cor azul-marinho. Embora fossem corteses e polidos, inspiravam pouca simpatia, em parte devido ao fato de também estarem acompanhados por vários guardas fortemente armados.

– Pedimos desculpas pelo inconveniente, mas o Rei não recebe ninguém antes de uma série de varreduras de segurança. – Disse um deles, balançando uma antena curvada diante da comitiva. – Os sensores de nossas naves de traslado infelizmente não são capazes de detectar biobombas e venenos dissipados pela respiração.

– Eles dariam bons oficiais de segurança. – Comentou o subtenente Jebone Jaja, em voz baixa. – Da'Far adoraria instituir esse tipo de procedimento a bordo.

Vernon sorriu, mas não respondeu em voz alta, pois naquele instante iniciou-se a execução de uma série de sons sintéticos agudos, que faziam contraponto com uma série de tambores e ruídos graves. Os wrtomlke ergueram as mãos na direção de uma das paredes, onde uma grande

porta retangular foi aberta, revelando um vulto vermelho-alaranjado.

Era um indivíduo da mesma espécie deles, mas ao invés de vestir o traje típico que cobria o corpo todo, trajava apenas uma espécie de calção curto e uma regata, ambos cor de sangue e muito justos. Estava descalço e seu corpo era surpreendentemente definido, como se cada músculo tivesse sido esculpido por um artista. Seu rosto era semelhante ao dos demais de sua espécie, com boca diminuta e grandes olhos, mas o que mais chamava atenção eram seus reluzentes cabelos loiros, volumosos e cacheados, na altura do ombro.

– Majestade. – Disseram em uníssono os wrtomlke presentes na sala.

– Mtu Krmiplndt. – Exclamou o rei, com uma voz aguda. – Este é o meu nome.

– Sou o embaixador Ueocoiei. – Apresentou-se o eioiotai, dando um passo à frente e levantando os braços. – Aqui estou para representar o povo da República Estelar Eioiotai.

– Sou o capitão Víbio Vernon, da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse ele, também dando um passo à frente.

– Sim, sim. – Disse o rei, aproximando-se deles. – Hoje é um dia histórico para o grande Reino Caliginoso de Wrtomlke. Pela primeira vez em décadas recebemos um eioiotai, que arriscou sua vida para participar de uma reunião, visando promover a paz, que meu antecessor tão sabiamente agendou. E mais do que isso, recebemos um povo

que afirma ter vindo da Grande Galáxia, cujo avanço tecnológico nos faz parecer bárbaros da era das ravinas. – Ele chegou muito próximo do rosto do capitão, que pode sentir seu hálito perfumado. – Diga-me, capitão, qual seria o interesse de seu povo em seres tão primitivos quanto nós? Nosso primeiro-ministro acredita que vocês fazem parte de uma missão de reconhecimento, e que, em breve, milhares de naves iguais às suas virão para conquistar cada planeta que encontrarem pelo caminho.

– Nossa missão é pacífica, eu lhe asseguro. – Disse o capitão Vernon. – Fazemos parte de uma federação que promove a amizade entre diferentes culturas e povos, com o propósito comum da exploração científica e da interação pacífica com novas formas de vida e novas civilizações.

– Me parece muito nobre para quem carrega armamentos tão potentes. – Disse o rei, virando-se. – O marechal Trntomdt disse que vocês possuem um dispositivo capaz de desmaterializar seu inimigo mesmo que ele esteja dentro de uma nave.

– Seu marechal certamente está equivocado. – Respondeu o capitão Vernon. – O dispositivo ao qual ele se refere não se trata de uma arma, mas sim de um meio de transporte. Nós somos capazes converter a matéria de algo ou alguém em energia, e com isso transporta-la quase que instantaneamente, rematerializando-a incólume no local de destino.

– Então onde estão os embaixadores eioiotai que originalmente viriam para o grande Reino? – Perguntou o rei, parando em frente ao embaixador Ueocoiei.

– Houve um acidente durante a tentativa de resgate. – Disse o embaixador, com sua voz rouca e firme. – Duvidei no início, mas eles provaram estar dizendo a verdade.

– Francamente, não me interessa qual é a verdade. – Disse o rei, debochado. – Tudo o que me importa é que tenho um tesouro tecnológico orbitando meu planeta, séculos a frente de nosso tempo, repleto de armas que nos fariam vencer esta guerra e qualquer outra em questão de dias.

– A nossa política de compartilhamento de tecnologia é muito rigorosa, majestade. – Falou firmemente o capitão Vernon. – Contudo, possuímos uma vasta experiência com a diplomacia e, caso desejem, podemos ajudar a encerrar esta guerra de outra maneira.

– Não sou fraco como meu antecessor, capitão, e não é meu desejo encerrar esta guerra com um acordo de paz. – Riu o rei. – Eu mesmo ordenei o envio de naves para destruir a comitiva eioiotai, antes que seu povo sujo pusesse os pés no solo poderoso do grande Reino Caliginoso de Wrtomlke.

– Como pôde? – Bradou o embaixador eioiotai, estarrecido com a confissão do rei. – Você tem ideia de quantas vidas condenou com isto? Esta guerra é tão danosa para seu povo quanto é para o meu!

– Não será mais, agora que tenho a oportunidade de explorar o poderio da nave de Vernon. – Disse o rei, acenando para que os guardas algemassem os membros da comitiva.

– Você não a tem, e nunca a terá – Disse o capitão, tocando em seu comunicador. – Vernon para Iguaçu.

– Poupe seus esforços, nosso campo de interferência foi ampliado para bloquear seus sinais de comunicação. – Disse o rei. – Agora você é prisioneiro do grande Reino Caliginoso de Wrtomlke, e sua vida está em minhas mãos.

Em órbita, a USS Iguaçu estava cercada por dezenas de naves wrtomlke, desde alguns caças pequenos, com armamentos fracos, até grandes cruzadores de batalha e bombardeiros carregando ogivas nucleares. A comandante Shion sabia que, embora possuísse armamentos obsoletos, aquela frota era numerosa o suficiente para infligir danos consideráveis, caso eles fossem obrigados a permanecer ali durante um combate.

– O marechal Trntomdt está chamando novamente. – Informou Giulia.

– E lá vamos nós. – Suspirou Shion. – Na tela.

Empertigado em sua cadeira de comando parcialmente oculta pelas sombras, o marechal parecia muito satisfeito.

– Acabo de receber uma transmissão do palácio real. – Disse ele, apertando sua pequena boca circular em um estranho sorriso. – Tenho a satisfação de informar que sua majestade, o Rei Mtu Krmiplndt, declarou que sua nave é patrimônio do grande Reino Caliginoso de Wrtomlke. Fui ordenado a confiscá-la e estou enviando grupos de abordagem para...

– Alerta vermelho. – Disse Shion, e Giulia fechou o canal.

Como sempre acontecia quando essa ordem era dada pelo oficial em comando, o alerta sonoro passou a soar

e as luzes dos anteparos horizontais passaram a piscar, ambos em intervalos de três segundos, ao mesmo tempo que a intensidade da luz ambiente diminuiu em aproximadamente um quinto.

– Escudos levantados. – Disse Da'Far.

– Armas prontas. – Disse Rose.

– Algum sinal do capitão e do subtenente Jaja? – Perguntou Shion.

– Nossos sensores conseguem captar os biosinais deles, mas a interferência continua impedindo transportes e comunicações. – Respondeu Chelaar.

– A nave líder está chamando, senhor. – Informou Giulia.

– Ignore. – Disse Shion. – Vamos enrolá-los um pouco.

– Estão carregando as armas. – Informou Rose.

– Comandante. – Disse o conselheiro Nhefé. – Concordo com sua interpretação de que eles não desejam destruir a Iguaçu, afinal de contas, ficou claro que decidiram se apossar da nossa tecnologia. No entanto, creio que a integridade física do capitão esteja seriamente ameaçada.

– Estou ciente disso, conselheiro. – Disse Shion. – Apenas quero dar a eles uma amostra da nossa capacidade defensiva enquanto desenvolvemos a melhor estratégia para sair dessa situação. Com isso, espero deixá-los ainda mais interessados em tomar a Iguaçu sem lhe causar grandes avarias, e assim nossos esforços se concentrarão unicamente em negociar a liberdade do capitão.

– Dez naves iniciaram uma sequência de disparos contra nós, utilizando apenas canhões de prótons. – Informou Da'Far. – Escudos aguentando.

– Ótimo. – Disse Shion, cruzando as pernas. – Tenente Rose, seria possível derrota-los apenas com disparos em conjuntos de armas e sistemas de propulsão?

– Depende da intensidade do combate. – Informou o oficial tático. – Se eles vierem com tudo, seria impossível romper o cerco sem destruir algumas naves.

– Alferes Kwa, encontre o melhor curso para fora desse enxame de naves e aguarde minha ordem. – Disse Shion, mexendo as antenas. – Não pretendo ganhar uma batalha destruindo naves visivelmente inferiores, então nossa alternativa será a velocidade.

– Comandante, estão nos chamando. – Informou Giulia. – Desta vez é do planeta, parece que o rei em pessoa deseja falar com a senhora.

– Neste caso, vamos ouvir o que ele tem a dizer. – Disse Shion. – Na tela.

A imagem do rei, com sua roupa vermelha e seus longos cabelos loiros, apareceu na tela principal, surpreendendo a todos que esperavam outra figura coberta por um manto escuro.

– Mtu Krmiplndt. – Disse ele, levantando o queixo. – Este é o meu nome.

Shion mexeu as antenas e se pôs de pé.

– Sou Kan Shion, primeiro oficial da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse a andoriana. – Como deve ter percebido, apesar do ataque injustificado que sofremos, nossa postura se mantém pacífica. No entanto, adianto que

nossa paciência não é ilimitada e, se quer manter nossas armas desativadas, deve me deixar falar com o capitão Vernon imediatamente.

– Seu capitão está muito bem, mas não permitirei que o contate. – Respondeu o rei. – Entenda, comandante, eu ponderei cuidadosamente as alternativas antes de ordenar a captura de sua nave e, em qualquer situação, eu terei resultados satisfatórios. – Ele comprimiu sua boca em um sorriso estranho. – Caso vocês optem por ficar e batalhar, ordenarei que incapacitem sua nave sem destruí-la, mesmo que isso custe metade da minha frota. Caso vocês optem por fugir, permanecerei com seu capitão e o outro oficial sob custódia, os quais terei prazer em torturar e interrogar até que compartilhem comigo alguns de seus segredos.

– Isso será inútil, eles jamais cederão. – Disse Shion, resoluta. – Oficiais da Frota Estelar estão prontos para dar as vidas antes de entregar segredos militares a espécies hostis.

– Mesmo neste caso, não terei perdido nada. – Disse o rei, debochado. – Meu povo continuará vivendo como vivia antes de vocês aparecerem, e encontraremos um meio de vencer a guerra contra os eioiotai sem a sua tecnologia. – Ele inclinou a cabeça para frente. – Mas eu sou um homem muito equilibrado, comandante, e não desejo nenhuma consequência extrema. Proponho um acordo.

– Que tipo de acordo? – Perguntou Shion.

– Vocês devem transmitir especificações de seus escudos, armas, sistemas de propulsão e daquilo que chamam de transporte. – Disse o rei. – Após nossos cientistas

atestarem que não se trata de uma fraude, libertarei o capitão e o outro tripulante, e vocês estarão livres para seguir seu caminho.

– O capitão Vernon deve ter deixado claro que nossas diretrizes mais fundamentais nos impedem de partilhar tecnologia que desequilibre o desenvolvimento natural de uma civilização, ainda mais uma que esteja envolvida em conflitos militares. – Disse Shion. – No caso de aceitarmos seu acordo, seria impossível prever as consequências. Poderíamos ser indiretamente responsáveis pelo massacre de milhões de cidadãos eioiotai.

– Quem pode prever por quantos séculos esta guerra perdurará? – Argumentou o rei. – Quantos milhões de vidas poderiam ser salvas se ela tivesse fim agora, com auxílio de sua tecnologia?

– Ela pode ter fim agora, sem que nenhuma gota de sangue seja derramada. – Disse Shion. – Basta que seu povo aceite o diálogo com os eioiotai. Pelo que pude perceber, é do maior interesse deles que haja uma trégua e um acordo de paz.

– É claro, desde que nós abramos mão de nossos territórios de direito no sistema Xrnpalkt. – Disse o rei, irritado. – Não acredite em tudo que os eioiotai dizem, forasteira, eles são mais traiçoeiros do que parecem.

– Precisamos de tempo para decidir. – Disse Shion, após um momento de silêncio. – Não tomarei nenhuma atitude sob pressão.

– Vocês têm meia hora. – Disse o rei e, cruzando os braços e pressionando os bíceps contra o peito, encerrou a transmissão.

– Pararam de atirar, senhor. – Informou Da'Far.

– Suponho que aceitar a proposta do rei não seja uma opção. – Disse Chelaar.

– É evidente, comandante. – Disse Nhefé. – O rei mente ao dizer que nos deixará partir se enviarmos as especificações técnicas que ele pediu. Creio que a intenção dele seja, na verdade, tentar obter o máximo de informações possíveis por meios pacíficos, para só então atacar a Iguaçu e obter o restante à força.

– Ele certamente cogita a hipótese de que, durante um confronto, nós venhamos a apagar nosso banco de dados ou a destruir a nave propositalmente. – Completou Shion. – Precisamos de um plano melhor.

– Precisamos de tempo, comandante. – Disse Rose. – Em meia hora será impossível elaborar um plano de resgate que não envolva um conflito aberto com eles.

– Concordo com o tenente Rose, nós estamos cercados e todas as nossas ações estão sendo monitoradas. – Disse Da'Far. – Se optarmos por enviar um grupo avançado, teremos que proteger a nave auxiliar enquanto ela estiver em órbita e, mesmo que eles consigam chegar ao destino sem serem destruídos por uma possível força de defesa planetária, seguramente seriam recebidos por um oponente muito mais numeroso. O mesmo aconteceria no caso de utilizarmos os transportes para posicionar tropas ao redor do palácio. Não haveria meio de enfrentar uma defesa numericamente superior e adaptada ao terreno que nos é desconhecido.

– Nesse tipo de operação, o fator surpresa é essencial. – Completou Rose. – Sem ele, nada nos garante que o capitão será mantido vivo.

Shion pensou por um momento, estreitando os olhos e mexendo as antenas.

– Subtenente Naggi, abra um canal para o palácio real. – Ordenou ela, levantando-se e dando alguns passos na direção da tela principal, parando ao lado da alferes Kwa. – Já tomei minha decisão.

– Canal aberto, senhor. – Disse Giulia.

O rosto do rei Mtu Krmiplndt apareceu na tela, enigmático.

– Sirvo com o capitão Vernon há apenas dois meses, mas já conhecia sua reputação desde muito antes. – Começou a andoriana, antes que o rei pudesse dizer qualquer coisa. – Não são poucos os que dizem que ele é o melhor capitão de sua geração, atribuindo-lhe a fama de ser um perfeito diplomata quando o diálogo é necessário, e um adversário feroz e sagaz quando o combate é inevitável. No entanto, a qualidade mais admirável nele é, sem dúvidas, o zelo pelos princípios fundamentais que alicerçam a Federação dos Planetas Unidos e, assim sendo, tenho certeza que ele dará sua vida sem hesitar para protege-los. – Ela juntou as mãos atrás do corpo, levantando a cabeça. – Suponho que vocês não pouparão ele e o subtenente Jaja de um interrogatório brutal, mas, caso exista alguma noção de dignidade em sua cultura, transmita a eles, em meu nome e da tripulação da USS Iguaçu, nossa profunda admiração e respeito. – A andoriana voltou à cadeira do capitão, onde se sentou e passou a encarar firmemente o surpreso rei Mtu

Krmiplndt. – Diga ao capitão Vernon que seu sacrifício não será esquecido, e que eu honrarei seu posto enquanto eu viver.

– Espere um momento... – Começou o rei, com voz estridente. Sua expressão estupefata diante da declaração de Shion, era compartilhada por alguns tripulantes da ponte, especialmente Chelaar.

– Escudos ao máximo. – Disse Shion firmemente, sinalizando para que Giulia encerrasse a transmissão. – Alferes Kwa, tire-nos daqui.

– Sim, senhor. – Disse Kwa, alerta, acionando os propulsores e abrindo caminho em meio à frota alienígena.

– Tenente Rose, mire nos propulsores e conjuntos de armas deles, quero o maior número possível de naves desabilitadas. – Disse Shion.

– Sim, senhor. – Disse Rose e, auxiliado pelo alferes Eri-Ribb, iniciou uma sequência de disparos contra as naves mais próximas, enquanto a USS Iguaçu ziguezagueava sob intenso fogo inimigo.

– Alferes Kwa, assim que os deixarmos para trás, quero que marque um curso rumo 230 marco 52, dobra máxima. – Disse Shion.

– Você não pode estar falando sério! – Disse Chelaar, perplexa. – Vai mesmo deixar o capitão para morrer nesse planeta miserável?

– Contenha-se, comandante. – Disse Shion, sem olhar para Chelaar.

– Você não poderia ter tomado essa decisão sem antes tê-la discutido com os oficiais graduados. – Disse Chelaar, pondo-se de pé e inclinando-se sobre sua estação de trabalho.

– Não havia tempo para reuniões, comandante. – Disse Shion, enérgica. – E devo lembrá-la de que estou no comando desta nave, portanto modere seu tom de voz e guarde seus questionamentos para si mesma.

– É a oportunidade que você estava esperando, não é mesmo? – Bradou Chelaar, com raiva. – Você queria o comando desta missão desde o princípio, e agora tem a oportunidade perfeita para assumir! Mas não espere obter admiração e apoio incondicional, pois nem todos nesta nave vão aceitar seguir as ordens de uma usurpadora!

– Já basta! – Esbravejou Shion. – Contenha-se ou será confinada aos seus aposentos.

– Senhor, passamos pelo bloqueio de naves. – Informou Kwa, ignorando o clima de tensão na ponte e acionando os motores de dobra. – Seguimos o curso designado.

– Ótimo, alferes. Leve-nos por meio ano luz além deste sistema. Deve ser o suficiente para sair do alcance dos sensores deles. – Disse Shion. – Em seguida, ative a camuflagem e dê meia volta. Quero que nos coloque atrás do sol, de lá poderemos lançar a operação de resgate sem sermos detectados. – Ela se levantou, contornando sua cadeira em direção ao fundo da ponte. – Rose, Da'Far, quero discutir os detalhes do meu plano com vocês na sala de reuniões.

– Senhor... – Começou Chelaar, hesitante, virando-se para Shion.

– Teremos tempo para essa conversa quando o capitão estiver a bordo, comandante Chelaar. – Disse Shion, em tom de censura. – No momento, tudo o que eu preciso é saber se posso contar com você enquanto lidero o grupo de resgate.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar firmemente, endireitando o corpo e levantando o queixo.

– Ótimo, a ponte é sua. – Disse a andoriana e, acompanhada por Da'Far e Rose, entrou na sala de reuniões.

O plano para resgatar o capitão Vernon, o subtenente Jaja e os representantes eioiotai consistia no envio de uma nave auxiliar indetectável ao planeta, de modo que uma equipe pudesse se infiltrar no palácio, chegando perto o suficiente para executar um transporte de curta distância, tendo como referência os sinais vitais dos prisioneiros. Embora não possuíssem o mesmo dispositivo de camuflagem que a USS Iguaçu, as quatro naves auxiliares estavam equipadas com versões idênticas dos sistemas repulsores da nave principal. Esses sistemas funcionavam de maneira semelhante à camuflagem, mascarando rastros de energia e repelindo leituras de sensores, com a diferença que a nave permanecia visível a olho nu. Logo, o curso teria de ser precisamente calculado para evitar um possível contato com satélites, sistemas de vigilância orbital e naves que estivessem no espaço e na atmosfera do planeta.

A comandante Shion, que lideraria a missão pessoalmente, optou pela nave auxiliar de nome Mozeta, convocando a alferes Kwa para pilota-la. Além da miresita, Shion

escolheu apenas dois tripulantes de operações, um enfermeiro e um segurança, pois haveria pouco espaço a bordo após o regate dos seis prisioneiros.

– Ative os repulsores assim que deixarmos o hangar, alferes. Vamos contornar o sol e seguir o curso indicado pela astrometria. – Disse Shion para Kwa, após todos tomarem seus postos na cabine da Mozeta. – A capacidade de sondagem deles é rudimentar, então devemos evitar um contato visual a todo custo, especialmente após entrarmos na atmosfera.

Não demorou muito para que eles estivessem em órbita do planeta natal wrtomlke, passando por um ponto vulnerável da grade de defesa orbital e entrando na atmosfera milhares de quilômetros ao norte da cidade onde estava o palácio real. Depois, em altíssima velocidade, deslocaram-se por entre a camada mais densa de nuvens, mantendo-se afastados das muitas aeronaves que cruzavam os céus do planeta e finalmente pousaram num platô que ficava há pouco menos de dez quilômetros do palácio.

– Consegue uma trava dessa distância? – Perguntou Shion a um dos tripulantes de operações.

– Não, senhor. – Respondeu ele. – Tem muita interferência.

– Sonde os arredores do palácio buscando por locais com pontos cegos na vigilância e sem movimentação de pessoas. – Ordenou a andoriana. – Transporte-nos e ao meu sinal envie também os amplificadores de padrão.

– Sim, senhor. – Disse o tripulante e, após uma sondagem detalhada do palácio e de suas adjacências, transportou Shion, o segurança e o outro tripulante de operações

para um beco em formato de T, formado pelo desenho do muro que cercava a praça principal, os prédios do parlamento e do palácio.

Confirmando que a presença deles permanecia desconhecida da segurança local, Shion ordenou o transporte dos amplificadores de padrão, que nada mais eram do que dispositivos cilíndricos, relativamente finos e com cerca de meio metro de altura que, quando colocados em ambientes com muita interferência, possibilitavam um transporte seguro e eficiente. Da posição em que estavam, já era possível captar os seis sinais de vida pertencentes ao capitão, ao subtenente e aos eioiotai, todos estáveis. Ainda assim, diante do forte bloqueio e da localização dos prisioneiros, possivelmente vários andares abaixo da superfície, seria necessária a colocação de pelo menos um conjunto triplo dentro das paredes do palácio, para poder enfim realizar o resgate.

– Fique aqui, e providencie a triangulação para o transporte do capitão. – Disse Shion ao tripulante de operações. – Nós vamos entrar pela porta de acesso terciária, na lateral noroeste do edifício, e então acionaremos os amplificadores imediatamente. É essencial que o transporte seja bem-sucedido, pois possivelmente teremos pouco tempo até que nossa presença seja notada, especialmente se tivermos que nocautear alguns seguranças.

– Sim, senhor. – Disse o tripulante.

A operação toda durou menos de um minuto. Shion e o segurança correram na direção da entrada terciária, que estava há menos de cem metros da posição deles, tendo que disparar um tiro de fêiser (regulado para tonteio), em um

guarda que estava em patrulhamento pelo perímetro do palácio. Na sequência, com outro disparo, desta vez contínuo, forçaram a abertura da porta e entraram um pequeno corredor, tendo que deixar inconscientes outros dois guardas que estavam do lado de dentro. Rapidamente, Shion posicionou os amplificadores e deu o sinal para que fosse efetuado o transporte, retirando-se logo em seguida para o local onde o tripulante de operações havia ficado, de onde os três, juntamente com o equipamento, foram transportados à nave auxiliar.

A cabine da Mozeta ficou apertada com a presença do grupo avançado e dos tripulantes resgatados. O capitão Vernon e o subtenente Jaja estavam ilesos, mas os eioiotai (que sobreviveram ao transporte graças às melhorias implantadas pelo comandante Hashimoto) apresentavam vários ferimentos que pareciam ter sido provocados por chicotes dentados, e foram imediatamente atendidos pelo enfermeiro. Antes que a força de segurança wrtomlke pudesse se mobilizar, a nave auxiliar já havia alcançado a órbita, distanciando-se do planeta e retornando ao hangar da USS Iguaçu.

"Diário da primeiro oficial, suplemento. Em questão de horas, deixamos o sistema solar wrtomlke e devolvemos o senador Ueocoiei ao seu planeta natal, o qual poderemos conhecer e estudar por alguns dias. Apesar da já esperada solicitação de tecnologia militar, a qual educadamente negamos, os eioiotai foram muito receptivos e demonstraram legítimo interesse em aprender mais sobre nossas experiências com tratados e paz em conflitos interespécies. O conselheiro Nhefé permanece em conferência com os líderes do planeta

desde que chegamos, e pretende compartilhar com eles uma seleta base de dados contendo as mais relevantes resoluções de disputas e acordos de cessar-fogo de nossa história, na esperança de que eles percebam que uma boa diplomacia é uma arma mais eficiente do que fêiseres e torpedos fotônicos".

Episódio 8

Viajantes do espaço

O carcereiro, um homem definitivamente medonho, brincava com os comunicadores de Kwa, Chelaar, Giulia e do alferes Eri-Ribb, enquanto os tripulantes, sentados em banquinhos hexagonais fixados à parede da cela, nada podiam fazer.

– Se você não fizesse tanto barulho enquanto caminha, os guardas não teriam nos emboscado. – Disse Chelaar, estreitando o olhar na direção de Kwa.

– Se alguém aqui faz barulho é você, comandante. – Retrucou a miresita. – Sua respiração é tão forte que acordaria uma tharta na quinta semana de hibernação.

O carcereiro deu uma risada retumbante, chacoalhando a tromba bifurcada que pendia de sua testa.

– Uma tharta seria melhor companhia numa missão de resgate. – Disse Chelaar, inclinando a cabeça. – Pelo menos teria força o suficiente para derrubar um guarda franzino como aquele que te nocauteou.

– Franzino? Ele tinha duas vezes o meu tamanho! – Argumentou Kwa, provocativa. – Posso ver que suas definições de constituição física se baseiam na sua própria imagem refletida no espelho, comandante.

– Eis outra coisa que seria mais útil ter como companhia nesta operação. – Respondeu Chelaar, inabalável. –

Meu reflexo certamente é mais sagaz e corajoso do que você, alferes.

Um segundo carcereiro, ainda mais medonho, vestindo um roupão de couro absurdamente justo e portando uma longa e afiada cimitarra de lâmina prateada, chegou pelo corredor escuro e aproximou-se do seu colega. Ele cochichou algo em seu ouvido peludo e imediatamente, de maneira perfeitamente sincronizada, os dois começaram a emitir um irritante som gutural, parando após alguns segundos.

– Eles são quase tão irritantes quanto você, Kwa. – Falou Chelaar. – Embora sejam inegavelmente mais bonitos.

– Não seriam tão irritantes se estivessem desacordados. – Disse Kwa, levantando as sobrancelhas. – Mas isso só teria acontecido se tivéssemos entrado pela porta que eu sugeri, e não pela grande e reluzente porta do refeitório. Da próxima, vez sugiro que a senhora se alimente antes da missão, para que sua fome não interfira na tomada de decisões.

– Isso se houver próxima vez. – Retrucou Chelaar. – Pois graças à sua imperícia no uso do fêiser, é possível que nós jamais tenhamos a chance de corrigir os erros de hoje.

– Quietos! – Grunhiu o carcereiro, levantando uma de suas três robustas mãos. – Guardem o fôlego para o afogamento, seus nojentos. – E deu uma risada tão medonha quanto seu olho semicircular.

– Você é muito boa nisso, Kwa. – Disse Giulia, em tom de voz baixo e com uma expressão de aprovação no rosto. – Se eu a visse suja de lama, não duvidaria de que fosse uma tellarita.

– Eu costumava almoçar com o conselheiro da USS Autentica, um amigo tellarita chamado Braur, então não me faltaram oportunidades para praticar. – Disse Kwa, feliz. – Discutíamos sobre todos os assuntos que você possa imaginar, desde o desempenho nas missões avançadas até a escolha de cores para a decoração do refeitório no dia do aniversário de lançamento da nave. Uma vez ficamos mais de meia hora debatendo sobre a sopa que eu havia escolhido, e como os ingredientes dela harmonizavam ou não entre si.

– Eu e Giulia temos servido juntas por anos e ela nunca foi capaz de ter uma boa discussão comigo. – Riu Chelaar, colocando as mãos nos joelhos.

– Espero que essa afirmação tenha sido apenas parte da brincadeira, comandante. – Disse Giulia, fingindo um tom de seriedade. – Eu não suportaria a ideia de ser uma decepção para uma amiga tão querida.

– Em primeiro lugar, para qualquer tellarita que se preze, uma discussão jamais é uma brincadeira. – Disse Chelaar. – Em segundo lugar, sua tentativa foi péssima. "*Eu não suportaria a ideia de ser uma decepção*", de onde foi que você tirou isso? Sorte a minha que Kwa está aqui, pois se eu tivesse que passar meu tempo discutindo com você ou com o alferes Ribb, morreria de desgosto antes de ser afogada pelo carrasco.

– Ela é boa. – Disse Kwa.

– Realmente. – Disse Giulia.

O alferes Eri-Ribb apenas assentiu, com um sorriso tímido.

– Não são muito de falar, os leváqueos, não é mesmo? – Disse Chelaar, pondo a mão no ombro do alferes. – A política não deve ser muito empolgante em Leva.

A espécie de Mhwatrrv Eri-Ribb, auxiliar tático da ponte, era famosa pelo silêncio. Dizia-se que, durante os duzentos e cinquenta anos de sua vida, um leváqueo fala menos palavras do que um humano fala em apenas um ano. Apesar de seu peculiar uso da linguagem oral, essa espécie era bastante hábil na diplomacia, especialmente pela sua paciência, disposição em ajudar e capacidade de antecipação de situações.

Enquanto os tripulantes conversavam em tom de voz baixa, o carcereiro coçava as escamas de um dos seus cotovelos e cantava uma música horrorosa, completamente desafinado.

– Hoje eu a vi tomando café da manhã com a comandante Shion. – Disse Kwa para Chelaar. – Fico feliz que as coisas tenham se resolvido amigavelmente.

Giulia sorriu, apreciando o modo despojado e direto de Kwa, capaz de entrar em assuntos espinhosos de forma completamente inocente.

– Sim, foi uma situação infeliz causada pelos meus preconceitos em relação a ela. – Disse Chelaar, explicando-se. – Eu costumo demorar bastante para confiar em alguém e, como também sou muito leal ao capitão Vernon, acabei exagerando um pouco. Mas se tem algo que eu aprendi com meus pais, além de boas táticas de argumentação, foi a me desculpar quando eu estivesse errada.

Giulia fez um comentário, mas sua voz foi abafada por uma explosão forte do lado de fora e, antes que o carcereiro pudesse reagir, ele foi atingido por um disparo de fêiser, caindo sobre a mesa onde estavam os comunicadores. O tenente Pyrrhus Rose e dois outros tripulantes haviam chegado, empunhando suas armas, e um quarto tripulante entrou em seguida, portando amplificadores de sinal.

– Não se pode negar que ele é muito criativo. – Disse Rose, empurrando o alienígena da mesa e pegando os comunicadores e demais objetos anteriormente recolhidos dos prisioneiros. – Esse é o alienígena mais medonho que eu já vi.

– Você deveria ter visto o outro, usava um roupão de couro tão justo que quase dava vida própria às suas quatro nádegas. – Disse Giulia, levantando-se.

– Meu Deus, qual é a necessidade disso? – Perguntou Rose, balançando a cabeça.

– Realmente não sei, talvez ele queira tornar a experiência mais desagradável. – Disse Chelaar. – Suponho que as canções horríveis sejam para aguçar nossa concentração, ou algo do gênero.

– Os treinamentos do subcomandante Da'Far dariam ótimas holonovelas. – Disse Rose, finalizando a colocação dos amplificadores de sinal e sentando-se sobre a mesa do carcereiro. – Tenente Rose para Iguaçu, oito para subir.

– Computador, encerrar simulação. – Ouviu-se uma voz abaixo deles.

No local onde antes havia o corpo inerte de um alienígena medonho, estava agora o tenente comandante

Da'Far, cuja fantasia holográfica desaparecera juntamente com todos os demais elementos da simulação.

Após o incidente com os wrtomlke, o chimarrita havia elaborado uma rotina de treinamento nova, visando preparar melhor a tripulação para operações de resgate em situações de corrida contra o tempo.

– Nada mal, tenente. – Disse Da'Far, compenetrado. – Sua equipe conseguiu resgatar os reféns trinta e oito segundos mais rápido do que a equipe do capitão.

– E não viramos prisioneiros desse povo medonho. – Disse Rose, provocando Chelaar.

– Se não fosse a imperícia de Kwa em manusear o fêiser, nós também não teríamos sido capturados. – Riu Chelaar, dando um tapa nas costas da colega.

Mais tarde, naquele mesmo dia, a USS Iguaçu marcou curso para estudar um conjunto de asteroides de grande porte orbitando um sistema trinário, composto por estrelas anãs amarelas. O maior deles, quase do tamanho da lua da Terra, possuía grandes quantidades de água em estado líquido, além de atmosfera e clima capazes de sustentar vida.

– Iguale a velocidade do asteroide, Srta. Kwa. – Disse o capitão Vernon, quando eles alcançaram o sistema. – Mantenha uma distância de cem mil quilômetros.

– Sim, senhor. – Disse Kwa.

– É muito interessante que um asteroide com essa constituição possua atmosfera. – Disse Chelaar. – Além disso, a gravidade é apenas levemente menor do que a que

estamos acostumados e, diante do formato irregular da superfície, não sei explicar como a variação térmica é tão pequena.

– Algum sinal de vida inteligente? – Perguntou Shion.

– Não, senhor. – Respondeu Chelaar. – Mas há pelo menos quatro ecossistemas independentes, cobrindo três quintos da superfície, todos repletos de vida animal e vegetal.

– Fascinante. – Comentou Nhefé.

– Imediato, descubra quais são os pontos mais adequados para a descida em cada uma dessas regiões e forme grupos de pesquisa. – Ordenou o capitão. – Vamos permanecer aqui por dois dias, então coletem o máximo de informações possíveis.

– Sim, senhor. – Disse Shion, levantando-se e indo em direção à estação de trabalho da comandante Chelaar, para juntas examinarem a topografia do asteroide.

– Ah, comandante. – Disse o capitão, cruzando os dedos. – Informe a todos que aquele cuja descoberta for a mais notável terá o direito de dar seu nome ao asteroide.

Shion assentiu, sorrindo.

– Ótima ideia, capitão. – Disse ela.

– Ainda bem que os três arexemonianos a bordo trabalham no bar panorâmico. – Disse Rose para Giulia. – Ou então poderíamos ter um asteroide chamado Pepenenenomensoneomenom ou seja lá como ele se chame.

– Na verdade, as tradições bimilenares de Arexemoniatilktamarivasalrativimanitsaklsabathraportanikselaniferatucaniepremoviamlatrioparamtirudodraksolmeuteria

exigem que uma pessoa adicione suas conquistar significativas ao seu nome próprio. – Disse Giulia, levantando uma sobrancelha. – Então, além de um asteroide com nome complicado, teríamos um Barman com um nome ainda mais longo e complicado.

– Jamais saberei se você realmente decorou o nome do planeta deles ou se está apenas me ludibriando. – Riu Rose.

Motivada pela proposta inusitada do capitão, a tripulação iniciou uma série de estudos sobre o asteroide, uns utilizando os laboratórios e os conjuntos de sensores da nave, outros descendo à superfície em grupos avançados, cada qual composto por quatro pessoas, e a maioria buscando informações sobre a fauna e a flora nativas. A comandante Shion se juntou a um grupo que pretendia buscar por fósseis em cavernas nas regiões mais frias, enquanto Chelaar permaneceu a bordo para estudar a órbita e o deslocamento gravitacional do asteroide, com o auxílio da equipe da astrometria.

– Quais serão os critérios para a escolha do vencedor, capitão? – Perguntou Kwa, virando-se.

– Pensei em algo simples. – Explicou Vernon. – As descobertas serão avaliadas pelo conselheiro Nhefé, pelo comandante Hashimoto e por mim. Cada um de nós dará uma nota de 1 a 5, e aquele que somar mais pontos vence.

– E em caso de empate? – Perguntou Rose.

– Bom, então teremos uma... – Começou o capitão, mas um breve alerta sonoro vindo da estação de controle de instrumentos desviou sua atenção.

– Temos companhia. – Informou Da'Far.

– Na tela. – Disse o capitão, e a imagem de uma nave alienígena foi projetada na tela principal.

Ela tinha o formato de um decaedro cortado longitudinalmente por um profundo sulco, o qual emitia uma forte luminosidade alaranjada. O lado de cima possuía dezenas de pequenas protuberâncias arredondadas, enquanto o lado de baixo possuía reentrâncias disformes e imensas hastes pontiagudas. Em ambas as metades havia uma grande quantidade de símbolos, espalhados organizadamente pelo casco acinzentado, a esmagadora maioria deles em tonalidades vibrantes.

– Quero saber de onde essa nave veio e por que não a captamos antes. – Disse o capitão Vernon. – Subtenente Naggi, abra um canal.

– Sem resposta, senhor. – Disse Giulia.

– Não há sinais de deslocamento subespacial ou rastro residual de energia, nem de fendas espaciais e anomalias. – Explicou Da'Far. – Ou essa nave possui uma tecnologia de camuflagem desconhecida e surpreendentemente eficiente, ou ela apenas surgiu do nada.

– Ela tem quase mil e trezentos metros de altura – Disse Rose, admirado. – Uma nave desse tamanho deveria produzir um deslocamento variável de tendência possível de ser captado mesmo sob camuflagem.

– Nossas sondagens estão sendo refletidas. – Informou a alferes Harman. – Mas não detecto sondagens por parte deles.

– Talvez não estejam interessados em nós, ou talvez sua tecnologia de sondagem seja tão imperceptível quanto

a sua aproximação – Comentou Nhefé. – Mas o que realmente me preocupa é que quando alguém chega de surpresa e não responde a tentativas amigáveis de saudação, geralmente o passo seguinte é hostil.

– Compartilho dessa percepção, conselheiro. – Disse o capitão, cruzando as pernas. – No momento não sabemos nada sobre suas intenções ou sobre sua capacidade tecnológica, e temos que estar preparados para um possível movimento hostil. Contudo, um dos objetivos principais de nossa missão é estabelecer contato com espécies desconhecidas, algo que pretendo fazer amigavelmente sempre que possível.

– Recomendo que as equipes de pesquisa no asteroide sejam trazidas de volta à nave. – Sugeriu Da'Far. – Então, sem a necessidade de manter uma trava de segurança de transporte, poderemos levantar os escudos e dar seguimento às tentativas de primeiro contato com maior segurança.

– Vernon para Shion. – Chamou o capitão.

– *Shion falando.* – Respondeu a andoriana. – *Algum problema, capitão?*

– No momento não, mas uma nave colossal simplesmente apareceu diante de nós e não responde às nossas tentativas de contato. – Respondeu o capitão Vernon. – Acredito que seja mais seguro trazer todos os grupos avançados de volta e quero que você coordene a operação pessoalmente, entendido?

– *Sim, senhor.* – Assentiu Shion.

– Capitão, acredito que alguém da nave alienígena foi transportado para a superfície do asteroide. – Informou a auxiliar de instrumentos Takako Harman.

– Explique, alferes. – Disse o capitão.

– Captei dois sinais de vida desconhecidos há menos de duzentos metros de um dos nossos grupos avançados. – Explicou ela. – Entretanto, como não há registro de nenhuma flutuação energética ou residual que indique a ocorrência de um transporte, deduzi que são originários da nave alienígena, baseado na composição da liga metálica dos dispositivos que estão carregando.

– Está ouvindo isso, imediato? – Perguntou Vernon.

– *Sim, capitão.* – Respondeu Shion. – *Recomendo que iniciemos o retorno dos grupos avançados imediatamente. Todavia, sugiro que a equipe mais próxima da espécie alienígena seja mantida na superfície e orientada a tentar o primeiro contato. Pode ser nossa melhor chance.*

– De acordo. – Disse o capitão e, encerrando a conversa com Shion, virou-se para Giulia. – Quem são os tripulantes da equipe mais próxima dos alienígenas?

– Subtenente Awl, oficial de botânica, alferes T'Bal e Okeke, auxiliares de ciências e alferes Rutten, auxiliar de operações. – Informou Giulia.

– Quanto aos dispositivos que os alienígenas carregam, é possível determinar sua natureza e função? – Perguntou o capitão.

– Não, senhor. – Respondeu Da'Far, que agora examinava os dados compartilhados pela alferes Harman. – Eles não emitem nenhum tipo de radiação ou energia e, se não fosse a natureza incomum de sua tecnologia, eu diria

que não passam de grandes barras maciças de uma liga metálica bastante complexa.

O capitão pensou por um momento, batendo levemente a ponta dos dedos no braço da cadeira.

– Subtenente Naggi, quero que você se transporte para a superfície e comande o grupo avançado na tentativa de um primeiro contato com os alienígenas. – Disse ele. – Algo me diz que se fossem puramente hostis, já teriam feito algo contra nós à essa altura, ainda mais supondo que sua tecnologia seja superior à nossa. Sendo assim, talvez nosso desafio seja fazer com que se interessem em conversar, e por isso preciso que você encontre um meio de nos comunicarmos com eles.

– Sim, senhor. – Disse Giulia, levantando-se. – Mas se eu tiver sucesso, quero ter o direito colocar meu nome nesse asteroide.

– De acordo. – Sorriu o capitão.

Apenas alguns minutos depois, Giulia já estava na companhia do grupo avançado, que a aguardava ao lado de uma grande rocha coberta de musgo arroxeado. Ela percebeu imediatamente que a alferes Okeke estava um pouco apreensiva.

– Alguma coisa a incomoda, alferes? – Perguntou Giulia.

– É a primeira vez que participo de um primeiro contato cara a cara. – Explicou ela.

– Fique tranquila, você vai se sair bem. – Disse Giulia, sorrindo.

– É estranho que o capitão tenha preferido manter nosso grupo na operação ao invés de mandar um grupo mais experiente. – Comentou a vulcana T'Bal.

– Discordo, alferes. – Disse Giulia. – O capitão Vernon é um homem que dá muito valor às oportunidades de se viver experiências únicas durante a exploração espacial. Ele também acredita que todos os tripulantes da Iguaçu são perfeitamente capazes de agir com competência em situações como esta, logo, além de confiar em nosso trabalho, ele deseja que tenhamos a chance de vivenciar um primeiro contato legítimo.

– Devemos agradecer pelo capitão pensar assim, afinal, foi para esse tipo de coisa que nós nos oferecemos para esta missão, não é mesmo T'Bal? – Disse o alferes Rutten, sorrindo.

A vulcana assentiu.

– Se não houver objeções, daremos início à missão de primeiro contato. – Disse Giulia, e os outros tripulantes manifestaram concordância.

A equipe, formada a por três humanos, uma vulcana e um miresita, liderada pela subtenente Giulia Naggi, seguiu em direção à posição indicada pelos tricorders, além de uma das colinas rochosas à esquerda do grupo. Aquela região do asteroide era composta principalmente por plantas esguias e amareladas, além de grandes moitas de capim arroxeado e cactos robustos. A caminhada foi rápida, pois os alienígenas estavam há menos de duzentos metros deles, e foi possível avistá-los desde muito antes, devido ao seu tamanho descomunal.

– Seis metros de altura, subtenente. – Disse a alferes Okeke, espantada. – Estão usando algum tipo de traje espacial, mas é possível identificar que possuem sangue quente e sistemas semelhantes aos nossos.

– Parecem não se importar com a nossa aproximação. – Comentou a alferes T'Bal. – É possível que sejam de uma espécie que não tem o costume de se socializar com outras.

– Vamos dizer olá. – Disse Giulia, descontraída. – Talvez eles sejam apenas tímidos.

Os dois alienígenas, absortos em montar um equipamento piramidal de mais de três metros de altura, ignoraram completamente a aproximação do grupo avançado. Eles eram bípedes, tendo dois cotovelos em cada braço e uma protuberância do lado direito superior das costas, mas não era possível identificar mais nenhum aspecto físico, já que vestiam um macacão acinzentado que cobria o corpo todo, e um capacete redondo e espelhado.

– Eu sou a subtenente Giulia Naggi, oficial de comunicações da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse ela, juntando as mãos nas costas, aproximando-se de um dos alienígenas e olhando para cima. – Este asteroide chamou nossa atenção pela sua órbita estável e pela sua atmosfera capaz de suportar vida, e por isso decidimos estudar seus biomas e estruturas geológicas singulares. Supondo que este também seja o seu objetivo, eu gostaria, em nome de meu capitão e de nossa tripulação, de oferecer-lhes a nossa total cooperação.

Os alienígenas continuaram a montar o equipamento, sem dar atenção à Giulia ou aos demais tripulantes ali parados.

– Nós viemos da Via Láctea, em uma missão de dois anos, para estudar a galáxia anã do cão Maior, fazendo contato pacífico com novas espécies e culturas. – Insistiu Giulia, falando um pouco mais alto. – Se os senhores conseguem nos entender, gostaria que nos respondessem.

– Não capto emissões de nenhum tipo vindas do equipamento alienígena. – Informou T'Bal, que apontava seu tricorder na direção do objeto piramidal.

– Talvez eles nos ignorem porque sua forma de comunicação não se baseie na fala. – Sugeriu a alferes Okeke.

– Discordo. – Disse o subtenente Awl. – É evidente que, embora eles sejam, sob muitos aspectos, diferentes de um humanoide comum, possuem as mesmas características biológicas e estão sujeitos às mesmas limitações físicas. O fato de estarem utilizando esses trajes espaciais e sua forma de operar o equipamento que trouxeram, indica que possuem funções sensoriais semelhantes às nossas, diferentemente do que seria com uma forma de vida baseada em energia ou completamente telepata, por exemplo.

– Exato. – Concordou a alferes T'Bal. – É mais provável que eles tenham uma linguagem incomum ou costumes sociais exóticos. De qualquer forma, acredito que devamos assumir que eles estão nos ignorando deliberadamente.

– Nesse caso, teremos que...

Giulia não terminou a frase, pois os dois alienígenas desapareceram instantaneamente, deixando apenas o equipamento piramidal, que passou a emitir um forte zunido, fazendo com que todos levassem as mãos aos ouvidos.

Na ponte da USS Iguaçu, os oficiais observavam os dados enviados pelos tricorders do grupo avançado, registrando também a tentativa de contato frustrada iniciada pela subtenente Naggi.

– Os alienígenas desapareceram, capitão. – Informou Chelaar. – Deixaram uma espécie de equipamento que... – E ficou em silêncio.

– O que foi, comandante? – Perguntou o capitão Vernon, virando-se para ela.

– Não sei dizer como, senhor. – Respondeu Chelaar, aflita. – Mas o grupo avançado desapareceu completamente dos sensores, juntamente com quase dois mil e quinhentos metros quadrados da superfície do asteroide ao redor deles.

– Contate a nave alienígena. – Ordenou o capitão. – Precisamos encontrar um meio de fazer com que nos respondam.

– Temo que isso não seja possível, capitão. – Disse a tripulante que assumira o posto de Giulia enquanto a mesma estava no comando do grupo avançado. – A nave alienígena também desapareceu.

– Podemos segui-la? – Perguntou o capitão.

– Não, senhor. – Respondeu Chelaar. – A situação é idêntica à quando a nave apareceu, e nossos instrumentos não detectam nenhum tipo de flutuação ou deslocamento

subespacial, nem mesmo oscilações que pudessem indicar fendas espaciais ou temporais. É como se ela nunca estivesse estado aqui.

– Alguém pode me explicar como isso é possível? – Perguntou o capitão, levantando-se.

– Todos os métodos de deslocamento conhecidos deixam algum tipo de rastro, por mais sutil que seja. – Disse Shion, digitando um comando no console de sua cadeira. – Mas como nossos sensores nada captaram, suponho que eles possuam tecnologia além de nossa compreensão.

– É uma hipótese bastante provável, comandante, porém não devemos aceita-la de imediato. – Disse o conselheiro Nhefé. – Não sem antes rodar uma série de diagnósticos nos sistemas principais da nave e em todos os sensores. Proponho que sejam consideradas as hipóteses de estarmos sob ilusão telepática, inconsciência coletiva ou manipulação espectral. Ainda, sugiro que seja efetuado um teste de realidade para garantir que não estamos em uma simulação holográfica ou algo do gênero.

– De acordo. – Disse o capitão Vernon. – Ponte para engenharia.

– *Hashimoto falando, senhor.* – Ouviu-se a voz do experiente engenheiro-chefe.

– Execute diagnósticos de nível 10 em todos os sistemas e verifique o funcionamento dos sensores. – Ordenou o capitão.

– *Sim, senhor.* – Disse Hashimoto.

– Imediato, monte um grupo avançado e volte ao asteroide. Quero que você descubra o que puder sobre o de-

saparecimento daquela área onde nossos tripulantes estavam. – Continuou o capitão. – Chelaar e Da'Far, verifiquem as demais hipóteses e executem imediatamente um teste de realidade. Dispensados. – E sentou-se, olhando para a tela principal, onde a imagem da nave alienígena fora substituída pelo vazio escuro do espaço.

Levou alguns segundos para que Giulia percebesse o que havia ocorrido. A luz do sol que iluminava o asteroide havia desaparecido num piscar de olhos, sendo substituída por fraquíssimas luzes artificiais situadas há dezenas de metros da posição deles, cuja intensidade reduzida produzia uma desagradável penumbra. O aparelho alienígena também havia desaparecido, deixando apenas uma leve marca no solo

– O que aconteceu? – Perguntou a alferes Okeke, aflita.

– Suponho que, de algum modo, os alienígenas nos transportaram para sua nave. – Disse T'Bal, olhando ao redor.

– Subtenente Naggi para Iguaçu. – Disse Giulia, tocando em seu comunicador.

Não houve resposta.

– Tenho certeza que o capitão notou nosso desaparecimento e está fazendo o possível para nos tirar daqui. – Disse o alferes Rutten, no intuito de tranquilizar Okeke.

– Se levarmos em conta a maneira com que esta nave apareceu sem ser notada, bem como o visível desinteresse pelo diálogo demonstrado pelos alienígenas, é presumível que já estejamos muito distantes da Iguaçu. – Disse T'Bal.

– Seja como for, nossa única alternativa no momento é dar continuidade à nossa missão inicial: estabelecer contato com essa espécie. – Disse Giulia, acionando seu tricorder e apontando-o para várias direções. – Há um sinal de vida há aproximadamente vinte e cinco metros à nossa direita, conseguem vê-lo?

Os tripulantes olharam para cima, na direção apontada por Giulia, mas nenhum deles foi capaz de distinguir o que havia além dos cactos que os cercavam.

– Vamos até lá. – Disse Giulia e, acompanhada pelos colegas, caminhou por alguns metros e se deparou com uma grande parede de metal opaco de no mínimo quatro metros de altura.

Debruçado sore ela estava um dos alienígenas, observando atentamente a aproximação do grupo. Sua cabeça era toda coberta por uma densa pelagem branca, que dificultava a identificação de características faciais, com exceção de seus enormes olhos amarelados e de seu nariz de pele rosada e escamosa.

– Sou a subtenente Giulia Naggi da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse Giulia. – Acredito que tenha havido uma mal-entendido, pois fomos transportados para o interior de sua nave contra nossa vontade.

Não houve resposta. Giulia então passou a executar uma série de métodos de comunicação e protocolos de primeiro contato que conhecida, desde a dança ritualística vaneirita até a organização de pedras e plantas a fim de formar grupos de números primos. O alienígena, no entanto, permanecia parado, com os olhos fixos no grupo e sem demonstrar qualquer emoção.

– Pois bem. – Disse Giulia, após solfejar uma escala hexafônica. – É hora de aplicar a famosa técnica de Henschel.

– Essa técnica não me é familiar. – Disse T'Bal.

– É muito antiga, mas talvez funcione. – Disse Giulia, sacando o fêiser e disparando contra um grande cacto, que explodiu.

– Não deve! – Exclamou o alienígena, com uma voz grave e chiada.

– Parece que eles têm língua, afinal de contas. – Disse Awl, sorrindo.

– Você é capaz de entender o que nós dizemos? – Perguntou Giulia ao alienígena, que nada disse em resposta. Ela então disparou novamente, desta vez explodindo uma rocha e com isso provocando uma nuvem de poeira.

– Não deve! – Exclamou novamente o alienígena e, com um gesto complicado, acionou um dispositivo que estava oculto atrás da parede, fazendo com que os fêiseres dos tripulantes caíssem no chão.

– Estão pesados como uma barra de tetraplatina. – Disse o alferes Rutten, tentando, sem sucesso, pegar seu fêiser do chão.

– Qual é sua intenção conosco? – Perguntou Giulia, frustrada. – Por que não nos responde?

– Não dê atenção aos animais, B'te, mesmo que eles pareçam inteligentes. – Disse o alienígena, visivelmente falando consigo mesmo.

– Não somos animais! – Bradou Giulia. – E não *parecemos* inteligentes, *somos* inteligentes!

O alienígena ignorou a oficial de comunicações e virou-se para o outro lado, dando a entender que deixaria aquele local.

– B'te! – Gritou Giulia, e ele parou, olhando novamente para o grupo. – Por favor nos dê atenção e provaremos a você nossa inteligência.

– Vocês têm cérebros pequenos. – Disse o alienígena. – Eu vi sua nave e seus equipamentos, são tão primitivos quanto vocês.

– Mas isso não faz de nós animais! – Defendeu-se Awl.

– Em nosso ponto de vista, faz sim. – Respondeu o alienígena, que agora parecia estar se divertindo. – Para nós, tudo o que vocês fazem não passam de pequenos truques. Eu até tenho que escolher cuidadosamente as palavras para que seu simplório sistema de tradução consiga entender o que eu quero dizer. – Ele emitiu alguns sons incrivelmente estranhos. – O que acabei de dizer envolveu sons de várias frequências que vocês não foram capazes de ouvir, além de variações térmicas e mudanças sutis na coloração da minha pelagem que vocês são igualmente incapazes de perceber. Levaria dias para dizer a mesma coisa utilizando seu sistema de linguagem monoespectral, ainda mais levando em conta que muitas das coisas que pensamos e dizemos não podem ser resumidas em apenas um conjunto limitado de sons. – Ele se debruçou sobre a parede novamente, chegando mais perto do grupo. – Da minha perspectiva, a diferença entre vocês e eu é tamanha que não posso considerá-los nada mais do que animais, deixando

minha compaixão de lado e ignorando-os como fui ensinado a fazer.

– Fascinante. Ele nos vê da mesma forma que vemos um animal razoavelmente inteligente e capaz de aprender alguns truques, como um cão. – Comentou T'Bal.

– Não acho isso fascinante. – Murmurou Okeke.

– Você mencionou compaixão. – Disse Giulia. – O que quis dizer com isso?

– Sempre tive tendência a me afeiçoar por animais comunicativos. – Respondeu ele, com a voz grave e chiada. – Vocês não são os primeiros a serem coletados junto com nossas amostras ecológicas.

– Há outros como nós a bordo desta nave? – Perguntou Giulia, dando um passo à frente.

– Não, já faz algum tempo desde que o último foi transferido para o acervo. – Respondeu ele, parecendo triste.

– Acervo? – Perguntou Giulia.

– Um local onde as amostras são armazenadas após terminarmos as análises. – Respondeu ele.

– Como assim? – Insistiu Giulia.

– Não há propósito em continuar discutindo isso. – Disse B'te. – Seria longo e exaustivo explicar em linguagem monoespectral as peculiaridades de nossa complexa metodologia científica. E vocês seriam igualmente incapazes de compreender nossa tecnologia e nossa sociedade.

– Sua tecnologia é um mistério para nós, eu admito. – Disse Giulia, humildemente. – A forma de propulsão que vocês utilizam, por exemplo, é algo que jamais vimos. Mas

eu afirmo que, apesar do estágio primitivo em que nos encontramos, fazemos grandes progressos todos os dias, e somos movidos pelo ímpeto de descobrir coisas que nos permitam olhar além do desconhecido. – Ela deu outro passo, aproximando-se ainda mais da parede e ficando logo abaixo do alienígena. – A nossa nave foi projetada para ser a primeira a deixar a nossa galáxia natal, utilizando para isso uma força cósmica descoberta por pessoas como nós, e nos orgulhamos dela assim como nos orgulhamos de todas as nossas conquistas, por menores que possam parecer para um povo avançado como o seu.

– Você apenas reforça o que eu falei. – Disse o alienígena, abrandando a voz como se sentisse pena. – Considere por um momento que alguém lhe devolva estes mesmos argumentos, afirmando que é capaz de viajar de um hemisfério a outro de um mesmo planeta. É essa a diferença entre nós e vocês. Nós viajamos entre as galáxias com a mesma facilidade que vocês viajam entre planetas de um mesmo sistema solar.

– Como isso é possível? – Perguntou o alferes Rutten.

– Você não entenderia. – Respondeu o alienígena, pondo as mãos na cabeça em um gesto estranho.

– Tente explicar de maneira simplificada. – Sugeriu Giulia, imitando o gesto do alienígena.

– Suas naves se movem pelo tempo e pelo espaço ao mesmo tempo, e mesmo que pudessem viajar mil anos-luz em um segundo, ainda assim estariam presos ao deslocamento nestas duas camadas, temporal e espacial. – Explicou o alienígena, girando um dos braços com dois cotovelos. –

Para viagens intergalácticas, no entanto, é necessário desvincular as duas coisas. Tentem imaginar uma viagem no tempo, em que você está em um determinado local e viaja instantaneamente para o mesmo local, só que dez anos no passado. O deslocamento ocorre apenas na camada temporal, sem nenhum deslocamento na camada espacial, correto? Pois nossa nave é capaz de fazer o oposto: deslocar-se unicamente na camada espacial sem qualquer deslocamento na camada temporal.

– É como um teletransporte capaz de levar você para qualquer lugar do universo instantaneamente? – Perguntou a alferes Okeke.

O alienígena emitiu um som que deveria ser o equivalente a uma gargalhada, como se a pergunta de Okeke tivesse sido muito estúpida.

– Onde estamos agora? – Perguntou Rutten.

– Em T'ta'tom. – Respondeu o alienígena. – É um espaço entre duas galáxias no aglomerado maior da... – Ele emitiu um chiado trêmulo. – Creio que não haja meio de traduzir em linguagem monoespectral, mas fica realmente muito distante de sua galáxia natal.

A alferes Okeke apertou o braço de Rutten, que a confortou.

– Nós gostaríamos de voltar para o local onde nos encontraram. – Disse Giulia, com voz firme. – Não sei quais são suas intenções com esta amostra tirada do asteroide, mas não fazemos parte deste ecossistema e nosso desejo é retornar para nossa nave e nossos amigos.

– Do nosso ponto de vista, um ecossistema abrange muito mais do que apenas um asteroide. – Disse o alienígena. – O fato de vocês serem originários da galáxia principal e não da galáxia anã que está sobreposta a ela, onde os encontramos, é irrelevante. Isso apenas configura um ecossistema integrado dentro de um macrossistema galáctico padrão. – Ele inclinou sua cabeça. – Não há sentido em discutir nossas metodologias, apenas peço que se conformem com sua situação atual e colaborem conosco. Assim, viverão suas curtas vidas enquanto participam de algo muito maior do que vocês mesmos, algo que está nos limites de sua capacidade de compreensão, e isso deveria ser motivo de alegria para animais como vocês.

– Você nos pede mais do que podemos oferecer. – Disse Rutten, abraçando a triste Okeke. – E é exatamente por se tratar de algo além de nossa capacidade de compreensão que essa opção se torna tão difícil de aceitar.

– Em nossa sociedade, aprendemos há muito tempo que é importante tratar de maneira digna e respeitosa os seres que consideramos inferiores, inclusive agindo com proporcionalidade em relação à sua natureza. – Argumentou Giulia, falando mais suavemente. – E eu me pergunto como um povo avançado como o seu poderia ter ignorado esse princípio básico, tratando de modo egoísta e cruel uma forma de vida que resiste conscientemente ao destino que lhe é imposto.

– Não ignoramos. – Disse o alienígena, lentamente. – Eu apenas tinha a esperança de convencê-los a permanecer conosco por vontade própria, pois seria uma experiência superior a qualquer coisa que vocês possam experimentar

em suas vidas medíocres. Mas, como nosso compromisso é tratar as amostras com compaixão e respeito, vamos nos contentar com o que vocês nos ofereceram até agora.

– Eles estudavam nossa reação diante da possibilidade de cativeiro. – Concluiu T'Bal.

– Estudávamos muito mais do que isso. – Disse o alienígena, com o que pareceu ser um sorriso. – E somos gratos pelo que vocês nos ensinaram.

– Isso significa que vocês vão nos levar de volta? – Perguntou Giulia, desconfiada com a mudança brusca no posicionamento do alienígena.

– Na verdade, neste exato momento, acabamos de voltar ao local de onde os coletamos. – Explicou o alienígena gigante, afastando-se alguns metros da parede. – E os devolveremos diretamente à sua nave, pois pretendemos concluir alguns estudos na amostra de superfície.

Giulia abriu a boca para dizer algo ao alienígena que se afastava lentamente, mas quase no mesmo instante se viu na área de carga da USS Iguaçu, acompanhada pelos colegas, a maioria tão atônita quanto ela.

Na ponte da USS Iguaçu, para surpresa de todos, um breve alerta sonoro soou da estação de instrumentos.

– Senhor, a nave alienígena reapareceu! – Informou a alferes Harman.

– Na tela. – Ordenou o capitão Vernon, levantando-se da cadeira.

A imagem da gigantesca nave surgiu na tela, mas, após uma fração de segundo, desapareceu.

– Eles sumiram dos sensores novamente, senhor. – Informou Harman. – Mas temos um transporte não autorizado de cinco pessoas na área de carga 1, registrado com uma sequência de conversão desconhecida.

– Capitão para área de carga 1. – Chamou o capitão. – É você Giulia?

– *Sim, capitão!* – Ouviu-se a voz de Giulia em resposta. – *Estamos todos bem, eles nos devolveram de bom grado.*

– Venha a ponte imediatamente, precisamos preencher algumas lacunas. – Ordenou o capitão, aliviado.

Giulia e os demais membros do grupo avançado relataram suas experiências com a misteriosa espécie capaz de exploração intergaláctica, gerando assunto para muitos debates filosóficos e científicos, em especial diante da alegada forma de viajar unidimensionalmente pelo espaço. Por fim, a nave permaneceu por mais um dia inteiro orbitando o asteroide, que foi batizado com as iniciais dos nomes dos cinco tripulantes "capturados" pelos alienígenas: NORAT.

Episódio 9

Prova de inocência

Com grande relutância, o subcomandante Da'Far entregou seu fêiser para a oficial de transportes, minutos antes de descer ao planeta Rijan VII. Por mais que ele tivesse o conhecimento e a capacidade necessários para improvisar métodos alternativos de ação e defesa, levar consigo a arma que simbolizava excelência em todos os aspectos sempre o deixava mais confortável. Contudo, diante das restrições exigidas pelo governo local, ele estaria limitado a portar a mesma arma utilizada pela sua força de segurança: um revólver de impacto termoestático. Esta e outras restrições haviam sido resolvidas horas antes, durante uma conferência realizada na principal lua do planeta, onde o capitão Vernon e o Conselheiro Nhefé tomaram conhecimento das leis locais e discutiram propostas para o intercâmbio cultural entre a o pessoal da USS Iguaçu e os nativos.

Ao contrário da maioria das civilizações conhecidas que, em estágios similares de desenvolvimento, ansiavam por adquirir maior conhecimento daqueles cuja tecnologia era superior, os rijanianos tinham uma política bastante rígida quanto ao contato com tecnologia alienígena. Eles seguiam uma espécie de Primeira Diretriz, que utilizavam em favor de si mesmos, como forma de assegurar que seu desenvolvimento ocorresse num ritmo saudável e controlado. O conselheiro Nhefé determinara que eles eram orgulhosos

e puristas, valorizando apenas o que eles mesmo produziam e acreditando plenamente em sua própria capacidade de descobrir e desenvolver tecnologias. Para o Capitão, no entanto, o fato dessa diretriz não se aplicar a interações sociais e troca de conhecimento nas áreas de política, psicologia, estratégias táticas e afins, significava uma brecha para a implementação de um projeto de cooperação, onde, em troca de uma vasta base de dados sobre os rijanianos e sobre esta região da galáxia, a tripulação de USS Iguaçu compartilharia de sua experiência e cultura.

O acordo permitiu que dezesseis tripulantes fossem transportados ao planeta, todos para setores específicos daquela sociedade, e a grande maioria para universidades e órgãos governamentais. Como o planeta Rijan VII estava na reta final do processo para a eleição de um novo presidente, e como esse processo havia se tornado bastante tumultuado, o tenente comandante Da'Far fora requisitado para auxiliar a comitiva de segurança de um dos dois únicos candidatos.

– Acionar. – Disse ele para a oficial de transportes e, no momento seguinte, viu-se numa plataforma hexagonal, no centro de uma grande câmara repleta de material de campanha. À sua frente estava um grupo de alienígenas utilizando uniformes acinzentados e pequenas boinas.

– Bem-vindo à sede do Partido Amplo, meu nome é Chechemus, sou o chefe da segurança do elegível Eleius. – Apresentou-se um dos alienígenas, que portava uma insígnia roxa em sua boina. Os rijanianos eram de baixa estatura, não mais do que 1,50m, e tinham a pele nas colorações co-

muns aos humanos, porém muito empelotadas e manchadas. Homens e mulheres pareciam manter o cabelo cortado do mesmo modo, curto e discreto.

– Tenente comandante Sinel Da'Far Sinel, oficial chefe de segurança da nave estelar da Federação Iguaçu. – Apresentou-se Da'Far, com um aceno de cabeça. – Estou à disposição para ajuda-los no que precisarem.

– Fiquei surpreso quando me disseram que um alienígena em missão de intercâmbio cultural faria parte da minha equipe, mas fiquei ainda mais surpreso quando mencionaram que ele era nativo da grande galáxia. – Disse Chechemus, fazendo um gesto para que Da'Far o seguisse. – Esqueceram-se, no entanto, de me avisar sobre sua constituição física incomum. Todos da sua espécie são tão altos quanto o senhor? Temo que algumas de nossas portas e veículos não serão adequados para sua estatura.

– Está correto, somos oriundos da Via Láctea. – Assentiu Da'Far, seguindo-o por uma porta à direita de uma grande pilha de cartazes. – Mas nem todos em minha nave são chimarritas. Há representantes de quatorze espécies diferentes a bordo da Iguaçu, e a minha é uma das que possuem menor estatura. Por exemplo, um de meus subordinados, o alferes Montagna, tem 1,95m.

– Nem mesmo nossos jogadores de cordabol chegam a ter essa altura. – Espantou-se Chechemus. – Por favor, subcomandante, conte-me mais sobre sua Federação e os quatorze povos que a compõem.

– Será um prazer. – Disse Da'Far. – E começarei esclarecendo que não são apenas quatorze povos que compõem a Federação. De fato, o número é consideravelmente maior.

Enquanto caminhavam pelos corredores da sede do partido, Da'Far fez uma explicação resumida da história e dos princípios da Federação dos Planetas Unidos, respondendo a várias perguntas de Chechemus e de seus subordinados. Havia muita movimentação e agitação em todos os cantos do edifício, mas sempre que alguém avistava a figura exótica do tenente comandante, parecia esquecer momentaneamente seus afazeres e passava a observá-lo, boquiaberto.

– O elegível Eleius deseja conhece-lo pessoalmente antes de partirmos para o comício em Capilalia. – Disse Chechemus, quando chegaram ao gabinete principal.

O secretário que ficava em uma mesa à esquerda da porta do gabinete encarou Da'Far com um misto de curiosidade e receio, mas após um breve silêncio disse:

– Ele o está aguardando, senhor. – E fez um gesto para que Da'Far entrasse.

O chefe de segurança abriu a porta e se viu em um cômodo exageradamente elíptico, com uma mesa de metal branco posicionada no centro. Encostados nela estavam dois rijanianos, um homem e uma mulher, ambos vestindo elegantes casacos pretos.

– É um prazer conhece-lo, subcomandante Da'Far. – Disse o homem, sorrindo amigavelmente. Da'Far notou que ele não possuía a mão esquerda. – Me chamo Eleius e, como

deve saber, sou o candidato do Partido Amplo à presidência deste planeta.

– O prazer é meu, senhor. – Cumprimentou Da'Far, educadamente.

– Eu confio no trabalho do chefe Chechemus, mas confesso que contar com sua presença imponente neste momento delicado me tranquiliza. – Riu Eleius. – Esta é minha esposa Virena, responsável pela divulgação do meu material de campanha.

– É um prazer, senhora. – Disse Da'Far.

– Igualmente. – Disse ela, com o mesmo tom descontraído do marido.

– Não sei como é a política de onde o senhor vem, subcomandante, mas aqui nossa agenda eleitoral é extremamente apertada e, se estiver de acordo, gostaria que partíssemos para Capilalia o quanto antes. – Disse o candidato, apanhando uma cartola na mesa. – Chechemus o colocará a par de nossos protocolos de segurança enquanto estivermos no trem.

– De acordo. – Disse Da'Far.

Após um curto deslocamento até a estação, a comitiva de Eleius, composta por mais de cinquenta pessoas, entre seguranças, cabos eleitorais e assessores, tomou seus lugares nos longos vagões de um luxuoso trem branco. As leis daquele mundo exigiam que um candidato percorresse, por terra, as dezesseis cidades que anteriormente eram as capitais dos países outrora existentes.

– O elegível Eleius representa uma mudança há muito almejada na organização de nossa sociedade e, consequentemente, é visto como uma ameaça pelos "fixados".

– Explicou Chechemus, indicando o assento no qual Da'Far deveria se sentar, o qual ficava imediatamente à frente do seu.

– Fixados? – Perguntou Da'Far.

– Quando as nações de nosso planeta se uniram para formar um governo único, foi decidido que caberia ao presidente e aos conselhos regionais a divisão adequada e equitativa da mão de obra e força de trabalho, de acordo com as habilidades individuais e as necessidades de cada setor da sociedade. – Explicou Chechemus. – Todavia, com o passar do tempo, a designação de profissões deixou de ser feita de acordo com as capacidades de cada indivíduo e passou a atender apenas aos interesses da classe dominante. Por exemplo, se alguém quer se tornar um médico ou engenheiro, basta ser próximo de algum membro dos conselhos regionais e dos grupos mais influente. Enquanto isso, aqueles cujas aptidões apontam naturalmente para tais profissões são obrigados a passar suas vidas executando serviços de baixa relevância e exigência técnica.

– Há muito tempo estamos lutando pela liberdade de guiar nossas próprias vidas sem as amarras de um governo elitista e corrupto. – Complementou outro segurança, muito entusiasmado. – Mas até a chegada do elegível Eleius, não havia ninguém com voz para representar os anseios de nosso povo.

– Eleius fez parte do conselho regional de uma pequena subdivisão no hemisfério norte, onde ficou famoso ao se recusar a dar designações importantes a filhos de pessoas influentes, preferindo escolher aqueles cujas compe-

tências eram adequadas, mesmo que fossem de origem humilde. – Disse Chechemus. – Sua popularidade tem crescido muito durante os últimos anos do governo de Maiorus, especialmente depois de diversos escândalos envolvendo a distribuição de designações em troca de posses e favores pessoais.

– Então o panorama geral está favorável à sua eleição, eu presumo. – Disse Da'Far.

– Não exatamente, pois nosso sistema eleitoral dá maior peso aos votos dos "fixados", ou seja, aqueles que estão em situação privilegiada e em profissões consideradas mais importantes, muitas das quais obtidas por meio da corrupção. – Explicou Chechemus, decepcionado. – E é por isso que nosso próximo comício é de vital importância, pois acontecerá na cidade onde reside a maior base eleitoral do Partido Denso, representando quase 9% dos votos totais.

– Se Eleius conseguir arrastar um bom número de "fixados", haverá chance de vitória para nós. – Disse o outro segurança.

– Mas como ele irá convencer os "fixados" a votarem contra seus próprios interesses? – Perguntou Da'Far.

– Nem todos os "fixados" são corruptos. – Disse Chechemus. – Muitos são esclarecidos e percebem a incoerência e a injustiça que se perpetuam neste sistema detestável de manipulação social em que vivemos. Alguns até mesmo são filhos de chefes de conselho, mas que ainda não têm coragem de declarar seu apoio abertamente à nossa causa.

– Compreendo. – Disse Da'Far, buscando manter o protocolo de neutralidade exigido de um oficial da Frota

Estelar diante de opiniões políticas e ideológicas de civilizações não-membros da Federação. Em seu íntimo, no entanto, considerava aquela espécie atrasada e perigosamente imersa em um sistema político viciado e retrógrado. – Os senhores acreditam que exista um risco real de ataques contra o elegível Eleius em Capilalia? – Perguntou ele.

– Eu gosto de adotar um protocolo de segurança conservador, considerando a existência de risco real mesmo nas cidades em que nossa base eleitoral é dominante. – Disse Chechemus. – E há muitas pessoas capazes de qualquer coisa para manter suas posições e privilégios, especialmente em Capilalia, para que eu deixe de considerar cada passo nosso como potencial cena para um atentado.

– Compreendo sua cautela. – Disse Da'Far. – E, como chefe de segurança, procuro adotar um posicionamento semelhante na Iguaçu, além de uma rotina frequente e árdua de treinamentos.

Durante a hora que se seguiu, Chechemus explicou para Da'Far as estratégias de monitoração e contensão utilizadas antes, durante e depois de um comício. O conhecimento avançado e a experiência do tenente comandante permitiram a ele sugerir algumas modificações nos protocolos, as quais foram imediatamente acolhidas. Entre uma orientação e outra, o chimarrita também observava a paisagem e, ocasionalmente, recebia alguma informação sobre a geografia e os costumes locais.

O trem percorreu duas regiões distintas, uma formada por planícies e fazendas, onde a vegetação era verde e havia uma grande quantidade de lagos, e outra formada

por escarpas acinzentadas, onde a vegetação consistia basicamente de arbustos amarelados e retorcidos. Nesta última, havia uma quantidade considerável de refinadoras de peutanita, que, segundo Chechemus, era de extrema importância para a geração de energia nas colônias existentes nas luas de Rijan VII. Pouco tempo depois de passar por uma pequena cidade mineradora, o trem começou a desacelerar, gerando apreensão entre os seguranças.

– Seratus, Dulaus, sigam-me até o vagão dianteiro. – Disse Chechemus, levantando-se. – Os demais distribuam-se conforme protocolo de alerta amargo e iniciem as varreduras padrão. Na minha ausência, o senhor Da'Far ficará no comando.

Enquanto o trem reduzia a velocidade até parar totalmente, a equipe se mobilizou e assumiu posições em pontos específicos daquele e de outros vagões, acionando os sensores e buscando por possíveis ameaças para a segurança dos passageiros. Contudo, minutos depois Chechemus retornou ao vagão, explicando a causa da parada inesperada.

– Há um incêndio causado pela queima de barris de resíduo de peutanita duzentos metros à frente, provocado intencionalmente para chamar nossa atenção e nos atrasar. – Disse ele.

– Algum sinal dos responsáveis? – Perguntou o tenente comandante Da'Far.

– Não, mas não há dúvida de que são opositores do elegível Eleius, possivelmente monsenhores e químicos das refinarias desta área. – Explicou Chechemus. – Além de manifestar sua oposição radical ao nosso partido e ao que ele

representa, eles esperam passar o recado de que não pouparão esforços para prejudicar e criar obstáculos ao nosso plano de governo e reformas sociais.

– Quanto tempo de atraso? – Perguntou Da'Far, evitando discutir posicionamentos políticos.

– Meia hora até o sistema de exaustão eletrotérmico redirecionar os êmbolos laterais da pista magnética. – Disse Chechemus, consultando um painel luminoso na parede do vagão. – Com isso, poderemos passar por cima dos barris e voltar ao nosso curso.

– Manifestações hostis como esta são comuns em períodos eleitorais? – Perguntou Da'Far.

– Atos de vandalismo como este acontecem em todas as campanhas, mas reconheço que os ânimos estão mais acirrados este ano. A exigência de que o elegível se desloque por terra abre brechas para muitas situações de protesto e conflitos entre simpatizantes de cada partido. – Respondeu Chechemus, balançando a cabeça. – Mas na época de meu pai era pior, exigia-se que a comitiva percorresse as dezesseis capitais utilizando carroças puxadas por betatouros. As campanhas costumavam durar cerca de dez meses.

– Em meu planeta não existem eleições. – Comentou Da'Far. – Os representantes do Grande Conselho são escolhidos com base em suas conquistas ao longo da vida e sua retidão de caráter. Dentre eles, o mais velho é escolhido como Porta-Voz e tem a responsabilidade de liderar o Conselho e representar nosso povo junto à Federação.

– Deve ser um planeta pacífico. – Disse um dos seguranças.

– Nossa sociedade é ordeira e civilizada. – Assentiu Da'Far, virando-se para o segurança. – Mas meu planeta natal possui um dos ecossistemas mais perigosos de toda a Federação. De fato, muitas das criaturas em Me'Chi são comparáveis às bestas mitológicas presentes na cultura de muitas civilizações.

A maioria dos seguranças no vagão prestava atenção ao que Da'Far dizia e, mesmo aqueles que monitoravam a atividade externa e os painéis de sensores, viravam o rosto vez ou outra para absorver melhor as descrições das feras terríveis que habitavam as ravinas em Me'Chi. Aos poucos, alguns deles se sentiram à vontade para fazer mais perguntas sobre a Federação e sobre as atividades de um oficial da Frota Estelar.

– Durante muito tempo a cor amarela representou morte e desgraça para nosso povo, pois era a cor dos estandartes de um regime ditatorial terrível que escravizou quase metade do continente norte e mergulhou o planeta em cem anos de guerra e fome. – Comentou um dos seguranças, apontando a camisa do chimarrita. – Confesso que me gera certa estranheza ver que é a cor predominante no uniforme de um povo tão avançado quanto o seu.

– Na verdade, a tripulação de uma nave estelar é dividida em três grupos principais, cada qual com uma cor específica de uniforme. – Explicou Da'Far. – Na configuração atual, temos a divisão de engenharia, da qual a segurança é parte, que usa a cor amarela e tem como comandante o engenheiro-chefe; a divisão de ciências, formada por pesquisadores e especialistas em diversas áreas e pela equipe médica, que usa a cor azul e tem como comandante

o oficial de ciências; e a divisão de comando, dirigida pelo primeiro oficial, que usa a cor vermelha, e da qual fazem parte diversos ramos de operações, como oficiais de comunicações, pilotos, administrativo e tático. Há ainda os civis comissionados, os quais utilizam uniformes cinzentos e possuem atribuições de suporte geral, como cozinheiros e cabelereiros. O capitão, que obviamente faz parte da divisão de comando, possui a autoridade máxima sobre todos da nave.

– É curioso que a segurança esteja vinculada à engenharia enquanto há outra divisão responsável por operações táticas. – Comentou Chechemus.

– Até algumas décadas atrás, o chefe de segurança também era responsável pelo posto tático, devendo manter a segurança interna e ainda operar as defesas e armas da nave em caso de combate. – Comentou Da'Far. – Posteriormente, esta última responsabilidade foi dada a membros da divisão de comando, os quais também são responsáveis por operações gerais fora da nave, inclusive táticas. Os membros da equipe de segurança prestam apoio em missões avançadas e em conflitos entre naves, mas sempre em parceria com a equipe de operações da divisão de comando.

– Eu quase cometi a gafe de dizer que a organização adotada pela sua Frota Estelar é confusa, mas lembrei que nós temos vinte e seis divisões em nosso Departamento de Exploração Espacial. – Riu Chechemus. – A diferença é que estamos acostumados com elas.

Quase uma hora havia se passado desde o incêndio causado pelos opositores do elegível Eleius quando o trem finalmente chegou a cidade chamada Capilalia, cortando

sua periferia repleta de barracões e pátios industriais. Da'Far olhava pela janela entre uma resposta e outra, desejando chegar logo ao destino final e então organizar um perímetro de segurança eficiente para o elegível e seus assessores, colocando em prática as recomendações que havia feito ao plano original de Chechemus. Todavia, o trem jamais chegaria ao seu destino, pois antes de deixar a periferia industrial, houve uma grande explosão que o tirou de seu rumo, levando-o a colidir com um dos barracões acinzentados.

A violência do impacto arremessou os seguranças que estavam em pé em direção à parte dianteira do vagão, revelando que a tecnologia de amortecimento inercial ainda era desconhecida dos rijanianos. A posição de Da'Far permitiu que ele não sofresse nenhum ferimento, diferentemente de Chechemus, que teve seu corpo dobrado involuntariamente para a frente, batendo sua cabeça em uma das barras de acessibilidade presentes nas laterais dos bancos. Com isso, o chimarrita tomou a posição de liderança da equipe de segurança e rapidamente reuniu aqueles que estavam em condições de agir.

– Vocês dois fiquem aqui e cuidem dos feridos. – Disse Da'Far, apontando para os seguranças, já que não sabia o nome de todos. – Vocês três devem desembarcar pela saída de emergência deste vagão e examinar o cenário externo, enquanto eu e os outros seguimos para o vagão do elegível. Ocupem uma posição estratégica vantajosa se puderem, nos deem cobertura e mantenham os canais de comunicação abertos.

– Sim, senhor! – Disseram os seguranças, alguns visivelmente com dores pelo corpo, e seguiram as ordens dadas pelo chimarrita.

Na dianteira do pequeno grupo restante, Da'Far empunhou o grotesco revólver de impacto termoestático, lamentando novamente por ter deixado seu fêiser na sala de transportes 1, e seguiu para o vagão onde deveriam estar Eleius e sua esposa.

Como a comitiva se concentrava em um ponto específico do trem, havia apenas um vagão entre os seguranças e o elegível. Nele estavam os membros da assessoria de imprensa, muitos deles caídos e choramingando, e no qual Da'Far aproveitou para tentar contatar USS Iguaçu. Quem quer que tivesse feito o atentado, no entanto, havia acionado um bloqueador de sinal, impossibilitando qualquer pedido de socorro.

– Ao meu sinal, quero que você abra a porta e que você entre no vagão do elegível, daremos cobertura e entraremos em seguida. – Disse Da'Far, em voz baixa, apontando novamente para os seguranças que ele queria que realizassem as tarefas.

No momento que o subcomandante deu o sinal e um dos seguranças abriu a porta do vagão dianteiro para que o outro pudesse entrar, ouviu-se o som de muitos disparos vindos do lado de fora do trem. A execução da ação tática foi bem-sucedida, mas o cenário dentro do vagão do trem era caótico. Os assessores e acompanhantes do elegível Eleius estavam abaixados e cobrindo a cabeça com as mãos, enquanto pessoas usando vestes negras e capuzes dispara-

vam contra os objetos e mochilas, provocando grande tumulto. Os três seguranças, que entraram rapidamente no vagão, incapacitaram os atacantes, mas ficou evidente que seus comparsas já haviam raptado o elegível e sua namorada. Diante desses novos elementos, Da'Far leu a situação em uma fração de segundo e adotou outra estratégia.

– Você, fique aqui e ajude este pessoal. Os outros venham comigo! – Disse ele, indicando dois pontos para descida do trem.

O som de disparos no lado de fora havia cessado por um instante, pois aparentemente os raptores haviam derrotado os primeiros seguranças e agora seguiam apressadamente para a construção mais próxima, ao lado da que fora atingida pelo trem. Da'Far ordenou que um dos dois grupos desse cobertura, reiniciando a troca de tiros, enquanto ele e dois outros seguranças corriam ao encalço dos raptores, mantendo-se próximos da parede para evitar o fogo cruzado.

– Conseguimos derrubar a maioria deles, senhor! – Informou um dos seguranças, indicando as várias pessoas de preto que haviam sido abatidas enquanto tentavam entrar pela porta estreita do edifício.

– Mas não sabemos quantos conseguiram entrar. – Disse Da'Far, enquanto os seguranças remanescentes se agrupavam ao redor dele. – Preciso de uma sondagem do edifício para quantificar e localizar os raptores, bem como para determinar se há algum vestígio de uso de transportes ou algo do gênero.

– Capto sinais de vida indistintos, possivelmente por causa do bloqueio que foi colocado antes do ataque. – Disse

um dos seguranças examinando uma espécie de tricorder arredondado. – Não há como determinar com precisão, mas não devem ser mais do que quinze pessoas.

– Mesmo se desconsiderarmos o elegível Eleius e Virena, ainda teremos dez oponentes, possivelmente mais. – Disse Da'Far. – Precisamos agir antes que desativem o bloqueio e consigam se transportar para além do nosso alcance. No entanto, é vital que mantenhamos a cautela para não colocar os reféns em uma situação ainda mais perigosa. – Ele parou, olhando para os homens que agora estavam sob o seu comando. – Qual seria a estratégia normalmente adotada pelo seu pessoal em uma situação dessas?

– Bom, é convencional utilizar duas equipes de assalto, com pelo menos uma pessoa dando cobertura em cada saída. – Respondeu um dos seguranças.

– Ótimo, façam isso. Eu vou entrar sozinho, escalando aquele parapeito. – Disse Da'Far, apontando uma janela do primeiro andar. – Este ataque certamente vem sendo planejado há tempos, então minha presença não estava nos cálculos deles. Assim, caso eles sejam profissionais, estarão esperando por uma ação igualmente profissional de nossa parte, mas não estarão preparados para um alienígena infiltrado.

– Senhor, como pretende subir até o parapeito? – Perguntou um dos seguranças, levantando as sobrancelhas, incrédulo.

– Subindo. – Respondeu Da'Far. – Agora vão! Não sei quanto tempo temos, mas se eles estão aguardando um desligamento dos bloqueios, temos poucos minutos.

A equipe assentiu e se dividiu, entrando no edifício de seis andares. Sob o olhar do segurança que havia ficado de guarda ao lado da porta, Da'Far correu e pegou impulso em uma grande caixa de lixo metálica, projetando-se contra a parede e agarrando o parapeito da janela do primeiro andar com sua mão direita. Em seguida, após se certificar que não havia ninguém naquele cômodo, ergue-se e rapidamente entrou, rolando na direção de um velho sofá rasgado, onde parou por um instante e prestou atenção aos sons vindos do corredor.

O prédio parecia abandonado, tendo apenas dois acessos aos andares superiores, um elevador quebrado e as escadas. Caminhando cuidadosamente em direção à porta entreaberta que dava para o corredor principal, o chimarrita pode observar a movimentação dos raptores sem que eles o vissem. Três pessoas encapuzadas trocavam tiros com a equipe de segurança que havia entrado pelo andar térreo, tentando impedir que elas subissem. Da'Far se certificou que o ajuste do seu revólver estava em "desacordar" e deixou o cômodo, esgueirando-se sem que os raptores percebessem e subindo para o segundo andar, tomando cuidado para não chamar a atenção de ninguém. Ele repetiu o mesmo procedimento ao subir para o terceiro e quarto andares, onde enfim ele encontrou três raptores, os quais incapacitou com disparos certeiros. Ao contrário dos disparos em ajuste "matar", que produziam um baque seco, o ajuste "desacordar" produzia apenas um leve chiado, que acabava sendo abafado pela troca de tiros andares abaixo.

Subindo cuidadosamente o lance de escadas que levava ao quinto andar, Da'Far ouviu vozes irritadas e teve

certeza que havia encontrado os raptores e o elegível Eleius, possivelmente em um dos cômodos próximos da escadaria. Ele respirou fundo e, abaixado, espiou rapidamente no corredor, notando a presença de um homem de capuz preto em frente a uma das portas. Como o homem estava de frente para a escada, Da'Far não teve escolha senão disparar contra ele, nocauteando-o. Em seguida, o chefe de segurança precipitou-se pelo corredor e entrou bruscamente pela porta antes que outro raptor pudesse entender o que estava acontecendo.

Na empoeirada sala estavam o elegível e sua namorada, além de três raptores trajados de preto. Da'Far conseguiu nocautear o mais próximo com um tiro certeiro, mas um segundo raptor conseguiu disparar contra ele, acertando ao mesmo tempo o próprio companheiro e o revólver do chefe de segurança, que voou de sua mão e atingiu um móvel no canto da sala.

– Mate-o! – Gritou o homem de preto que estava ao fundo da sala, ao lado de Eleius. O elegível estava amordaçado e preso à uma cadeira, e sua namorada estava sentada há alguns metros dele, em prantos

Antes que o segundo raptor pudesse dar outro tiro, Da'Far rolou para trás de uma mesa e agarrou um enfeite pesado e muito empoeirado, arremessando-o contra ele e acertando seu peito. Sem hesitar, o chimarrita virou a mesa, jogando-a para o lado direito enquanto ele mesmo ia pelo lado esquerdo, acertando uma investida no raptor e derrubando-o no chão. Surpreendido pela audácia de Da'Far, o raptor errou o único disparo que deu antes de se ver engal-

finhado no chão em luta corporal contra o chefe de segurança, que não levou mais do que três segundos para desacordá-lo com um forte golpe no pescoço. No segundo seguinte, tomando a arma do raptor desacordado, Da'Far a apontou para o último raptor remanescente, que por sua vez apontava sua arma diretamente para a cabeça do elegível Eleius.

– Quem é você? – Perguntou o raptor, nervoso. – Abaixe a arma ou eu mato ele!

O elegível e sua namorada estavam de olhos arregalados, assustadíssimos.

– Eu sou o tenente comandante Sinel Da'Far Sinel, da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse Da'Far, com a voz calma, porém firme. – Estou em uma missão de intercâmbio com seu governo, atuando junto à segurança do elegível Eleius. Abaixe a arma e vamos conversar.

– Se alguém aqui vai baixar a arma este alguém é você! – Ganiu o raptor. – Acha que não notei que você estava usando seu revólver no ajuste "desmaiar"? Pois saiba que a arma que está segurando agora só tem um ajuste, e se você disparar contra mim, matará também o elegível!

– Por favor, não! – Gritou a namorada do elegível.

Da'Far sabia que o homem dizia a verdade, e compreendia o temor de Virena. Aqueles revólveres medíocres tinham um raio de eficiência efetiva de disparo de pelo menos quarenta centímetros, e um tiro no ajuste "matar" certamente acertaria o raptor e também o elegível, matando ambos. Estando nessa situação, não havia outra alternativa

senão atender às exigências do raptor e abaixar a arma, rendendo-se. Contudo, não havia garantias de que o homem não dispararia no instante seguinte, matando Da'Far.

– Está bem, vou abaixar a arma. – Disse Da'Far, dobrando os joelhos lentamente e fazendo gesto de levar a arma ao chão.

Os olhos do raptor estavam semicerrados e ele mantinha a sua arma apontada para a cabeça do elegível Eleius, observando atentamente os movimentos de Da'Far. O chimarrita então deixou o revólver cair de sua mão quando ele estava há trinta centímetros do chão, saltando rapidamente e rolando para trás de um grande instrumento musical que parecia um piano. Para sua surpresa, Da'Far não ouviu som de disparos na sua direção e, após um intrigante silêncio, espiou ligeiramente e viu que as três pessoas na sala estavam paralisadas, mantendo a mesma expressão de cinco segundos antes.

– Já basta! – Disse uma voz conhecida. – Se isso não for o suficiente, senhores, não sei o que seria.

– De acordo. – Disse outra voz. – Computador, encerrar simulação.

Em um piscar de olhos, os raptores e os reféns desapareceram, assim como o prédio onde Da'Far estava, revelando uma grande sala com paredes escuras e grades de projeção fotônica, semelhante ao holodeck que havia a bordo da USS Iguaçu. Em uma das laterais, alinhados atrás de uma grande mesa, estavam o capitão Vernon, o conselheiro Nhefé e quatro rijanianos. De pé, ao lado deles, estava o doutor Horvat, com alguns equipamentos médicos.

– Senhor... – Começou Da'Far, confuso, enquanto o médico se aproximava dele e iniciava algumas sondagens com o tricorder.

– Tudo será explicado em breve subcomandante, peço que fique calmo. – Disse o capitão levantando a mão. Ele parecia profundamente irritado.

– O capitão Vernon está correto. – Disse Nhefé para um dos alienígenas. – Nós já repetimos a simulação dez vezes nos últimos três dias e está claro que o comportamento do senhor Da'Far é coerente com seu testemunho.

Um dos alienígenas, que utilizava um gozado chapéu arredondado, respirou fundo e disse:

– Diante do inquestionável padrão de reação do acusado, demonstrado nas repetidas simulações do fato delituoso, absolvo-o das acusações de homicídio duplo. – Ele colocou a mão esquerda sobre um dispositivo de identificação biométrica à sua frente. – Ainda, determino a instauração de incidente investigativo em face de Virena Borana, a fim de determinar sua real participação nos incidentes. Declaro a presente sessão de julgamento encerrada.

O capitão Vernon e o conselheiro Nhefé respiraram aliviados, sorrindo e fazendo sinal de positivo para um Da'Far perplexo e ainda exaltado pela adrenalina liberada durante o confronto com os raptores holográficos.

– Vamos, subcomandante. – Disse o doutor Horvat. – Finalmente poderei leva-lo à enfermaria da nave.

– O que está acontecendo, doutor? – Perguntou o chefe de segurança, acompanhando-o até a saída. – Eu não deveria falar com o capitão?

– Você ainda está atordoado, senhor Da'Far, e o capitão está muito ocupado discutindo com o ministro Minetus e essa tríade de juízes canalhas. – Respondeu o médico, conduzindo-o por um corredor amplo, cheio de alienígenas curiosos. – Mas pode ficar tranquilo que eu explicarei tudo assim que estivermos a bordo e eu tiver feito um exame completo em seu cérebro. Horvat para Iguaçu, dois para subir.

Imediatamente os dois foram desmaterializados da superfície do planeta e rematerializados na sala de transportes 2, de onde seguiram para a enfermaria. Mesmo desorientado e confuso, Da'Far obedeceu ao doutor Horvat e aguardou até que os exames fossem concluídos, o que não demorou mais do que quinze minutos.

– Seu cérebro é muito forte, subcomandante. – Disse o médico, examinando o resultado do último exame em um PADD. – As ligações engramáticas paralelas não sofreram degeneração, mesmo após tantos processos de exclusão de memória.

– E por qual razão ela foi apagada tantas vezes? – Perguntou Da'Far.

– Bom, tudo aconteceu há seis dias, quando iniciamos o intercâmbio com o povo deste planeta. – Começou Horvat, aproximando-se de Da'Far. – Tudo o que você vivenciou no holodeck foi praticamente fiel aos fatos, com exceção é claro, do final.

– Eles mencionaram duplo homicídio. – Disse Da'Far. – Mas não lembro de ter matado ninguém.

– Exato. – Continuou o médico, erguendo o dedo indicador euforicamente. – Quando o capitão foi contatado

pelos representantes do planeta, recebemos a informação de que você tinha liderado uma frustrada tentativa de resgate que culminara na morte de um sequestrador e de uma figura política importante, e que o autor do disparo que os matou havia sido você.

– O elegível Eleius? – Perguntou Da'Far.

Horvat assentiu.

– Segundo relatos da equipe de segurança, quando finalmente alcançaram o andar onde estava Eleius, encontraram-no morto ao lado de um dos sequestradores. – Continuou o doutor. – A esposa dele estava de joelhos, em prantos, e você estava desacordado em decorrência de um forte golpe na nuca.

– E quem me golpeou? – Perguntou Da'Far.

– Esta é a parte intrigante. – Disse Horvat. – A única testemunha presente era a esposa de Eleius, e ela afirmou que, quando você se viu pressionado pelo sequestrador, acabou optando por matá-lo, mesmo sabendo que com isso mataria também o elegível. Ela então, temendo que você pudesse matá-la para encobrir seu sórdido comportamento, o golpeou na nuca com um dos enfeites de mesa, deixando-o inconsciente.

– Eu jamais faria isso. – Disse Da'Far. – Mesmo que eu estivesse em uma posição desfavorável em relação ao raptor, eu tinha chances claras de escapar se conseguisse abrigo antes que ele disparasse contra mim.

– É claro, e foi o que você fez em todas as simulações perante o ministro e os juízes. – Disse o doutor, orgulhoso do comportamento do colega. – Mas, segundo você, não foi isso que aconteceu naquele dia.

– Como assim? – Perguntou Da'Far.

– Quando você foi ouvido pela polícia local, declarou que o líder dos sequestradores e mandante do sequestro era, na verdade, a namorada do elegível Eleius. – Explicou Horvat. – Você afirmou que ela era uma opositora radical infiltrada, e que ela mesma havia disparado contra o elegível diante dos seus olhos, logo após perceber que o restante dos seguranças se aproximava.

– Então ela achou que se me deixasse desacordado poderia conseguir um álibi para si mesma, já que se me matasse, não haveria a quem culpar. – Concluiu Da'Far.

– Essa foi a nossa hipótese, é claro. – Disse Horvat. – O capitão Vernon acreditou imediatamente na sua versão, mas o ministro Minetus e os demais figurões do governo deles acharam a sua história exageradamente fantasiosa. Para eles, era muito mais plausível crer que um alienígena tivesse matado duas pessoas para se defender do que admitir que a esposa de um proeminente elegível o tivesse traído e arquitetado sua morte de maneira tão premeditada e cruel.

– Isso explica algumas coisas, mas ainda não entendo a razão de terem apagado minha memória. – Disse Da'Far. – Deveria haver uma forma melhor de provar minha inocência.

– Este planeta possui leis penais muito severas, onde os crimes são penalizados com supressões de memória. – Explicou o médico. – E, no caso de uma condenação por duplo homicídio, eles apagariam toda sua memória, deixando seu cérebro completamente vazio.

– Suponho que o capitão Vernon tenha intervindo em minha defesa. – Disse Da'Far.

– Sem dúvidas. Ele foi categórico ao afirmar que um oficial da Frota Estelar jamais agiria de tal maneira, e que se você dizia que a culpada era a esposa de Eleius, então é nisso que eles deveriam acreditar. – Continuou Horvat, inclinando-se. – Mas foi ideia do conselheiro Nhefé apagar sua memória recente e usar o holodeck do tribunal para simular os eventos daquele dia, colocando à prova tanto você quanto seu modo de agir diante dessa situação específica.

– E eu concordei, é claro. – Disse Da'Far. – E acabei passando no teste.

– Sim, e várias vezes. – Disse Horvat, indignado. – Eles insistiram em repetir os testes, cada vez alterando alguns detalhes no programa e justificando que nem tudo havia sido simulado com exatidão. E assim passamos três dias apagando sua memória e colocando-o para vivenciar a mesma experiência de novo e de novo, só para chegar ao mesmo resultado todas as vezes. – O médico deixou o PADD na maca ao seu lado. – Eles não têm noção o quanto esse tipo de procedimento de exclusão repetida de memória é prejudicial para um cérebro, especialmente um cérebro chimarrita. Se eles não o tivessem absolvido após a décima simulação, eu juro que teria saturado aquele tribunal com radiação gama até que os olhos deles cozinhassem. Na verdade, se você quiser, ainda podemos fazer isso.

– Obrigado, doutor. – Disse Da'Far, aliviado. – Mas tudo que eu quero agora é o meu fêiser.

Episódio 10

Minimize

Chelaar e Hashimoto, auxiliados pela equipe de astrometria, haviam passado boa parte da manhã tentando resolver um problema nos sistemas de encadeamento de coordenadas espaciais que, desde o dia anterior, deixara de calcular corretamente a localização relativa da nave. Esse recurso, fundamental para manter a navegação precisa em relação ao Pêndulo de Xavier-Rose, fora danificado no dia anterior, quando a nave sofrera avarias ao passar por uma zona de atrito subespacial formada por um agrupamento de pulsares sincrotônicos.

– Experimente reiniciar o conversor FW agora. – Disse Hashimoto, espremido dentro de um anteparo.

– Sistema de encadeamento recuperando integridade relativa. – Informou Solek, a vulcana oficial de astrometria.

– A taxa de sincronização com os sensores de laterais se mantém em 96%. – Disse Chelaar, debruçada sobre um dos monitores secundários.

– Mantenha o sistema em funcionamento e aumente a saída em um quarto. – Ordenou Hashimoto.

– Sim, senhor. – Disse Solek.

– Taxa de sincronização subindo. – Disse Chelaar.

– Finalmente! – Disse Hashimoto. – Quanto temos?

– 98,7% e subindo. – Respondeu Chelaar.

– Alferes Chou, projete o encadeamento no índice 933,1. – Ordenou Solek.

– Sim, senhor. – Respondeu a alferes, e um mapa estelar foi projetado no observatório astrométrico diante deles.

– Parece bom. – Disse Chelaar, examinando a disposição das estrelas e nebulosas, que se movimentavam ligeiramente conforme a sincronia do encadeamento aumentava.

– Quanto temos? – Disse Hashimoto, ainda dentro do anteparo.

– 100%. – Respondeu Chelaar.

– Encerrar projeção, alferes. – Disse Solek para Chou. – É aconselhável que reiniciemos o sistema e façamos um diagnóstico pós sincronização.

– De acordo. – Assentiu Chelaar.

– Não tínhamos esse tipo de problema na Estação Espacial Carina. – Disse Hashimoto, saindo do anteparo. – Estávamos sempre no exato lugar em que deveríamos estar, perfeitamente sincronizados em relação a Acamaria. A exceção foi quando uma experiência malsucedida do nosso oficial de ciências transportou a estação inteira para um limbo subespacial próximo à nebulosa Azure.

– Isso fica há quase meio ano-luz do sistema acamariano. – Disse Solek, levantando as sobrancelhas. – Como conseguiram resolver a situação?

– Que bom que perguntou, tenente. – Começou Hashimoto e, pelos próximos vinte minutos, descreveu detalhadamente o plano que salvou a estação de um colapso

estrutural enquanto ele, heroicamente, revertia manualmente a experiência malsucedida e levava a E.E. Carina de volta ao seu devido lugar.

– Soube que o senhor não quis se inscrever para o recital dos oficiais, comandante. – Comentou Chelaar, quando o chefe de engenharia finalmente encerrou sua explicação dramática e o diagnóstico indicou que os sistemas estavam funcionando perfeitamente.

– Está correta. – Sorriu Hashimoto. – Infelizmente não herdei a boa voz de minha mãe, então prefiro comparecer apenas como expectador.

Chelaar assentiu, sorrindo.

– Meu avô é um cantor lírico de renome em Tellar Prime. – Disse ela. – Ele jamais me perdoaria se eu não participasse do primeiro recital oficial da Federação promovido em outra galáxia.

– Então suponho que você escolheu interpretar uma canção lírica, talvez a ária de Intrusos, de Gaunl? – Perguntou Hashimoto.

– Fico surpresa que o senhor conheça os compositores clássicos tellaritas, comandante. – Respondeu Chelaar, admirada. – Mas vou interpretar algo mais recente: Nag Naag, de Subro.

– Pelo que sei, esta canção é uma versão da aclamada valsa boliana "Sobre a Tristeza". – Comentou Solek.

– A qual, por sua vez, é uma versão da canção "Porto Solidão", interpretada pelo cantor humano Jessé há quase quinhentos anos atrás. – Disse Hashimoto.

– É um apreciador de música de época, comandante? – Perguntou Chelaar, surpresa.

– A Estação Espacial Carina foi a sede temporária da Sociedade Arqueológica Musical por dois anos, após a inundação de Nova Viena. – Explicou Hashimoto. – Acabei fazendo bons amigos e aprendendo algumas curiosidades sobre a história da música na Federação.

– *Vernon para Astrometria.* – Ouviu-se a voz do capitão. – *Qual é a situação dos reparos?*

– Finalizamos o trabalho há poucos minutos, capitão. – Respondeu Hashimoto, tocando em seu comunicador. – Podemos seguir viagem quando o senhor desejar.

– *Ótimo.* – Disse o capitão. – *Mas antes disso, gostaria que viessem a ponte e nos auxiliassem com um pequeno mistério.*

Chelaar e Hashimoto se entreolharam e, como já haviam concluído os reparos, cumprimentaram Solek e deixaram a astrometria, rumando imediatamente para a ponte. Ao chegar lá, depararam-se com os colegas examinando a imagem do que parecia ser um módulo de fuga, ampliada até preencher totalmente a tela principal. O capitão Vernon acenou com a cabeça e fez sinal para que os dois recém-chegados assumissem suas posições.

– As sondagens não indicam formas de vida humanoide a bordo. – Disse Chelaar, assumindo a estação de ciências e examinando as informações disponíveis.

– A assinatura de energia é ínfima, como a captaram? – Perguntou Hashimoto, assumindo a estação da alferes Harman.

– Um tripulante a viu pela escotilha de seus aposentos, há mais ou menos quinze minutos, enquanto praticava theremin. – Explicou Shion. – Está há menos de seiscentos metros da Iguaçu, à bombordo da proa.

– É uma coincidência incrível. – Disse Hashimoto.

– De fato. – Disse o conselheiro Nhefé, pensativo. – A chance de algo assim acontecer é tão ínfima quanto a assinatura de energia do módulo.

– Não fomos capazes de detectar nenhum sinal de socorro e constatamos que não há vestígios de combate, transporte ou dano de qualquer tipo. – Disse o capitão. – Aparentemente, quem lançou esse módulo o fez por razão diversa das tradicionais, abandonando-o logo em seguida.

– Pode ter sido apenas um engano, ou talvez um teste. – Sugeriu Hashimoto.

– Talvez. – Disse Vernon. – Mas gostaria de transportá-lo para a área de carga, se possível, e examina-lo mais de perto.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar, iniciando a sequência de protocolos preventivos e sondagens de segurança. – O módulo não tem sistemas de propulsão e armamentos e as emissões de partículas estão dentro dos padrões aceitáveis. Também não capto ameaças biológicas. Acredito que seja seguro trazê-lo a bordo com o raio trator.

– Execute. – Ordenou o capitão. – Srta. Kwa, calcule o ponto de origem do módulo e trace um curso, dobra 6.

– Sim, senhor. – Disse Kwa.

– Transporte concluído. – Informou Da'Far. – O objeto está na área de carga 2.

– Chelaar e Hashimoto, venham comigo. – Disse o capitão, andando em direção à saída. – Shion, a ponte é sua.
Os três chegaram rapidamente à área de carga 2, onde o módulo jazia imóvel, ao lado de um dos seguranças da nave. O objeto não tinha mais do que dois metros de altura

e quatro de comprimento, certamente projetado para apenas dois indivíduos. Ele era feito de uma liga metálica levemente dourada e possuía apenas uma pequena escotilha circular na parte dianteira, que se abriu assim que Hashimoto acionou uma alavanca vermelha.

– A tecnologia deles não me parece tão obsoleta em comparação à nossa, mas o computador de bordo possui funções muito limitadas, até mesmo para um módulo de fuga. O sistema mais complexo é o de suporte de vida, e não capto quaisquer sistemas de comunicação, nem mesmo um rádio subespacial. – Disse Hashimoto, sondando o interior do módulo através da escotilha. – Como é possível que alguém projete um módulo de fuga tão precário e difícil de localizar?

– Talvez eles tenham uma forma de localização que nos é desconhecida. – Arriscou Chelaar.

– Vê algo de diferente aí dentro, comandante? – Perguntou o capitão Vernon.

– Apenas um traje espacial vazio no fundo do módulo, do tipo humanoide padrão. – Respondeu Hashimoto. – E não há nada na memória do computador de bordo, ele foi definitivamente projetado para apenas manter o funcionamento do suporte de vida.

– Talvez possamos obter as respostas quando chegarmos ao local de origem dele. – Disse o capitão.

– Posso estar enganado, mas minha experiência me diz que a maioria dos módulos de fuga com esse tipo de configuração costumam ser de estações espaciais. – Disse Hashimoto, indicando o formato do módulo e a posição das

garras de atração. – Várias culturas conhecidas desenvolveram designs semelhantes, já que é obviamente mais adequado ao formato das estações espaciais do que às naves estelares.

O engenheiro-chefe estava correto em sua suposição, pois a USS Iguaçu não tardou a encontrar o ponto de origem do módulo: uma estação espacial de médio porte e formato cônico, parcialmente oculta em um agrupamento de asteroides. Eles deixaram o módulo na área de carga 2 e retornaram à ponte, onde passaram a examinar a estação.

– Parece desativada e deserta, senhor. – Informou Da'Far, após uma série de sondagens.

– É incomum construir uma estação espacial fora de um sistema estelar. – Disse Hashimoto.

– É altamente provável que estivessem trabalhando com algo extremamente perigoso, ou valioso. – Comentou Nhefé. – E é igualmente intrigante que, nesse caso, a tenham deixado deserta.

– Qual é a idade aproximada do módulo? – Perguntou Shion. – Talvez estejamos estudando uma relíquia de séculos atrás, e por isso ela esteja abandonada, assim como o módulo.

– Embora esteja completamente desativada, é possível identificar a flutuação residual da energia da estação, diferentemente do módulo. – Explicou Hashimoto. – Creio que ela foi desativada há menos de dois dias.

– Capitão, a estação possui quarente e quatro módulos de fuga e, com exceção daquele que se encontra na nossa área de carga, todos os demais permanecem acoplados em suas respectivas baias. – Informou Da'Far.

– Uma estação espacial vazia e estranhamente localizada que lançou um módulo de fuga vazio. – Disse o capitão Vernon, intrigado. – Como isso é possível? Há algum sinal de combate recente?

– Não, senhor. – Respondeu o tenente Rose. – A estação parece ter defesas mínimas, apenas alguns canhões de plasma e bombas de hidrogênio. Todos sem indicação de uso.

– Eu achei que obteríamos respostas ao chegar aqui, mas tudo o que conseguimos foram mais perguntas. – Disse Vernon, franzindo o cenho. – Quero sondagens completas dessa estação e, se for seguro, quero um grupo avançado lá dentro o quanto antes.

– Capitão. – Chamou Giulia.

– Sim, subtenente. – Disse o capitão, virando-se para ela.

– É estranho, mas parece não haver sistema de comunicação na estação. – Disse Giulia. – Eu tentei transmitir uma saudação e interceptar algum sinal emitido por ela, mas nenhuma das antenas e receptores parecem configurados para essa função.

– Então, apesar dessa opção estrutural não fazer sentido para nós, ao menos é coerente que o módulo de fuga também não estivesse equipado com sinalizadores ou sistema básico de comunicação. – Concluiu Vernon, balançando a cabeça. – Talvez estejamos lidando com uma espécie realmente incomum.

A tripulação se dedicou a investigar a estação por mais de uma hora, efetuando uma grande variedade de sondagens e obtendo poucos resultados relevantes. O lugar

se parecia com uma estação espacial comum, com áreas de comando, alojamentos e alguns laboratórios, e sem indícios de radiação nociva, armas de grande potencial ofensivo ou patógenos mortais.

– Existem três laboratórios principais, todos localizados na parte inferior da estação, mas não sei dizer para que servem. – Informou Chelaar, apresentando um esquema tridimensional na tela principal. – Os equipamentos são estranhos e incompatíveis com os registrados em nossa base de dados.

– Teremos que olhar mais de perto se quisermos desvendar este mistério. – Falou Shion.

– De acordo, imediato. – Concordou o capitão. – Monte dois grupos avançados, transporte um para o comando da estação e outro para a área dos laboratórios.

– Sim, senhor. – Disse Shion.

Logo que deixou a ponte, a andoriana formou duas equipes para abordar a estação de pesquisa, liderando pessoalmente uma delas, enquanto a outra seria liderada pela comandante Chelaar. A oficial de ciências, auxiliada pelo engenheiro Re'Mi, pelo segurança Lachapelle e pelos tripulantes Szántó e Gonzales iniciou uma detalhada investigação na área dos laboratórios, buscando entender que tipo de pesquisa era desenvolvida neles. No comando da estação, a equipe de Shion, composta pela subtenente Giulia Naggi, pelo segurança Heeren e pelos tripulantes Soares e Thibault, iniciou uma interface com o computador principal, religado com uma célula de energia portátil.

– A linguagem computacional e a disposição de elementos de comando deles é muito diferente da nossa, mas

assemelha-se à utilizada pela Aliança Nyberrita. – Disse Giulia, após examinar o computador da estação por alguns minutos. – Farei uma matriz de tradução guiada e disponibilizarei para nossos tricorders e para o computador da nave. Deve ser o bastante para que possamos entender com o que estamos lidando.

– Excelente. – Disse Shion, sondando os anteparos inferiores. – Shion para Chelaar. Informe.

– *Chelaar falando.* – Ouviu-se a voz da tellarita. – *Identificamos um grande conjunto de emissores energéticos de grande potência, além de defletores modulares e geradores de campos de força. Só posso imaginar que eles estavam realizando experimentos com radiação, energia ou partículas de propriedade quântica ou talvez subespacial, mas ainda não tenho ideia do quê.*

– Entendido. – Disse Shion. – Estamos inicializando os computadores e a subtenente Naggi está preparando uma matriz de tradução. Parece que a linguagem deles é um tanto diferente da nossa. Se tiver alguma informação relevante, entre em contato.

– *Certo, comandante. Chelaar desliga.*

Na ponte da USS Iguaçu, em órbita do asteroide e da estação espacial, o capitão monitorava o progresso dos grupos avançados, enquanto aguardava o retorno da nave auxiliar que fora despachada para investigar o agrupamento de asteroides em busca de naves ou outras instalações.

– As varreduras de antiléptons foram completadas, senhor. – Informou Da'Far. – Não há sinal de deslocamento gerado por naves camufladas num raio de seis milhões de quilômetros.

– Vernon para nave auxiliar Férula. – Chamou o capitão. – Informe.

– *Não há nada além de asteroides, senhor.* – Informou o subtenente Thy'sak. – *O mapeamento será concluído em doze minutos.*

– Certo. – Disse o capitão. – Aguardamos seu retorno. Vernon Desliga.

– *Enfermaria para ponte.* – Ouviu-se a voz do doutor Horvat.

– Prossiga. – Respondeu Vernon.

– *Capitão, gostaria que o senhor viesse à enfermaria imediatamente.* – Disse o médico. – *Detectei um problema que pode significar um grande risco para a nave e para a tripulação.*

– A caminho. – Disse o capitão, levantando-se. – Senhor Da'Far, a ponte é sua.

O capitão seguiu apressadamente para a enfermaria, sentindo a estranha sensação de que ela estava mais distante do que o normal. Ao entrar, deparou-se com o doutor Horvat e com a enfermeira Yasna examinando um tripulante gauriano da divisão de engenharia que estava sentado em um dos leitos. Dois outros tripulantes, um da divisão de ciências e outro da segurança, também estavam sentados em macas, com expressões angustiadas em seus rostos.

– Qual é o problema, doutor? – Perguntou o capitão, sem enrolações.

– Capitão, se me permite. – Disse Horvat, examinando o capitão com seu tricorder médico e franzindo o cenho.

– Doutor Horvat. – Insistiu o capitão.

– Este é o alferes Bazo Kita. – Começou o médico, indicando o gauriano. – Ele veio a enfermaria mais cedo após uma pequena queimadura de plasma na engenharia. O estranho foi que ele se queixou de ter sofrido tal acidente ao não alcançar um dos controles manuais que ele costuma utilizar para desativar a transmissão de força entre conduítes cruzados. – Horvat fez uma pausa, detendo o olhar no topo da cabeça do alferes. – Para minha surpresa, após um breve exame, constatei que ele tinha 1,79m de altura.

– Não entendo onde quer chegar, doutor. – Disse o capitão.

– O alferes Bazo Kita deveria ter 1,81m. – Disse Horvat, levantando as sobrancelhas. – De alguma forma, ele encolheu dois centímetros. Aliás, neste momento ele já está com 1,76m.

– Como isso é possível? – Perguntou Vernon.

– Não sei ainda, capitão. – Respondeu Horvat, virando-se para os outros dois tripulantes que estavam sentados nas macas. – Mas o mesmo aconteceu com os alferes Retk e Henriques, ambos perderam cerca de cinco centímetros nas últimas horas.

– Isso está afetando toda a tripulação? – Perguntou o capitão.

– Sim, senhor. Eu mesmo estou com 1,90m, quando deveria ter 1,95. – Respondeu o médico. – E o senhor perdeu quase seis centímetros.

– Então foi por isso que a enfermaria pareceu estranhamente mais distante enquanto eu vinha para cá. – Concluiu o capitão Vernon. – Como minha altura foi reduzida, meus passos ficaram mais curtos.

– Exatamente. – Assentiu Horvat. – Por enquanto a tripulação ainda não percebeu a diferença por estarem todos diminuindo proporcionalmente, mas em breve ficará evidente que há algo de errado.

– Está me dizendo que esse encolhimento ainda está acontecendo? – Perguntou Vernon.

– Infelizmente, sim. E a taxa de encolhimento tem aumentado gradativamente. – Respondeu o médico. – Pelos meus cálculos, em menos de duas horas a tripulação terá apenas três quartos de sua altura original, e em três horas terá menos de um quinto. Isso representa um risco operacional imenso para a nave. Recomendo um alerta vermelho e a concentração total de nossos esforços para descobrir a causa e uma possível solução para este problema.

– Certo. – Assentiu o capitão Vernon, e tocou o comunicador em seu peito. – Alerta vermelho. Tripulação não essencial dirija-se aos seus aposentos e permaneça lá até segunda ordem. Demais tripulantes apresentem-se aos oficiais responsáveis e aguardem orientações. Vernon desliga.

– Requisitarei a ajuda da doutora Brexdan, e pedirei ao restante da equipe médica para que monitore a tripulação enquanto trabalhamos para resolver o problema. – Disse Horvat.

– De acordo. – Disse o capitão Vernon. – Trarei os grupos avançados de volta e quero que os examine assim que possível, algo me diz que este encolhimento tem algo a ver com a estação de pesquisa que estamos investigando.

Chelaar estava abaixada ao lado de um grande equipamento cilíndrico no laboratório principal da estação espacial, examinando um conjunto de amplificadores internos. Com a matriz de tradução guiada desenvolvida pela subtenente Naggi, estava sendo relativamente fácil desvendar a estranha configuração utilizada na construção daqueles equipamentos, e com isso ter acesso a pistas que aos poucos permitiam um maior entendimento do seu funcionamento e propósito.

– É como eu suspeitava. – Disse Chelaar fechando o anteparo e se levantando. – Este dispositivo amplifica níveis de energia equivalentes aos de um reator de dobra convencional, redirecionando-a através do feixe dianteiro e produzindo uma emissão concentrada de partículas núcleo-estimulantes. – Ela deus dois passos em direção aos defletores e tocou a superfície de um dos geradores de campo. – Este sistema deve ser o responsável por conter a emissão de partículas e estabiliza-la nos níveis desejados, mas é altamente provável que o choque cause rupturas subespaciais intensas.

– O consumo de energia em um procedimento assim é gigantesco. – Disse o subtenente Re'Mi. – Um simples teste possivelmente consumiria mais do que a própria estação é capaz de produzir.

– Exato. – Concordou Chelaar. – Presumo que eles produziam e armazenavam energia por dias antes de utilizar este mecanismo. A pergunta é: por que?

– Não sei, mas tenho a impressão de que esse emissor parece maior cada vez que olho para ele. – Disse Re'Mi,

mexendo o pescoço como se sua roupa estivesse desconfortável.

Chelaar olhou para os equipamentos alienígenas e percebeu que tinha a mesma impressão que Re'Mi. Enquanto estava concentrada em descobrir mais sobre eles, a oficial de ciências não percebeu nada, mas olhando agora, notava que eles pareciam inexplicavelmente maiores, o que lhe causava um leve incômodo. Até mesmo seu tricorder parecia desajeitado e menos ergonômico, como se não pudesse segurá-lo confortavelmente com apenas uma mão.

– *Shion para Chelaar.* – Ouviu-se a voz da andoriana.

– Prossiga, comandante. – Respondeu a tellarita, de pronto.

– *O capitão ordenou nosso retorno imediato, preparem-se para serem transportados.* – Disse Shion, em tom sério. – *Parece que foi detectada uma potencial ameaça à nave e à tripulação.*

– Sim, senhora. – Disse Chelaar, com um mau pressentimento.

Dentro de poucos segundos, o grupo avançado liderado pela oficial de ciências se agrupou no centro do laboratório e foi transportado de volta à USS Iguaçu. Para a surpresa de Chelaar, ao invés de uma das salas de transportes, ela se viu na enfermaria, onde também se encontravam Shion e os membros de seu grupo avançado, além dos doutores Horvat e Brexdan e da enfermeira Yasna. Esta, munida de um tricorder médico, iniciou um exame nos recém-chegados, com o semblante preocupado.

– O que está havendo, doutor? – Perguntou Chelaar, notando que havia sido declarado alerta vermelho.

– Temos um problema seríssimo em mãos e estamos lutando contra o tempo para resolvê-lo. – Respondeu o médico. – Aliás, sua ajuda será muito bem-vinda.

– Não entendo. – Disse Chelaar confusa, correndo os olhos pelo ambiente e sentindo-se estranhamente desconfortável, como se aquela não fosse a verdadeira enfermaria.

– Diga-me, comandante, sempre usou um uniforme dois números acima do seu? – Perguntou Horvat, pegando no punho da camisa de Chelaar e fazendo-a perceber que o mesmo estava muito mais folgada do que deveria.

– O que isso significa? – Perguntou Chelaar, alarmada.

– Estamos todos encolhendo. – Explicou Horvat. – Ainda não sei como e ainda não sei porquê, mas em breve estaremos tão pequenos que será impossível conduzir a nave.

– Isso deve estar relacionado com o emissor de partículas no laboratório da estação alienígena. – Supôs Chelaar.

– É nossa principal hipótese. – Admitiu o médico. – Todavia, mesmo que estejamos corretos, se não encontrarmos logo uma forma de reverter o processo, a Iguaçu dependerá de uma tripulação de micro-organismos para leva-la de volta à Via Láctea.

– Precisamos reunir uma equipe e teorizar sobre a relação entre as pesquisas conduzidas na estação espacial alienígena e este encolhimento bizarro. – Disse Chelaar, repassando mentalmente os oficiais mais indicados para contribuir com o desenvolvimento dessa tarefa.

– Concordo totalmente, mas recomendo que primeiro a senhora vista um uniforme feito em polímero de elasticidade variável. – Disse Horvat. – Estamos sintetizando para toda a tripulação. Eles não são nada confortáveis, mas "encolherão" conosco e se manterão funcionais enquanto tivermos 30cm de altura ou mais.

– Certo. – Concordou a tellarita, sem opções.

As duas horas que se seguiram foram angustiantes, pois à medida em que a tripulação encolhia, tornava-se cada vez mais difícil executar as operações necessárias para o funcionamento da nave e para a pesquisa de um método que revertesse o processo. As distâncias pareciam aumentar enquanto a força e a habilidade pareciam diminuir, uma vez que as ferramentas ficavam mais pesadas e difíceis de operar, e qualquer desatenção resultava em um toque equivocado nos comandos de um painel.

– Agora que temos certeza que o encolhimento está afetando toda a matéria orgânica a bordo, incluindo alimentos em estase e plantas ornamentais, poderemos testar uma possível solução sem ter que utilizar um tripulante como cobaia. – Disse Chelaar, sentada na sala de reuniões da ponte. Sua voz estava mais aguda em decorrência do encolhimento.

– Antes de pensarmos em fazer testes, precisamos chegar a uma possível solução. – Disse Horvat. – E nada do que pensamos até o momento é promissor.

– Ao menos nós apuramos que o encolhimento está diretamente relacionado à presença de partículas núcleo-estimulantes. – Disse Chelaar. – Quem quer que estivesse por trás dessa estação de pesquisa, certamente desenvolvia

experimentos de redução de matéria em níveis submoleculares.

– Até onde sei, esse tipo de pesquisa já foi feito pela Federação em várias ocasiões. – Disse o capitão Vernon. – O que nos impede de reverter o processo?

– Sabemos que esse tipo de tecnologia de encolhimento de matéria é possível, embora seja ineficiente e inviável, mas não existem registros de nada semelhante ao que está acontecendo conosco. – Comentou Hashimoto, com a voz estridente. – Por isso nós acreditamos que os sistemas de defletores e campos de força instalados nos laboratórios da estação são, de alguma forma, responsáveis pelo encolhimento constante e exponencial que é incomum a experiências desse tipo.

– Hashimoto e eu revisamos a base de dados e encontramos menções sobre incidentes semelhantes. – Completou Chelaar.

– Senhor, acredito que devamos mandar um grupo avançado para tentar descobrir o que for possível do computador da estação. – Disse Shion. – Estávamos fazendo um progresso considerável e seria questão de tempo até termos decifrado completamente a linguagem utilizada.

– Não gosto da ideia de ter alguém fora da nave nessas circunstâncias, mas não tenho outra escolha. – Assentiu o capitão. – Mas quero que Hashimoto, Horvat e Chelaar permaneçam aqui e tentem descobrir um meio de ganhar tempo.

– *Ponte para capitão Vernon.* – Ouviu-se a voz do subcomandante Da'Far. – *Os sensores captam a aproximação de três naves não identificadas.*

Os oficiais se entreolharam, concordando em silêncio que esta era uma péssima hora para o surgimento de naves alienígenas desconhecidas.

– Tempo para interceptação? – Perguntou o capitão.

– *Vinte e dois minutos.* – Respondeu o chefe de segurança.

– Teremos, em média, menos de um metro de altura quando chegarem. – Comentou o doutor Horvat.

– Imediato, monte um grupo e se transporte até à estação, vocês têm quinze minutos para obter o máximo de informação possível. – Disse o capitão Vernon. – Dispensados.

Todos deixaram a sala de reunião, caminhando apressadamente para compensar as passadas diminutas. Horvat rumou para a enfermaria, onde trabalhava em um soro para amenizar a confusão motora e sensorial causada pelo encolhimento. Chelaar e Hashimoto, na engenharia, discutiam com alguns engenheiros e oficiais de ciências as possíveis soluções para o problema, e Shion se transportara para a estação, acompanhada por Giulia e outros três tripulantes. O capitão Vernon, por sua vez, assumiu a ponte e examinou a leitura das naves que se aproximavam.

– Ainda não entraram em alcance visual, mas pelo que pudemos observar as naves possuem configurações semelhantes às do módulo de fuga e da estação espacial. – Informou Da'Far. – É provável que pertençam à mesma espécie.

– Quero tentativas contínuas de contato, talvez possam nos ajudar. – Ordenou o capitão.

– Sim, senhor. – Respondeu o tripulante que substituíra Giulia no posto de comunicações.

– As naves aumentaram a velocidade, capitão. – Informou a alferes Harman, equilibrando-se sobre o monitor. – Tempo para interceptação: oito minutos.

– Devem ter identificado nossa presença. – Disse o capitão Vernon. – Espero que não cheguem atirando.

– Estaríamos em grande desvantagem, senhor. – Disse o tenente Rose. – Estarmos em menor número não é o que me preocupa, mas sim o fato de que nossos controles de armas e sistemas defensivos não foram feitos para crianças de seis anos. Além do mais, o encolhimento gradual me deixa desorientado e me causa tontura.

– Capitão Vernon para enfermaria. – Chamou ele. – Doutor Horvat, obteve progressos com o soro inibidor?

– Sim, senhor. Estou sintetizando uma grande quantidade e pretendo liberá-la no sistema de ventilação em de menos de cinco minutos, vai ser mais rápido do que distribuir pessoalmente à tripulação. – Ouviu-se a voz, agora fina, do doutor Horvat. – *Como está sendo difícil alcançar todos os equipamentos e painéis de controle, ativei o HME e vou mantê-lo operacional por tempo indeterminado.*

– Excelente. Vernon desliga. – Disse o capitão. O HME nada mais era do que o holograma médico de emergência, equipamento padrão em todas as naves estelares. Como ele era apenas uma projeção fotônica comandada por um sistema operacional instalado no computador da enfermaria, obviamente não sofreria os efeitos do encolhimento e poderia auxiliar nas situações em que o doutor Horvat se visse limitado pela insuficiência de altura.

– Senhor, creio que possamos nos preparar para a chegada das naves sem termos que nos preocupar com o tamanho incompatível dos controles da ponte. – Disse o conselheiro Nhefé que, assim como os demais, estava sentado em sua cadeira sem encostar os pés no chão.

– Estou ouvindo, conselheiro. – Disse o capitão.

– Poderíamos criar uma simulação da ponte no holodeck que tivesse as proporções de nossa altura atual e que diminuísse na exata medida em que nós diminuímos. – Explicou o conselheiro, com a voz aguda e fanha. – Bastaria que transferíssemos os controles principais e os executássemos diretamente de lá.

– É uma ideia extraordinária, conselheiro! – Disse o capitão, satisfeito. – Sr. Da'Far, providencie esse programa imediatamente.

– Sim, senhor. – Disse Da'Far.

A situação na USS Iguaçu estava caótica devido ao encolhimento acelerado, e a tripulação tinha dificuldades para alcançar os painéis e operar os mais simples equipamentos, razão pela qual uma equipe de engenharia havia sido incumbida de produzir e distribuir degraus extensíveis e escadas, os quais foram posicionados em áreas estratégicas, e em setores vitais da nave. As duas salas de transportes, ainda mais importantes agora que caminhar pela nave se tornara uma tarefa árdua e demorada, foram completamente adaptadas e os responsáveis por todos os turnos estavam trabalhando simultaneamente, já que os botões e alavancas estavam relativamente muito maiores do que antes, impossibilitando que uma só pessoa conseguisse operá-los com a eficiência e agilidade necessárias.

Com a chegada iminente das naves alienígenas e o tempo da comandante Shion quase se esgotando, o programa de Da'Far foi concluído e a tripulação da ponte passou a comandar a nave diretamente do holodeck.

– Como é bom poder sentar na minha cadeira e conseguir tocar o chão com os pés, mesmo que seja apenas um holograma. – Disse o capitão, assumindo seu posto e testando os comandos no braço da cadeira. – Alguma resposta às nossas saudações?

– Não, senhor. – Respondeu o responsável pelas comunicações. – É como eu temia, mesmo as sondagens mais próximas não revelam conjuntos emissores ou receptores. Eles parecem não ter nenhum tipo de sistema de comunicação.

– Insisto que isso é altamente improvável, capitão. – Falou Nhefé. – Mesmo se estivéssemos lidando com uma raça de telepatas formidáveis, capazes de se comunicarem entre si com eficiência sem igual, ainda assim seria necessário um aparato de comunicação para longas distâncias e para transferência de grandes volumes de dados. O que eu acho é que nós apenas não fomos capazes de identificar a tecnologia que eles utilizam.

– Infelizmente não temos tempo para isso, agora. – Disse o capitão. – Vernon para Shion. Preparem-se para retornar.

– *Sim, senhor.* – Ouviu-se a voz da andoriana em resposta.

– Espere, capitão! – Disse Chelaar, afoita, entrando no holodeck. – Nós descobrimos um método que talvez permita reverter o processo, mas será necessário que o

grupo faça modificações no conjunto de emissores de partículas da estação.

– Comandante, tem certeza? – Perguntou Vernon, com urgência. – As naves estarão aqui dentro de instantes e não sabemos qual será seu posicionamento. É possível que disparem contra nós ou até mesmo contra a estação.

– Tenho sim, senhor. – Disse Chelaar, firme. – É nossa única chance.

O capitão ponderou por um instante, franzindo o cenho.

– Certo, execute. – Disse ele, por fim, e a tellarita assumiu a estação de ciências da ponte. – Imediato, siga as instruções de Chelaar.

– *Sim, senhor.* – Ouviu-se novamente a voz da primeira oficial. – *Shion desliga.*

– Sr. Da'Far, levante os escudos e estenda-os para abranger a estação, se possível. Tenente Rose, aguarde meu comando para energizar os armamentos. – Ordenou o capitão e, em seguida, falou à toda nave. – Tripulação, aqui fala o capitão. Todos aos postos de batalha! Equipes de engenharia e suporte, procurem se manter nos locais adaptados e priorizem o deslocamento interno por meio do teletransporte. Vernon desliga.

– Teremos grandes dificuldades se sofrermos avarias, capitão. – Disse Da'Far. – O conserto de alguns componentes e sistemas pode se tornar impossível em decorrência da altura reduzida da tripulação.

– Então tentaremos não sofrer nenhuma avaria. – Disse Vernon.

– As três naves já estão dentro do raio de alcance das armas, senhor. – Informou a alferes Harman.

– Os escudos deles estão levantados e capto picos de energia na parte inferior da proa, possivelmente disruptores de média potência. – Disse Rose. – Eles definitivamente não vieram para conversar.

Mal o tenente concluíra a frase e as naves iniciaram uma série de disparos contra a USS Iguaçu.

– Escudos aguentando. – Informou Da'Far.

– Tenente Rose, armar fêiseres dianteiros. Mire nos conjuntos de armas e propulsores. – Ordenou o capitão. – Chelaar, informe.

– O grupo de Shion está tendo dificuldades para concluir as alterações na estação. – Informou a tellarita. – Muitos dos componentes são difíceis de acessar com os braços mais curtos, mas tudo deve estar preparado em cinco minutos.

– Cinco minutos pode ser muito tempo. – Disse o capitão, no momento em que a nave recebeu alguns impactos fortes.

– Escudos a 75%. – Informou Da'Far.

– Tem mais uma coisa, capitão. – Disse Chelaar. – Nós chegamos à conclusão que o encolhimento é originado por uma espécie de vibração intramolecular causada pelo rompimento subespacial gerado pelos testes realizados na estação. Devido à natureza volátil dessa forma de vibração, ela afeta apenas seres orgânicos, mas é conservada e alastrada por componentes inorgânicos, como o módulo de fuga que trouxemos a bordo. A solução que encontramos foi realinhar os módulos dos emissores da estação para uma

frequência de superfase e desativar os defletores internos, permitindo a irradiação de uma onda vibratória reversa, que alinharia nossa estrutura molecular e dissiparia as rupturas subespaciais, eliminando completamente a propagação do fator causador do encolhimento.

– Isso exigiria uma grande quantidade de energia, e pelo que sei, a estação não tem essa capacidade. – Disse Vernon.

– De fato, senhor. – Disse Chelaar. – Para que o nosso plano funcione, será necessário um disparo fêiser de transferência de energia para religar a estação e desencadear a onda vibratória reversa.

– Tiro direto no conjunto de armas da nave líder. – Informou Rose. – Ela está com metade da potência agora.

– Nossos escudos também. – Comentou Da'Far.

– Continue atirando, precisamos enfraquece-los o máximo possível antes de podermos direcionar a energia restante para o fêiser de transferência. – Ordenou Vernon.

– Eles passaram a mirar na estação, senhor. – Informou Da'Far.

– Srta. Kwa, posicione a Iguaçu entre eles e a estação. – Disse Vernon. – Se nossos escudos caírem abaixo de 30%, será impossível mantê-lo em torno das duas, e não quero deixar uma janela de tiro aberta.

– Sim, senhor. – Disse a piloto.

– O grupo de Shion concluiu as alterações. – Informou Chelaar, enquanto a nave sofria com o impacto do que pareciam ser torpedos ou ogivas.

– Alferes Harman, prepare uma trava de transporte e fique alerta para trazê-los de volta assim que houver uma

brecha que nos possibilite abaixarmos os escudos. – Disse o capitão.

– Danos nos deques 3 a 8. – Informou Da'Far. – Escudos em 39%.

– Quando quiser, comandante! – Disse o capitão.

– Chelaar para Hashimoto! – Chamou a oficial de ciências, ofegante. – Iniciar transferências de energia!

A USS Iguaçu parou de atirar contra as naves inimigas, desviando toda energia disponível para o feixe de transferência, na forma de um disparo contínuo de fêiser. A ação teve sucesso e religou o conjunto emissor do laboratório principal da estação, o qual passou a irradiar a onda vibratória reversa da qual Chelaar havia falado.

– Está funcionando, senhor! – Disse Chelaar, aliviada. – A onda atingirá a Iguaçu em instantes.

– Excelente, comandante! – Disse Vernon, segurando-se em sua cadeira após um forte solavanco. – Sr. Da'Far, sua simulação é deveras realista.

– Capitão, recomendo que mande uma equipe de segurança à área de carga 2. – Sugeriu Nhefé.

– Conselheiro? – Falou o capitão, surpreso pela recomendação fora de contexto.

– Se eu estiver correto, o módulo de fuga que trouxemos a bordo carrega a equipe de pesquisa original da estação, ou ao menos parte dela. – Explicou Nhefé. – É lógico supor que eles passaram pelo mesmo processo de encolhimento que nós, mas horas, talvez dias antes, o que explicaria o porquê não fomos capazes de vê-los ou captá-los com os sensores.

– Entendo. – Disse o capitão. – Nesse caso, é possível que eles estejam microscópicos a esta altura.

– Exato. – Concordou o conselheiro. – No entanto, com a anulação do efeito vibratório e a restauração do subespaço, eles fatalmente recuperarão a estatura normal, lotando a área de carga 2.

– Sr. Da'Far, mande uma equipe de segurança completa para a área de carga 2. – Ordenou o capitão.

– Sim, senhor. – Disse Da'Far, rapidamente repassando a ordem para um de seus oficiais subordinados. – Escudos em 29%. – Informou ele. – Não somos mais capazes de proteger a estação.

– Sr. Rose, abaixe os escudos no primeiro intervalo de disparo inimigo. – Disse Vernon. – Alferes Harman, transporte o grupo avançado no mesmo instante.

– Escudos abaixados. – Informou Rose, segundos depois.

– Transporte concluído! – Informou Harman, com a voz muito aguda.

Todos na ponte suspiraram aliviados, e os escudos foram levantados a tempo de resistir a uma nova saraivada dos disruptores alienígenas.

– A emissão foi forte o bastante para abranger toda a área ao redor da estação e da Iguaçu. – Disse Chelaar. – A taxa de vibração intramolecular está reduzindo rapidamente e o subespaço está recuperando a integridade. É o suficiente para que voltemos ao normal.

– Isso é tudo que eu preciso saber. – Disse o capitão. – Srta. Kwa, tire-nos daqui. Dobra 9.

– Sim, senhor. – Disse a miresita, sorrindo, e acionou os motores.

A USS Iguaçu deu meia volta e partiu do campo de asteroides, enquanto a tripulação voltava ao tamanho normal muito mais rapidamente do que havia encolhido.

– Eles destruíram a estação e estão nos seguindo. – Disse Rose.

– Deixe que venham. – Disse o capitão Vernon, aliviado em poder retornar para a ponte de comando verdadeira. – Não há como rivalizarem com a Iguaçu em termos de velocidade.

Enquanto se distanciavam das naves perseguidoras, Hashimoto e a equipe da engenharia deram início ao conserto das avarias sofridas durante o confronto, especialmente geradores de escudos. Doze tripulantes haviam se ferido, entre eles o próprio doutor Horvat que, a contragosto, deixou que a doutora Brexdan examinasse seu ombro esquerdo deslocado. Para ele, a dor era suportável e seu primeiro dever era continuar a tratar dos tripulantes que vinham à enfermaria. Na área de carga 2, aos poucos um grupo de mais de trinta alienígenas começou a crescer no módulo de fuga, vigiados de perto por Da'Far e uma equipe de segurança atenta. Eles estavam dentro do capacete do traje espacial, e assim que foi possível a comunicação com eles.

O capitão Vernon fez o primeiro contato pessoalmente e constatou que eram apenas cientistas pacíficos e não apresentavam perigo para a nave. Os alienígenas haviam estado no módulo de fuga por mais de dois dias, reduzidos ao tamanho de ácaros e agrupados em torno de

uma ração inorgânica de emergência, que os manteve alimentados durante esse período. O cientista-chefe informou que mais da metade da tripulação da estação havia perecido durante um teste malsucedido do dispositivo de encolhimento de matéria, e que, como eles não haviam encontrado um meio para reverter o processo, prepararam o traje espacial e o módulo de fuga, programando um transporte automático para quando atingissem o tamanho necessário. Informaram ainda que, a escolha do capacete foi devido à possiblidade de se manter nele um ambiente salubre, capaz de preservá-los em segurança até que o socorro viesse.

"Diário do capitão, suplemento. Os moranitas demonstraram ser um povo ordeiro e pacífico, e o cientista-chefe da estação prontamente se ofereceu para contatar as naves que nos perseguiam e explicar a situação, levando-nos a um encontro extremamente produtivo. Após uma reunião entre os cientistas moranitas e nossa equipe de ciências, realizada a bordo da Iguaçu, descobrimos que tanto o módulo de fuga quanto suas naves possuíam sistemas de comunicações baseados em dissonância harmônica subespacial, razão pela qual não éramos capazes de identifica-las em meio ao ruído natural do espaço. Essa simples, porém genial tecnologia, foi compartilhada de bom grado conosco, e representará um importante incremento para a segurança das comunicações da Federação quando retornarmos à Via Láctea. Para retribuir, compartilhamos o nosso conhecimento sobre encolhimento de matéria e seus principais problemas, bem como nossa tecnologia de sintetizadores, já que o objetivo principal da estação era encontrar um meio de encolher alimentos e assim poder transportar grandes

quantidades para suas colônias sem a necessidade de comboios gigantescos. Por fim, o comandante da nave líder nos convidou a visitar seu planeta natal, onde pretendemos permanecer por pelo menos três dias, finalizando os reparos na Iguaçu e aprendendo mais sobre nossos novos amigos moranitas.".

Episódio 11

Os sádicos

Depois de quase vinte dias vagando por uma região do espaço relativamente vazia, a USS Iguaçu detectou um imenso planeta gasoso com anéis rochosos que continham o precioso cristal de dilítio, essencial para o funcionamento adequado dos motores da nave. O suprimento a bordo deveria ser suficiente para os dois anos da missão em Cão Maior, mas a recomendação era reabastecer sempre que houvesse uma oportunidade, já que não era possível prever quais dificuldades encontrariam pelo caminho. Enquanto durasse a extração do minério, parte da tripulação teria tempo para estudar o único planeta classe M daquele sistema estelar, pouco maior do que Mercúrio e aparentemente rico em vida vegetal.

– A superfície parece ser totalmente coberta por grandes florestas, até mesmo nas regiões polares. – Informou Chelaar, analisando as leituras dos sensores na estação de ciências da ponte. – Ainda não é possível identificar o número de biomas, mas é certo que excede vinte.

– Sinais de vida animal ou humanoide? – Perguntou o capitão Vernon, sentado em sua cadeira.

– Quase nada, senhor. – Respondeu Chelaar. – Há sinais fracos que poderiam representar humanoides, mas a quantidade é tão pequena que pode se tratar de um ruído nos sensores.

– Ou talvez visitantes, assim como nós. – Sugeriu Nhefé.

– O conselheiro pode estar correto, procure naves em órbita do planeta – Disse o capitão. – Se houver alguém lá, gostaria de fazer contato antes de mandar um grupo avançado.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar.

– *Hashimoto para ponte.* – Ouviu-se a voz do engenheiro-chefe.

– Prossiga, comandante. – Disse o capitão.

– *Encontramos uma rocha bastante promissora há menos de dez mil quilômetros da Iguaçu. Pelas leituras, parece conter cristais de dilítio melhores do que os nossos.* – Explicou Hashimoto. – *Estamos prontos para iniciar a extração.*

– Entendido, comandante. – Disse o capitão. – Vernon desliga.

– Não é possível visualizar nenhuma nave em órbita, capitão. – Disse Chelaar. – Mas identifiquei vestígios de deslocamento subespacial recente e também algumas transmissões oriundas da superfície. É provável que haja alguma nave orbitando o lado oposto do planeta.

– Subtenente Naggi, frequências de saudação. – Ordenou o capitão.

– Sim, senhor. – Disse ela, iniciando o procedimento padrão de saudação. Após um minuto de silêncio, um sinal sonoro indicou que a mensagem havia sido respondida.

– Captei uma nave contornando o planeta, capitão. – Informou Da'Far.

– Estão nos saudando. – Informou Giulia.

– Na tela. – Ordenou o capitão.

A imagem de um alienígena bonachão apareceu na tela principal, trazendo no rosto um enorme sorriso. Ele era um típico humanoide masculino, cuja única diferença visível em relação aos seres humanos era um absurdamente volumoso par de sobrancelhas castanhas. Este indivíduo em si, além de simpático, era rechonchudo e tinha as bochechas coradas, além de alguns fios grisalhos em seu cabelo e barba. Ele vestia uma espécie de macacão listrado em vários tons de marrom e usava um pequeno quipá bege em seu cocuruto, dando-lhe uma aparência bastante pitoresca, embora não tão curiosa quanto a aparência de sua nave. Esta, agora inteiramente visível, era menor do que a USS Iguaçu, tendo um formado vagamente arredondado e uma configuração incomumente ornamentada e cheia de rococós, onde cada metro do casco continha o que pareciam entalhes muito elaborados. Seu interior, perceptível na imagem do alienígena bonachão, era completamente revestido de uma madeira escura, e até mesmo as estações de trabalho possuíam acabamento em madeira ornamentada.

– Sou o capitão Víbio Vernon, da nave estelar da Federação Iguaçu. – Disse o capitão, retribuindo o sorriso. – Esta é meu imediato, Kan Shion, e este é meu conselheiro, Kómóg Nhefé.

– Saudações, capitão Vernon e demais tripulantes da Iguaçu! – Respondeu o alienígena com uma voz grave e retumbante. – Sou o mestre Fraxinus, da nave Orvalho do Entardecer, ao seu dispor. – Ele parecia realmente empolgado com aquela interação. – O que os traz a Suffodio? Não lembro de ter ouvido nada sobre sua federação antes.

– Isso não é de se admirar, mestre Fraxinus. – Respondeu Vernon, cortês. – Nós viemos de muito longe, mais precisamente da galáxia vizinha, Via Láctea.

O alienígena arregalou os olhos.

– E vieram de tão longe por madeira? – Riu ele. – Não me diga que deram cabo de tudo por lá!

– Na verdade nossa missão, como primeira nave da Federação dos Planetas Unidos a visitar esta galáxia, é a exploração científica e o contato amistoso com outras civilizações, como a sua. – Explicou o capitão Vernon. – E o que nos trouxe a este sistema específico foi a presença de dilítio nos anéis deste gigante gasoso.

– Dilítio? – Repetiu o mestre Fraxinus. – É um recurso muito comum nesta região, mas se tem algum valor para vocês, podem levar o quanto quiserem.

– Agradecemos pela generosidade. – Disse Shion, fazendo um gesto suave com a cabeça. – Suponho que este sistema esteja dentro dos territórios de seu povo. É algum tipo de colônia?

– De certa forma pode-se dizer que é uma colônia, embora ninguém tenha residência física aqui. – Respondeu o mestre olhando para cima, reflexivo. – Mas costumamos vir a Suffodio por outra razão. – E, voltando a sorrir, deu batidinhas no braço de sua cadeira, o qual também era feito de madeira e ricamente entalhado.

– Seria possível enviarmos alguns grupos de pesquisa ao planeta? – Perguntou o capitão Vernon. – Gostaríamos de estudá-lo enquanto extraímos dilítio dos anéis deste gigante gasoso.

– Sem dúvidas, meus amigos! – Respondeu o mestre Fraxinus, satisfeito. – Eles serão meus convidados de honra! Basta me dizer quantos virão e eu lhes mostrarei o que há de melhor em Suffodio!

– Ótimo! Em breve transmitiremos as informações dos grupos de estudos. – Disse o capitão Vernon. – E, se desejarem, os senhores estão convidados a virem a bordo da Iguaçu. Tenho certeza que acharão nosso banco de dados dendrológico bastante interessante.

O mestre acenou alegremente, encerrando a transmissão fazendo um sinal de positivo. Os tripulantes da ponte se entreolharam, surpresos em encontrar alguém tão empolgado e receptivo.

– É um primeiro contato promissor. – Falou o capitão. – O que me diz, conselheiro?

– Admito que adoraria ter alguma ressalva para fazer a respeito daquele homem, mas infelizmente não sinto que ele represente qualquer ameaça para nós. – Disse Nhefé, espantando a todos com essa declaração. – Seu contentamento em nos encontrar pareceu genuíno e sua hospitalidade foi sincera.

– Bom, se meu conselheiro disse, está dito. – Disse o capitão Vernon, sorrindo. – Imediato, forme dois grupos avançados e utilize as naves auxiliares Amito e Mozeta. Comunique nossos novos amigos assim que estiverem prontos para deixar o hangar.

– Sim, senhor. – Disse Shion, levantando-se. – Subtenente Naggi, venha comigo.

As duas deixaram a ponte juntas, animadas com o primeiro contato amistoso, e seguiram diretamente para o

hangar. No caminho, Shion selecionou os seis outros tripulantes que fariam parte da missão avançada, levando em conta suas aptidões e especialidades acadêmicas. Não demorou muito para que todos os convocados se fizessem presentes no hangar, onde receberam as instruções necessárias da primeiro oficial.

O grupo liderado por Shion e composto pela linguista betazoide Lworx e pelos tripulantes Olayinka e Puerta, partiria com a nave auxiliar Mozeta em direção à nave alienígena, onde fariam um intercâmbio cultural mais aprofundado com aquela espécie. A bordo da nave auxiliar Amito, cujo destino era a superfície do planeta, Giulia lideraria o grupo formado pelo botânico Awl, pela bióloga Yeong-Hui e pelo segurança Abaroa.

– *Shion para Amito.* – Ouviu-se a voz da primeiro oficial, assim que se aproximaram do planeta o suficiente para vê-lo em detalhes pelas escotilhas da nave auxiliar. – *Vamos entrar no hangar da nave dendroniana dentro de dois minutos.*

– Entendido, comandante. – Respondeu Giulia Naggi. – Nós desceremos ao planeta imediatamente, já recebemos as coordenadas do local da... Serraria.

– *Bom trabalho, subtenente.* – Disse a andoriana. – *Shion desliga.*

A vista da órbita do planeta Suffodio era estonteante, e os tripulantes a admiraram demoradamente antes de iniciarem a entrada na atmosfera. Abaixo da singela camada de nuvens brancas, destacava-se uma imensa superfície verde escura, evidenciando as densas florestas que cobriam quatro quintos da superfície total do planeta. Além do

verde, alguns pontos azuis brilhantes apontavam a existência de lagos de vários tamanhos e formatos, complementando a beleza singular de Suffodio.

– É raro que planetas classe M deste tipo não tenham uma superfície majoritariamente oceânica. – Comentou a bióloga Yeong-Hui, olhando pela escotilha de bombordo. – E este aqui sequer possui um oceano.

– É impressionante. – Disse Awl. – Nunca ouvi falar de um planeta florestal dessa magnitude.

– Delmora Regulus VII é considerado como sendo a maior floresta da Federação, e mesmo assim se limita a uma floresta continental situada no meio de um oceano gigantesco. – Comentou Abaroa, no leme. O alferes seguia carreira como segurança, mas também possuía interesse acadêmico na área de exobotânica, e ocasionalmente auxiliava Awl em suas pesquisas.

– Estou curioso para saber qual é a relação entre os dendronianos e este planeta. – Disse Awl. – Quando nos informaram que seríamos recepcionados em uma serraria, confesso que senti um certo desconforto.

– Descobriremos em breve. – Disse Giulia, observando pela escotilha. – Mas, com tantas florestas, imagino que o ar daqui seja realmente fresco e limpo.

A nave auxiliar pousou em um local do hemisfério norte, onde a floresta era formada essencialmente por variedades de coníferas e bordos, alguns deles com mais de cem metros de altura e troncos com diâmetros descomunais. A serraria mantida pelos dendronianos, e fabricada inteiramente em madeira de lei, consistia de uma série de edifica-

ções dispostas em um semicírculo perfeitamente organizado. Havia muita atividade no local e, a despeito da presença alguns equipamentos altamente tecnológicos, os lenhadores e madeireiros pareciam trabalhar com ferramentas rudimentares como machados e serras.

– Boa tarde! Sejam bem-vindos à Serraria do Norte! – Disse alegremente um dendroniano, assim que o grupo avançado saiu da Amito. Seu rosto estava muito corado e suas volumosas sobrancelhas, assim como seu cavanhaque pontiagudo, vibravam em uma brilhante tonalidade acaju. Ele utilizava um quipá verde bastante desgastado e vestia um macacão marrom escuro com algumas listras horizontais beges. – Meu nome é Ulmus, sou o capataz responsável pela fiscalização da extração de madeira em todo o meio Norte e parte do Noroeste também. O mestre Fraxinus pediu que eu os recebesse e os levasse para conhecer nossas instalações e as florestas locais.

– Obrigado! – Disse Giulia, cumprimentando-o. – Eu me chamo Giulia Naggi, oficial de comunicações da nave estelar da Federação Iguaçu. Estes são meus colegas Awl e Yeong-Hui, especialistas em botânica e biologia, e o alferes Abaroa, da segurança. Estamos honrados em visitar seu planeta e conhecer um pouco mais de sua cultura.

– Esplêndido! – Exclamou Ulmus sorrindo e acenando para que o seguissem. – Se querem uma visita tranquila, vocês vieram na época certa, pois a temporada oficial de extração ainda não começou. Somos a primeira expedição, responsável por organizar tudo e averiguar as condições das florestas.

– Temporada de extração? – Perguntou Awl.

O dendroniano riu alegremente.

– É claro que vocês não sabem! – Disse ele, corando ainda mais. – Pelo que o mestre me disse, vocês vieram de muito longe!

– Está correto, viemos da Via Láctea. – Assentiu Giulia. – É a galáxia que faz interseção com esta galáxia anã.

– Não entendo muito de cartografia estelar. – Admitiu Ulmus. – Mas posso lhes contar boas histórias sobre meu povo e sobre nossa paixão por madeira.

– Adoraríamos ouvi-las. – Falou Giulia, educadamente.

– Por muito tempo, nosso planeta natal foi riquíssimo em vida vegetal, especialmente árvores de grande porte e madeira excepcionalmente valiosa. – Explicou Ulmus, abrindo as portas de uma das instalações da serraria e convidando-os a entrar. – Nossa civilização floresceu em uma relação íntima com indústria madeireira, e nossa cultura está intimamente ligada a ela. Houve um tempo lamentável em que o crescimento populacional e a falta de consciência levaram ao desmatamento desenfreado e à exaustão de nossos próprios recursos florestais, o que custou a vida de milhões de pessoas, vítimas de fome e guerras sangrentas. – Enquanto falava, ele mostrava a atividade dentro da instalação de beneficiamento de madeira, onde gigantescos troncos eram convertidos em tábuas. – Felizmente, quando parecia não haver mais esperança, a primeira sonda que mandamos além do nosso sistema solar descobriu este planeta florestal e a esperança uniu nosso povo novamente.

O cheiro de madeira era muito agradável, mas o barulho das serras exigia que Ulmus falasse cada vez mais alto, deixando-o ainda mais corado. Todos os tripulantes prestavam atenção no que ele dizia, mas Awl e Yeong-Hui também aproveitavam para examinar as adjacências com os tricorders.

– Desde que a paz voltou a reinar em meu planeta, foram elaboradas leis muito rígidas sobre o corte e extração de madeira. – Continuou o capataz Ulmus. – Mas três gerações depois, nossa primeira nave tripulada chegaria a este planeta florestal e iniciaria uma nova era em nossa civilização. Agora, duas vezes ao ano, centenas de milhares de pessoas vêm aqui para ter um contato verdadeiro com a floresta, seja trabalhando nas serrarias ou derrubando árvores com o machado ou as serras manuais.

– Vocês realmente são apaixonados por madeira, não? – Perguntou Giulia.

– Está em nosso sangue! – Bradou o capataz. – Faz parte da essência de um dendroniano amar a madeira e o que pode ser feito com ela. – Ele abriu a porta dos fundos da instalação, para que o grupo pudesse sair. – Nós mantemos um controle do número de visitantes e de árvores derrubadas, bem como seguimos um complexo sistema de revezamento regional, o que nos permite sempre ter uma experiência autêntica e madeira de qualidade sem deixar de lado a preservação e renovação das florestas.

– Em nossa galáxia, algumas culturas têm um comportamento semelhante em relação à caça. – Disse Giulia, observando a densa floresta que ficava além das construções. – Mas confesso que nunca ouvi falar de nenhum povo

que tivesse uma relação tão profunda com a madeira e com sua extração.

– Lembro-me da primeira vez que vim a Suffodio com minha mãe. – Contou Ulmus, pausadamente e com um brilho no olhar. – Eu tinha oito anos e acabara de receber minha primeira serra senoidal. Foram seis dias, apenas nós dois e um pinheiro-pedregoso de vinte metros. No fim, tínhamos grandes tábuas de qualidade, cuidadosamente plainadas, e vários metros cúbicos de lenha.

– Não me admira que a nave de Fraxinus fosse tão ricamente adornada e revestida com madeira. – Comentou Yeong-Hui. – Devem existir artesões muito talentosos entre seu povo.

– Tenha certeza disso! Inclusive os membros da minha família sempre foram reconhecidos por entalharem majestosas decorações internas de naves luxuosas e importantes. – Explicou o capataz Ulmus, cheio de orgulho. – Minha irmã mais nova foi responsável por redecorar a nave do presidente da lua de Dendronia II, há alguns anos.

– Impressionante. – Disse Giulia, simpática. – Gostaria de conhecê-la. Ela também está aqui em Suffodio?

A expressão de alegria desapareceu do rosto de Ulmus e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Ela está morta. – Respondeu Ulmus, com o pesar endurecendo suas coradas feições. – Foi capturada por sádicos há quase seis meses.

– Sinto muito. – Disse Giulia, com voz amena, diante da visível tristeza sentida por Ulmus.

– Eu também. – Disse o capataz, engolindo o choro. – Ela não merecia ter esse fim, era uma pessoa tão boa e

habilidosa. Não gosto nem de pensar no que eles podem ter feito a ela antes... Antes do fim.

– E quem são "eles", senhor capataz? – Perguntou Awl, recebendo um olhar de censura de Giulia, pela indelicadeza.

– Os sádicos! – Respondeu Ulmus. – É claro que vocês não os conhecem, vindos de tão longe. Sorte a sua que tenham passado por lugares distantes de onde eles costumam ser avistados. – Ele respirou fundo e franziu o cenho, procurando manter a voz firme. – Não sabemos muito sobre eles, ninguém sabe. Tudo o que fazem é vagar pelo espaço capturando pessoas para torturá-las e fazer todo tipo de atrocidades com elas. A crueldade corre em suas veias e seu coração bate no ritmo de um tormento perverso e enlouquecedor. Eles se regozijam com o sofrimento físico e psicológico, ansiando em ver o horror nos olhos de suas vítimas. Não conhecemos o nome que dão à sua própria espécie, mas os chamamos de sádicos, pois qualquer um que tenha o infortúnio de cruzar seu caminho recebe um destino mais aterrador do que a morte, e os poucos que conseguem escapar costumam perder a sanidade.

– Isso é horrível! – Admirou-se Yeong-Hui. – Eles estão em guerra contra seu povo?

– Não. Mas se tivessem, ao menos teríamos como combatê-los. – Disse Ulmus, balançando a cabeça. – Eles não têm estrutura política, governo ou organização militar, e seu propósito é apenas saciar seu prazer doentio. – O capataz colocou um pé sobre um cepo e estreitou o olhar, sentindo uma visível repulsa. – Cada nave-masmorra tem sua

própria autoridade e não segue nenhuma regra além da violência e da selvageria. É impossível declarar guerra a eles, pois não se sabe onde vivem ou quantos deles existem.

– Entendo. – Disse Giulia. – É aterrador pensar que uma espécie assim exista.

– Infelizmente, existe. – Continuou o capataz. – Dizem que no passado eles habitavam um planeta distante, onde cometiam suas monstruosidades uns com os outros, mas que aos poucos abandonaram esse mundo para saciar sua perversidade ao causar dor e sofrimento a outros seres sencientes. – Ele fez uma pequena pausa. – Meu pai costumava dizer que eles são como tempestades e outras forças da natureza. Para mim, eles não passam animais, predadores cruéis que atingiram o máximo grau da maldade.

– Essa conversa está me deixando angustiada. – Disse Yeong-Hui, apreensiva. – Vim aqui para estudar a vida deste planeta e não para ouvir histórias de terror.

– Também desejo encerrar esta conversa. – Disse o capataz Ulmus. – Eu apenas expliquei tudo isso para que vocês pudessem aprender mais sobre a ameaça que eles representam, mas falar sobre os sádicos é considerado um mau agouro entre meu povo. Crescemos ouvindo histórias de que eles são capazes de escutar quando se fala sobre eles, e que isso os atrai.

– Se for assim, pretendo não falar neles durante todo o restante de nossa viagem. – Disse Giulia, encerrando o assunto.

O sol brilhava forte naquela região do planeta, assinalando o meio do verão, e um dia durava o equivalente a 31 horas terrestres, o que deu muito tempo para que o

grupo conhecesse a floresta e as outras instalações da serraria. Não restaram dúvidas sobre a existência uma relação muito profunda entre os dendronianos e a atividade madeireira, evidenciada em cada explicação dada pelo capataz Ulmus e na dedicação de todos que ali trabalhavam. Diante da aproximação da temporada, a função da equipe do capataz era delimitar as áreas de extração e as rotas de retirada de madeira, além de verificar e testar todo o maquinário disponível.

Teria sido um primeiro contato primoroso e muito produtivo, mas, ao entardecer, um alarmante comunicado estarreceu todos na Serraria do Norte. No momento em que os tripulantes da USS Iguaçu e os dendronianos se reuniram para compartilhar uma refeição e uma bebida tradicional de seu povo, ouviu-se a voz exaltada de um dendroniano pelo equipamento de comunicação de Ulmus:

– *Capataz!* – Gritou a voz, que pertencia a um dos oficiais da ponte na nave de Fraxinus. – *Uma nave-masmorra acabou de irromper em nossa frente e, antes que pudéssemos fazer algo, tivemos nossos principais sistemas desabilitados. Eles não abordaram nossa nave, então acredito que devam estar em busca de vítimas na superfície, preparem-se para...* – E a comunicação parou imediatamente, para o horror de todos.

Sentados numa grande clareira perto do refeitório, em pequenos bancos feitos de toras, os dendronianos ficaram petrificados de medo e, por alguns instantes, a única coisa que os diferenciava de estátuas era a cor se esvaindo de seus rostos. A bióloga Yeong-Hui, que acabara de pegar uma grande caneca cheia de líquido amendoado, parecia tão abalada quanto eles, arregalando os olhos e assumindo

uma expressão de pânico. Giulia, entretanto, rapidamente pegou seu fêiser e olhou para Abaroa e Awl, que fizeram o mesmo. Ao ver a reação dos tripulantes da USS Iguaçu, o capataz Ulmus acordou de seu estado de paralisia:

– Todos de pé! – Bradou ele, empunhando um grande machado que jazia ao lado de um dos troncos. – Vamos buscar abrigo no refeitório, de lá poderemos acionar alguns sistemas de defesa e pegar nossas armas!

– Nós daremos cobertura! – Disse Abaroa em voz alta, assumindo uma postura defensiva, empunhando seu fêiser e se mantendo alerta.

Não houve tempo para que o grupo percorresse os pouco mais de cento e cinquenta metros até o refeitório pois, vindo de um lugar desconhecido, um disco avermelhado pairou sobre eles e no momento seguinte tudo ficou escuro como o breu. O coração de Giulia acelerou enquanto ela ouvia os gritos dos dendronianos e os sons de golpes secos, mas o que mais a inquietou foram os disparos de fêiser. Ela sabia que, naquela completa escuridão, era mais provável que o disparo atingisse um dos colegas ao invés dos atacantes.

– Yeong-Hui! – Gritou ela, tanto para dar à bióloga o conforto de uma voz conhecida, quanto para desencorajá-la de usar o fêiser naquela situação, pois pensou que ela era possivelmente a pessoa que estava atirando. – Você está bem?

No instante seguinte, antes que pudesse haver uma resposta, Giulia perdeu a consciência.

Shion estava na engenharia, ouvindo uma longa explicação sobre os curiosos motores da nave do mestre Fraxinus, capazes de atingir dobra 7.6, quando um alarme estridente soou. Imediatamente, os tripulantes dendronianos arregalaram os olhos e voltaram-se para seu comandante, que parecia igualmente assustado. No instante seguinte, a nave estremeceu repetidas vezes, e houve falhas de energia visíveis em todos os painéis da engenharia, sinalizando que estavam sob ataque.

– O que houve? – Perguntou Shion, impávida.

– Sádicos! – Disse mestre Fraxinus, engolindo em seco. – Estão nos atacando!

Shion desaprovou a indolência do mestre em dar ordens para proteção de sua tripulação, e imediatamente deu ordens para que os outros tripulantes da USS Iguaçu, que estavam espalhados pela nave dendroniana, retornasse à nave auxiliar.

– Quem são esses tais sádicos? – Insistiu Shion, seguindo Fraxinus enquanto ele dava ordens pelo comunicador móvel que carregava em seu cinto.

– A espécie mais abominável que eu conheço. – Respondeu o mestre, tentando acionar um dos elevadores revestidos de madeira entalhada que levava a ponte de comando. – Não acredito que eles estavam aqui! Nunca houve registros de uma nave-masmorra neste sistema.

– Sendo assim, precisamos repeli-los! – Disse Shion, exasperada. – Permita que eu use o sistema de comunicação de sua nave para convocar a Iguaçu. Ela chegará aqui em questão de minutos e será de grande ajuda no combate.

– Claro, fique à vontade. – Disse o mestre, finalmente acionando o elevador. – Mas quem corre perigo são as pessoas na superfície e não nós.

– Como assim? – Perguntou Shion, impedindo o fechamento da porta do elevador.

– Preciso chegar a ponte! – Esbravejou mestre Fraxinus.

– Meu pessoal está na superfície. Se eles correm perigo, quero saber o porquê! – Disse Shion, olhando firmemente nos olhos do mestre.

– Está bem, eu explico, mas venha comigo. – Disse Fraxinus, abrandando a voz.

– De acordo. – Disse Shion, e entrou no elevador.

– Os sádicos são uma espécie repugnante que vaga pela galáxia em busca de vítimas para suas práticas de tortura física e psicológica. – Explicou o mestre, enquanto se deslocavam lentamente pelo elevador, ainda carente de energia. – E raro encontra-los, mas geralmente o resultado é terrível. Eles não são organizados politicamente e nem possuem um planeta natal conhecido, e parecem se guiar apenas pelos seus desejos hediondos, emboscando naves e pequenas colônias desprotegidas.

– Então eles desabilitaram esta nave para que não pudéssemos auxiliar as pessoas na superfície? – Perguntou Shion.

– Exatamente. – Respondeu Fraxinus, deixando o elevador e seguindo pelo corredor que levava a ponte. – Uma nave-masmorra comum não tem poder de fogo para enfrentar ou abordar esta nave, mas se nos desabilitarem

por alguns minutos, terão tempo para sequestrar nosso pessoal da superfície e fugir.

– Como é possível que não os tenham detectado a tempo? – Perguntou Shion, caminhando ao lado do mestre.

– A única explicação é que eles tenham chegado aqui antes de nós. – Respondeu mestre Fraxinus, pensativo.

– Então eles devem possuir uma tecnologia de camuflagem impressionante, além de uma paciência considerável. – Disse Shion, entrando na ponte e vendo a tripulação agindo desordenadamente.

– Desconhecemos seus métodos. – Explicou Fraxinus, assumindo seu posto ao centro. – Embora ocasionalmente nós os enfrentemos, nunca fomos capazes de tomar uma nave-masmorra para estuda-la. Tudo o que sabemos vêm dos relatos dos poucos sobreviventes resgatados que não enlouqueceram.

– Encaminhamos um alerta a todos na superfície. – Informou um dos tripulantes, de aparência abatida. – Mas nossas comunicações foram cortadas e não sabemos o que houve depois disso.

– Contataram a Iguaçu? – Perguntou Shion.

– Eu... não. – Respondeu o tripulante, revelando que a ideia nem passara por sua cabeça.

– Entendo. – Disse Shion, impaciente com a inaptidão do mestre e de sua tripulação. – Shion para Olayinka. Informe, alferes.

– *Não consegui contatar a Iguaçu, comandante, há muita interferência devido às flutuações dos escudos.* – Ouviu-se a voz da alferes Olayinka, do hangar, utilizando os sistemas da nave auxiliar.

– Mestre Fraxinus, se o senhor abaixar os escudos apenas por um instante, poderei mandar uma mensagem emergencial para o capitão Vernon. – Pediu Shion, virando-se para o mestre.

O mestre Fraxinus hesitou por um momento, mas fez um gesto com a cabeça para que um de seus subordinados abaixasse os escudos.

– Agora, alferes! – Ordenou Shion.

Após um instante de silêncio total, ouviu-se a voz de Olayinka:

– A Iguaçu está a caminho, comandante. – Informou ela. *– Eles detectaram a nave desconhecida e tentaram entrar em contato conosco, mas como não respondemos, o capitão Vernon decidiu vir até nós. Chegarão em instantes.*

– Excelente! – Disse a andoriana, sorrindo. – Shion desliga.

– Sensores operantes. – Informou um dos tripulantes. – Não há sinais da nave-masmorra e nem do grupo de preparação da Serraria do Norte.

– É onde seu pessoal estava. – Comentou Fraxinus, pesaroso.

– Espero que não me entenda mal, mestre Fraxinus. – Disse Shion, levantando-se. – Mas pretendo retornar à minha nave assim que ela chegar.

– É claro, comandante. – Disse Fraxinus, compreensivo. – Eu os seguiria se pudesse, mas levaremos horas até termos propulsão de dobra novamente.

– Não se preocupe. – Disse a andoriana, dando as costas e deixando a ponte. – Trarei seu pessoal de volta também.

O mestre Fraxinus apenas abriu a boca, como se fosse dizer algo desencorajador, mas não foi capaz.

Quando a visão de Giulia finalmente desembaçou, ela se viu em uma espécie de cela, na qual o chão era demasiadamente inclinado para um lado, tornando quase impossível ficar de pé. Ao seu lado, também acorrentada pelos tornozelos, estava a bióloga Yeong-Hui, escondendo o rosto com as mãos e soluçando desesperadamente. Grotescamente pregado em uma das paredes estava o cadáver ressequido de um alienígena, cuja pele havia sido brutalmente arrancada e cujas mãos e pés estavam amarrados com arame farpado.

– Yeong-Hui. – Chamou Giulia. – Estou aqui.

Embora estivesse horrorizada com a cena, Giulia manteve a voz suave, no intuito de tranquilizar a colega.

– Não quero... morrer... assim. – Soluçava a bióloga.

– Você não vai! – Disse Giulia, com voz firme. – A Iguaçu já deve estar a caminho. Eles vão nos tirar daqui antes que percebamos.

– Onde estão Awl e Abaroa? – Perguntou Yeong-Hui, olhando para Giulia com os olhos vermelhos e inchados.

– Eu não sei, mas se estiverem presos assim como nós, tenho certeza que saberão o que fazer. – Disse Giulia, segurando a mão da bióloga. – Acalme-se e nós vamos sair dessa juntas. Eu prometo!

– E como você pode saber? – Perguntou Yeong-Hui com a voz esganiçada.

– Essa não é a primeira vez que sou prisioneira de uma espécie impiedosa. – Disse Giulia, olhando nos olhos da colega. – Quando eu tinha apenas seis anos, a estação onde eu vivia com meus pais foi atacada pelos breens. Eles foram mortos, assim como todos os outros adultos, e eu fui levada para servir como escrava.

– Eu não sabia. – Disse Yeong-Hui.

– Vivi quase dez anos a bordo de naves breens, servindo seus oficiais e sendo humilhada de maneiras que eu nem posso descrever. – Continuou Giulia. – Eu apanhava diariamente, mesmo que não tivesse feito nada de errado. Eles pareciam se deleitar em ver o sangue escorrendo de minhas costas a cada chicotada.

– Isso é terrível. – Disse Yeong-Hui, chorando. – Como foi que você escapou?

– O capitão Vernon. – Disse Giulia, com um leve sorriso. – No dia do meu aniversário de dezesseis anos, a nave em que eu servia foi interceptada após atacar um entreposto comercial ferengi na fronteira do espaço da Federação. Após detectarem biosinais humanos a bordo, o capitão Vernon, que naquela época era o oficial tático da USS Covilhã, sob o comando do capitão Galghash, liderou pessoalmente uma missão de resgate que quase lhe custou a própria vida. – Giulia fez uma pausa, contendo a emoção. – A imagem dele, com o braço esquerdo quebrado e a cabeça ensanguentada, sorrindo e me dizendo “vai ficar tudo bem, eu vou tirar você daqui”, foi a coisa mais extraordinária que eu havia visto desde minha captura pelos breens.

Yeong-Hui soluçava menos a cada palavra de Giulia, encorajando-a a continuar contando sua história.

– Foi isso que me inspirou a entrar para a Frota Estelar. – Explicou Giulia. – Eu queria ser como ele, queria fazer parte da organização que havia me salvado de uma vida de escravidão e desgraça, para um dia poder ajudar outros como eu. – Ela sorriu novamente. – Em meu íntimo, sempre soube que um dia eu serviria ao lado do homem que me resgatara, e grande foi minha alegria quando isso aconteceu de fato. Desde então, minha confiança nele cresceu ainda mais, e tenho certeza que neste momento ele está fazendo de tudo para nos tirar daqui em segurança.

Giulia soltou a mão da bióloga, que parecia mais calma e até esboçava um sorriso tímido. Porém, num piscar de olhos, as fracas luzes que iluminavam a cela se apagaram e, quando foram religadas, Yeong-Hui havia desaparecido.

O clima na ponte da USS Iguaçu era de grande tensão, fazendo com que os tripulantes naturalmente adotassem uma postura de maior seriedade e concentração.

– Três minutos para interceptação. – Informou Kwa.

– Alguma resposta? – Perguntou o capitão Vernon.

– Não, senhor. – Informou a tripulante que substituíra Giulia no posto de comunicações.

– Senhor, se a descrição dada pelos dendronianos for fidedigna, é bastante improvável que esses “sádicos” estejam abertos ao diálogo. – Disse o conselheiro Nhefé.

– Concordo. – Disse Vernon. – Tenente Rose, carregar bancos fêiseres. Vamos desabilitar seus propulsores e escudos assim que entrarmos em alcance de disparo.

– Sim, senhor. – Disse Rose.

– Imediato, reúna uma equipe de abordagem e aguarde na sala de transportes 1. – Disse o capitão.

– Sim, senhor. – Disse Shion, levantando-se. Ela fez um gesto para Da'Far, que a seguiu.

– Esta é a nave mais sinistra que eu já vi. – Comentou Kwa, olhando para a imagem projetada na tela principal.

A nave-masmorra era bizarra. Tinha metade do tamanho da USS Iguaçu e era toda feita de um material profundamente negro, sem nenhuma luz visível a não ser as emitidas pelas afiadas naceles de dobra. Sua constituição, no entanto, era muito menos uniforme, como se fosse feita por meio do remendo de vários pedaços de outras naves, o que a impedia de ter um formato definido. Inúmeras correntes negras pendiam da obtusa parte inferior da proa, cada qual contendo uma espécie de capsula oval em sua extremidade.

– Entramos em sincronia com o campo de dobra da nave alienígena. – Informou Rose. – Disparando fêiseres.

Como a USS Iguaçu estava alinhada atrás da nave-masmorra dos sádicos, os fêiseres acertaram em cheio, obrigando-os a sair de dobra para que pudessem adotar manobras evasivas.

– Os escudos deles estão falhando. – Informou Rose. – Não vão aguentar muito mais.

A ponte da USS Iguaçu estremeceu ao receber disparos vindos da nave-masmorra, algumas faíscas saltaram dos painéis da lateral esquerda.

– Escudos a 90%. – Informou a alferes Harman.

– Mantenha fogo constante, padrão de ataque kappa. – Ordenou o capitão.

O confronto durou alguns minutos, durante os quais, a despeito de seu tamanho e poder de fogo inferior, a nave-masmorra se mostrou um adversário tenaz e ousado, infligindo danos inesperados à USS Iguaçu. Por fim, com um torpedo fotônico certeiro, os escudos da nave adversária caíram, permitindo uma sondagem completa e a obtenção da localização aproximada dos prisioneiros, em locais sob proteção de campos de força secundários que impediam a utilização direta do transporte. Imediatamente a informação foi transmitida à equipe de abordagem, sob o comando de Shion.

– Vernon para sala de transportes 1. – Disse o capitão, em voz alta. – Agora!

Durante apenas alguns instantes (que na percepção do capitão Vernon e da tripulação passaram lentamente) todos ficaram apreensivos, aguardando informações do grupo avançado.

– *Shion para Iguaçu.* – Ouviu-se a voz da primeiro oficial. – *Destruímos os geradores de campos de força e estamos mantendo posição no corredor principal de acesso às celas.*

– Entendido, imediato. – Disse o capitão Vernon. – Chelaar, trave no grupo avançado e nos prisioneiros e traga todos imediatamente.

– Sim, senhor. – Respondeu Chelaar.

– Alferes Kwa, mantenha a distância relativa estável. – Ordenou o capitão. – Tenente Rose, concentre o fogo nos sistemas de armas.

– Capitão, a nave-masmorra está emitindo pulsos de natureza desconhecida que estão interferindo com nossos transportes. – Informou Chelaar, franzindo o cenho – Eu

consegui travar em todos os biosinais mas, nessas condições, é possível que metade deles acabe rematerializado no vácuo do espaço.

– Encontre a origem dos pulsos e transfira a informação para a estação de armas. – Disse o capitão. – Vernon para grupo avançado, qual é a situação?

– *Nenhuma baixa, mas Cedroor e De León foram atingidos por uma espécie de corrente dentada e estão seriamente feridos.* – Informou Shion, em meio ao som de disparos e explosões.

– Recue se achar necessário, imediato. Estamos com dificuldades para travar em vocês. – Disse Vernon.

– *Sim, senhor.* – Disse a andoriana. – *Shion desliga.*

– Capitão, identifiquei a origem dos pulsos de energia. – Informou Chelaar. – Fica no coração da engenharia, logo abaixo do que parece ser a ponte.

– Não há como desabilitar os emissores utilizando os fêiseres. – Informou Rose. – E um torpedo fotônico naquele ponto destruiria a nave em questão de segundos.

– Se dispararmos um torpedo, seria possível transportá-los entre o instante em que os pulsos bloqueadores cessassem e a explosão completa da nave? – Perguntou o capitão

– Como a engenharia e as celas ficam em extremos opostos da nave-masmorra, teríamos uma janela de ação de 0,3 segundos. – Respondeu Chelaar. – É matematicamente possível, mas eu não conseguiria trazer todos ao mesmo tempo usando os atalhos da minha estação. Precisaríamos que as salas de transportes 1 e 2 executassem a mesma operação simultaneamente. Somente assim há uma chance de

suspender todos os padrões no armazenador e transportá-los em segurança.

– Execute. – Disse o capitão Vernon, sem hesitar. – Contate imediatamente o chefe Chamberlain e a tenente Alfredsson e coordene a operação de transporte.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar, encaminhando as ordens aos responsáveis pelas duas salas de transportes. – Eles estão a postos e sincronizados com minha estação.

– Tenente Rose, prepare-se para atirar ao meu comando. – Disse o capitão Vernon, olhando a imagem da nave-masmorra projetada na tela principal. – Fogo!

Numa fração de segundo o torpedo fotônico atingiu o alvo, iniciando uma reação em cadeia que, além de interromper a emissão do pulso que confundia os transportes, levaria a nave-masmorra à sua inevitável destruição. De modo perfeitamente sincronizado, Chelaar e os oficiais de transportes travaram nos sinais dos prisioneiros e do grupo avançado, transportando-os para a USS Iguaçu antes que fossem engolidos pela explosão.

– Informe. – Pediu o capitão Vernon, sem tirar os olhos da tela.

A nave-masmorra havia sido completamente destruída, e seus destroços se afastavam em todas as direções, impelidos pela força da explosão.

– Vinte e seis pessoas transportadas, quatorze delas diretamente para a enfermaria. – Informou Chelaar, aliviada. – Conseguimos!

– Excelente. – Disse o capitão Vernon, respirando aliviado. – Mas quero ver a lista completa de nomes antes de comemorar.

Dos vinte madeireiros dendronianos raptados, dezessete foram resgatados com vida, quatro deles gravemente feridos. Quanto aos tripulantes da USS Iguaçu, foram resgatadas Giulia, Yeong-Hui e Awl, este último seriamente ferido, além todos os membros do grupo avançado liderado por Shion, dois deles à beira da morte. O único nome ausente na lista de transportados foi o do alferes Abdul Abaroa, morto pelos sádicos antes mesmo do início do confronto com a USS Iguaçu.

Episódio 12

In memoriam

Imediatamente após destruir a nave-masmorra, a USS Iguaçu retornou ao planeta Suffodio e, para a surpresa do mestre Fraxinus e dos dendronianos, devolveu as dezessete pessoas resgatadas dos sádicos. Como o combate havia sido duro e a USS Iguaçu sofrera severas avarias, o engenheiro-chefe e as equipes de reparos teriam que trabalhar incessantemente por pelo menos dois dias, motivo pelo qual o capitão determinou que permanecessem em órbita do planeta durante esse período. Na manhã seguinte ao confronto, o capitão Vernon presidiu a cerimônia fúnebre em honra ao alferes Abaroa, realizada no auditório da nave. Seu oficial comandante, Sinel Da'Far Sinel, assim como outros dois colegas mais próximos, fizeram breves discursos ressaltando sua personalidade e características distintas. Embora não fosse raro que tripulantes perdessem suas vidas no cumprimento do dever, o sentimento de pesar era sempre relevante e, devido a isso, apenas as operações essenciais foram executadas naquele dia.

Embora inicialmente tivessem duvidado da descrição dos sádicos feita pelos dendronianos, assim que o doutor Horvat relatou as condições em que se encontravam os feridos, ficou claro que ela não continha exageros. Cada um dos prisioneiros havia sido torturado e mutilado de modo

diferente, mas sempre com extrema crueldade e características de perversidade impensáveis. Um dos dendronianos tivera suas pernas retalhadas e sua pele arrancada completamente, outro tivera parte de seus órgãos removidos e fora violentamente eletrocutado. Vários deles foram cegados, tiveram suas línguas arrancadas e seu sangue envenenado com produtos que induziam convulsões extremamente dolorosas. Como se isso não fosse terrível o suficiente, as torturas sempre ocorriam na presença de outro prisioneiro, o qual assumiria o lugar de vítima assim que o primeiro morresse. Além do terror de ver seus colegas sendo brutalmente torturados, os prisioneiros muitas vezes passavam primeiramente por outros tipos de torturas psicológicas, e a grande maioria havia retornado em estado de choque e paranoia.

Mesmo essa conduta sendo sórdida o bastante para provocar repugnância em qualquer espécie minimamente civilizada, os sádicos ainda injetavam em seus prisioneiros uma droga que os mantinha acordados mesmo em condições de extremo estresse físico e mental, apenas pelo abjeto prazer de ver a vítima consciente enquanto sofria. De forma semelhante, utilizando um poderoso gás paralisante, mantinham o prisioneiro "expectador" preso e com os olhos bem abertos, impedindo que ele desviasse o olhar das atrocidades infligidas aos seus amigos e colegas.

Os tripulantes da USS Iguaçu não haviam sido poupados das perversidades praticadas por aquela espécie vil. O subtenente Awl presenciara a tortura e a morte sangrenta de Abaroa e, e em seguida, teve seus próprios ombros perfurados por grandes ganchos de metal e seu corpo imerso

em um líquido oleoso fervente, causando a dor mais excruciante que já sentira em toda sua curta vida. Os torturadores não demonstraram ter intenção de parar suas ações, mesmo quando se iniciou a operação de resgate e o confronto entre as duas naves. No momento que Awl finalmente foi transportado para a enfermaria, suas costas estavam sendo serradas com uma ferramenta grosseira e sua espinha era gradativamente removida diante da pobre bióloga Yeong-Hui.

– É um milagre que Awl tenha sobrevivido. – Disse o doutor Horvat, sentado em uma esguia cadeira em sua sala. – Os ferimentos em seus ombros foram fechados, mas levará semanas até que o trauma epidérmico seja revertido. – Enquanto falava, ele mostrava uma representação tridimensional dos ferimentos. – Os danos são piores do que queimaduras de plasma de terceiro grau, isso sem falar das lacerações em suas costas e no deslocamento espinhal. Duas das três medulas vertebrais foram rompidas, e para fazê-lo mover os membros novamente terei que fazer uma série de cirurgias ao longo de pelo menos dois meses, aliadas a sessões diárias de fisioterapia.

– Que tipo de pessoa vê prazer em fazer tamanha barbárie? – Falou Shion, indignada. – O interior da nave deles era cheio de corpos mutilados, esqueletos e órgãos expostos como se fossem obras de arte.

– Redobraremos o cuidado enquanto viajamos por esta região do espaço. Não quero arriscar outros encontros como o de ontem. – Disse o capitão Vernon, pensativo. – Abaroa teve uma morte horrível, e no que depender de

mim, nenhum outro membro de minha tripulação terá o mesmo destino.

A outra pessoa presente na sala era Giulia Naggi, única sobrevivente incólume do grupo avançado raptado pelos sádicos. Ela se mantinha em silêncio, pesarosa pelo sofrimento de seus colegas, mas o curto cativeiro a bordo da nave-masmorra não a havia perturbado psicologicamente.

– Como está a alferes Yeong-Hui? – Perguntou Shion.

– Ainda em choque. – Respondeu Horvat, balançando a cabeça. – Ela não era uma pessoa muito destemida e, mesmo que fosse, não creio que alguém consiga passar por uma experiência dessas sem sofrer as consequências. A doutora Brexdan disse que a mente dela está imersa em agonia e medo, e por isso decidimos administrar alguns psicotrópicos para mantê-la calma, mas é apenas uma medida temporária. Tanto Awl quanto ela precisarão de um acompanhamento psicológico completo.

– Entendo. – Disse o capitão Vernon. – Quando o subtenente Awl poderá deixar a enfermaria?

– Não antes que eu faça uma cirurgia transvertebral restaurativa completa, e para isso ele precisa estar recuperado do trauma epidérmico. – Respondeu Horvat. – Quinze a vinte dias, no mínimo.

– Eu gostaria que eles pudessem fazer o acompanhamento juntos, mas já temia que isso não fosse possível. Não podemos fazê-la esperar tanto tempo. – Disse Vernon, respirando fundo e olhando para Giulia. – Gostaria que você estivesse com ela, subtenente, pelo menos no começo. Não

consigo pensar em mais ninguém nesta nave que tenha passado por situações de cativeiro e tortura semelhantes, a não ser, é claro, o comandante Hashimoto, mas não acredito que ele deixaria Yeong-Hui à vontade.

– É claro, senhor. – Disse Giulia, concordando com a cabeça. – Ajudarei no que for possível.

– Contate o terapeuta Rha'r e o deixe a par da situação. – Ordenou o capitão Vernon. – Quero que iniciem as sessões assim que o doutor Horvat autorizar, e trate isso como prioridade absoluta, sim?

– Sim, senhor. Falarei com o conselheiro imediatamente. – Disse a oficial de comunicações, virando-se para sair da sala.

– Mais uma coisa. – Disse o capitão, antes que a porta se abrisse.

– Sim, capitão? – Disse Giulia, voltando-se novamente para os presentes.

– Obrigado, Giulia. – Agradeceu Vernon, sorrindo ternamente.

Giulia sorriu e, com uma expressão serena no rosto, deixou a sala do doutor Rohit Aris Horvat.

Três dias após o incidente, depois de finalizarem os reparos e aprenderem mais sobre o planeta Suffodio e sobre os dendronianos (que agora os tratavam como heróis, devido ao resgate de seus companheiros), a USS Iguaçu finalmente deixou aquele setor em direção a um aglomerado de pequenas nebulosas e corpos rochosos supermassivos. Logo no

início da manhã, Giulia e Yeong-Hui fizeram uma leve refeição nos aposentos da oficial de comunicações e seguiram juntas para o consultório do terapeuta Rah'r.

A USS Iguaçu, assim como a maioria das naves da Frota Estelar, possuía dois tipos de conselheiros. Um deles, chamado apenas de conselheiro ou conselheiro-legado, servia exclusivamente ao capitão e aos interesses da missão, mantendo um olhar crítico sobre as situações e empregando seu vasto conhecimento para dar opiniões úteis e auxiliar em situações de impasse diplomático. O outro, chamado de conselheiro-clínico ou, na maioria das vezes, de terapeuta, unia as qualificações de psiquiatria e psicologia, servindo para auxiliar a tripulação em todas as necessidades desse gênero.

– Eu compreendo que seja necessário, mas não me sinto à vontade com isso. – Disse Yeong-Hui, em voz baixa.

A aparência da bióloga, encolhida na cadeira do consultório do terapeuta Rah'r, era deprimente. Ela havia perdido peso nos últimos dias, e seu olhar apático, sustentado por suas profundas e escuras olheiras, conferiam-lhe o aspecto de alguém cujo espírito havia sido destruído.

– Você se sentiria mais à vontade se eu não fosse um klingon? – Perguntou Rah'r, educadamente.

Yeong-Hui deu os ombros, mas era perceptível que o fato a incomodava.

– Acredite, eu compreendo perfeitamente. – Disse Rah'r, esboçando um sorriso. – Mesmo entre os klingons das colônias que se uniram à Federação durante as guerras travadas pelo imperador Kawroth, o Insano, poucos de nós seguiram a carreira de conselheiro.

– E muitos de nós cresceram com a imagem de que os klingons não eram mais do que guerreiros ferozes e impetuosos, movidos tão somente pelo desejo de conquistar a honra em batalha. – Comentou Giulia, percebendo que Yeong-Hui não desejava falar.

– Certamente você encontrará inúmeros klingons assim no que restou do Império. – Admitiu Rah'r. – Mas asseguro que nem todos são assim, especialmente os que agora são cidadãos da Federação e não estão mais presos às tradições e leis bárbaras de nossos antepassados. – Ele abriu um pequeno baú atrás de sua mesa e tirou um objeto metálico com inscrições em sua língua nativa. – Embora ainda valorizemos a honra, o senso de lealdade e tantas outras qualidades de nossa natureza, deixamos de resumir tudo a matanças sem sentido, e agora buscamos a glória em campos de batalha diferentes. – Ele olhava para Yeong-Hui de forma muito paciente. – Afinal, lembrem-se dos vulcanos: a história não conta que eles eram tão bárbaros quanto nós, antes de escolherem o caminho da lógica?

A bióloga assentiu com um tênue movimento da cabeça e, daquele ponto em diante, mostrou-se mais à vontade em compartilhar as experiências traumáticas que vivenciara a bordo da nave-masmorra. Rah'r, com grande paciência e habilidade, conduziu uma conversa bastante produtiva, sendo auxiliado em várias ocasiões por Giulia que, compartilhando seus traumas vividos durante o período em que fora escrava dos breens, estabeleceu uma relação próxima com Yeong-Hui

Durante o estudo do aglomerado de nebulosas, os sensores de longo alcance detectaram um estranho objeto de quase setenta milhões de quilômetros de diâmetro, localizado no espaço entre duas nebulosas superdensas. A aparência incomum do objeto imediatamente chamou a atenção da astrometria e da oficial chefe de ciências, que solicitou um desvio de curso para que pudessem fazer o estudo completo e a catalogação do fenômeno.

– Impressionante. – Comentou Shion, observando a imagem projetada na tela principal.

O núcleo do objeto era ovalado e rugoso, e partindo dele havia centenas de imensos filamentos que se interconectavam em pontos aleatórios, formando um espantoso emaranhado. No entanto, mais curiosa do que o seu formato único era a sua superfície, cuja agitada variação luminosa lembrava o chuvisco causado pelo ruído estático em uma televisão antiga.

– Alguma ideia do que possa ser isso, comandante Chelaar? – Perguntou o capitão Vernon.

– É um tipo de aglomerado de partículas e radiação que eu nunca vi antes, capitão. – Explicou Chelaar. – Posso identificar alguns componentes, como nuvens de vértions, porém com um comportamento inexplicavelmente estável. As estruturas de contorno de cada filamento dão a impressão de serem sólidos, mas tudo leva a crer que a nossa nave seria capaz de atravessá-los sem causar distúrbios expressivos.

– Há alguma coisa que represente um perigo em potencial? – Perguntou o conselheiro Nhefé.

– À primeira vista, não. – Respondeu Chelaar. – Mas é difícil afirmar com certeza diante dessa variedade imensa de emissões de partículas e energia, sem falar nos harmônicos subespaciais ininteligíveis.

– Vamos nos manter a uma distância segura, pelo menos por enquanto. – Disse o capitão Vernon, ajeitando o uniforme. – Srta. Kwa, mantenha um curso orbital gradativo de doze graus e estabeleça uma distância relativa de cinco milhões de quilômetros. Um quarto de impulso.

– Sim, senhor. – Disse Kwa, inserindo os comandos no leme.

– Acionar. – Disse o capitão, fazendo um gesto com a mão.

A USS Iguaçu iniciou uma lenta e organizada circum-navegação do estranho objeto, e os tripulantes, especialmente os membros da divisão de ciências, iniciaram um minucioso trabalho para encontrar respostas sobre sua natureza e propriedades. Em função da existência de numerosas características desconhecidas e não catalogadas, Chelaar formou grupos de pesquisa independentes, liderados por oficiais como a vulcana Solek, da astrometria, e o veniano Jegé Manhaún, da astrofísica, no intuito de estabelecer o maior número possível de tópicos de estudo. Todavia, conforme o tempo passava e aprendiam mais sobre o fenômeno, outras perguntas apareciam, despertando ainda mais a curiosidade dos exploradores.

– Quanto tempo para a análise espectral ficar pronta? – Perguntou a tellarita, acompanhando o processamento de um modelo matemático baseado na disposição dos filamen-

tos do objeto, como forma de tentar identificar possíveis simetrias complexas e evidências de expansão progressiva de matéria.

– Já está pronta, comandante. – Respondeu Manhaún, apontando um PADD ao lado da estação onde Chelaar estava trabalhando, no centro do laboratório 4. – Eu entreguei para a senhora há dezoito minutos.

– É claro. – Disse Chelaar, balançando a cabeça. – Acho que estou tão absorta na compilação desses dados que acabei esquecendo.

– Uma pequena pausa talvez fosse benéfica. – Sugeriu Manhaún. – A senhora vem trabalhando sem descanso desde o final da manhã.

– Tem razão, subtenente. – Disse Chelaar, levantando-se e massageando um dos ombros. – Acho que acabei esquecendo até mesmo de almoçar, meu estômago está doendo.

A oficial de ciências deixou o laboratório 4, localizado na parte inferior central da nave, e seguiu para o refeitório, localizado na proa do deque 13. Assim que deixou o turboelevador, avistou Giulia despedindo-se de Yeong-Hui, na frente do consultório do terapeuta Rah'r.

– Comandante! – Exclamou Giulia, assim que percebeu a aproximação de Chelaar. – O que faz tão longe dos laboratórios e dos conjuntos de sensores?

– Preciso comer alguma coisa ou meus próprios sensores começarão a falhar. – Disse a tellarita, rindo.

– Perfeito, também estou com fome. – Disse Giulia. – Posso acompanha-la?

– Eu prefiro comer sozinha, subtenente. – Respondeu Chelaar. – Sua presença me tira a fome.

Yeong-Hui levantou as sobrancelhas.

– Ela não fala sério, Yeong-Hui. – Disse Giulia, sorrindo. – Pequenos insultos como esse constituem apenas uma brincadeira saudável entre velhas amigas.

– Para qualquer tellarita que se preze... – Começou Chelaar.

– "Uma discussão jamais é uma brincadeira". – Completou Giulia, pondo a mão no ombro da amiga. – É, eu sei.

– Gostaria de vir conosco, alferes? – Convidou Chelaar, voltando-se para Yeong-Hui.

– Em outra ocasião, comandante. – Disse a bióloga, encabulada. – Pretendo voltar para meus aposentos e praticar as técnicas de repouso consciente que o terapeuta Rah'r me ensinou hoje.

– Como quiser. – Disse Chelaar, com um leve aceno de cabeça.

Yeong-Hui retribuiu o aceno e as deixou, andando cabisbaixa na direção do turboelevador.

– À quantas anda o estudo do fenômeno? – Perguntou Giulia, enquanto seguiam para o refeitório. – Já conseguiram classificá-lo?

– Ainda não, e estamos longe de conseguir. – Respondeu Chelaar. – É algo totalmente novo. Foi necessário até mesmo desenvolver uma metodologia específica para podermos estudar suas propriedades, e sinto que apenas começamos a arranhar a superfície.

– Fascinante. – Disse Giulia, sentando-se no seu local de costume no refeitório. – Gostaria que fosse possível se comunicar com ele, assim eu teria algo no que trabalhar.

– Não perca as esperanças, Giulia. – Disse Chelaar, sentando-se de frente para a colega. – Ainda não descartamos a hipótese de ser uma forma de vida.

– Seria uma descoberta e tanto. – Comentou Giulia.

As duas pediram o mesmo prato: a famosa sopa arenosa tellarita. Segundo Chelaar, a receita original dessa iguaria, tida como perdida por vários séculos, fora redescoberta pelo seu tio-avô Brolog, durante uma expedição arqueológica nas profundezas da Erosão Soberba, em Tellar Prime.

– Como estão as sessões de terapia? – Perguntou Chelaar, adicionando molho de raízes à sua sopa.

– Melhores do que eu imaginei que seriam. – Respondeu Giulia. – Rah'r é muito competente e intuitivo.

– Tem certeza? Yeong-Hui me pareceu desanimada. – Comentou Chelaar.

– Não se engane pela expressão tristonha. – Disse Giulia. – Ela está progredindo muito, e o doutor diminui a medicação a cada dia. Ontem ela teve a primeira noite de sono contínua e sem pesadelos desde o incidente.

– E como tem sido para você? – Perguntou Chelaar. – Você nunca gostou de falar sobre a época que esteve entre os breens.

– É diferente quando isso ajuda alguém a entender e superar seu próprio trauma. – Respondeu Giulia. – Eu percebo, inclusive, que a principal motivação de Yeong-Hui é estar forte o bastante para apoiar e ajudar o subtenente Awl

quando ele acordar. Ela tem se agarrado muito nisso, e eu admiro sua determinação.

– E como tem sido para você? – Perguntou Chelaar. – Lembro que você não gostava de falar sobre seu passado com os breens.

– Eu acabei de responder a essa pergunta. – Disse Giulia, com uma expressão confusa no rosto. – Isso é algum tipo de charada tellarita?

– Perdoe-me, Giulia. – Disse a oficial de ciências, descansando sua colher ao lado do prato. – Tenho estado um pouco distraída hoje, acho que o estudo do objeto desconhecido está exigindo muito da minha cabeça.

– Tudo bem, acho que todos estamos um pouco desorientados, especialmente depois do que aconteceu com o alferes Abaroa e com Awl. – Disse Giulia, sorrindo. – Eu mesma tive pequenos lapsos de memória mais cedo durante a sessão de terapia, enquanto descrevia uma de minhas experiências de infância. Acabei esquecendo o nome do planeta onde éramos recondicionados anualmente, e não consegui descrever o interior de uma câmara de interrogatório breen.

Chelaar estreitou o olhar, inclinando a cabeça levemente para a direita.

– Acho que isso é mais do que excesso de trabalho ou pesar pela morte de Abaroa. – Disse a oficial de ciências, olhando novamente nos olhos de Giulia. – Estou tentando me lembrar quem eram nossos colegas na Ganímedes, mas o único nome que me vem à mente é o do capitão Vernon.

– Você tem razão! – Concordou Giulia, também tentando se lembrar dos ex-colegas. – Como era o nome do engenheiro-chefe, o gallamita?

– Não sei! – Respondeu Chelaar, nervosa. – Tudo o que eu consigo me lembrar dele é que havia algo estranho em seu rosto, mas não consigo me lembrar exatamente o quê.

A oficial de comunicações se esforçou para lembrar qual era a famosa característica que distinguia os gallamitas, pois não conseguiu se recordar da aparência do engenheiro-chefe da USS Ganímedes.

– O crânio transparente! – Disse ela, por fim.

Alarmada pelos repetidos e estranhamente coincidentes lapsos de memória, Giulia notou que havia um tripulante da divisão de engenharia, há poucos passos de sua mesa, parecendo bastante desorientado.

– Alferes. – Chamou ela. – Algum problema?

O leváqueo virou-se para ela, com uma expressão confusa no rosto.

– Eu preciso voltar ao trabalho, mas não consigo lembrar onde é. – Respondeu o tripulante.

– Engenharia, alferes. – Disse Chelaar. – Fica no deque...

A tellarita ficou em silêncio, franzindo o cenho.

– Talvez devêssemos falar com o doutor... – Começou Giulia preocupada e, em seguida, olhou para Chelaar, perplexa. – Eu não consigo lembrar qual é o nome do doutor!

– Chelaar para enfermaria. – Disse a oficial de ciências, em tom de urgência, tocando no comunicador em seu peito.

– *Horvat falando.* – Ouviu-se a voz do médico em resposta.

– Acredito que exista uma emergência médica em andamento, doutor. – Disse Chelaar. – Estamos indo para a enfermaria imediatamente!

– *Estarei esperando.* – Disse Horvat.

As duas deixaram o refeitório no mesmo instante, mas demoraram para chegar ao seu destino, errando o caminho mais de uma vez devido aos lapsos de memória. Quando finalmente alcançaram a enfermaria, encontraram o doutor Horvat absorto ao lado de uma maca, com um tricorder médico na mão esquerda.

– Algum problema? – Perguntou o médico, sorrindo para elas.

Giulia abriu a boca, mas não disse nada.

– Uma emergência doutor! – Exclamou Chelaar, aflita. – Não sabemos a razão, mas a tripulação está passando por graves perdas de memória!

– Que tipo de perda de memória, tenente? – Perguntou Horvat.

– Eu não sei explicar ao certo, também estou tendo problemas para me lembrar das coisas. – Respondeu Chelaar. – Tudo o que sei é que precisamos agir imediatamente.

O médico apenas balançou a cabeça, concordando com Chelaar, mas permaneceu inerte.

– Doutor! – Exclamou Chelaar, desesperada com o comportamento de Horvat e com Giulia, que parecia não saber a razão de estar ali.

Nesse momento, entrou na enfermaria o conselheiro Nhefé, parecendo muito preocupado.

– Doutor Horvat, o que está havendo? – Perguntou o conselheiro. – Chamei o senhor à ponte há mais de vinte minutos.

– Nos conhecemos? – Perguntou Horvat, olhando com estranheza para o conselheiro.

O conselheiro, sem hesitar, percebendo a gravidade da situação, ordenou:

– Ativar HME.

No mesmo instante, o holograma médico de emergência apareceu diante deles.

– Especifique a natureza da emergência média. – Disse ela, olhando para Nhefé. Sua aparência era de uma mulher cardassiana, vestindo o uniforme padrão dos oficiais médicos.

– Toda a tripulação está apresentando inexplicáveis lapsos de memória, incluindo nosso oficial médico chefe. – Explicou o conselheiro.

A doutora holográfica imediatamente olhou ao redor, procurando um tricorder médico.

– Poderia me emprestar isso por um momento? – Perguntou ela educadamente ao doutor Horvat, que entregou seu tricorder sem questionar. – Alguma ideia do que pode ter causado esse problema?

– Estivemos estudando um fenômeno espacial desconhecido nas últimas horas, mas não tenho conhecimento

suficiente para afirmar que exista alguma relação entre ele e o surto de lapsos de memória. – Explicou Nhefé.

– Há quanto tempo o problema começou? – Perguntou a médica, sondando a cabeça de Horvat, Chelaar e Giulia, que pareciam não entender o que estava acontecendo.

– Pouco antes de deixar a ponte no horário do almoço, notei que a tripulação parecia confusa, cometendo pequenos erros e esquecendo informações simples. – Explicou Nhefé. – O que me deixou alerta e verdadeiramente preocupado, no entanto, foi quando pedi ao sintetizador dos meus aposentos um prato de ngátók, e percebi que eu não podia me lembrar da última vez em que consumira tal alimento.

– Entendo. – Disse a médica, sondando a cabeça de Nhefé, e sorrindo. – A neurofisiologia veniana permite o armazenamento de uma quantidade extraordinária de memória, devido à sua vasta rede engramática, e por isso, é compreensível que você esteja resistindo melhor aos sintomas.

– Exato. – Assentiu Nhefé, impaciente. – Mas percebo que isso está me afetando de maneira mais acentuada a cada minuto que passa. – Ele olhou para Chelaar, que havia tirado seu comunicador do peito e o examinava com grande interesse. – Estimo que em pouco tempo estarei como eles.

– Sendo assim, a situação deve ser resolvida com máxima urgência, ou logo ninguém lembrará quem é e o que faz aqui. – Disse a médica holográfica. – Computador, quantos venianos estão a bordo desta nave?

– Existem ao todo sete venianos a bordo da USS Iguaçu. – Respondeu a voz do computador.

– Conselheiro, sugiro que oriente os demais venianos para que eles mantenham o restante da tripulação sob vigilância, ou em breve teremos acidentes provocados por pessoas que não sabem diferenciar a regulagem dos fêiseres. – Propôs a médica.

– De acordo. – Disse Nhefé, tocando em seu comunicador. – Nhefé para Manhaún, Vyãmág, Kygvénh, Nugvónh, Maralayh e... – Ele fechou os olhos, num esforço para lembrar o nome do último veniano. – Kyróg! – Completou ele, respirando fundo. – Ouçam com atenção! Estamos diante de uma emergência sem precedentes e, como já devem ter percebido, somos os únicos com nossas memórias razoavelmente intactas. Portanto, preciso que levem o maior número possível de tripulantes para as áreas comuns e aposentos, preferencialmente longe de armas e setores essenciais. Quando a situação estiver sob controle, entrem em contato comigo. Nhefé desliga.

– Conselheiro, preciso fazer um exame completo do seu cérebro. – Disse a médica, indicando um dos aparelhos da enfermaria. – Somente assim terei certeza do que está acontecendo.

– Faça isso o mais rápido que puder, doutora. – Disse Nhefé, deitando-se na maca retrátil do aparelho de exame cerebral.

Lentamente, o conselheiro deslizou para dentro de um grande tubo semicircular, onde uma série de sensores de alta potência escanearam cada átomo de seu sistema ner-

voso. Após quase cinco minutos, a doutora holográfica desligou o equipamento e permitiu que Nhefé descesse da maca.

– E então? – Perguntou ele, ansioso.

– A boa notícia é que vocês não estão realmente perdendo a memória. – Disse ela, analisando os dados na tela do aparelho. – Todos os engramas continuam onde deveriam estar, com a diferença que estão, de algum modo, sendo desligados um a um.

– E isso tem algo a ver com o fenômeno espacial que estávamos estudando? – Perguntou Nhefé.

– Eu não chamaria de fenômeno, mas sim de entidade. – Respondeu a médica. – Enquanto você estava sendo escaneado, acessei os arquivos da pesquisa que os vários grupos estavam fazendo sobre o tal "fenômeno". Os dados coletados até o momento levam a crer que o que ele é, na verdade, um ser vivo, potencialmente senciente.

– Isso é espantoso, doutora. – Disse Nhefé, agoniado. – Mas qual é a razão da supressão de memória? E como podemos revertê-la?

– Um dos físicos teóricos, o subtenente Wong, estava analisando cuidadosamente a composição do espectro não-visível da entidade. – Explicou a médica. – Então, baseado nas frequências interconectadas dos harmônicos subespaciais e nas cargas energéticas oscilantes, ele começou a considerar que o campo de dispersão pluriparticular poderia causar efeitos degenerativos e de supressão em elementos de natureza orgânica e biológica. – Ela balançou a cabeça. – Ele não conseguiu descobrir a tempo quais seriam esses

efeitos, mas agora sabemos que o primeiro deles é a supressão da memória.

– Como assim o primeiro? – Perguntou Nhefé, cada vez mais ansioso.

– Creio que, aos poucos, funções cognitivas e autônomas serão igualmente afetadas. – Disse a médica. – Até o ponto em que o cérebro pare de mandar ordens para que o coração continue batendo, por exemplo.

– Doutora, estamos sem tempo! – Exclamou Nhefé. – Como podemos reverter, ou ao menos atrasar esses efeitos?

– Não há nada que possa ser feito para mitigar os efeitos da supressão. – Disse ela, compassiva. – Mas acredito que, se a nave se afastar para longe da entidade, a memória de todos voltará gradativamente.

– Por que não disse isso logo? – Exasperou-se Nhefé. – Nhefé para... para quem estiver no leme!

Não houve resposta.

– Computador, transferir funções do leme para a enfermaria.

– Insira o código de autorização. – Ouviu-se a voz do computador.

O conselheiro fechou os olhos, tentando se lembrar do seu código de acesso.

– Não adianta, eu não lembro! – Enraiveceu-se ele.

– Suponho que ainda seja possível controlar a nave diretamente da ponte de comando. – Disse a médica.

– Tenho medo de não conseguir chegar lá. – Admitiu Nhefé.

– Eu posso orientá-lo daqui, conselheiro. – Ofereceu-se a doutora. – A ponte está apenas três deques acima.

O veniano refletiu por um instante.

– Certo. – Disse, por fim, empertigando-se e engolindo em seco. – Conto com você, doutora.

Ela assentiu, inclinando levemente a cabeça para a esquerda e, sem demora, deixou a enfermaria e precipitou-se pelos corredores, que agora pareciam fazer parte de um sufocante labirinto. Ofegante, ele correu por alguns metros e se viu diante de um simples entroncamento entre dois corredores, desafio suficiente para deixá-lo paralisado e inseguro quanto a qual caminho tomar.

– HME para conselheiro Nhefé. – Chamou a doutora, que monitorava os sinais do comunicador do veniano por meio de um dos painéis da enfermaria. – Siga pelo caminho da direita até o turboelevador.

– Obrigado, doutora. – Agradeceu Nhefé, sacudindo a cabeça e seguindo em frente.

O simples caminho entre a enfermaria e a ponte foi o mais árduo que Kómóg Nhefé já havia trilhado em toda sua vida, pois cada passo parecia incrivelmente difícil e incerto. Se não fossem o auxílio preciso e a voz tranquilizadora do holograma médico de emergência, ele certamente teria se deixado cair ao lado de um anteparo, entregando-se ao esquecimento.

A situação na ponte era desalentadora. O capitão Vernon estava sentado em sua cadeira, olhando ao redor com uma expressão desconcertada. Shion havia se levantado e estava há poucos centímetros da tela principal, olhando hipnotizada para a imagem fervilhante da enti-

dade. Da'Far e Harman estavam deitados lado a lado, encarando o teto com os olhos arregalados. Não havia sinal de Rose e Eri-Ribb.

– Onde é o leme? – Perguntou Nhefé, confuso diante de tantas estações de trabalho.

– É a estação imediatamente à frente da tela principal. – Orientou a médica holográfica.

Nhefé sentou-se no posto de Kwa e observou os muitos controles e indicadores de navegação, franzindo a testa. Ele hesitou, sem saber ao certo qual deles deveria acionar.

– Vou precisar de sua ajuda novamente, doutora. – Disse Nhefé.

– Está vendo um indicador azul no canto superior esquerdo? – Começou ela. – Abaixo dele há um... ei! Não toque nis...

– Doutora! – Exclamou Nhefé, mas não houve resposta. De alguma forma, alguém na enfermaria havia desativado o HME.

O conselheiro respirou fundo, tentando se acalmar. Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça, forçando ao máximo sua memória para lembrar das aulas de pilotagem e dos treinamentos que ocasionalmente fazia.

– Você já perdeu, admita. – Disse uma voz grave e rouca, alguns metros atrás de Nhefé.

– Ele ainda não desistiu. – Respondeu outra foz, muito aguda e estridente.

Nhefé virou-se na direção das vozes e viu dois alienígenas de uma espécie que lhe era levemente familiar, ambos de pele pálida e sardenta, com cabelos alaranjados e bigodes.

– Desista! – Gargalhou o alienígena de voz grave e rouca, que era muito baixo. – Você não deveria ter apostado que eles conseguiriam superar a poderosa Anamnesorexia.

– Eu não a teria atraído para o caminho deles se as chances de vitória não fossem altas. – Disse o outro alienígena, alto e esguio. – Enquanto houver alguém consciente, não admitirei minha derrota. – E olhou para o veniano.

O olhar do alienígena pareceu acordar Nhefé, que se virou imediatamente para o leme e, fechando novamente os olhos, esvaziou sua mente de qualquer pensamento ou lembrança que não tivesse ligação com pilotagem de naves estelares. Ele moveu a mão instintivamente e tocou em um dos controles, ativando um comando de mudança de curso.

– Viu só! – Exclamou o alienígena de voz fina.

– Isso não significa nada. – Resmungou seu companheiro.

Nhefé procurou um comando que permitisse a inserção de um novo curso, ficando em dúvida entre os dois que lhe pareciam mais familiares, um azul e outro vermelho. Suando frio, ele olhou de relance para seu próprio uniforme, cuja cor azul trouxe à tona a lembrança de já ter feito aquilo antes. Rapidamente, o conselheiro inseriu o único rumo do qual conseguiu se recordar: uma linha reta. Para sua sorte, esse rumo colocaria a nave em uma tangente e relação ao movimento orbital atualmente em execução. Entretanto, nada aconteceu.

“Ainda falta alguma coisa”, pensou Nhefé. Ele tinha certeza que precisava confirmar o comando inserido, auto-

rizando o acionamento dos sistemas de manobra, mas novamente ficou em dúvida entre dois: um amarelo e outro vermelho.

Nada que o conselheiro pudesse pensar parecia ajudar na resolução desse dilema e, com o desespero gerado pela frustração de falhar no último instante, ele olhou para os dois alienígenas que estavam em pé, agora mais próximos dele. O mais baixo tinha uma expressão de êxtase no rosto, como alguém prestes a ganhar uma coisa muito desejada e importante. O mais alto, com uma das sobrancelhas levantadas, encarou Nhefé e, por uma fração de segundo, deu uma espiadela na direção de Shion. O conselheiro se voltou para o leme e levantou o olhar na direção da primeira oficial que, com seu uniforme vermelho, olhava fixamente para a tela principal. Ele sorriu, tocando o comando vermelho e colocando a USS Iguaçu em uma rota simples, porém segura, para longe da entidade.

– Não pode ser. – Lamentou o alienígena mais baixo, profundamente decepcionado.

– Eu não disse que eles conseguiriam? – Gargalhou o alienígena de voz aguda, estendendo a mão para receber as estranhas fichas que seu colega, contrariado, retirava do bolso do casaco.

Nhefé, exausto pela árdua operação recém realizada, e ainda sofrendo os efeitos supressores gradativos causados pela entidade, sentiu que ia perder a consciência. Antes que isso acontecesse, todavia, ele se virou mais uma vez para os dois alienígenas e teve certeza que o mais alto lhe deu uma piscadela antes de desaparecer.

Kómóg Nhefé abriu os olhos e se viu deitado em um dos leitos da enfermaria.

– Como você está, conselheiro? – Perguntou o doutor Horvat, em pé ao seu lado.

– Estou verdadeiramente ótimo. – Respondeu Nhefé, aliviado.

– Nenhuma pergunta? – Espantou-se o doutor. – A primeira coisa que meus pacientes costumam dizer quando acordam na enfermaria é: "O que aconteceu?".

– Acontece, doutor. – Sorriu Nhefé. – Que eu lembro de tudo.

Episódio 13

Ameaça incontida

"Diário do capitão, data estelar 118332. Este é o último dos quatorze dias viajando em força de impulso pelo território dos brasilanos, uma espécie tecnologicamente limitada, cuja sociedade está alicerçada na burocracia e nos mecanismos de controle e padronização do comportamento. No melhor intuito de estabelecer boas relações com eles, submetemo-nos aos seus inúmeros procedimentos e regulamentos enfadonhos em troca de permissão para mapear, com restrições, os quatro sistemas estelares sob seu controle".

Durante a inspeção alfandegária final, na fronteira do território brasilano, uma boa parte da tripulação estava de folga, pois a USS Iguaçu ficaria retida durante muitas horas até que fossem satisfeitas todas as incontáveis exigências burocráticas que autorizariam a nave a deixar o sistema. Aqueles envolvidos diretamente no cumprimento desses regulamentos estavam trabalhando copiosamente, mantendo, acima de tudo, a paciência. O próprio Emilian Hashimoto afirmou que, em todos os seus anos na Frota Estelar, nunca havia lidado com uma espécie tão apaixonada por procedimentos e leis inúteis. Os demais tripulantes, dispensados desse enfadonho dever, aproveitaram o tempo de folga para descansar e/ou ter algumas horas de lazer no bar

panorâmico ou no holodeck, onde estava acontecendo um torneio de bocha, organizado pelo pessoal de operações.

– USS Iguaçu NCC-90D02, em cumprimento às determinações dos artigos 3, parágrafo 7, e artigo 4, parágrafos 1 a 8, do Edito Transitório de Estrangeiros, informe se as exigências para sondagem de verificação potencial foram atendidas. – Disse o alienígena chefe do posto fiscal brasilano, cuja imagem era projetada na tela principal da ponte de comando. Ele tinha o pescoço comprido e a cabeça desproporcionalmente achatada, assim como olhos miúdos e dentes pontiagudos.

– O alinhamento angular dos motores de impulso está nos parâmetros exigidos para sondagem de verificação. – Informou Shion, comandando a ponte na ausência de Vernon.

O capitão havia se dirigido à enfermaria há cerca de uma hora, juntamente com a subtenente Barsotti e Yeong-Hui, pois o tenente Awl (cuja recuperação estava supreendentemente adiantada) seria trazido à consciência pela primeira vez desde o incidente com os sádicos.

– Antes de iniciarmos a sondagem, eu gostaria de lembra-los que, segundo o artigo 27, parágrafo único, é imprescindível desativar todos os moduladores núcleo-térmicos presentes nas seções adjacentes aos motores. – Disse o alienígena, contraindo seus lábios ásperos e esverdeados como sua pele.

Shion se controlou para não revirar os olhos.

– Não temos esse tipo de tecnologia em nossa nave, senhor fiscal. – Disse ela. – Pode iniciar a sondagem imediatamente, se desejar.

– Certo, assim que obtivermos liberação superior nos formulários de checagem. – Disse o alienígena, fazendo um gesto para um de seus colegas, que veio até ele com um PADD em formato de losango. – Nuinn desliga.

– Talvez nós possamos sintetizar alguns moduladores núcleo-térmicos, se isso os deixa felizes. – Disse Chelaar – Deve existir algum modelo nos bancos de dados do museu da Frota. – Ela riu, balançando a cabeça. – Essas coisas não fazem mais parte dos projetos de naves estelares há mais de 100 anos.

– Se eu soubesse que isso eliminaria algumas etapas de checagem e verificações aduaneiras, autorizaria a produção de moduladores suficientes para encher cada corredor da Iguaçu. – Concordou Shion, sorrindo.

– Segundo o Edito Transitório de Estrangeiros, em seu anexo 147, parágrafo 18, toda nave em verificação emigratória que produzir, sintetizar ou receber novos componentes de engenharia deve se submeter a um conjunto de sondagens comparativas e a uma aferição estrutural completa. – Comentou Nhefé, displicente. – Sendo assim, nossa estadia neste posto fiscal se estenderia por pelo menos mais doze horas.

– Nesse caso, vou pessoalmente garantir que o comandante Hashimoto não sintetize nem mesmo um único parafuso enquanto estamos aqui. – Disse Shion.

– Capitão na ponte. – Falou Da'Far, anunciando o retorno de Vernon.

– À vontade. – Disse o capitão, dirigindo-se para sua cadeira.

– Como está o subtenente Awl? – Perguntou Shion.

– Espantosamente bem, para alguém que passou por tamanha atrocidade. – Começou Vernon. – Quando ele abriu os olhos, a primeira coisa que fez foi sorrir, percebendo que Yeong-Hui e Barsotti estavam bem. – Todos os tripulantes da ponte prestavam atenção ao que ele dizia, compadecidos de seu colega na enfermaria. – Tenho certeza que, de agora em diante, sua recuperação será ainda mais rápida.

– A presença de Awl será muito importante para Yeong-Hui. – Disse Barsotti, do posto de comunicações. – Os miresitas possuem uma vontade de viver e um pensamento positivo incomparáveis.

– Quando poderemos visita-lo? – Perguntou Kwa.

– O doutor Horvat disse que ele já está apto a receber visitas, desde que elas não interfiram nos seus horários de repouso. – Respondeu o capitão. – E, dentro de três ou quatro dias, é certo que poderá voltar para seus próprios aposentos.

– Permissão para organizar uma pequena festa surpresa ao estilo tradicional miresita, para quando ele receber alta. – Pediu Kwa.

– Permissão concedida, alferes. – Disse Vernon. – Mas procure o doutor Horvat antes de planejar qualquer coisa, pois o número de convidados e demais características da festa deverão respeitar os limites estabelecidos por ele.

– Sim, senhor. – Disse Kwa, sorrindo. – Obrigada, senhor.

Uma vez que as preocupações dos tripulantes em relação ao subtenente Awl se converteram em esperança e

otimismo, o capitão Vernon respirou fundo, recostando-se em sua cadeira.

– E quanto a nossa saída do espaço brasilano? – Perguntou ele. – Como estão os procedimentos aduaneiros?

– Tivemos que remodular todos os micro inversores auxiliares das naceles, pois os sensores do posto fiscal não estavam conseguindo executar varreduras em busca de emissões residuais de radiação teta. – Respondeu Shion, balançando a cabeça.

– Radiação teta? – Repetiu Vernon, perplexo. – O que eles acham que somos, uma balsa espacial cheia de lixo?

– Procedimento padrão, eles disseram. – Comentou Rose, entediado.

– Foi a primeira vez que eu vi o comandante Hashimoto trabalhando sem empolgação. – Disse Nhefé, esboçando um sorriso.

– Quando eu lhe pus a par da situação, Hashimoto disse que nós é que deveríamos inspecionar as naves deles, e não o contrário. – Acrescentou Shion. – Segundo ele, a Iguaçu é mais limpa do que toda a frota brasilana.

– Acho que nunca conheci um engenheiro-chefe que não tomasse para si as dores de sua nave. – Disse Vernon. – Mas em breve estaremos fora deste sistema e ele finalmente poderá implementar os aprimoramentos no sistema de comunicações que recebemos dos moranitas. – Ele sorriu, inclinando-se para Nhefé. – Tenho certeza que isso trará sua empolgação de volta.

– Tenho certeza que sim, capitão. – Concordou o conselheiro. – De fato, todos respiraremos um ar mais puro

quando finalmente deixarmos essa atmosfera carregada de burocracia inútil.

– Bem lembrado, conselheiro. – Disse o capitão, fazendo um muxoxo. – Preciso preencher um pouco de burocracia inútil enviada pelo ministro alfandegário. – Ele se levantou. – Estarei em meu gabinete. Imediato, a ponte é sua.

Shion assentiu, assumindo novamente o comando da ponte.

– Capitão. – Chamou Da'Far. – Se me permitir, gostaria de discutir um assunto da segurança com o senhor.

– Certamente, comandante. – Respondeu o capitão. – Acompanhe-me.

Os dois entraram no gabinete do capitão, que ficava atrás da ponte. A sala era pequena e tinha um formato trapezoidal, mas era confortável e bem organizada, com uma mesa em L, algumas cadeiras e uma prateleira na parede mais estreita.

– O que deseja discutir, senhor Da'Far? – Perguntou o capitão, sentando na cadeira atrás da mesa em L e tocando na tela de um dos monitores.

– Tenho refletido muito desde o incidente com os sádicos. – Respondeu o chimarrita, sentando-se na cadeira em frente à mesa do capitão. – Nunca precisei lidar com uma espécie tão repulsiva quanto eles e, francamente, gostaria de nunca mais encontrá-los.

– Este é um pensamento compartilhado por toda a tripulação, inclusive por mim. – Concordou Vernon.

– No entanto, precisamos considerar seriamente a possibilidade de que voltaremos a confrontá-los em algum momento de nossa jornada e, nesse caso, é imperativo que

estejamos preparados. – Continuou Da'Far. – Elaborei alguns treinamentos com base no pouco que sabemos sobre os sádicos, mas não estou satisfeito. Eles demonstraram ser uma raça cruel e imprevisível, e nós devemos refinar não apenas nossas habilidades táticas, mas também reforçar nosso psicológico. – Ele inclinou-se, colocando os braços sobre a mesa. – Por esse motivo, peço permissão para iniciar um treinamento mais severo, inicialmente com o pessoal da segurança, estendendo gradativamente aos demais tripulantes.

– E no que consistiria esse treinamento, comandante. – Perguntou o capitão Vernon, levantando uma sobrancelha.

– Raríssimas são as civilizações, incluindo a minha, que não possuem, ao longo de sua história, os chamados "assassinos em série", ou "psicopatas". – Explicou Da'Far. – E, pelo que posso presumir, o comportamento dessas pessoas é o que mais se assemelha ao dos sádicos.

– É uma comparação válida. – Disse o capitão. – E o que propões que façamos?

– Enquanto ponderava sobre novos métodos para o treinamento psicológico de minha equipe, lembrei-me que o tenente Rose, à época que servíamos juntos na Araucária, costumava utilizar um programa de holodeck no qual desvendava crimes cometidos por assassinos em série. – Começou Da'Far. – Esse programa continha o perfil de milhares de criminosos de várias espécies diferentes que, em suas respectivas épocas, chocaram os mundos onde viviam com sua perversidade e seus feitos macabros. – Ele recostou-se novamente na cadeira. – Eu confirmei que o programa está

no banco de dados do nosso holodeck, e creio que seria possível editá-lo para que passasse a ser um programa de treinamento onde poderíamos enfrentar adversários tão imprevisíveis e desumanos quanto os sádicos.

– Seria um treinamento pesado, para se dizer o mínimo. – Disse Vernon. – E, antes de autorizá-lo, gostaria de discutir os detalhes com o doutor Horvat e o terapeuta Rah'r. Não me agrada a ideia de sobrecarregar a tripulação com o fardo de um treinamento de estresse extremo diante de psicopatas e assassinos.

– E quanto a minha equipe? – Insistiu Da'Far. – Alguns deles estão aptos para este tipo de treinamento. – Ele apoiou o braço direito sobre a mesa. – Sei que pode parecer uma solução drástica, mas se capacitarmos alguns tripulantes para situações como essas, eles estarão preparados para agir com mais acerto, protegendo os colegas e transmitindo segurança psicológica.

O capitão ponderou por um momento, olhando nos olhos de Da'Far.

– Tomarei minha decisão assim que deixarmos o território brasilano. – Disse ele, por fim. – Enquanto isso, o senhor tem permissão para iniciar as modificações no programa do tenente Rose. Dispensado.

Após um considerável atraso na inspeção aduaneira, causado pela ineficiência dos equipamentos do posto fiscal, os quais eram incapazes de converter e decodificar as informações transferidas pelo computador principal da USS Iguaçu, a nave finalmente deixou o espaço brasilano. Embora as duas semanas tenham sido um período tedioso para

muitos tripulantes, vários estudos puderam ser feitos nos sistemas povoados por aquela espécie burocrata, e os mapas estelares recebidos ao final da jornada foram anexados ao banco de dados da astrometria, permitindo a otimização da rota a ser seguida dali em diante, a fim de evitar sistemas estelares desinteressantes.

– A astrometria recomendou um percurso simples, indo diretamente para a região que os brasilanos chamam de "zona diferenciada". – Explicou Chelaar, na ponte, comunicando os resultados da sincronização dos dados. – Todavia, há uma nebulosa instável há menos de cinco anos luz dessa rota. Os brasilanos a definiram como "altamente instável, incompreensível e perigosa", e eu gostaria de estudá-la.

– É o tipo de coisa que atrai a atenção de qualquer cientista. – Concordou Shion. – E, afinal de contas, estamos aqui para explorar o desconhecido, não estamos?

– De acordo. – Disse o capitão Vernon. – Marque um curso para a nebulosa, dobra 7.

– Sim, senhor. – Disse o tripulante que estava no leme, substituindo a alferes Kwa. A miresita havia deixado a ponte mais cedo, sofrendo de um repentino ataque alérgico causado por variações hormonais. Esse tipo de alergia era comum à sua espécie, mas exigia cuidados médicos precoces ou se estenderia por vários dias.

– Subcomandante Da'Far, o senhor e o tenente Rose têm minha autorização para trabalharem naquele novo treinamento enquanto estudamos a nebulosa. – Disse Vernon.

– Começaremos agora mesmo, senhor. – Disse Da'Far, satisfeito, deixando seu posto e fazendo um gesto para que Rose o seguisse.

Os dois rumaram para o holodeck, discutindo as alterações no programa que já haviam sido feitas pelo chefe de segurança. No caminho, encontraram a alferes Kwa, que havia saído da enfermaria há poucos minutos e se dirigia aos seus aposentos, parecendo um pouco aborrecida.

– Como está a alergia, alferes? – Perguntou Rose, pondo-se ao lado da colega, pois caminhavam na mesma direção.

– Apenas alguns espirros ocasionais e um zumbido no ouvido. – Respondeu ela. – O doutor me deu um remédio, mas pediu que eu permanecesse afastada dos deveres por hoje.

– Você não parece contente com isso. – Comentou Da'Far.

Kwa deu os ombros e fez um muxoxo.

– Eu me sinto apta a pilotar. – Disse ela. – E, depois de tantos dias viajando em velocidade de impulso pelo território brasilano, tudo o que eu quero é sentir o vento em minhas orelhas, se é que me entendem.

– Com certeza. – Concordou Rose e, após um breve silêncio, decidiu que havia uma forma de levantar o astral da miresita. – Da'Far e eu estamos indo ao holodeck para trabalhar em um novo treinamento, gostaria de vir conosco?

– É claro que sim! – Sorriu ela.

Não demorou muito para que os três chegassem ao holodeck e iniciassem o programa modificado por Da'Far.

– Eu reescrevi os parâmetros de localização para simular naves de configuração interna aleatória. – Explicou o chefe de segurança. – Isso permitirá que cada sessão de treinamento tenha desafios imprevisíveis, exigindo raciocínio rápido e capacidade de improvisação.

– O ambiente foi projetado para causar distrações e chocar os usuários. – Acrescentou Rose. – Para isso, inserimos um grande número de elementos macabros e repulsivos, baseados nas informações que pudemos obter do comportamento dos sádicos.

– Vai ser um treinamento traumatizante. – Disse Kwa.

O tenente Rose assentiu.

– Computador, iniciar simulação de treinamento Sinel S-12, localização inicial: calabouço. – Disse o chefe de segurança em voz alta.

No mesmo instante, o cenário de uma grande cela foi projetado ao redor deles. A luminosidade baixa e uma névoa esverdeada, somadas aos vários corpos mutilados pendurados nas paredes, criava uma atmosfera de tensão e terror. Impressionada pelo realismo visceral do ambiente, Kwa se arrepiou ao ouvir um gemido distante, como se alguém estivesse sofrendo uma tortura agoniante.

– Todos teremos que passar por esse treinamento? – Perguntou ela, com os olhos arregalados.

– Num primeiro momento, ele será obrigatório apenas para alguns oficiais de segurança e operações. – Respondeu Da'Far. – Mas o capitão permitiu que eu estendesse o treinamento a qualquer um que o quisesse fazer de forma voluntária.

– Entendo. – Disse Kwa, sem demonstrar empolgação. – E como serão os sádicos? Achei que não tínhamos conhecimento suficiente sobre eles para simular uma versão holográfica satisfatória.

– De fato, nosso conhecimento sobre eles é limitado. – Respondeu Da'Far. – E é aí que entra o banco de dados do programa de investigação de crimes do tenente Rose.

– Nele há a informação completa e vetorizada de mais de quatro mil assassinos em série, psicopatas e criminosos brutais de toda a Federação e de vários outros mundos conhecidos. – Acrescentou Rose, fazendo um gesto com as duas mãos. – Da'Far e eu pretendemos utilizar essas figuras históricas como parâmetro, integrando suas rotinas de comportamento a personagens que simulem os sádicos. Assim, indivíduos que cometiam suas atrocidades individualmente, passarão a interagir entre si em naves como esta, como se fossem uma tripulação de pessoas visando o interesse mútuo de cometer crimes horrendos e abjetos.

– Pretendemos que nossa equipe se acostume com a visão desse tipo de cenário, possibilitando que assumam o controle em situações de perigo e mantenham o foco, inclusive tranquilizando os colegas. – Explicou Da'Far.

– Não é fácil fazer com alguém se acostume com ambientes assim. – Disse Kwa, dando sua opinião sincera em relação ao programa que estava sendo desenvolvido. – Quanto mais se manter tranquilo.

Da'Far não se abalou.

– Para mim, é quase inconcebível a existência de uma espécie como a dos sádicos, pois em Me'Chi não há sequer

registros de criminosos do tipo psicopata e assassino em série. – Disse o chefe de segurança. – Mas, mesmo assim, com o devido treinamento, sou capaz de racionalizar esse tipo de comportamento e manter a clareza em meus pensamentos numa situação de estresse, maximizando minhas chances de sobrevivência e daqueles sob minha proteção.

– O subcomandante Da'Far está correto. – Apoiou Rose. – E, quando nos referimos a tranquilizar alguém, é sobre ter a segurança de estar na presença de um colega que está capacitado para tomar conta daquela situação. Exatamente o tipo de segurança que sentimos quando você está no leme.

– Eu entendo. – Concordou Kwa, sentindo-se grata pelo elogio recebido e compreendendo que, mesmo em uma situação de extrema dificuldade, é possível se sentir seguro quando há alguém em quem depositar as esperanças. – Então o próximo passo é integrar o perfil desses milhares de assassinos ao programa modificado pelo subcomandante Da'Far?

– Não exatamente. – Disse Rose. – Nem todos os criminosos do meu programa possuem um perfil compatível com as diretrizes do treinamento, e eu nem mesmo conheço todos eles, por isso teremos que fazer uma seleção prévia.

– Sabe sobre algum miresita que tenha cometido crimes desse gênero? – Perguntou Da'Far a Kwa.

– Eu sei que no passado haviam pessoas assim em Mir. – Respondeu Kwa. – A mais famosa é Bsew, é claro, pois atribuem a ela a origem da crença de que nomes com sete letras ou mais dão azar.

– O que ela fez? – Perguntou Rose.

– Foi há mais de quatrocentos anos, em uma das antigas províncias meridionais do planeta. – Explicou Kwa. – Ela matou brutalmente e canibalizou sete pessoas cujos nomes tinham entre sete e dez letras. Seus crimes aterrorizaram a província inteira, demandando uma caçada sem precedentes e, quando finalmente a encontraram, ela estava vestindo uma roupa tenebrosa, feita com a pele de suas vítimas. Ninguém jamais descobriu de onde ela havia surgido ou quem era sua família, pois tudo que ela dizia é que nomes longos a deixavam com muito ódio e que eles deveriam ser purgados.

– É estranho dizer isso, mas esse é o tipo de indivíduo que estamos procurando. – Disse Rose. – Computador, a personagem Bsew está no banco de dados?

– Afirmativo. – Respondeu a voz do computador.

– Carregar personagem. – Ordenou Rose.

Uma miresita alta, com olhar profundo e rosto muito magro, apareceu diante deles, estática. Kwa instintivamente recuou alguns centímetros, conhecendo a imagem da infame conterrânea, mas Da'Far e Rose não se impressionaram tanto.

– Vejo que você já selecionou alguns outros nomes. – Comentou Da'Far, consultando uma lista em seu PADD.

– Sim, oito dos assassinos cujos crimes eu investiguei no programa original. – Disse Rose. – Carregar personagens Rose-C0.

Oito pessoas holográficas apareceram ao redor de Bsew, muitos com olhares ameaçadores e expressões perturbadoras em seus rostos.

– A maioria deles é humano. – Comentou o chefe de segurança. – José Ramos, Alana Maëlle Puga. – Ele deu uma olhada de perto em outro deles, mais ao fundo. – Por que este aqui está carregando uma lanterna primitiva?

– É um criminoso que viveu na terra há séculos. – Respondeu Rose. – Ele costumava portar uma luz vermelha enquanto invadia a casa de suas vítimas, causando pânico e terror antes de cometer o crime.

– Este zakdorn eu conheço. – Disse Da'Far, aproximando-se de outro personagem. – É um dos irmãos Dolrathuc, não é?

– Exatamente, é o mais novo dos três. – Confirmou Rose. – O piromaníaco que incendiou a colônia da Federação na lua de Zorkherom VIII.

– Acho que seria interessante executarmos um teste de integração com estes indivíduos. – Sugeriu Da'Far. – Assim, teremos um parâmetro de seu comportamento em grupo e...

Um poderoso estrondo, seguido de um som agudo e desagradável, estremeceu a USS Iguaçu da engenharia à ponte de comando. Por um instante, os amortecedores inerciais falharam, desequilibrando momentaneamente os três tripulantes no holodeck.

– O que foi isso? – Perguntou Kwa, adotando uma postura alerta.

– *Vernon para Da'Far e Rose.* – Ouviu-se a voz do capitão. – *Apresentem-se à ponte.*

– A caminho. – Respondeu Da'Far.

– Computador, mostrar saída e encerrar simulação. – Ordenou Rose.

A porta de saída do holodeck apareceu na parede ao lado deles, mas a simulação se manteve intacta.

– Fechar programa. – Ordenou Da'Far, já deixando o holodeck, apressado.

A simulação continuou em execução, ignorando o comando verbal do tenente comandante.

– Da'Far para engenharia. O holodeck está apresentando problemas. – Disse ele, tocando seu comunicador. – O programa que eu estava executando travou e não aceita comandos de encerramento.

– *Hashimoto falando.* – Ouviu-se a voz do chefe de engenharia. – *Mandarei uma equipe de reparos assim que entendermos o que houve aqui embaixo.*

Notando que havia sido iniciado um alerta amarelo e entendendo que haviam problemas maiores em andamento, Da'Far e Rose seguiram imediatamente para a ponte, enquanto Kwa, frustrada por estar dispensada dos seus afazeres, rumou para seus aposentos.

– O que houve? – Perguntou o tenente Rose, assim que pôs os pés na ponte.

– Nós batemos. – Disse o capitão Vernon.

– Aproximávamo-nos da nebulosa instável quando fomos surpreendidos por uma cascata de tétrions, o que nos obrigou a mudar de curso. – Explicou Chelaar, vendo a expressão de confusão no rosto dos colegas recém-chegados. – Instantes depois, colidimos com o que parece ser uma barreira subespacial hiperenergizada.

– Metade da nave está presa nessa singularidade, impedindo a formação de um campo de dobra estável. – Completou Shion. – E os motores de impulso foram danificados no impacto, deixando-nos completamente encalhados.

Assim que a primeiro oficial terminou a frase, as luzes se apagaram e, quando reacenderam, estavam amareladas e tremeluzentes.

– Ponte para engenharia. – Chamou o capitão. – Hashimoto, o que houve com a iluminação?

– *Não sei dizer, capitão.* – Ouviu-se a voz do engenheiro-chefe. – *Deveria ser impossível que as luzes principais brilhassem amareladas, afinal são todas de hassium-lux.*

– Comandante, os sensores captam uma considerável dispersão de energia fotônica originária na singularidade. – Informou Chelaar. – É possível que isso esteja interferindo com a iluminação da nave.

– Não parece ser um problema grave, então designe alguém de sua equipe para trabalhar nisso, comandante Hashimoto. – Disse o capitão. – Sua prioridade é colocar o motor de impulso em funcionamento.

– *Certamente, capitão.* – Disse o engenheiro-chefe. – *Teremos o motor operacional em três horas. Hashimoto desliga.*

Durante mais de uma hora, as equipes de ciências e engenharia trabalharam nos diversos problemas surgidos após o impacto com a singularidade, chegando à conclusão que a maioria deles estava sendo agravado pela enorme quantidade de energia fotônica que impregnava a nave.

– Capitão, a segurança está reportando o surgimento de elementos estranhos por toda a nave. – Informou Da'Far, recebendo um relatório em seu computador.

– Que tipo de elementos, comandante? – Perguntou Vernon.

– A lista é extensa, senhor. – Respondeu Da'Far. – Os mais comuns são pilhas ossos, bancos de metal e correntes, além de grades de metal, que estão bloqueando alguns corredores e acessos. – Ele entendeu o que estava acontecendo. – São compatíveis com os itens de cenário que inseri no programa de treinamento em que trabalhávamos.

O capitão levantou as sobrancelhas, espantado.

– E qual é a razão para essas coisas estarem fora do holodeck? – Perguntou ele.

– Acho que sei a resposta, senhor. – Informou Chelaar. – As emissões de energia fotônica da singularidade estão convergindo para o nosso holodeck, reproduzindo elementos do programa que está atualmente em execução e gerando um fluxo denso o suficiente para transformar a nave inteira em uma enorme holodeck.

– Encerre o programa. – Ordenou Shion.

– Temo que isso não seja tão simples, senhor. – Informou Rose. – Da'Far e eu tentamos fechar o programa antes de voltarmos à ponte, mas o computador não obedeceu.

– Rose está correto. – Concordou Chelaar. – Os controles estão travados, possivelmente em decorrência da sobrecarga de fótons. Creio que nem mesmo uma intervenção manual seria suficiente para desliga-lo nesse momento.

– Então precisamos nos libertar dessa singularidade antes que a nave se transforme no programa de treinamento do senhor Da'Far. – Disse o capitão Vernon.

A luz se apagou novamente, demorando vários segundos para reacender.

– *Engenharia para ponte.* – Ouviu-se a voz de Hashimoto. – *Acabamos de deter um zakdorn tentando provocar um incêndio nos conduítes de plasma da seção 22-f.*

– Não temos nenhum zakdorn a bordo. – Estranhou Nhefé.

Rose e Da'Far se entreolharam.

– Capitão, é possível que esse indivíduo seja uma projeção holográfica de um dos criminosos do nosso programa de treinamento. – Disse Da'Far. – Tínhamos carregado nove personagens antes de deixarmos o holodeck.

– Uma vez que temos nove assassinos em série holográficos soltos a bordo e um deles já foi detido prestes a cometer um ato de sabotagem, devemos assumir que as salvaguardas de segurança do holodeck não estão ativas no restante da nave. – Disse o conselheiro Nhefé.

– Alerta vermelho. – Disse o capitão. – Aqui fala o capitão Vernon. Temos nove indivíduos potencialmente perigosos espalhados pela nave. Quero todos os seguranças disponíveis posicionados nos setores críticos e pontos com maior aglomeração de pessoas, e toda a tripulação não essencial deve se manter em seus aposentos até segunda ordem. Vernon desliga.

– Permissão para deixar a ponte. – Pediu Da'Far. – Gostaria de liderar a segurança pessoalmente.

– Permissão para acompanhar o subcomandante Da'Far. – Pediu Rose, virando-se para o capitão.

– Concedido. – Disse Vernon. – Descubram onde estão esses personagens e os eliminem. Chelaar, quero que trabalhe com Hashimoto numa forma de controlar a situação sem dependermos dos motores.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar.

Da'Far e Rose deixaram a ponte com os fêiseres em punho. O chefe de segurança decidiu que era necessário averiguar se todos os nove personagens haviam efetivamente deixado o holodeck, tendo em vista que era impossível rastreá-los devido à sua natureza holográfica. Enquanto caminhavam, ele distribuiu orientações à sua equipe, determinando que fosse confirmada a localização e situação de cada um dos duzentos e onze tripulantes. O caminho até o holodeck foi mais longo do que de costume, pois muitas sessões estavam bloqueadas por grades de ferro holográficas, sendo necessário contorná-las.

– Se os fêiseres não surtem efeito nessas grades e elementos de cenário, devemos supor que não causarão dano aos personagens. – Disse Da'Far, diante da porta aberta do holodeck. – Precisamos remodulá-los para que emitam uma frequência capaz de dispersar a energia que compõe os hologramas, caso contrário, teremos que detê-los com força física, como fizeram na engenharia.

– *Gravil para comandante Da'Far.* – Ouviu-se a voz de um dos oficiais de segurança. – *Concluí o relatório da tripulação.*

– Estou ouvindo, tenente. – Disse Da'Far.

– *Dois tripulantes não responderam ao chamado: Cashas e Kwa.* – Informou Gravil. – *Conseguimos localizar os biosinais de Cashas em um corredor do deque 12. Estão estáveis, mas tememos que ela possa estar sendo feita prisioneira por um dos hologramas. Tivemos que usar força física para prender um deles na enfermaria, os fêiseres não tiveram efeito.*

– E a tenente Kwa? – Perguntou Rose, preocupado.

– Segundo os scanners, ela não está a bordo. – Respondeu Gravil. – *O sinal de seu comunicador desapareceu.*

– Ela pode estar no holodeck. – Disse Da'Far, olhando para Rose. – Tenente Gravil, oriente a todos que remodulem os fêiseres com base nas configurações que vou lhe transmitir agora e continue monitorando a situação com cuidado. Ainda temos sete criminosos holográficos à solta.

– *Sim, senhor.* – Disse Gravil. – *Mandarei reforços para sua posição.*

– Não podemos esperar os reforços. – Disse Rose, em tom de urgência. – Precisamos entrar no holodeck imediatamente, não sabemos qual é a situação da tenente Kwa.

– De acordo. – Disse o chefe de segurança. – Gravil, Rose e eu entraremos primeiro, peça que os demais nos sigam assim que possível. Da'Far desliga.

Os dois adentraram no ambiente nefasto do programa de treinamento que estava em execução no holodeck, vendo-se num escuro calabouço repleto de ossos e manchas de sangue. Da'Far se abaixou e pegou uma barra de metal ligada a um pedaço de corrente, assumindo uma postura de combate e tomando a dianteira, a fim de que Rose pudesse se concentrar em remodular os fêiseres. Em meio aos sons metálicos e rangidos, eles seguiram silenciosamente por um corredor tortuoso, ladeado por celas cheias de prisioneiros holográficos que gemiam e imploravam por ajuda. Sem dizer nada, Da'Far chamou a atenção de Rose para uma mecha de cabelo que parecia lã de carneiro, caída diante de uma larga porta, manchada com ferrugem e óleo.

O chefe de segurança encostou sua cabeça na parte inferior da porta, no intuito de ouvir algum barulho e, em

seguida, abriu-a cuidadosamente, assegurando-se de que não havia ninguém de tocaia do outro lado. Eles entraram em uma seção ampla, em quase completa escuridão, preenchida por diversas repartições e corredores estreitos, constituindo uma espécie de labirinto. Rose devolveu o fêiser de Da'Far, já reconfigurado com as especificações de dispersão fotônica, e no mesmo instante percebeu uma luz vermelha vinda do extremo oposto do corredor em que se encontravam.

– Você está aí, carneirinha? – Perguntou uma voz debochada. – Não adianta se esconder de mim, eu vou te achar e dessa vez não vou te deixar escapar, nem que eu tenha que cortar fora seus dois pés!

Rapidamente, Da'Far fez um gesto para que Rose se escondesse em uma das repartições sem porta, enquanto ele próprio daria a volta por outro corredor, de modo a encurralar o holograma que brandia sua lanterna de luz vermelha e chamava por Kwa.

– Carneirinha, cadê você? – Dizia ele, com a voz debochada e cheia de maldade.

Entendendo o plano de Da'Far, o tenente Rose deixou cair um pequeno instrumento metálico que jazia em uma mesa quadrada ao seu lado, atraindo a atenção do holograma.

– Então você está aí! – Exclamou o assassino, satisfeito, aproximando-se a passos largos da posição de Rose.

Menos de um segundo depois, o oficial tático ouviu o som de um disparo de fêiser, seguido de um gemido bizarro. Ele espiou para fora da repartição, vendo um homem que segurava uma lanterna de luz vermelha numa mão e

um facão na outra. Sabendo que se tratava apenas de um holograma, Rose disparou contra ele utilizando a regulagem máxima, ao mesmo tempo em que Da'Far disparava pelo outro lado. Todavia, à medida em que era atingido, o holograma apenas ficava momentaneamente confuso e em seguida ainda mais irritado, gemendo e gritando ofensas incompreensíveis.

– Mantenha ele distraído, eu vou derrubá-lo! – Gritou Da'Far, impelindo-se na direção do assassino.

Pyrrhus Rose, acostumado com as táticas do chefe de segurança, lançou-se pelo corredor e disparou um tiro contínuo contra o peito do holograma, que urrou assustadoramente. Com grande velocidade e destreza, o chimarrita deu um golpe rasteiro no criminoso holográfico e o derrubou contra seu próprio corpo, tomando o facão de sua mão e atravessando seu peito na exata altura onde ficaria o coração de um ser humano de carne e osso. Como se o golpe tivesse causado um dano fatal, o holograma estremeceu, deixando cair sua lanterna e fechando os olhos lentamente.

– Sorte a nossa ele não ter ciência de sua real natureza, ou esse golpe seria inútil. – Comentou Rose, ajudando Da'Far a empurrar o corpo do criminoso, encharcado de sangue holográfico.

– Rose! Da'Far! – Ouviu-se a voz aflita de Kwa, vinda de uma repartição próxima deles.

Sem demora, os dois correram na direção da voz dela, encontrando-a encolhida sob uma mesa, tentando conter um sangramento que havia em seu abdome.

– Vai ficar tudo bem! – Disse Rose, examinando o ferimento e ajudando a estancar o sangue amarelado.

– Da'Far para enfermaria. – Disse ele, tocando o comunicador em seu peito. Não houve resposta.

– O holodeck é o ponto da nave com maior saturação de energia fotônica, isso deve estar interferindo com as comunicações. – Disse Rose, preocupado. – Vamos ter que carregá-la até a saída.

– De acordo. – Disse Da'Far, empunhando o facão. – Leve-a, eu darei cobertura.

– Sim, senhor. – Disse Rose, passando o braço delicadamente por baixo de Kwa e a levantando do chão.

Para o infortúnio deles, assim que abriram a porta que dava para o corredor localizado entre a seção onde estavam e o calabouço que levava à porta do holodeck, iniciou-se uma intensa troca de tiros entre alguns seguranças, entrincheirados na saída do calabouço, e três hologramas, posicionados no lado oposto do corredor. Os hologramas eram liderados por Bsew que, completamente transtornada, segurava a cabeça decapitada de um quarto holograma em uma mão e uma antiquada arma de fogo de repetição na outra, disparando rajadas contínuas na direção da equipe de segurança.

– Estamos encurralados! – Disse Rose, enquanto Da'Far fechava a porta. – Se pedirmos para que nosso pessoal suspenda o fogo, seríamos alvos fáceis para os hologramas e, sem as salvaguardas de segurança, aqueles tiros seriam fatais!

– Precisamos de pelo menos dez segundos se quisermos ir daqui até o calabouço carregando a alferes Kwa. – Disse Da'Far.

– Por que não explodem o corredor? – Sugeriu a miresita, com a voz trêmula. – Os fêiseres podem ser inúteis contra os personagens, mas a explosão provocada por uma sobrecarga deve ser capaz de interagir com a simulação o suficiente para derrubar as paredes.

– É possível que funcione! – Disse Da'Far, entregando seu fêiser para Rose. – Programe uma sobrecarga enquanto eu passo instruções para o grupo no calabouço.

– Sim, senhor. – Disse Rose, e sorriu para Kwa, que estava pálida e ofegante. – Vai dar tudo certo.

O chefe de segurança abriu uma fresta na porta e, em meio aos estampidos e gargalhadas dementes de Bsew, gritou instruções para seus subordinados, utilizando códigos que não seriam compreendidos pelos hologramas. Rose tornou a pegar Kwa em seus braços e, com um aceno de cabeça, devolveu o fêiser para Da'Far, que apertou o comando de sobrecarga, abriu a porta e o arremessou rente ao chão, na direção dos personagens holográficos. Dois segundos depois, o som de uma forte explosão, acompanhado de um tremor por toda a nave simulada, indicou que o plano havia funcionado.

Sem perder tempo, Da'Far abriu a porta para Rose, que se precipitou pelo corredor na direção da equipe de segurança, chegando são e salvo com Kwa em seus braços. A explosão havia derrubado boa parte da parede e do teto do corredor próximo aos hologramas, mas eles logo se recuperaram do susto e voltaram a disparar, acertando Da'Far na altura do ombro esquerdo.

– Subcomandante! – Gritou Rose, vendo Da'Far cair no interior do calabouço, enquanto os outros seguranças davam cobertura.

– Estou bem. – Disse Da'Far, levantando-se com uma expressão de muita dor. – Precisamos sair daqui para conseguir um transporte de emergência para a enfermaria.

Rose assentiu, saindo apressadamente pela porta que levava ao corredor da nave, à esta altura tão escuro e sinistro quanto a nave simulada no holodeck.

– Rose para enfermaria. – Disse o oficial tático, tocando em seu comunicador. – Transporte de emergência para dois, travar no comunicador do subcomandante Da'Far e da alferes Kwa.

Instantes depois, os dois foram transportados para a enfermaria, deixando Rose sozinho com a equipe de segurança, que agora recuava, mantendo os hologramas ocupados o suficiente para que pudessem lacrar o holodeck assim que o último tripulante saísse do calabouço.

– Rose para ponte. – Disse ele, tocando novamente em seu comunicador. – Temos a situação sob controle no holodeck. Da'Far e Kwa estão na enfermaria, possivelmente fora de risco.

– *Entendido, tenente.* – Ouviu-se a voz do capitão Vernon, visivelmente aliviado. – *Retorne à ponte assim que possível.*

– Imediatamente, senhor. – Disse Rose, deixando a operação de fechamento do holodeck nas mãos da competente equipe de segurança.

Assim que chegou à ponte, Rose resumiu os acontecimentos recentes e foi informado que dois outros hologramas haviam sido capturados enquanto tentavam arrombar os aposentos de Cashas e da família de Pepe, o barman.

– Se minhas contas estiverem corretas, não deve mais haver nenhum holograma à solta. – Disse Rose. – Mas ainda temos o problema das projeções de cenários por toda a nave. Conseguiram fazer algum progresso?

– Em relação a desativar o holodeck ou as projeções externas, não há nada que possa ser feito. A dispersão fotônica é intensa demais. – Respondeu Chelaar. – A única alternativa é nos soltarmos dessa singularidade, mas os reparos do motor de impulso tiveram de ser suspensos após o surgimento de muros e grades por toda a engenharia.

– Pensamos em utilizar as naves auxiliares para nos rebocar, mas nossos cálculos indicam que os raios tratores não seriam fortes o suficiente. – Acrescentou Shion.

– Foi então que decidimos utilizar a formação de dobra de emergência. – Disse Vernon. – As naves auxiliares estão sendo posicionadas enquanto falamos.

As naves da classe Void possuíam quatro naves auxiliares capazes de velocidade de dobra, sendo as da USS Iguaçu chamadas de Amito, Camauro, Férula e Mozeta. Quando essas naves auxiliares eram acopladas a pontos específicos do casco e acionadas simultaneamente, mediante um protocolo específico, tornava-se possível a criação de um campo de dobra estável capaz de mover a nave em velocidade máxima de dobra 5. Esta operação era intitulada "formação de dobra de emergência", e era extremamente

útil em situações onde os motores principais sofriam avarias e não havia tempo hábil para consertá-los.

– Mas metade da Iguaçu está presa na singularidade. – Disse Rose. – Seria possível formar um campo de dobra completo?

– Nós vamos formar um campo parcial, utilizando apenas duas das quatro naves auxiliares. – Explicou Chelaar. – Hashimoto e eu acreditamos que se acionarmos os motores de dobra apenas por alguns segundos, seremos capazes de romper a ligação subespacial que nos prende à singularidade, sem provocar distúrbios ou deslocamentos quantificáveis.

– Ou partiremos a Iguaçu ao meio. – Disse Nhefé.

Rose respirou fundo, virando-se para seu monitor e guardando para si os questionamentos que vinham à sua mente. Tudo que ele precisava naquele momento era confiar nas habilidades de seus colegas, e ele tinha plena certeza de que Chelaar e Hashimoto eram capazes de tirá-los daquela situação em segurança.

– *Hashimoto para Vernon.* – Ouviu-se a voz do engenheiro-chefe. – *Naves posicionadas e prontas.*

– Entendido, comandante. – Disse o capitão Vernon. – Acionar.

Um zunido metálico baixo ecoou por toda a nave, e as luzes se apagaram uma última vez, mas quando reacenderam, estavam brancas e fortes como haviam sido projetadas para ser.

– *Estamos livres da singularidade, capitão.* – Informou Hashimoto. – *Alguns elementos do cenário já desapareceram.*

– Excelente. – Disse o capitão Vernon, ajeitando-se em sua cadeira. – Posicione as outras duas naves e inicie a formação de dobra de emergência completa. Quero a Iguaçu longe dessa singularidade o quanto antes.

– *Sim, senhor.* – Disse o engenheiro-chefe.

"Diário do capitão, suplemento. Mesmo com hologramas de assassinos em série à solta pela nave, não tivemos nenhuma baixa, especialmente em razão da ação rápida e organizada de nossa equipe de segurança. A alferes Kwa e o subcomandante Da'Far passam bem, e não há mais nenhum elemento holográfico fora do holodeck. Após nos afastarmos da singularidade, ordenei o lançamento de algumas boias de sinalização para que outras naves não fossem pegas de surpresa pela barreira subespacial. Seguiremos viagem assim que os reparos nos sistemas de propulsão forem concluídos".

Episódio 14

Abdução

Assim que a energia de dobra foi restaurada, a USS Iguaçu prosseguiu em sua viagem pela galáxia anã do cão Maior, seguindo na direção da misteriosa região chamada pelos brasilanos de “zona diferenciada”. Apesar do incidente recente com os hologramas assassinos, o programa de treinamento de Da’Far não foi cancelado, e o capitão determinara que ele e Rose continuassem a selecionar e integrar os personagens que tivessem perfis compatíveis com o dos sádicos. Para a surpresa de Vernon, o número de voluntários para o treinamento subira consideravelmente após o incidente, demonstrando o desejo da tripulação em se preparar para situações como aquela.

– Soube que o comandante Hashimoto foi visitar Kwa na enfermaria, hoje à tarde. – Disse Vernon para o doutor Horvat. Eles estavam conversando em uma mesa do andar inferior do bar panorâmico que, devido ao horário, estava quase vazio.

– Amizades improváveis costumam ser as melhores. – Disse Horvat, levantando um dedo. – Não é verdade que Nhefé e Chelaar têm almoçado juntos às vezes?

O capitão Vernon assentiu, sorrindo.

– Eu me orgulho de como a tripulação tem se unido desde que viemos para Cão Maior. – Disse Vernon. – Isso é

mais importante do que suas habilidades individuais, fichas de serviço e condecorações. Uma nave estelar é sustentada pela confiança e respeito entre seus tripulantes, e não pelo reator de dobra e pelos protocolos.

– Não deixe que os vulcanos o escutem dizer isso. – Riu Horvat.

O capitão sacudiu os ombros e encarou o doutor, estreitando o olhar.

– Sempre que observo a tripulação interagindo e criando laços de amizade, também sou capaz de notar quando há algum tipo de atrito. – Comentou ele. – E algo me diz que você e a doutora Brexdan ainda não encontraram um denominador comum.

Horvat coçou a cabeça e levantou as sobrancelhas, embaraçado.

– Eu respeito a doutora Brexdan. – Disse o médico. – Apenas não concordo com o jeito dela trabalhar.

– Se for algo que possamos resolver juntos, estou à disposição. – Ofereceu-se Vernon.

– Não creio que seja possível "resolver", afinal ela é betazoide e isso não se muda tão facilmente. – Disse Horvat, desabafando. – E ainda por cima ela é a médica mais betazoide que eu já conheci. Ela se preocupa mais com as emoções e sentimentos de um paciente do que com sua pressão sanguínea ou suas reações bioquímicas à medicação.

– Deve ser difícil pensar dessa forma, sabendo que ela é capaz de sentir exatamente o que você está sentindo. – Comentou Vernon.

– Para minha sorte, eles sempre são muito compreensivos. – Disse o doutor, suspirando. – Eu juro que tento ser profissional, mas quando vejo os tratamentos complementares alternativos que ela aplica... – Ele balançou a cabeça em desaprovação. – Ontem mesmo ela permitiu que Kwa praticasse seus alongamentos matinais, apenas porque isso a deixaria mais feliz e confortável com o ambiente da enfermaria e, segundo Brexdan, fatores como esse aceleram a recuperação de um paciente.

O capitão Vernon apenas sorriu, deixando de emitir julgamentos sobre as divergências profissionais dos dois médicos. Nesse momento, Pepe, o barman, trouxe uma garrafa quadrada, contendo um líquido amendoado, e encheu o copo de Horvat, pois apenas o médico bebia.

– Eu nunca apreciei o licor de kanar. – Comentou o capitão.

– Este não é sintetizado. – Disse Horvat, saboreando a bebida. – Ganhei algumas garrafas durante uma missão humanitária na fronteira entre o Novo Império Cardassiano e a República Cardassiana dos Planetas Livres.

– Soube que a situação está muito complicada naquela região. – Disse o capitão. – A capacidade do Novo Império em suprir seus territórios com alimentos e medicamentos é mais precária do que os seus líderes querem admitir.

– Cardassianos. – Assentiu Horvat. – Seu orgulho é sempre superior à sua razão. Mesmo sendo nossos aliados, eles só aceitam nossa ajuda em situações extremas.

– Eu ainda era muito jovem quando a Federação mediou a divisão da União Cardassiana. – Disse Vernon. – Mas

lembro que todos acreditavam que a RPCL se tornaria nossa aliada, e não o Novo Império.

– Sim, foi uma surpresa quando a RPCL fechou suas fronteiras e exigiu um acordo de não interferência. – Disse Horvat. – E pelo pouco que sabemos, a situação deles é muito melhor do que a do Novo Império.

– Vivemos em tempos onde os grandes impérios são apenas uma sombra do que já foram um dia. – Comentou Vernon, reflexivo. – O Império Romulano do Ocidente perde força a cada dia, enquanto o do Oriente se isola para manter seus territórios sob controle, e o Império Klingon tem sorte de ainda existir após as tantas guerras insustentáveis travadas pelo imperador Kawroth, o Insano.

– Até mesmo a Hegemonia Gorn está retraída desde que a Federação assumiu o controle e a defesa do Corredor Encarniçado e integrou os planetas klingons separatistas. – Acrescentou Horvat. – Agora é indiscutível que nos tornamos, de longe, a verdadeira hegemonia dos quadrantes alfa e beta.

– Os Breens parecem não concordar com isso, doutor. – Disse Vernon, inclinando-se e apoiando um braço na mesa. – Eles estão expandindo seu território a cada ano e, depois da tomada de Ferenginar, o comando da Frota prevê que uma guerra contra eles seja inevitável a médio prazo.

– Isso seria lastimável – Disse Horvat. – Pela primeira vez desde que a Federação foi fundada, há quase trezentos anos, nós vivemos um período de mais de duas décadas sem haja alguma guerra declarada.

– E faremos o que estiver ao nosso alcance para manter essa paz duradoura. – Disse Vernon.

O doutor Horvat levantou seu copo de kanar em um brinde simbólico.

Na manhã seguinte, os sensores de longo alcance da USS Iguaçu detectaram a aproximação de três naves alienígenas, todas vindas de um ponto da borda da chamada "zona diferenciada". A alferes Kwa, que havia recebido alta e estava novamente no controle do leme, desacelerou a nave a pedido do Capitão Vernon.

– Estão em alcance visual. – Informou Da'Far.

– Na tela. – Ordenou Shion.

As três naves eram muito diferentes entre si. A maior delas, quase dez vezes maior do que as outras, possuía o formato alongado e repleto de sulcos longitudinais em seu casco azul escuro, além de duas robustas naceles de dobra ventrais. A nave que viajava no centro da formação era uma esfera perfeita e completamente branca, com quatro naceles cônicas saindo simetricamente de seu hemisfério superior. A terceira nave, por sua vez, possuía um módulo central disforme, conectado a diversas torres piramidais alaranjadas, e nenhuma nacele de dobra visível.

– Abra um canal para a nave posicionada ao centro. – Disse Vernon.

– Sim, senhor. – Disse a subtenente Barsotti. – Canal aberto.

– Aqui é o capitão Vernon da nave estelar da Federação Iguaçu. – Apresentou-se o capitão.

A imagem de uma alienígena pálida, muito magra e com os cabelos bancos, vestindo um requintado paletó bordô, apareceu na tela principal.

– Eu sou Sum Lattenara, coordenadora do Consórcio Integrado do Limiar. – Disse ela, educadamente, fazendo um gesto com sua mão esquerda desproporcionalmente robusta. – Perdoe-me, mas nunca ouvi falar em uma “Federação” antes, capitão. Por favor, pare sua nave e declare suas intenções nesta região do espaço.

– Parada total. – Disse Vernon para Kwa, e em seguida se levantou. – Senhora coordenadora, somos uma nave de exploração científica da Federação dos Planetas Unidos, e viemos da Via Láctea com o objetivo de conhecer novos mundos e fazer contato amigável com novas civilizações. – Ele percebeu que a alienígena ficou espantada. – Buscávamos estudar a zona diferencial.

– Zona diferencial? – Estranhou ela. – Está se referindo ao Não-Espaço? – Um dos alienígenas cochichou uma informação no ouvido de Lattenara. – Oh, entendo. É assim que os brasilanos chamam o Não-Espaço.

– Exato. – Concordou Vernon. – Foi deles que obtivemos essa designação para essa região.

– Os brasilanos são conhecidos por não saírem do seu espaço por décadas. – Disse Sum Lattenara. – E, francamente, poucos povos toleram o convívio com eles. Vocês devem ter muita paciência.

– Tudo em nome da diplomacia. – Disse Vernon, sorrindo. – Nós viajamos muito para estarmos aqui, e não vamos deixar algumas diferenças culturais interferirem em nossas relações com os povos que acabamos de conhecer.

– Já que é assim, o senhor e sua tripulação estão convidados a conhecer nossa estação turística na borda do Não-Espaço. – Disse a coordenadora Lattenara, fazendo

uma reverência sutil. – Tenho certeza que muitas pessoas ficarão fascinadas com a chegada de visitantes tão inusitados quanto vocês.

– É um prazer ouvir isso, coordenadora. – Disse Vernon, polido. – Ficaremos satisfeitos em promover um intercâmbio cultural e, se a senhora desejar, sinta-se convidada a vir a bordo e nos conhecer melhor no caminho até sua estação.

– Confesso que fico tentada a aceitar o convite, pois há muitas perguntas que eu gostaria de fazer. – Disse Lattenara. – Mas temos muito trabalho agora que o Restaurante Finito está quase pronto, e preciso permanecer no meu posto.

– Compreendo. – Disse Vernon. – Neste caso, acompanharemos suas naves até o Não-Espaço.

– De acordo. – Disse Lattenara, mas algo no monitor em sua frente lhe chamou a atenção e ela fez uma breve pausa. – Perdoe-me se o deixei esperando, capitão, mas devo lhe informar que meus sócios estão acompanhando esta conversa de suas naves, e um deles me disse algo muito intrigante.

– Entendo perfeitamente, coordenadora. – Disse Vernon, mantendo a diplomacia. – Mas fiquei curioso, o que foi que seu sócio disse?

– Que viu outra pessoa da sua espécie há cerca de uma semana, em uma lua no sistema Pleummona. – Respondeu Lattenara.

Shion moveu as antenas, intrigada, e alguns tripulantes da ponte se entreolharam.

– Isso é muito improvável. – Disse o capitão Vernon. – Talvez tenha sido apenas alguém de uma espécie muito semelhante fisicamente.

– De modo algum, capitão, os pergâmi são excelentes fisionomistas, e o coordenador Ba-üd garantiu que essa pessoa usava um uniforme idêntico ao seu, nas cores preto e vermelho. – Concluiu Sum Lattenara.

– E há mais alguma informação a respeito dessa pessoa? – Perguntou Vernon.

– Parecia estar prestando serviços de engenharia no comando orbital da estação de mineração. – Respondeu ela, observando algumas informações em seu monitor. – É tudo o que sabemos.

– Gostaria de poder investigar isso. – Disse o capitão Vernon. – A que distância fica essa lua?

– Eu lhe enviarei as coordenadas exatas, mas não deve levar mais do que oito horas para chegar lá, contornando o cinturão de asteroides Quelcquoe Menor. – Disse Lattenara, solícita. – A estação de mineração é de propriedade de minha espécie e, se o senhor desejar, posso enviar uma mensagem subespacial para que eles o recebam adequadamente.

– Eu agradeceria muito. – Disse o capitão, sorrindo. – Creio que vamos atrasar nosso intercâmbio por mais um dia ou dois.

– Nós os aguardaremos. – Respondeu Lattenara, devolvendo o sorriso e encerrando a transmissão.

O capitão olhou imediatamente para Nhefé, que cruzou seus oito dedos das mãos.

– Acredito que o risco seja aceitável. – Disse ele. – Se o sócio de Lattenara for realmente um fisionomista tão habilidoso quanto ela diz, então temos um enigma em nossas mãos. – Ele se recostou em sua cadeira. – Também é possível que eles estejam preparando uma emboscada nessas coordenadas, agora que viram que o poder de fogo de suas três naves é inferior ao nosso.

– Imediato? – Perguntou o capitão, virando-se para Shion.

– Estou curiosa para resolver esse enigma. – Disse a andoriana.

– Então está resolvido. – Falou o capitão. – Srta. Kwa, marque um curso para a estação de mineração, dobra 6. Acionar.

Conforme a coordenadora Sum Lattenara havia dito, foram necessárias menos de oito horas de viagem para que a USS Iguaçu alcançasse o sistema solar Pleummona, encontrando rapidamente a lua onde estava instalada a estação de mineração. Em sua órbita, feita de um material muito branco, estava a estranha estação de comando, composta de centenas de pequenas esferas conectadas por cabos e tubos.

– Estão nos chamando. – Informou Barsotti. – Apenas áudio.

O capitão fez um gesto com a cabeça, indicando que o canal deveria ser aberto.

– Saudações USS Iguaçu, sou o chefe Mik Eddeoru. – Ouviu-se uma voz muito grave. – Recebi ordens de ajudá-los no que precisarem, mas infelizmente não poderei recepcioná-los na estação neste momento, pois estamos no meio

de um delicado procedimento de repolarização da matriz gravitacional.

– Meu nome é capitão Vernon. – Disse ele. – Agradeço sua disposição em ajudar e, para não tomar seu tempo, irei diretamente ao assunto: um dos sócios da coordenadora Lattenara afirmou que viu alguém de minha espécie em sua estação de comando há alguns dias.

– Sim, alguns pergâmi estiveram aqui para inspecionar um carregamento de prata. – Disse a voz. – Eles devem ter visto aquela mulher estranha enquanto ela trabalhava no alinhamento dos bancos de dados.

– Estranha? – Insistiu Vernon. – Poderia especificar, por gentileza?

– Nunca vi ninguém da espécie dela antes. – Explicou a voz. – Ela chegou aqui em um cargueiro há pelo menos dez dias, contando uma história fantasiosa sobre viagem intergaláctica e algum tipo de agremiação entre planetas. Ela que precisava de uma nave auxiliar e estava disposta a trabalhar para comprar uma. – Um chiado perturbou a transmissão. – Eu não acreditei em nada, é claro, mas quando ela resolveu a pane criptográfica em nosso computador central, percebi que seu conhecimento era muito avançado e ofereci um acordo. Há dois dias ela concluiu os trabalhos que eu solicitei e partiu, levando consigo uma de nossas naves auxiliares e deixando melhorias impressionantes em nossa estação. Nossa eficiência de processamento subiu mais de 160%.

Vernon e Shion se entreolharam.

– Poderia nos dizer qual era o nome e a aparência dessa mulher, ou então nos encaminhar alguma imagem de registro? – Pediu o capitão.

– Ela se apresentou com Nadi. – Disse o chefe Eddeoru, em meio aos ruídos e chiados cada vez mais frequentes. – Não temos nenhum registro visual dela, mas era uma mulher jovem, com menos de 1,70m, pele corada e cabelos amarelos. Vestia uma calça preta e uma camisa vermelha, com um broche metálico no lado esquerdo do peito.

Shion moveu as antenas, espantada. Chelaar estreitou o olhar.

– O senhor poderia nos encaminhar as coordenadas da direção tomada pela nave dessa mulher? – Perguntou o capitão Vernon.

– Certamente, capitão, enviarei agora mesmo, antes que a interferência aumente. – Disse a voz. – Ela é uma criminosa procurada?

– Acredito que não. – Respondeu o capitão. – Mas estamos muito interessados em conhecê-la.

– Ela pode ser de grande ajuda para atualizar sistemas de bancos de dados e criptografia. – Disse Mik Eddeoru. – Eu até ofereci um cargo permanente em nossa equipe de tecnologia algorítmica, mas tudo o que ela queria era retornar para seus compatriotas.

– Agradecemos sua colaboração, chefe Eddeoru. – Disse Vernon, e se despediu, encerrando a transmissão.

Os tripulantes da ponte estavam intrigados com as descrições fornecidas pelo alienígena da estação de comando orbital.

– As coordenadas chegaram, capitão. – Informou Da'Far. – A nave auxiliar partiu na direção do sistema Suffodio.

– O que acha, conselheiro? – Perguntou Vernon.

– São coincidências demais para ignorarmos. – Disse Nhefé. – Embora a descrição física da mulher tenha sido insuficiente para definir sua espécie, devemos levar em consideração a descrição de suas vestimentas, além de seu conhecimento tecnológico avançado, menção a viagens intergalácticas, desejo em reencontrar seus iguais e o rumo tomado por sua nave, que coincide com nossa trajetória por Cão Maior. Em adição a isso, podemos interpretar "agremiação" como Federação.

– Mas como seria possível que um humano membro da Frota Estelar estivesse aqui em Cão Maior? – Perguntou Shion.

– Nossa tripulação está completa, com exceção do alferes Abaroa, é claro. – Disse Nhefé. – Então é altamente improvável que essa pessoa tenha alguma relação direta conosco.

A USS Iguaçu seguiu na mesma direção da nave auxiliar misteriosa, e os sensores não demoraram a encontrar uma assinatura de dobra compatível com as especificações transmitidas pelo comando orbital de mineração.

– Acredito que encontramos nossa nave, capitão. – Disse Da'Far. – Estamos em alcance de comunicações.

– Subtenente Barsotti, abra um canal. – Disse Vernon.

– Sem resposta. – Disse Barsotti, prontamente.

– As sondagens indicam uma forma de vida a bordo. – Informou Chelaar. – Os biosinais são compatíveis com os de uma fêmea humana.

– Parece que há algo de verídico neste enigma, enfim. – Disse Shion.

– Resta saber o que há de inverídico. – Perguntou o capitão Vernon. – Srta. Kwa, quanto tempo para interceptação?

– Dois minutos, senhor. – Respondeu Kwa.

– Capitão. – Chamou Chelaar. – Estou recebendo uma transmissão vinda da nave auxiliar. – Ela fez uma pausa, confusa. – A transmissão é direcionada diretamente para minha estação e utiliza um canal prioritário da inteligência da Frota para assuntos científicos.

– Como isso é possível? – Estranhou Shion.

– Na tela. – Ordenou o capitão, aprumando-se na cadeira.

A imagem de uma mulher, claramente humana, com cabelos loiros presos em um rabo de cavalo e vestindo um uniforme da Frota Estelar, divisão de comando, apareceu na tela principal.

– Capitão Vernon! – Exclamou ela. – Finalmente!

– Nós nos conhecemos? – Perguntou Vernon.

– Sou eu! Subtenente Giulia Naggi, oficial de comunicações da Iguaçu! – Respondeu a mulher, exasperada.

– Lamento, mas nossa oficial de comunicações é a subtenente Narcisa Barsotti. – Disse Vernon. – Deve haver algum...

– Não há engano algum, capitão, a pessoa que está no posto de comunicações da Iguaçu é certamente uma impostora! – Interrompeu Giulia.

– Isso é impossível, estou certo de que nunca vi você antes. – Disse o conselheiro Nhefé. – E minha memória é, para se dizer o mínimo, fotográfica. Se eu a tivesse visto uma única vez na vida, ainda assim eu me lembraria de você.

– E eu posso não ter a memória de um veniano, Giulia Naggi, mas minhas lembranças de vários anos de amizade e serviço ao lado da subtenente Barsotti são muito claras. – Afirmou Vernon.

– Eu não sei explicar quem é ela, por que tomou meu lugar ou como fez com que vocês todos se esquecessem de mim. – Disse Giulia. – Mas eu vou achar um meio de provar que estou dizendo a verdade!

O capitão Vernon fez um sinal para que Chelaar cortasse o áudio.

– Não acredito no que ela diz, mas não há dúvidas de que ela é humana e isso nos trouxe muitas perguntas e poucas respostas. – Disse ele.

– Sugiro que nós a transportemos e façamos um exame médico completo, além de um interrogatório mais detalhado. – Sugeriu o conselheiro Nhefé. – Assim, poderemos comprovar definitivamente sua natureza, bem como identificar vestígios de deslocamento temporal ou paralelos quânticos.

– Concordo com o conselheiro. – Disse Shion. – É possível que ela esteja fora de seu contínuo espaço-temporal e, portanto, acredite verdadeiramente no que diz. Trazê-

la a bordo não acarretará nenhum risco para a Iguaçu, e nos deixará mais próximos de desvendar o mistério.

– O que acha, subtenente Barsotti? – Perguntou o capitão, virando-se para ela.

A oficial de comunicações pareceu confusa e surpresa com a pergunta.

– Senhor, eu realmente não sei o que pensar. – Disse ela, por fim. – Nunca imaginei que um dia alguém fosse aparecer nessas circunstâncias e dizer que eu não sou quem eu sou. Afinal de contas, eu sei quem eu sou e eu sei tudo o que vivi para chegar aqui.

– Entendo. – Disse o capitão. – Eu também não tenho dúvidas de que o seu lugar é aqui conosco, mas precisamos descobrir o que está acontecendo. – Ele fez outro sinal para que Chelaar voltasse a transmitir o áudio. – Nós deliberamos e...

– O senhor decidiu que me transportar a bordo não traria riscos à Iguaçu e que me submeter a exames médicos completos ajudaria a elucidar minha estranha presença em Cão Maior. – Disse Giulia, sorrindo. – Além de conhecer os procedimentos da Frota Estelar e também o seu método de comandar, capitão Vernon, eu sou muito boa em leitura labial.

– Então já sabe qual é nossa proposta. – Disse Vernon, sério.

– Sim, senhor. – Respondeu Giulia. – Concordo em ser transportada e submetida a qualquer exame que julguem necessário, pois isso apenas provará que estou falando a verdade.

– Veremos. – Disse o capitão Vernon. – Sr. Da'Far, posicione uma equipe de segurança na enfermaria e transporte nossa convidada diretamente para lá.

– Sim, senhor. – Disse o chefe de segurança.

Pouco depois, tomadas todas as providencias de segurança, Giulia foi transportada para a enfermaria e submetida a uma série de exames e sondagens executados pelo doutor Horvat, sob os olhares atentos do capitão Vernon e de Chelaar.

– Não há dúvidas de que ela é humana. – Disse Horvat, comunicando os resultados dos exames ao capitão e à oficial de ciências, em sua sala reservada. – Saudável em todos os aspectos físicos e neurológicos. Também não há indícios de deslocamento temporal e a assinatura quântica dela é idêntica à nossa. Ela definitivamente pertence ao nosso universo e ao nosso tempo.

– Da'Far não encontrou nenhuma referência a uma subtenente Giulia Naggi nos registros do computador. – Informou Chelaar. – Não há como ela estar dizendo a verdade.

– É claro, mas então como isso é possível? – Perguntou o capitão Vernon.

– Não tenho nenhuma teoria, senhor. – Disse Chelaar, balançando a cabeça.

– Então é hora de interrogá-la. – Disse Vernon, virando-se para deixar a sala e voltar à enfermaria.

Giulia estava em pé, ao lado da maca onde fora submetida aos exames, com uma expressão serena no rosto.

– Srta. Naggi. – Começou o capitão, aproximando-se dela. – O doutor Horvat detectou uma variância de fase incomum em seus padrões neurais, causada possivelmente por um distúrbio quântico, o que nos leva a crer que...

– Perdoe-me por interrompê-lo novamente, senhor. – Disse Giulia. – Mas eu sei que isso não é verdade. Eu o conheço o suficiente para saber quando está blefando.

– Não estou blefando. – Insistiu o capitão.

– O senhor fez o mesmo em Nova Gliese, quando capturamos a duplicata biocinética do embaixador Acutis. – Disse Giulia. – E fui eu que lhe dei essa ideia.

– Certo. – Disse Vernon, suspirando. – Já que a senhorita sabe tanto sobre nós e nosso passado, e nós não sabemos nada sobre você e o seu, está na hora de nos revelar um pouco de sua história. Por que não começa explicando de onde veio e como chegou aqui?

Giulia assentiu.

– A última coisa da qual consigo me lembrar é que estávamos negociando nossa passagem pelo espaço brasilano. – Disse ela. – Chelaar e eu almoçamos juntas no refeitório e em seguida eu fui até meus aposentos, mas assim que entrei, perdi a consciência. Quando acordei, estava numa espécie de câmara de bioestase em uma instalação deserta no interior de uma pequena lua.

– Que tipo de instalação? – Perguntou Vernon.

– Era semelhante a um laboratório, mas com tecnologia muito além das que encontramos até então em Cão Maior. – Explicou Giulia. – Havia centenas de pessoas nas mesmas condições de bioestase, de várias espécies diferentes, mas pelo que pude perceber, minha câmara foi a única

que apresentou defeito e fez com que eu despertasse. Quando tive certeza de que eu estava sozinha, procurei uma forma de escapar e o fiz utilizando uma pequena nave auxiliar equipada com camuflagem. – Ela respirou fundo. – Se eu não fosse especialista em xenolinguística, jamais teria conseguido pilotar aquela coisa. E eu sabia que não demoraria muito até que meus raptores descobrissem minha fuga e viessem atrás de mim, por isso abandonei a nave no primeiro planetoide habitado que encontrei e arrumei uma carona em um cargueiro que transportava prata.

– Se você desejava encontrar a Iguaçu, por que não o fez utilizando a nave auxiliar camuflada? – Perguntou Chelaar.

– Além de não ser rápida o suficiente, ela pertencia à espécie que me abduziu e, sendo uma peça de sua tecnologia, considerei-a muito mais suscetível ao rastreamento. – Respondeu Giulia. – Decidi que a única forma de "desaparecer" era esconder os meus rastros e conseguir uma nave diferente, então assim que o cargueiro chegou ao comando orbital de uma estação mineração, ofereci meus serviços em troca de uma nave auxiliar. Desde então, tenho viajando da maneira mais discreta possível, seguindo uma rota inversa que poderia me levar à Iguaçu. – Ela sorriu. – Mas vocês me encontraram antes.

– É uma história interessante, srta. Naggi. – Disse o capitão. – Mas não explica como nós somos incapazes de lembrar de você.

– Não tenho explicação para isso. – Disse Giulia. – Mas posso afirmar com toda a certeza que sua oficial de comunicações é uma impostora.

– Narcisa tem servido comigo há anos e a considero uma amiga íntima. – Disse Chelaar, cética. – E você eu nunca vi antes.

– Como pode dizer isso, Chela? – Disse Giulia, indignada. – Eu fui sua madrinha de casamento, organizei a festa surpresa da sua promoção à oficial de ciências da Ganímedes, chorei ao seu lado quando sua avó faleceu... – Ela se virou para Vernon. – Capitão, se o senhor não tivesse me resgatado dos breens, eu jamais teria entrado para a Frota Estelar, e hoje eu estaria usando os trapos de uma escrava ao invés deste uniforme.

– Não há registro de nenhuma Giulia Naggi na Frota Estelar. – Falou Vernon.

– Então como eu poderia saber de tudo isso? – Perguntou Giulia, desesperada. – Como eu conheceria as frequências criptografadas da inteligência da Frota que usei para contatar a estação de Chelaar quando vocês ignoraram meus chamados?

– Nós não ignoramos seus chamados. – Disse Chelaar. – Foi você que nos ignorou.

Giulia arregalou os olhos.

– Aí está! – Exclamou ela. – Verifique os registros de comunicação, verá que eu tentei contatar a Iguaçu assim que vocês apareceram nos sensores.

Vernon e Chelaar se entreolharam.

– Não há prejuízo nisso, há? – Perguntou Giulia, determinada.

– Não, não há. – Disse Vernon, e levou a mão ao peito.

– Capitão, espere! – Interrompeu Giulia. – Não solicite essa varredura diretamente à ponte, ou a impostora poderá falsificar os registros para se proteger. É melhor utilizar um dos painéis da enfermaria para enviar uma solicitação diretamente ao subcomandante Da'Far, e ele poderá fazer a verificação sem o conhecimento de sua oficial de comunicações.

O capitão assentiu, fazendo um gesto para Chelaar, que foi até um dos painéis da enfermaria e transmitiu as ordens para o chefe de segurança. Menos de um minuto depois, o painel emitiu um breve bipe, demonstrando que Da'Far havia respondido. Chelaar demorou por alguns instantes examinando os dados, e parecia muito contrariada.

– Ela... ela está certa, capitão. – Disse a tellarita. – A nave auxiliar tentou contato conosco dezesseis vezes e, em todas elas, a estação de comunicações bloqueou a transmissão. – Ela deu uma breve olhada para Giulia. – E não há nenhum registro de que a Iguaçu tenha saudado a nave auxiliar quando o senhor ordenou que isso fosse feito.

– Eu não disse? – Falou Giulia.

Vernon refletiu por um momento, olhando para Chelaar e Horvat, que pareciam igualmente surpresos pela evidência apresentada por Da'Far.

– Acho que chegou a hora de uma acareação. – Disse o capitão, por fim. – Chelaar, envie uma ordem para que Da'Far detenha a subtenente Barsotti e a leve para a sala de reuniões da ponte. Peça que Nhefé o acompanhe.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar.

– Eu suponho que também permanecerei sob vigilância até que a verdade se torne incontestável. – Disse Giulia, olhando de canto para os dois seguranças que estavam posicionados ao seu lado.

– Ainda não confio em você e não acredito no que está dizendo, srta. Naggi. – Disse Vernon, em tom sério.

O capitão deixou a enfermaria prontamente, acompanhado por Chelaar, Horvat, Giulia e os dois seguranças. Eles fizeram o percurso até a sala de reuniões da ponte em silêncio e, chegando lá, se depararam com Nhefé e Da'Far em pé ao lado de Barsotti, que estava sentada com uma expressão confusa e preocupada no rosto.

– Capitão, eu não acho que isso seja necessário. – Disse a oficial de comunicações, levantando-se.

– Eu gostaria que não fosse, subtenente. – Disse o capitão, fazendo um gesto para que todos se sentassem. – Mas precisamos esclarecer alguns pontos.

Barsotti engoliu em seco e sentou novamente em sua cadeira, bastante nervosa.

– Verificamos os registros da estação de comunicações da nave e identificamos algumas divergências inesperadas. – Começou o capitão. – Dezesseis vezes a nave auxiliar enviou uma mensagem de saudação e dezesseis vezes ela foi recusada. Além disso, quando eu determinei que fizéssemos contato, nenhuma transmissão foi feita pela Iguaçu. – Ele respirou fundo. – Eu confio em você, Narcisa, e sempre confiei, mas preciso que me dê uma razão muito boa para ter omitido essas informações e desobedecido minhas ordens diretas.

– Deve ter sido apenas um erro na gravação do registro. – Defendeu-se Barsotti. – Eu não teria razões para mentir, vocês sabem disso!

– Asseguro que não houve erro algum. – Disse Da'Far. – Executei um diagnóstico de confirmação redundante no banco de dados e não há dúvidas de que as transmissões entre a Iguaçu e a nave auxiliar foram deliberadamente ignoradas.

O capitão Vernon continuou olhando nos olhos de Barsotti, desejando que ela tivesse uma explicação satisfatória para seus atos.

– Conselheiro? – Disse ele, virando-se para Nhefé.

– Eu lembro claramente da nossa oficial de comunicações desde o dia em que partimos da estação espacial Catadupa, observei e passei a conhecer seu modo de agir, sua disciplina e sua lealdade inabalável ao senhor, capitão. – Disse o conselheiro. – Diante disso, posso concluir que este comportamento é totalmente incompatível com tudo o que ela vem apresentando até então.

Vernon se voltou novamente para Barsotti, que respirava ofegante e mantinha a expressão de ansiedade no rosto, em silêncio.

– Quem é você? – Perguntou Giulia, percebendo que Barsotti estava dando sinais de estar encurralada. – Por que está fazendo isso?

A expressão de nervosismo desapareceu do rosto de Narcisa Barsotti, sendo substituída por uma expressão serena, quase etérea. Ela virou a palma da mão esquerda para cima, e uma luz vermelha arredondada, com alguns símbolos estranhos, surgiu abaixo da sua pele. Imediatamente, o

cabelo dela começou a mudar de cor e se retrair para dentro a cabeça, sendo substituído por uma densa camada de espinhos.

– Não. – Disse Vernon para Da'Far, que apontava o fêiser na direção da figura que antes era a subtenente Barsotti.

A pele do seu rosto começou a borbulhar e a assumir uma cor marrom-acinzentada, revelando traços suaves e um queixo pequeno. Seus olhos dobraram de tamanho, ficando quase translúcidos e o uniforme da Frota Estelar que ela utilizava foi substituído por uma vestimenta branca e bege muito justa.

– Sou Jtemplaçlu. – Disse ela, com uma voz tranquila. – Pesquisadora do Instituto de Antropologia Çraqlitano.

– Acredito que nossa apresentação seja dispensável. – Disse Vernon.

Jtemplaçlu assentiu.

– Acabo de receber ordens para parar com minha interpretação e lhes revelar a verdade, então vou direto ao ponto. – Começou ela. – Minha espécie é telepata e, para explorarmos a fundo e ampliarmos nosso conhecimento sobre outras civilizações, assumimos o lugar de pessoas que estejam numa posição privilegiada de observador, como no caso de sua oficial de comunicações. Nós somos capazes de alterar a percepção das pessoas para que elas associem a nós as lembranças e experiências que têm com os indivíduos abduzidos, por essa razão nenhum de vocês, nem mesmo o veniano, foram capazes de perceber que a verdadeira oficial de comunicações era Giulia Naggi e não minha

personagem Narcisa Barsotti. – A alienígena olhou para a palma de sua mão, onde havia um dispositivo muito brilhante e cheio de símbolos. – Tudo teria corrido muito bem, é claro, se não fosse o defeito na câmara de bioestase e a capacidade da subtenente Naggi em escapar de nossas buscas.

– Se sua capacidade telepática é tão fenomenal, por que precisou mudar sua aparência? – Perguntou Nhefé. – E, se pode mudar a aparência, por que não adotou a aparência exata da subtenente Giulia Naggi? E ainda, se tem estas capacidades, por que está nos dizendo isso ao invés de simplesmente manipular nossa percepção e apagar nossas memórias?

– Existe um conceito comum aos nossos povos, conselheiro: Ética. – Disse a alienígena. – Temos um regulamento muito específico de estudo antropológico, que foi desenvolvido e aperfeiçoado por gerações, e ele é contundente em estabelecer limites do que podemos ou não manipular. Quanto a alterar a percepção de vocês neste exato momento e apagar suas memórias do que aconteceu aqui, é algo que eu tenho liberdade legal para fazer, mas que exige a presença de mais de um indivíduo de minha espécie.

– Isso ainda não explica porque está nos contando isso. – Disse Vernon. – Afinal, continuo sem lembrar de Giulia Naggi e, para todos os efeitos, Narcisa Barsotti continua sendo minha oficial de comunicações.

– Espero que o senhor não fique chateado, capitão, mas eu só os estava distraindo até que minha nave chegasse. – Disse a alienígena, abrindo um largo sorriso.

– *Ponte para capitão Vernon.* – Ouviu-se a voz de Shion. – *Uma nave desconhecida acaba de sair de uma espécie de túnel subespacial.*

– Em breve vocês não lembrarão nada desse incidente, mas saibam que foi um prazer conhecer suas espécies e sua Federação. – Disse a alienígena, levantando-se. – Quem sabe um dia nós viajemos para a Via Láctea para estuda-los melhor. Adeus.

Dezenas de çraqlitanos abordaram a USS Iguaçu e, antes que qualquer reação pudesse ser tomada, todos os tripulantes caíram em um sono hipnótico. Quando acordaram, suas memórias e os registros da nave haviam sido alterados pela espécie telepata, e todos passariam a lembrar desse dia como a perseguição frustrada a uma nave auxiliar, motivada por uma informação equivocada.

Episódio 15

O Não-Espaço

A USS Iguaçu finalmente chegou aos limites da região chamada de Não-Espaço, sendo recepcionada cordialmente por uma nave patrulha da espécie attettana, que a escoltaria até a estação comandada pela coordenadora Sum Lattenara. Dentre todas as descobertas extraordinárias e fenômenos singulares vivenciados na galáxia anã do cão Maior, a mais intrigante, sem dúvidas, estava diante deles.

– Eu imaginava que teríamos uma definição melhor para isso do que "Não-Espaço". – Disse Chelaar, olhando fascinada para a imagem azul clara projetada na tela principal. – Mas agora percebo que essa é a descrição perfeita.

– Alguma resposta da sonda que enviamos? – Perguntou Shion.

– Negativo. – Respondeu a alferes Harman.

– Comandante Chelaar, algum palpite? – Perguntou Vernon.

– Não, senhor. – Respondeu Chelaar, franzindo o cenho. – Ainda não encontrei nenhum modo de obter informações do que há além do limiar.

– Talvez nossos novos amigos aceitem compartilhar seu conhecimento sobre o Não-Espaço conosco. – Disse o Vernon. – Alferes Kwa, quanto tempo até a estação turística?

– Trinta e seis minutos, senhor. – Respondeu Kwa.

– Comandante Chelaar, reúna-se com a equipe de ciências e comece o estudo do Não-Espaço imediatamente. – Ordenou o capitão.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar, empolgada com a oportunidade de estudar um fenômeno daquela magnitude.

– Se este lugar for tão insólito quanto aparenta, assim que voltarmos para a Via Láctea teremos que adaptar uma das áreas de carga para armazenar os prêmios e condecorações que receberemos pelas descobertas. – Comentou Shion, sorrindo.

Em meio a um grande fluxo de naves e cargueiros, a USS Iguaçu chegou à estação espacial turística gerenciada por Lattenara e seus sócios. Estendendo-se verticalmente por exatos três mil seiscentos e quatro metros, a impressionante construção possuía o formato semelhante ao de um cajado, com a ponta curvada em um grande arco. O material que cobria a superfície da estação refletia foscamente o azul claro do Não-Espaço e das naves ao seu redor, proporcionando um espetáculo de cores e luzes.

– Recebemos autorização para atracar na doca 8, anel de atracação primário. – Informou Giulia.

– Agradeça a gentileza, mas informe que vamos manter órbita, ao menos por enquanto. – Disse Vernon. – Solicite coordenadas para transporte e estude os protocolos necessários, repassando-os a todos os tripulantes.

– Sim, senhor. – Disse Giulia.

– O que tem em mente, capitão? – Perguntou Nhefé.

-Acredito que manter a Iguaçu atracada à estação seja um desperdício, pois, para estabelecermos relações

com eles, basta que transportemos a bordo nossa delegação, equipes de intercâmbio e demais interessados em aprender sobre estes povos. – Explicou Vernon. – Enquanto isso, a nave poderá examinar o Não-Espaço mais de perto.

– Senhor, a coordenadora Lattenara está nos chamando. – Disse Giulia.

– Na tela. – Disse Vernon.

– Bem-Vindo à Estação Não-Espacial Cetro, capitão Vernon. – Saudou a attettana. – Soube que preferiu não atracar sua nave, há algum problema?

– De modo algum. – Respondeu o capitão, cortês. – Acontece que boa parte da tripulação está muito excitada com a descoberta do Não-Espaço, e anseia pela oportunidade de aprender mais sobre ele.

– Eu compreendo. – Disse Sum Lattenara. – Muitos vêm até aqui apenas para contemplar a beleza do maior mistério científico do quadrante, então não me admira que sua tripulação também esteja interessada.

– É um fenômeno sem precedentes para nós. – Disse Vernon. – Mas alguns de nós, é claro, estão igualmente interessados em conhecer sua estação e os povos que a visitam. Pretendo me transportar a bordo assim que obtivermos a liberação do seu chefe de operações.

– Considere seu transporte autorizado. – Disse a coordenadora. – Pedirei que encaminhem as coordenadas do salão de transportes norte, reservado para uso de embaixadores e clientes especiais.

– Muito obrigado. – Agradeceu o capitão Vernon.

– Aguardarei o senhor no centro de operações. – Disse a alienígena. – Lattenara desliga.

Vernon se virou para Nhefé, levantando uma sobrancelha.

– A oferta de amizade dela parece legítima. – Disse o conselheiro. – Além do mais, a pluralidade de naves e espécies presentes nas adjacências da estação indica que as possibilidades de uma emboscada são mínimas.

– Isso basta, para mim. – Disse Vernon, levantando-se. – Imediato, o comando é seu. – Ele fez um gesto para que Nhefé, Da'Far e Giulia o seguissem. – Leve a Iguaçu para o Não-Espaço e me mantenha informado.

– Sim, senhor. – Disse Shion.

O capitão Vernon e outros vinte e dois tripulantes se transportaram para a estação turística, rematerializando-se no luxuoso salão de transportes norte. O ambiente era amplo e quase totalmente revestido em madeira entalhada, com tapeçarias e vasos ricamente decorados ao longo das paredes, além de uma grande fonte de água cristalina em formato de ânfora, que ficava no ponto exato entre as duas saídas. Um grupo formado por quatro alienígenas de espécies diferentes, um deles dendroniano e outro attettano, estava a postos para receber os visitantes, dando-lhes as boas vindas e fazendo um breve registro de suas identidades.

Assim que as formalidades foram concluídas, o capitão dispensou a maioria dos tripulantes, com exceção apenas de Nhefé, Da'Far e Giulia. Enquanto os oficiais da ponte visitariam o centro de operações a convite da coordenadora Lattenara, os demais estariam livres para explorar a estação como quisessem, desde que respeitadas as diretrizes de primeiro contato.

– Por aqui, senhores. – Disse o alienígena attettano, conduzindo-os por um largo corredor.

– O comandante Hashimoto adoraria esse lugar. – Comentou Giulia.

– Ele terá tempo de sobra para explorar esta estação. – Disse o capitão Vernon. – De fato, pretendo que todos os tripulantes possam vir a bordo em algum momento, uma vez que pretendo permanecer aqui por pelo menos cinco dias.

Guiados pelo anfitrião alienígena, eles tomaram um elevador panorâmico muito elegante, que contava com uma impressionante vista para o Não-Espaço.

– A divisa está há aproximadamente onze milhões de quilômetros da estação. – Informou o alienígena. – É uma unanimidade entre os povos desta região que este é o ponto mais bonito do Não-Espaço, pois suas cores são mais vivas e brilhantes do que em qualquer outro ponto conhecido.

– Fascinante. – Disse Vernon.

– Muito sábio construir uma estação turística aqui. – Comentou Nhefé.

– Para dizer a verdade, não sabemos quem construiu a estação. – Disse o alienígena. – Alguns de meu povo a encontraram há oitenta e nove anos, completamente abandonada e sem nenhum componente de tecnologia ou registro que pudesse dar uma pista sobre seus detentores originais. Desde então, temos enriquecido cada centímetro dela com a arte e o talento dos povos dos sete mundos amigos, e ela se tornou símbolo da paz e das nossas conquistas.

– Sete mundos amigos? – Repetiu Giulia. – Lembro-me que os dendronianos que encontramos mencionaram que faziam parte de uma aliança, mas eles a chamaram de outra forma.

– Existem definições diferentes, de fato. O nome oficial é União Interplanetária, mas, de qualquer forma, trata-se uma aliança entre meu povo e as demais espécies que os senhores verão pela estação. – Explicou o alienígena, fazendo um gesto com a mão esquerda. – Nós deixamos nossas desavenças e conflitos de lado para que juntos pudéssemos alcançar algo que não seríamos capazes de alcançar divididos.

Nhefé e Giulia se entreolharam, admirados.

– O que você diz carrega muitas semelhanças com a história da Federação dos Planetas Unidos. – Disse o capitão Vernon. – A cooperação iniciada por quatro povos, humanos, vulcanos, andorianos e tellaritas, serviu de base para o que é hoje uma aliança formada por milhares de mundos e espécies diferentes.

– A coordenadora Lattenara ficou admirada quando viu que havia mais de uma espécie a bordo de sua nave, e que todas pertenciam à mesma Federação. – Disse o alienígena, abrindo a porta do centro de operações da estação. – A chegada da nave estelar Iguaçu representa a realização de um sonho para nossa aliança e...

– É a prova de que, alicerçados nos ideais corretos, podemos construir algo maior do que nós mesmos. – Disse a coordenadora Lattenara, aproximando-se deles e fazendo uma leve reverência. – Bem-vindos ao centro de operações da Estação Não-Espacial Cetro.

Com quase quinhentos metros quadrados e uma abóbada de vidro que permitia vislumbrar o Não-Espaço, o centro de operações não possuía tanto requinte quanto o salão de transportes norte ou os corredores da estação, mas era muito bem organizado. Dezenas de pessoas de várias espécies, a grande maioria delas attettanos, controlavam as mais diversas funcionalidades da estação, tais como comunicações, eventos recreativos, excursões, sistemas ambientais e disposição de pessoal.

– Permita-me apresentar o senhor Ymomo. – Disse Lattenara, indicando o alienígena atarracado que se aproximava deles.

A estrutura corporal de Ymomo lembrava um ovo, inclusive com ausência de pescoço e com o cocuruto de sua cabeça sendo pontudo e desprovido de cabelo. Seus braços e pernas eram desproporcionalmente magros, e tanto seus pés quanto os dedos de sua mão eram muito compridos, estes últimos quase encostando no chão. Ele vestia um elegante terno xadrez e sorria alegremente.

– Saudações, nobres viajantes! – Exclamou ele. – Regozijamo-nos com vossa presença em nossas humildes instalações.

– É uma honra estar aqui, e devo dizer que suas instalações são deslumbrantes. – Disse Vernon, polido e, em seguida, fez um gesto na direção de seus colegas. – Estes são Kómóg Nhefé, conselheiro da nave, tenente comandante Sinel Da'Far Sinel, chefe de segurança, e subtenente Giulia Naggi, oficial de comunicações.

– É um prazer conhece-los, nobres oficiais. – Disse Ymomo, fazendo uma reverência. – Em nome do povo eggoniano, eu lhes dou as boas sortes de uma chegada auspiciosa.

– O prazer é nosso. – Disse Nhefé, retribuindo a reverência. Da'Far e Giulia imitaram o gesto.

– Ymomo é o responsável pela construção e desenvolvimento do Restaurante Finito. – Informou Lattenara.

– Restaurante Finito? – Perguntou Vernon.

– Oh, sim! A obra prima da culinária e da tradição eggoniana. – Começou Ymomo, com seus olhos brilhando. – Minha espécie preza muito pela excelência gastronômica e pela exclusividade na degustação dos preparos e, especialmente, dos momentos. Afinal, de que vale um prato delicioso se o momento em que ele é saboreado não proporciona uma experiência igualmente memorável? – Ele estufou o peito. – No Restaurante Finito nós proporcionaremos ambos e, durante a única noite em que o restaurante existirá, memórias inesquecíveis serão confeccionadas, marcando esse dia para sempre em nossa história.

– O restaurante ficará aberto durante apenas uma noite? – Perguntou Giulia, curiosa.

– Sim, minha cara, e mais do que isso! – Disse Ymomo. – Ele existirá apenas por uma única noite. Será destruído assim que o último cálice de encerro for servido.

– Esta é uma prática bastante incomum. – Comentou Nhefé.

– Em meu planeta natal, consideramos que a existência de elementos tangíveis relacionados a lembranças é um fator determinante para o seu valor, ou seja, quanto menos

objetos, cenários e recordações materiais, mais pura é a memória. – Explicou Ymomo. – Ao contrário de todas as outras espécies que conhecemos desde que passamos a explorar o espaço, não temos o costume de dar presentes em aniversários, casamentos, graduações e despedidas, e nem conservar itens de nossa infância ou de entes queridos que se foram. Na verdade, é nossa tradição destruir todos os objetos pessoais daqueles que partem.

– Fascinante. – Disse Nhefé. – Mas eu me pergunto como sua espécie procede em situações onde a lembrança é vinculada a uma condição impossível de se destruir, como, por exemplo, um belo pôr-do-sol, ou então uma memória ligada tão somente a uma pessoa?

– Sempre me perguntam isso. – Sorriu Ymomo. – E a resposta é que nossas tradições e costumes se desenvolveram como algo além da existência da natureza e dos indivíduos. Assim, não sentimos a necessidade de matar a pessoa amada ou secar um oceano para conservar a pureza de um encontro à beira-mar, por exemplo. Existem diversas correntes filosóficas sobre o assunto, e a grande maioria delas considera que nem a natureza e nem as pessoas são as mesmas duas vezes, ao passo que um objeto é apenas aquilo que foi feito para ser e nada mais. Uma noite enluarada, o vento nas palmeiras e o sorriso de alguém jamais serão exatamente iguais e, por isso, a existência deles é, de certa forma, destruída no momento seguinte à criação da lembrança.

– Entendo. – Disse Giulia, admirada com aquela cultura tão diferente. – Algumas percepções são naturalmente

únicas, enquanto uma taça ou um broche, por exemplo, representam elos preservados com o passado e com as memórias de um momento específico.

– Creio que vá além disso, subtenente. – Disse Nhefé, pensativo. – Um objeto é capaz de se tornar a personificação de uma lembrança e, consequentemente, converte-se em um elemento totalmente contrário à noção de pureza, estabelecida pelos eggonianos, para suas lembranças.

– Exatamente, nobre conselheiro. – Disse Ymomo, satisfeito com a compreensão de Nhefé sobre sua espécie.

– Conte-nos mais sobre seu restaurante, senhor Ymomo. – Disse o capitão Vernon.

O alienígena estufou o peito, orgulhoso.

– Ao longo de minha vida eu sempre persegui o ideal da lembrança perfeita, proporcionando aos meus clientes a chance de viverem experiências únicas e inimitáveis e, com este restaurante, chegarei mais próximo desse ideal do que qualquer eggoniano. – Começou ele. – Planejei todos os detalhes para serem meticulosamente exclusivos. Talheres, utensílios de cozinha, mesas, decorações, tudo será descartado após uma única utilização. Da mesma forma, o contrato de cada cozinheiro, garçom e responsável pelo entretenimento especifica que apenas uma função poderá ser executada, sendo imediatamente demitido logo após a realização da mesma.

– Quer dizer que um garçom anota apenas um pedido, entrega na cozinha e seu contrato é sumariamente encerrado? – Perguntou Giulia.

– Exato, assim como cada músico executará apenas uma canção e cada cozinheiro preparará apenas um prato.

– Respondeu Ymomo. – Nossa escala de trabalho conta com três mil e vinte e quatro pessoas, cuidadosamente organizadas e dispostas de modo a atender todas as necessidades dos clientes sem precisar repetir uma única atividade. Será uma experiência sem igual, e as lembranças daqueles afortunados em participar dela terão um valor verdadeiramente inestimável!

– E quando será o grande jantar? – Perguntou o capitão Vernon.

– Daqui há seis dias. – Respondeu Ymomo. – Estou supervisionando pessoalmente os últimos detalhes, pois muitos convidados chegarão a partir de amanhã.

– A maioria de sua própria espécie, eu suponho. – Falou Nhefé.

– De fato, pois poucos além dos eggonianos são capazes de apreciar o que estamos prestes a realizar. – Disse Ymomo. – Todavia, como é de costume em nossa União Interplanetária, a coordenadora Lattenara e alguns outros cidadãos ilustres se farão presentes. – Ele juntou as mãos nas costas e olhou para Vernon. – Capitão, sendo o senhor o representante da Federação dos Planetas Unidos nesta galáxia, e diante da importante relação de amizade que iniciamos, gostaria de lhe convidar, e a outros dois membros de sua tripulação à sua escolha, para nosso grandioso e memorável evento a se realizar no Restaurante Finito.

– Será uma grande honra, senhor Ymomo. – Respondeu o Capitão, fazendo uma leve reverência.

– A honra será nossa. – Disse Ymomo, retribuindo a reverência.

– Agora que o convite foi feito, permita-me mostrar aos nossos convidados o comando de nossa estação. – Disse a coordenadora Lattenara, que até então ouvira a conversa pacientemente.

– Como desejar, coordenadora. Voltarei imediatamente à minha inspeção dos resfriadores, preciso garantir que tudo esteja perfeito antes que os carregamentos de banana-bronze cheguem. – Disse Ymomo, polido. – Com licença, senhores.

O capitão Vernon, Nhefé e Giulia se despediram do alienígena com um aceno de cabeça.

– Siga-me, capitão. – Convidou a coordenadora Lattenara. – Gostaria que o senhor visse nossos diagramas de afluência interna.

Vernon assentiu, seguindo a alienígena que se movia à passos largos em direção a um grande painel lateral.

– Ymomo foi muito cortês em convidar três de nós para o evento em seu exótico restaurante. – Comentou Giulia para Nhefé, em voz baixa. – É uma pena que em situações como essa o protocolo da Frota exija que o capitão, seu primeiro oficial e conselheiro sejam os representantes da tripulação, pois eu fiquei realmente entusiasmada com a ideia.

– Talvez não seja apenas cortesia. – Disse o conselheiro Nhefé, também em voz baixa. – Afinal, nossa presença agregaria ainda mais valor aos memoráveis momentos vivenciados pela espécie eggoniana durante o prestigiado jantar.

– Faz sentido. – Concordou Giulia, sorrindo.

Os quatro oficiais da ponte passaram as horas seguintes conhecendo melhor a estação e respondendo a diversas perguntas sobre a Via Láctea, a história da Federação e da Frota Estelar, participando também de um coquetel de boas-vindas repleto de canapés muito saborosos, preparados por habilidosos cozinheiros eggonianos.

Há mais de dez milhões de quilômetros da Estação Cetro, a USS Iguaçu navegava pela orla do Não-Espaço em busca de respostas para os muitos mistérios científicos que aquele fenômeno único apresentava.

– Os dados fornecidos pela coordenadora Lattenara são equivalentes às nossas conclusões preliminares sobre o Não-Espaço. – Disse Chelaar, desapontada. – É incrível que um povo, mesmo com tecnologia relativamente obsoleta, tenha descoberto tão pouco sobre um fenômeno que conhece há séculos.

– A senhora deveria estar grata pela fragilidade da pesquisa científica feita por nossos novos amigos, comandante. – Disse Shion, comandando a nave da cadeira do capitão. – Isso nos dá a chance de descobrir as melhores coisas por nós mesmos.

Chelaar assentiu.

– A sonda número três cruzou o limiar do Não-Espaço e instantaneamente parou de transmitir, exatamente como as duas anteriores. – Informou a alferes Harman.

– Se eu estiver correta, os sensores das sondas seriam tão incapazes de penetrar o Não-Espaço quanto os da Iguaçu. – Explicou a tellarita. – Não existe subespaço além das

bordas dessa nuvem azul, nem matéria, antimatéria, energia, radiação, gravidade ou qualquer coisa que faça parte da nossa física tradicional, pelo menos não que possamos detectar. – Ela balançou a cabeça. – Inclusive eu acredito que, se quisermos estudar esse fenômeno, teremos que desenvolver novos instrumentos e sensores do zero.

– Fascinante, mas acho que temos tempo para mais algumas tentativas. – Sorriu Shion. – Comandante Chelaar, prepare uma quarta sonda, desta vez com um circuito navegacional elíptico que a traga de volta para o espaço normal.

– Sim, senhor. – Disse Chelaar, ajustando os parâmetros da sonda diretamente do painel de sua estação. – Sonda lançada rumo 188 marco 12, com retorno programado para cinco minutos após cruzar o limiar.

– Excelente. – Disse Shion, cruzando as pernas. – Alferes Harman, alguma novidade dos sensores?

– Não, senhor. – Respondeu Harman. – Tentamos todos os ajustes conhecidos, mas sem sucesso.

– Wong e Manhaún estão trabalhando em novas modulações para os sensores, além de em um coletor quântico experimental. – Informou Chelaar. – Ele estará pronto para testes em menos de oito horas.

– *Alfredsson para ponte.* – Ouviu-se a voz da oficial de transportes.

– Prossiga, tenente. – Disse Shion.

– *Falhamos em tentar transportar matéria do Não-Espaço, senhor.* – Informou Alfredsson. – *Parece ser virtualmente impossível focalizar em qualquer coisa além do limiar. É como se não existisse nada lá.*

– E os demais testes? – Perguntou Shion.

– Tentei transportar uma massa de teste para coordenadas hipotéticas dentro do fenômeno, mas é impossível determinar se houve sucesso. – Respondeu Alfredsson.

– Aguarde novas instruções, tenente. – Disse a andoriana, mexendo as antenas. – Shion desliga.

– O Não-Espaço é mesmo muito teimoso. – Comentou Kwa.

– "Teimoso" é uma definição interessante. – Disse Chelaar. – É como se ele deliberadamente resistisse a todas as nossas tentativas de entende-lo.

– Passaram-se cinco minutos sem que houvesse o retorno da sonda número quatro. – Informou Harman.

– Parece que o único meio de obter respostas é mergulhando. – Comentou Rose.

– Segundo os dados fornecidos pela coordenadora Lattenara, várias expedições ao Não-Espaço foram feitas no passado, mas nenhuma nave jamais retornou. – Disse o tenente Gravil, ocupando a estação de Da'Far enquanto o chefe de segurança acompanhava o capitão Vernon na estação. – A maioria dos cientistas attettanos acredita que qualquer coisa que cruze o limiar é imediatamente destruída, e os que discordam disso creem que se trata de um lugar onde a tecnologia convencional não funciona e por isso as naves que entram ficam à deriva para sempre.

– Se ao menos o raio trator funcionasse além do limiar. – Lamentou Chelaar. – Poderíamos manter uma sonda ou até mesmo uma nave auxiliar a uma distância segura.

– Que outras vantagens tecnológicas temos em relação às naves das espécies nativas deste quadrante? – Perguntou Shion.

– Praticamente todos os nossos sistemas são consideravelmente mais eficientes, desde o controle de navegação aos relés acionadores dos bancos fêiseres. – Respondeu Chelaar. – Arrisco dizer que nossas naves auxiliares são melhores e mais bem equipadas do que a maioria das naves convencionais de grande porte utilizadas por eles.

– Isso não é o suficiente. – Disse Shion. – Precisamos de algo que nos leve além do que eles conseguiram ir em relação ao Não-Espaço.

Chelaar hesitou por um instante.

– Talvez a nossa vantagem não esteja em nossa tecnologia propriamente dita, mas em nossa capacidade de utilizá-la de modo mais... arrojado. – Disse ela, por fim.

– Continue. – Disse Shion, levantando-se e andando em direção à estação da oficial de ciências.

– Enquanto teorizávamos sobre a natureza do Não-Espaço, chegamos à conclusão que ele e o espaço convencional interagem de modo semelhante à água e o óleo. – Começou a tellarita. – Ao contrário de uma nebulosa, de uma singularidade exótica ou do próprio subespaço, o Não-Espaço não está contido ou interligado ao espaço comum, mas sim virtualmente tão separado que podemos determinar que ambos são duas coisas totalmente distintas. Esta é, teoricamente, a razão que tanto dificulta o envio e o retorno de sondas, ondas portadoras e feixes de energia.

– Fascinante. – Disse Shion.

– Ainda não temos como determinar a razão dessa divisão, nem sequer como confirmá-la de fato. – Continuou Chelaar. – No entanto, traçando um paralelo com a tendência natural dos fenômenos espontâneos em atingir seu estado de maior probabilidade, é como se a entropia da união entre o Não-Espaço e o espaço convencional não fosse máxima, tornando a interação entre eles tão impossível de acontecer quanto um perfume evaporado voltar ao seu estado líquido por conta própria. Diante disso, eu especulei que seria possível interagir com o Não-Espaço ao modificar o nosso próprio espaço, fazendo com que ele se contraia e se expanda controladamente. Em teoria, uma vez que o espaço convencional se contraia, o Não-Espaço automaticamente preencheria essa diferença, voltando em seguida às dimensões originais. – Ela fez uma breve pausa, respirando fundo. – O comandante Hashimoto acredita que é possível modificar ogivas de tricobalto e torpedos fotônicos para criar uma dispersão antigravitônica no limiar, provocando uma contração duradoura o bastante para que uma sonda, posicionada nas coordenadas a serem preenchidas pelo Não-Espaço, tivesse tempo de coletar dados antes que houvesse a expansão e consequentemente a estabilização dos limites naturais entre os dois espaços.

– É uma teoria interessante. – Disse Shion, levantando as sobrancelhas. – Mas como uma sonda poderia manter uma posição estática em relação ao Não-Espaço? Não é extremamente provável que ela seja carregada pela onda gravimétrica formada pela explosão e consequentemente permaneça em nosso espaço convencional?

– Foi nesse ponto que abandonamos essa teoria, senhor. – Explicou Chelaar. – Chegamos à conclusão que tal experiência só poderia ser realizada se, ao invés de uma sonda, uma nave auxiliar fosse colocada no ponto de impacto.

Shion mexeu as antenas e estreitou o olhar.

– Seria necessário o acionamento dos motores de impulso no momento exato da explosão, de modo que, em perfeita sincronia, a nave auxiliar atravessasse a onda gravimétrica e fosse engolida pela expansão do Não-Espaço. – Continuou Chelaar. – Em condições normais, esse tipo de manobra simplesmente salvaria a nave de um poço de distorção, lançando-a em segurança para o espaço adjacente. No presente caso, contudo, não havendo espaço convencional adjacente, seria igualmente necessário que a nave auxiliar efetuasse uma parada total no instante em que cruzasse o limiar, para que pudesse permanecer nas mesmas coordenadas teóricas após a expansão do espaço convencional.

– Seria possível programar uma das naves auxiliares para que efetuassem essas manobras sem a necessidade de um piloto? – Perguntou Shion.

– Poderíamos programá-las, é claro, mas o que houve com nossas sondas indica que sistemas autônomos são desativados ou não funcionam corretamente após cruzar o limiar. – Respondeu Chelaar.

– É muito arriscado, não sabemos o que há além do limiar. – Disse Shion, dividida entre a possibilidade de sucesso da operação e o perigo que ela representava ao tripu-

lante que pilotaria a nave auxiliar. – Mesmo que seja possível sobreviver e navegar do outro lado, é provável que os controles do leme e dos motores falhem, impedindo a parada total necessária para retornar ao espaço convencional. Isso sem considerarmos outras questões mais complexas, como a própria existência ou não de tempo no Não-Espaço. Como podemos garantir que um minuto aqui não represente milhões de anos lá? – Ela fez uma pausa, mexendo as antenas. – E, levando em consideração os riscos e incertezas, não vejo que diferença haveria entre essa operação complexa e o simples envio de uma nave auxiliar pelo limiar.

– Até o momento, não sabemos o que efetivamente acontece quando se cruza o limiar. – Explicou Chelaar. – Cogitamos que a matéria de nosso espaço possa ser instantaneamente distorcida ou desintegrada, ou que as condições no interior do Não-Espaço sejam tão adversas que causem a morte imediata de qualquer organismo vivo e que, mesmo havendo sucesso, o retorno seja impossível. Em face disso, embora os riscos e incertezas sejam os mesmos de enviar uma nave auxiliar diretamente pelo limiar, a operação de contração e expansão do espaço convencional proporcionaria chances maiores de reavê-la para estudos, mesmo que ela fosse seriamente danificada e o piloto estivesse... estivesse morto.

– É um risco demasiadamente alto para um aumento tão inconclusivo nas chances de sucesso. – Disse Shion, balançando a cabeça. – Não pretendo ordenar que nenhum tripulante se exponha a tamanho perigo apenas para satisfazer nossa curiosidade científica.

– Isso não será necessário, comandante. – Disse Kwa, virando-se para Shion. – Eu me ofereço para pilotar a nave auxiliar.

A andoriana se voltou para ela, espantada.

– Fora de questão, alferes. – Disse Shion.

– Eu estou ciente dos riscos, senhor. – Insistiu Kwa. – Mas, para que a operação seja um sucesso, é necessário um piloto que esteja acostumado a navegar em anomalias e condições adversas. – Ela olhava para Shion com um olhar determinado. – E, afinal de contas, se tudo correr bem, eu serei a primeira pessoa a entrar no Não-Espaço e voltar com vida, e meu nome será lembrado para sempre.

Shion encarou Kwa por um momento, vendo nela o mesmo espírito aventureiro e a vontade de realizar grandes feitos que ela mesma possuía. A andoriana era capaz de entender perfeitamente o desejo de sua colega, pois em seu lugar, ela também teria se oferecido.

– Siga-me, alferes. – Disse Shion, indicando que preferia discutir a questão de maneira reservada.

– Sim, senhor. – Disse a miresita, deixando o leme e seguindo a primeira oficial até o gabinete do capitão.

– Srta. Kwa. – Começou Shion, encostando-se na beirada da mesa e cruzando os braços. – Desde que entrei para a Frota Estelar, ofereci-me para muitas missões perigosas e com poucas chances de sucesso. No entanto, raras foram as vezes em que meu oficial superior as permitiu, e confesso que isso me frustrou em diversas ocasiões. Agora, na posição de oficial comandante, sinto-me obrigada a manter em segurança a nossa piloto, tripulante de grande valor e peça fundamental para nosso retorno à Via Láctea.

– Senhor, eu... – Começou Kwa, mas Shion levantou de leve uma das mãos, ainda com os braços cruzados, indicando que não havia terminado de falar.

– Todavia, parece-me um grande equívoco negar essa oportunidade a você. – Continuou a andoriana. – Mas preciso ter certeza que sua decisão em se voluntariar não foi temerária, tomada apenas no impulso de realizar um feito heroico. – O olhar de resoluto de Kwa indicava que nenhuma ressalva a faria desistir da missão, mas Shion continuou falando mesmo assim. – O comandante Hashimoto levaria pelo menos uma hora e meia para aprontar as ogivas e, se eu autorizar esta operação, quero que você me dê sua palavra de que aproveitará esse tempo para refletir sobre todas as possíveis consequências, especialmente no caso de fracassarmos.

– Eu prometo que ponderarei cuidadosamente todas as hipóteses, senhor. – Disse Kwa, empertigando-se.

Shion contemplou a miresita por alguns instantes, não vendo nela quaisquer indícios de dúvida ou hesitação.

– Então está decidido. – Disse ela, por fim. – Daremos início à operação imediatamente. Dispensada.

Kwa fez uma leve reverência com a cabeça, virando-se para deixar o gabinete, e Shion a acompanhou com o olhar, como se estivesse vendo uma versão mais jovem de si mesma. Em seguida, a primeiro oficial também retornou à ponte, onde comunicou sua decisão de prosseguir com a operação que Chelaar havia apresentado.

Menos de duas horas depois, as ogivas de tricobalto, modificadas pelo engenheiro-chefe para provocarem uma poderosa dispersão antigravitônica, foram posicionadas na

beirada do espaço convencional, apenas há algumas centenas de quilômetros do Não-Espaço. No ponto médio exato entre o limiar e as ogivas, a nave auxiliar Camauro, pilotada por Kwa, aguardava ordens.

– A explosão controlada deverá gerar uma contração espacial de trinta e cinco segundos, permitindo que a Camauro permaneça dentro do Não-Espaço por pelo menos trinta, mais do que o suficiente para que possamos ter uma ideia do que há do outro lado. – Informou Chelaar, observando as especificações transmitidas por Hashimoto.

– Iguaçu para Camauro. – Chamou Shion.

– *Prossiga, Iguaçu.* – Ouviu-se a voz de Kwa.

– Acione os escudos traseiros, ligue os motores de impulso e prepare-se para impacto. – Disse a primeiro oficial. – Detonaremos as ogivas ao meu sinal.

– *Sim, senhor.* – Disse Kwa.

Shion respirou fundo e disse:

– Tenente Rose, detonar.

Mesmo a uma distância segura, a USS Iguaçu sacudiu com a fortíssima explosão de antigrávitons, a qual produziu precisamente o efeito teorizado por Chelaar, contraindo o espaço normal e permitindo a expansão temporária do Não-Espaço. A nave pilotada por Kwa rapidamente foi engolfada pela nuvem azul clara e desapareceu, fazendo com que todos os tripulantes da ponte prendessem a respiração e aguardassem ansiosos o desfecho da operação, dando-lhes a impressão de que o tempo passara a correr mais devagar.

– Dez segundos. – Informou Chelaar, monitorando a expansão do espaço normal, após a dispersão completa dos antigrávitons.

– Só mais um pouco. – Disse Shion, baixinho.

– Vinte segundos. – Informou Chelaar novamente, desta vez quase ofegante.

– Vamos, Kwa! – Exclamou Rose, torcendo que a miresita tivesse sido bem-sucedida em efetuar a parada total.

– Trinta segundos. – Disse Chelaar, e todos mantinham os olhos fixos na tela principal.

Um modesto alerta sonoro precedeu a identificação visual da pequena nave auxiliar que, totalmente inerte, retornava ao espaço normal à medida em que o Não-Espaço se retraía aos seus limites originais.

– Parece intacta, senhor. – Informou Chelaar, lendo as sondagens preliminares. – Mas está oito quilômetros abaixo do ponto onde foi atingida pela onda, e seu eixo direcional girou em mais de duzentos graus.

– Iguaçu para Camauro. – Chamou Shion. – Informe.

– *Kwa falando.* – Ouviu-se a voz da piloto, e os tripulantes da ponte sorriram e se entreolharam, aliviados. – *Eu me sinto ótima e a nave está operando dentro dos parâmetros estabelecidos.*

– Excelente, alferes. – Disse Shion. – Retorne para a Iguaçu imediatamente. A nave será inspecionada pelo comandante Hashimoto e você deve se dirigir à enfermaria para um exame médico padrão.

– *Sim, senhor.* – Disse a miresita. – *Kwa desliga.*

– Alferes Harman, baixe os dados dos sensores da Camauro e comece uma análise imediatamente. – Ordenou

Shion, levantando-se. – A comandante Chelaar e eu vamos à enfermaria para ouvir em primeira mão o que Kwa tem a dizer. Tenente Rose, a ponte é sua. – E saiu, seguida de perto pela tellarita.

Pouco depois, tanto o exame médico de Kwa quanto à inspeção feita na Camauro confirmaram que era seguro permanecer no interior do Não-Espaço, mas essa constatação trazia consigo mais perguntas do que respostas.

– Assim que a nave foi envolvida pelo Não-Espaço, todos os sistemas se apagaram. – Explicou Kwa, ainda na enfermaria, sob os olhares curiosos de Shion, Chelaar, Horvat e Yasna. – Eu não precisei fazer a parada total e até pensei que a tecnologia fosse inútil naquele ambiente. De certa forma eu estava correta, pois quando religuei os motores e os sensores, percebi que a esmagadora maioria deles era inútil, ora incapazes de efetuar leituras, ora apresentando resultados estrambólicos.

– As sondas que lançamos anteriormente devem ter se desativado assim que cruzaram o limiar. – Concluiu Chelaar.

– E quanto às naves alienígenas que outrora desapareceram? – Perguntou Shion. – Se o interior do Não-Espaço é seguro, por qual motivo elas nunca retornaram?

– Eu suponho que elas tenham se perdido lá dentro, senhor. – Respondeu Kwa. – Nenhum sensor de navegação foi capaz de determinar minha posição e, assim que eu passei, foi como se eu estivesse no meio de uma infinita nuvem azul clara. Arrisco dizer que, mesmo que o limiar estivesse há cinquenta centímetros de mim, eu não saberia identifica-lo.

– Faz sentido, pois a Camauro não retornou do ponto exato de onde havia entrado e nem mesmo possuía o mesmo ângulo de direção. – Disse Chelaar. – É provável que outras naves tenham dado meia volta no intuito de retornar ao espaço convencional e, sem saber, acabaram adentrando ainda mais no Não-Espaço.

– Você conseguiu identificar alguma outra coisa lá dentro? – Perguntou Shion.

– Nada, senhor. – Respondeu Kwa. – Era apenas uma imensidão azulada e...

Naquele instante, as luzes ambientes diminuíram e os sinais luminosos e sonoros do alerta vermelho tomaram a atenção de todos na enfermaria.

– *Ponte para comandante Shion!* – Ouviu-se a voz do tenente Rose, apreensivo. – *Captamos diversas naves-masmorra descamuflando em torno da Estação Cetro.*

Shion mexeu as antenas, muito preocupada, e olhou para os colegas, que ficaram igualmente tensos com a declaração do oficial tático.

– Estou indo. – Disse a andoriana, tocando em seu comunicador. – Doutor, prepare-se para eventuais baixas, Chelaar, alferes Kwa, sigam-me.

No comando secundário da engenharia, um andar abaixo da central de operações da estação, o capitão Vernon e Da'Far ouviam atentamente a apresentação de um engenheiro attettano sobre as melhorias recém feitas no mantenedor gravitacional, as quais permitiam que o equipamento operasse com um consumo de energia mínimo. Em uma bela sala panorâmica na extremidade do anel de atracação

superior, Nhefé e Giulia, acompanhados por um anfitrião dendroniano, observavam a chegada de várias naves trazendo turistas e suprimentos.

– O que é aquilo? – Perguntou Giulia, percebendo uma distorção visual se formando do lado de fora da estação, em meio às naves que aguardavam liberação para atracação.

Antes que o dendroniano pudesse responder, ela entendeu o que estava acontecendo e levou a mão ao comunicador, mas nada pode dizer, pois a estação estremeceu violentamente, forçando a oficial de comunicações a se segurar num móvel de madeira entalhado.

– Vernon para tripulação. – Ouviu-se a voz do capitão. – Naves-masmorra descamuflaram nas proximidades da estação e abriram fogo. Escudos e armas caíram. Preparem-se para abordagem e procurem se agrupar tanto quanto for possível. Usem os comunicadores apenas em situações de extrema urgência. Capitão desliga.

O dendroniano que os acompanhava estava apavorado, olhando fixamente para a horrenda nave que havia surgido ao lado do anel de atracação. Ela tinha um formado muito confuso, quase cúbico, mas com diversas reentrâncias e protuberâncias cobertas pelo que pareciam ser ossos.

– Conselheiro, o capitão e o subcomandante Da'Far estão apenas dois deques acima. – Disse Giulia. – Sugiro que nos juntemos a eles.

– Creio que seria mais aconselhável irmos diretamente à central de operações. – Disse Nhefé calmo, porém

alerta. – O capitão certamente procurará uma forma de contatar a Iguaçu, e os comunicadores de longo alcance estão concentrados na central.

– De acordo. – Disse Giulia, dando uma última olhada pela janela panorâmica e vendo as pequenas naves e cargueiros que tentavam desesperadamente combater as monstruosas naves-masmorra.

Percebendo que não havia nada que pudesse ser feito para reestabelecer a condição psicológica do dendroniano, que havia se encolhido em um canto e choramingava de medo, os dois tripulantes deixaram a sala sozinhos. Rapidamente, e sem se deixar distrair pelas pessoas desesperadas que encontravam pelo caminho, Giulia e Nhefé logo alcançaram o elevador de acesso principal e dirigiram-se para a central de operações. Todavia, assim que a porta se abriu, eles perceberam que o ambiente inteiro estava dominado pela mesma escuridão que os sádicos haviam utilizado em Suffodio, semanas antes.

– Capitão! – Chamou Giulia, em voz alta.

– Estamos aqui! – Ouviu-se a voz do capitão Vernon, vinda de algum lugar em meio à escuridão. – Da'Far estava com o um termo-sonar e conseguiu agir a tempo de neutralizar todos os sádicos que se materializaram aqui na central de operações. Infelizmente o ataque desabilitou a maioria dos sistemas, incluindo os transmissores, e não pudemos contatar a Iguaçu a tempo.

– É altamente provável que ela tenha notado a presença das naves agressoras e esteja a caminho. – Disse Nhefé.

– Espero que sim, conselheiro, ela é a nossa única esperança. – Disse Vernon. – Enquanto isso, montamos uma linha defensiva na lateral do console de comunicações, para o caso de haver uma segunda onda de invasores. Unam-se a nós, Da'Far vai orientá-los com o termo-sonar.

Nhefé e Giulia tatearam na escuridão em direção ao grupo, seguindo as orientações do tenente comandante Da'Far. As mais de trinta pessoas presentes estavam abaixadas, dispostas em um semicírculo, atrás dos anteparos da estação de comunicações.

– Antes que as comunicações caíssem, recebemos informações de que as naves da guarda da estação e as naves civis estavam dando combate aos sádicos. – Informou Vernon.

– Sim, nós as vimos do saguão panorâmico. – Disse Giulia. – Mas infelizmente seu poder de fogo parecia muito inferior à frota atacante.

– Frota? – Ouviu-se uma voz desesperada em meio aos funcionários da estação agachados.

– Já houve relatos, embora raríssimos, de duas ou três naves-masmorra se unindo temporariamente em um ataque, mas não há precedentes de uma mobilização nessa escala. – Explicou a coordenadora Lattenara, com a voz trêmula. – É alarmante que eles tenham se preparado tão coordenadamente.

– Como eles se conseguiram se aproximar sem serem notados? – Perguntou Giulia.

– Até onde temos conhecimento, a camuflagem que eles utilizam é baseada em descontinuidade fásica. – Disse Lattenara. – Os sádicos costumam vagar até estabelecer um

ponto de ataque, entram em estado de descontinuidade e, uma vez que a nave é desfaseada e se torna impossível de detectar, eles aguardam pacientemente, as vezes por meses, até que irrompem para o espaço novamente, surpreendendo suas vítimas.

– É um método muito eficiente para ocultar uma nave, mas a torna inútil para qualquer outra coisa. – Disse Vernon. – Uma vez fora de fase, eles sequer conseguiriam saber o que encontrariam quando retornassem ao normal, pois estariam sem sensores e sem propulsão.

– Eles são criaturas miseráveis, capitão. – Disse Coordenadora. – Ao contrário de todas as espécies que conhecemos, eles não temem os riscos de permanecer fora de fase durante tanto tempo, logo, é razoável supor que também não se importam com sua segurança no momento em que descamuflam suas naves.

– Mas como eles poderiam ter engendrado este ataque? – Insistiu Giulia. – Não há como uma naves-masmorra chegar até aqui sem ser percebida pelo perímetro de sensores de segurança da estação.

– Talvez eles tenham entrado em descontinuidade fásica enquanto ainda estavam se deslocando pelo espaço. – Disse Nhefé.

– O que está sugerindo? – Perguntou Vernon.

– É possível que estejamos presenciando a conclusão de uma operação executada durante meses, capitão. – Explicou Nhefé. – Suponha que os sádicos tenham estabelecido um curso para esta estação, em força de impulso, calculando o tempo exato que levaria para chegar e, só então,

ainda em movimento, tenham ativado sua camuflagem. Assim, eles seriam capazes de navegar pelo espaço apenas com a inércia, saindo de sua descontinuidade fásica em um momento previamente determinado.

– Impossível! – Exclamou Sum Lattenara, aflita. – Isso exigiria planejamento de altíssimo nível e colaboração ostensiva, duas qualidades que os sádicos jamais demonstraram.

– Talvez eles tenham mudado seu modo de agir, ou talvez estejam agindo sobre uma liderança única. – Sugeriu Nhefé. – Esta pode ser a primeira de muitas ações ofensivas arquitetadas por eles.

Muitos dos alienígenas murmuraram, horrorizados e assustados, e alguns começaram a chorar. O capitão Vernon teria repreendido Nhefé com o olhar, pela sua falta de tato, mas não era capaz de ver nada naquela escuridão.

– *Shion para Vernon.* – Ouviu-se a voz da andoriana pelo comunicador do capitão.

– Vernon falando! – Respondeu o capitão. – Informe.

O clima de desespero entre os alienígenas começou a se dissipar imediatamente, dando lugar a um sentimento de esperança.

– *Ordenei meia volta assim que detectamos o ataque à estação.* – Explicou ela. – *Estamos combatendo há cerca de cinco minutos, mas só agora conseguimos destruir o bloqueador de sinal que uma das naves possuía.* – Ela fez uma pausa, ouvindo uma informação dada por um dos oficiais da ponte. – *Ainda é impossível baixar os escudos para transportá-los, mas o retorno das comunicações permitirá que coordenemos melhor nossos esforços de contra-ataque.*

– Excelente, imediato! – Disse Vernon. – Há uma grande quantidade de civis que precisam ser evacuados da estação, e precisamos garantir uma rota de fuga segura para suas naves e cargueiros. Quero que as proteja a todo custo, mesmo que isso signifique posicionar a Iguaçu entre elas e as naves-masmorra. Enquanto isso, faremos o possível para coordenar as naves de defesa attettanas e demais disponíveis para combate.

– *Entendido, senhor.* – Disse a primeiro oficial. – *Shion desliga.*

– Subtenente Giulia, entre em contato com todos os nossos tripulantes na estação e verifique se houve alguma baixa. – Ordenou Vernon. – Sr. Da'Far, prepare-se para nos orientar para fora desta sala. Chegou a hora de adotarmos uma postura mais ofensiva.

Enquanto se aproximava em alta velocidade, os tripulantes da USS Iguaçu tiveram tempo para compreender o caos que se espalhava ao redor da estação, onde dezenas de pequenas naves combatiam desesperadamente as disformes naves-masmorra.

– Alferes Kwa, manobra ofensiva pétala. Quero que vejam nossa chegada. – Ordenou Shion. – Tenente Rose, o alvo prioritário é a nave que está portando o bloqueador de sinal. Dispare tudo o que tivermos contra ela e contra qualquer outra que tente defendê-la.

– Sim, senhor. – Disseram Kwa e Rose, em uníssono.

Como Shion havia determinado, a USS Iguaçu entrou diretamente no coração da batalha, disparando vigo-

rosamente e obrigando os sádicos a desfazerem sua formação ofensiva. Após um rápido e intenso combate, eles tiveram sucesso em destruir o bloqueador de sinal, danificando seriamente a nave-masmorra que o portava.

– Temos nossas ordens. – Disse Shion à tripulação da ponte, logo após a conversa com o capitão Vernon. – Alferes Kwa, manobras ofensivas alternadas, vamos tentar empurrá-los na direção do Não-Espaço. Isso dará às naves civis uma janela de fuga.

– Sim, senhor. – Disse Kwa.

– A subtenente Giulia acaba de informar que nenhum tripulante da Iguaçu foi raptado pelos sádicos, senhor. – Informou Chelaar, aliviada. – Parece que os sádicos encontraram mais resistência do que esperavam.

Não demorou para que as pequenas naves e cargueiros, protegidos atrás da linha defensiva recém traçada, começassem a transportar civis da estação e empreendessem fuga para longe do combate. Todavia, à medida em que o caos se transformava em uma evacuação sistemática e o número de naves em órbita diminuía, mais difícil ficava a situação para a USS Iguaçu. Alvo de um número cada vez maior de naves inimigas, os escudos já não eram capazes de suportar todos os ataques, e relatórios de danos começaram a chegar de vários deques.

– Mude o padrão evasivo, alferes! – Disse Shion, após um impacto direto nos escudos dianteiros, resultando em uma grande chuva de faíscas ao lado do posto de comunicações da ponte.

– *Vernon para Shion.* – Ouviu-se a voz do capitão.

– Prossiga, capitão. – Respondeu Shion.

– A evacuação está completa, imediato. Além do nosso pessoal, restaram apenas os seguranças e a coordenadora Lattenara. – Informou Vernon. – *Eles serão transportados para uma das naves de defesa dentro de alguns instantes, e em seguida vão formar um perímetro para que a Iguaçu possa baixar os escudos e nos levar a bordo. Teremos menos de cinco segundos.*

– Entendido, senhor. – Disse a andoriana. – Alertarei as salas de transportes.

– *Vejo vocês em breve.* – Disse o capitão. – *Vernon desliga.*

Menos de dois minutos depois, a nave attettana que estava em órbita com a missão de transportar a coordenadora Lattenara e os últimos alienígenas da estação, juntou-se às outras seis naves da formação defensiva. Com a precária cobertura oferecida pelas naves aliadas, a USS Iguaçu pode se aproximar da estação e baixar os escudos tempo suficiente para transportar seu capitão e os demais tripulantes.

– Levantar os escudos e retornar ao combate. – Ordenou Shion, olhando para a imagem na tela, que mostrava uma das naves de defesa sendo destruída por um disparo conjunto dos disruptores sádicos.

– Bom trabalho, imediato. – Disse o capitão Vernon, entrando na ponte e indo em direção à sua cadeira. Junto com ele estavam Nhefé, Da'Far e Giulia, que cumprimentaram os colegas com o olhar e assumiram seus postos.

– Senhor, as naves attettanas não vão resistir muito mais, uma delas acaba de ser destruída. – Informou Shion.

– Duas, senhor. – Informou alferes Harman.

– Srta. Kwa, coloque-se diante das naves-masmorra. – Ordenou o capitão Vernon. – Subtenente Giulia, transmita às outras naves que iremos dar-lhes cobertura para que escapem. Tenente Rose, dispare tudo que ainda tivermos. Vamos mostrar do que uma nave estelar é capaz quando acuada!

Numa manobra ousada e muito poderosa, a USS Iguaçu se colocou novamente como alvo das várias naves-masmorras restantes, mantendo-as ocupadas com seus fêiseres e torpedos fotônicos, enquanto recebia violentos golpes e sacudia intensamente, com cascatas de faíscas irrompendo de vários anteparos.

– Escudos a 7%! – Informou Da'Far.

– As naves aliadas conseguiram escapar, senhor. – Informou Giulia. – Entraram em dobra.

– Brecha no casco dos deques 3, 8, 9 e 11. – Informou a alferes Harman.

– Meia volta, Srta. Kwa! – Exclamou Vernon.

Um forte impacto fez com que Chelaar fosse arremessada de sua estação, caindo aos pés de Da'Far.

– Impacto triplo na nacele de estibordo! – Informou Rose. – Perdemos a propulsão de dobra.

– Senhor, não conseguiremos escapar em força de impulso! – Informou Chelaar, levantando-se. – E nossos escudos não resistirão por muito tempo!

– Talvez resistam tempo suficiente para chegarmos ao Não-Espaço! – Disse Kwa, enquanto manobrava a nave na tentativa de desviar dos disruptores sádicos.

Vernon olhou para Shion, que mexeu as antenas.

– Tivemos sucesso em um teste com uma nave auxiliar pilotada. – Explicou Shion, sem perder tempo com detalhes. – Mas ainda não está claro se há como voltar para o espaço normal sem que outra nave do lado de fora para auxiliar. Também não sabemos qual é a percepção que os sádicos têm do Não-Espaço, eles podem muito bem ser originários de lá.

– Escudos funcionando com força auxiliar. – Informou Da'Far. – Apenas suporte de vida e sistemas críticos em funcionamento.

– Um dia eu morrerei heroicamente, imediato. – Disse o capitão Vernon, aprumando-se. – Mas enquanto houver uma chance, eu pretendo continuar vivo. Srta. Kwa, trace um curso para o Não-Espaço, impulso total.

– Sim, senhor. – Disse Kwa.

– Escudos de ré ao máximo. – Disse Shion. – Tenente Rose, lance ogivas de tricobalto atrás de nós. Vamos dificultar a perseguição.

– Sim, senhor. – Disse Rose.

Com muita dificuldade, resistindo bravamente ao ataque brutal das naves-masmorra restantes, a USS Iguaçu alcançou a fronteira com o Não-Espaço em questão de minutos e, sem hesitação, mergulhou na nuvem azul clara. No instante seguinte, um apagão completo desligou todos os sistemas da nave, mas de pronto eles foram religados pela equipe de engenharia e pelos tripulantes da ponte.

– Sem sinal dos sádicos, capitão. – Informou Da'Far. – Os sensores estão confusos, mas um exame visual permite essa confirmação.

– Parece que eles não têm coragem de entrar no Não-Espaço. – Disse Vernon, levantando-se e fitando a imensidão azul clara mostrada na tela principal.

– Isso é algo que me preocupa profundamente, capitão. – Comentou Nhefé.

– E o que faremos agora? – Perguntou Chelaar. – A nave precisa de muitos reparos. Se voltarmos ao espaço normal assim seremos destruídos.

– Não temos escolha. – Disse Shion. – Ficaremos aqui até que Hashimoto conclua os reparos. Enquanto isso, estudaremos um meio de estabelecer uma navegação confiável e uma forma de retornar ao espaço convencional.

– Eu nem sei por onde começar, teríamos que construir muitas coisas do zero. – Comentou Chelaar. – A nave estará recuperada em questão de dias, mas pode levar meses até que consigamos desvendar as leis da física deste lugar.

– Então, comandante Chelaar, não há alternativa senão prosseguir com nossa missão original. – Sorriu o capitão Vernon. – Vamos explorar o Não-Espaço.

USS Iguaçu NCC-90D02

Divisões

Manifesto da Tripulação

Data estelar 117921

◎◎◎◎	Víbio Vernon
◎◎◎	Kan Shion
◎◎◎	Emilian Hashimoto
◎◎◎	Chelaar
◉◎◎	Sinel Da'Far Sinel
◉◎◎	Kómóg Nhefé
◉◎◎	Rohit Aris Horvat
◎◎	Pyrrhus Rose
◎◎	Luc Haines
◎◎	Diana Gottschalk
◎◎	Anbesh
◎◎	Melissa Alfredsson
◎◎	Solek
◎◎	Gab Brexdan
◎◎	Merel
◎◎	Nothor Gravil
◎◎	Tadija Demirović
◉◎	Giulia Naggi
◉◎	Kaarle De León
◉◎	Jebone Jaja
◉◎	Bausag
◉◎	Sabine Joyner
◉◎	Sarra Fukui
◉◎	Sherak Thy'sak

◉◎ | Adebayo Heimir Puerta
◉◎ | Alalax Re'Mi Alalax
◉◎ | Ansar Quewaxala
◉◎ | Candis Kovačić
◉◎ | Ernesta Leitz
◉◎ | Fayza Rao
◉◎ | Florence Urbain Dale
◉◎ | Frie Marax
◉◎ | Gunnar Lachapelle
◉◎ | Gyuri Gagne
◉◎ | Heard Becket
◉◎ | Jeremias Grigorov
◉◎ | Lin Baar
◉◎ | Malonio Let-Dorvahàl
◉◎ | Marianna Lefèvre
◉◎ | Mireya Silveira
◉◎ | Nou Ah'shalek
◉◎ | Awl
◉◎ | Jasmine Maëlle Hintzen
◉◎ | Jegé Manhaún
◉◎ | Kenneth Elias Emmet Wong
◉◎ | Nanina Lworx
◉◎ | Seprol
◉◎ | Sherah Þórdís Ármannsson
◉◎ | Virginia Amice Doris Magdalena Loman
◉◎ | Vock
◎ | Kwa
◎ | Takako Harman

Mhwatrrv Eri-Ribb
Anton Seve Bernard
Eutychos Avgust Nikolaus Raptis
Fallas Te'erev
Florent Kwan
Há'Ma Assita Há'Ma
Iosif Miloje Szántó
Laura Lobo
Lutgardis Olayinka
Martin Rutten
Matebo Mada
Mathis Medeiros
Matthias Jäger
Olana Drau
Sino Retk
Vale Slavěna Bláthnaid Làconi
Abdul Abaroa
Amand Trujillo
Andressa Shrem
Bahram Hadzhiev
Bazo Kita
Boris Aitken
Carlisle Naumov
Daniel Thanos Devin Peterson
Dayhvnág Ni Nugvónh
Dietmar Vinicio Montagna
Dosia McNaughton
Duilius Timotheos Yared Sulzbach

Elisaveta Kramr
Ena Tuvel
Georg Mercier
Giberan
Grir
Hagar Zhou
Hari Gage
Hayate Gaspar Lockwood
Isabella El-Amin
Laok Vuvet
Mga
Norm Heeren
Owama Te-Olahehèl
Petruška Lidka Mondo
Rjyrvtaijrkljs Qnbaet-Pald
Samir Caro
Sandip Salazar
Sigge Shearer
Soru Tuzo Bako
Vaughn Lennart Raniero Brennan
Veanda Hau
Vikrama Myles Zephyr Feld
Winfrith Van Amelsvoort
Aniela Chou
Charola Kygvénh
Clhask Siina
Évrard Eustáquio Thibault
Graziano Proulx

◎ | Larissa Cláudia Henriques
◎ | Leh'ox Yasna
◎ | Neofytos Rennold
◎ | Peninnah Mədinə Okeke
◎ | Peppe Jiang
◎ | Ta'Dri Sanma Ta'Dri
◎ | T'Bal
◎ | Traval Kshur
◎ | Twz
◎ | Yeong-Hui
◉ | Xenia Chvátal
◉ | Faraji Chamberlain
◉ | Jawdat Sauveterre
◉ | Riny Raginmar Gerhardt
◈ | Conall Sourd
◈ | Dian Carnx Pharx
◈ | Hilarion Aalders
◈ | Velimir Merckxme
◈ | Arend McQueen
◈ | Ginevra Royer
◈ | Kathryn Arleen Turnbull
◈ | Kawehi Sharma
◈ | Kofi Meeuweszen
◈ | Malel Kashrom
◈ | Vilmos Soares
◈ | Ydeyvgutwy Slawub-Ndoa
◈ | Akua Aston
◈ | Asklepiades Aqissiaq Browne

Cashas
Mrinda Ketov
Prha Vyãmág
Rah'r
Ronen Tolkien
Amando Luciano Paris
Amélie Sidonie Moreno
Brân Payne
Citlalli Kato
Daqin
Igm
Kurou Tawfeek
Mara Isebel Ihejirika
Matias Denis Moulin
Tatius Nikula
Trasol Meuam
Albino Değirmenci
Antoniu Adil Andreev
Arek
Betaz Grei
Bion Kumara Bullock
Cedroor
Cernunnos Merritt
Dwe
Fbgrsyfne Yhan-Neabv
Grooch
Hanna Lucrèce Dufort
Hórkute Maralayh

Irma Waltz
Ken'ichi Ishikawa
Khan Ansaldi
Mahendra Harisha Li
Makbule Han
Martin Kumar
Moran Gonzales
Morgan Guillaume Dumont
Odette Santini
Pofabe Gamo
Qasim Tanaka
Ruth Nanna Albertsson
Sandhya Snijders
Spartak Xu
Szabolcs Slane
T'elek Meol
Venhó Tãm Kyróg
Vüsal Dane
Adam Hryhoriy Borde
Ayodele Odell Garfield
Kendall Peusen
Min-Jun Vlašič
Priorgash
Relak
Serhiy Bélanger
Swi
Zafrinel Autal
– Nedeljko Kephas Krauss

□	-	Pepecimariksalsuparmanemenon
□	-	Freyde Abbasi
□	-	Lia Abrams
■	-	Nilacamartasalsupetysanemenon
■	-	Sariamavariksalsanakanemenon
■	-	Analia Ka-Ganhàl
■	-	Dama Sakamu
■	-	Ajeet Mondo
■	-	Anna Aparna Robles
■	-	Avigayil Van Rossem
■	-	Cathasach Nylund
■	-	Dorotheos Andrei Mhasalkar
■	-	Frieda Ó Caoimh
■	-	Giordano Vlado Nikula
■	-	Hanna Sabriye Kurzmann
■	-	Laurentius Abeln
■	-	Lutz Süss
■	-	Sonal Bagni
■	-	Tredog

E-mail para contatar o autor: laertesvbj@hotmail.com